

Danilo da Silva Ramos



**RESISTIR PARA SE DIVERTIR, SE DIVERTIR PARA EXISTIR:**

os “selvagens divertimentos” das pessoas negras em Salvador (BA) na virada do século  
(1890-1910)

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2022

Danilo da Silva Ramos

**RESISTIR PARA SE DIVERTIR, SE DIVERTIR PARA EXISTIR:**

os “selvagens divertimentos” das pessoas negras em Salvador (BA) na virada do século  
(1890-1910)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Memória e História do Lazer.  
Orientador: Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias  
Coorientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Júnior

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2022

R175r Ramos, Danilo da Silva  
2022 Resistir para se divertir, se divertir para existir: os “selvagens divertimentos” das pessoas negras em Salvador (BA) na virada do século (1890-1910). [manuscrito] / Danilo da Silva Ramos – 2022.  
174 f.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias  
Coorientador: Coriolano Pereira da Rocha

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.  
Bibliografia: f. 165-174

1. Lazer – Teses. 2. Negros – Teses. 3. Cultura popular – Teses. 4. Identidade social – Teses. 5. Diversões – Teses. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Rocha, Coriolano Pereira da. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage / CRB-6: n° 3132 da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

**ATA DA 175ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO  
DANILO DA SILVA RAMOS**

Às 14:00 min do dia 01 de julho de 2022 reuniu-se de forma híbrida (presencial e online), no Auditório Maria Lúcia Paixão, a Comissão Examinadora de dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “RESISTIR PARA SE DIVERTIR, SE DIVERTIR PARA EXISTIR: OS "SELVAGENS DIVERTIMENTOS” DAS PESSOAS NEGRAS EM SALVADOR(BA) NA VIRADA DO SÉCULO (1890-1910)”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias (Orientador)	X	
Prof. Dr. Coriolano Pereira Rocha Junior (Coorientador -UFBA)	X	
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFMG)	X	
Prof. Dr. Georgino Jorge de Souza Neto (Unimontes)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

**Belo Horizonte, 01 de julho  
de 2022.**

Assinatura dos membros da banca examinadora:

---

Documento assinado eletronicamente por **Cleber Augusto Goncalves Dias, Chefe de departamento,**



em 12/07/2022, às 09:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Victor Andrade de Melo, Usuário Externo**, em 12/07/2022, às 18:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Coriolano Pereira da Rocha Junior, Usuário Externo**, em 13/07/2022, às 08:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Georgino Jorger de Souza Neto, Usuário Externo**, em 18/07/2022, às 13:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1571930** eo código CRC **43B697BB**.

---

Referência: Processo nº 23072.233021/2021-02

El nº 1571930

S

## HOMENAGEM

Meu pai me ensinou pelo exemplo, todos gostavam dele. Homem simples do interior que teve uma força imensa para lutar pela vida. Saiu deste plano a um tempo, entretanto, em meu coração só carinho, amor, gratidão e felicidade de ter sido seu filho, eu não poderia ter tido pai melhor. Agradeço por todo carinho que me proporcionou, sua dedicação em não deixar nada faltar e do orgulho que sentia de mim. Infelizmente meu pai, não pude te esperar para te agradecer que conclui o mestrado, como no dia que aguardei até a madrugada para lhe mostrar a peça que fiz no curso no torno. Mas onde quer que o senhor esteja, sei que está torcendo por mim. A chama em meu coração de meu amor pelo senhor nunca irá se apagar.

Obrigado!

Em memória de Devanil José Ramos.

Te amo!

## **DEDICATÓRIA**

Esta dissertação é dedicada a toda memória e história das pessoas negras que vieram antes de nós, um trabalho dedicado as gerações passadas. Que a custo de sangue e suor trilharam o caminho que hoje compartilhamos. Aos Orixás que nos dão forças para seguir. Peço licença àqueles que acessei as histórias compartilhadas neste trabalho, aos que não tinham nome e tão pouco são citados na historiografia tradicional. Aqui estes corpos negros, serão o centro da História. Que possamos contribuir para guarda do passado das gerações anteriores pelos nossos olhos, e se estes são a janela da alma, podemos indicar que nossas mãos foram guiadas por ela.

*Lutar do lado errado é já perder a guerra  
Do lado certo a gente vence mesmo quando perde  
E quando vence, vence duas vezes*  
**Volta da Vitória - Don L**

*Você é jovem e a vida é longa  
E hoje há tempo para gastar  
Ninguém lhe disse quando correr*  
**Time – Pink Floyd**

*É um novo amanhecer  
É um novo dia  
É uma nova vida para mim  
E estou me sentindo bem*  
**Feeling Good – Nina Simone**

*Porque no gueto os amigos de verdade ajudam você a se sentir bem  
Tempos bons eram aqueles que nós zuavamos pra caramba*  
**Until the end of time – 2Pac**

*Se vocês são uma grande árvore  
Nós somos o pequeno machado  
Afiados para derrubá-la  
Prontos para derrubá-la*  
**Small Axe – Bob Marley**

*Ah, ora, se não sou eu quem mais vai decidir  
O que é bom pra mim?  
Dispensar a previsão  
Ah, se o que eu sou é também  
O que eu escolhi ser  
Aceito a condição*  
**O Velho e o Moço – Los Hermanos**



## AGRADECIMENTOS

Um ciclo que se encerra, em termos formais. Quero compartilhar com vocês o sentimento que toma meu coração neste momento, e já o toma a algum tempo, o sentimento é de GRATIDÃO. Confesso que eu escrevi e reescrevi este trecho diversas vezes, pois, não o fiz com muita antecedência, sabia que iria me emocionar enquanto escrevia. Inclusive iria ler no fim da defesa, mas a emoção não permitiu, então, transcrevo para posteridade a íntegra dos agradecimentos.

Gratidão por Dandara, nossa filha, que Oxalá colocou em nossas vidas. Dandara é uma criança muito carinhosa, alegre e feliz. Nos piores momentos da minha existência é seu sorriso que me dá força. Sua felicidade é a minha em dobro, luto contra o mundo se for necessário. Acredito que ela mais me ensina e compartilha que o contrário. Dandara, eu te amo.

Gratidão pelo pai que tive. Minha dissertação foi uma homenagem a ele, Devanil. Desde que ele partiu, e isso já faz 15 anos, sinto muito sua falta. Queria tanto compartilhar momentos como este com ele, mas sei que ele está vendo de algum lugar, fomos muito amigos. Que já deixou de comer para me ver feliz. Pai, eu te amo. Pena que disse isso para o senhor tão poucas vezes.

Gratidão pela vida da minha mãe, dona Marlene, por todo empenho que ela dedicou na minha criação, fez o pouco se transformar em muito e a falta não ser sentida. Cresci me sentindo muito amado por ela. Sou muito feliz por ela vir a este mundo como minha mãe, eu não poderia escolher mãe melhor. Seu carinho me fez enxergar o mundo de outra forma, de um outro lugar e buscando sempre não machucar as pessoas ao meu redor. Por tudo minha mãe, meu muito obrigado. Seu filho te ama, sempre te amou e sempre irá te amar.

Gratidão pela minha companheira de vida, Renata, uma mulher linda e com espírito forte. Admiro a maneira como encara os desafios que a vida vem nos propondo, desde tempos longínquos, a forma em que se dedica ao desenvolvimento de Dandara, sua persistência e garra. O carinho e seu amor para comigo, inclusive durante a construção deste trabalho ficou em muitas oportunidades responsável sozinha de tarefas que são minhas. Por toda confiança e incentivo que me passa nos momentos em que eu desacredito da minha capacidade. Por ter em um passado um pouco distante insistido que eu estudasse para fazer um concurso público, que me fez pensar algumas atitudes que tinha para com o mundo e principalmente no companheirismo em não desistir que eu seja uma pessoa melhor a cada dia. De estar ao meu lado nas horas em que nem eu me aguento, não sou

um homem fácil. Eu te amo Renata, muito obrigado pela cumplicidade, amizade e amor nestes últimos 10 anos.

Gratidão pela minha família. Minhas irmãs Dirleia e Cristina, minhas sobrinhas Dalila e Letícia, meu afilhado Heitor e cunhados Lauriano e Diogo. Vocês fizeram minha infância e adolescência ser muito feliz e leve. Por tudo, meu muito obrigado.

Gratidão por todo apoio, carinho, afeto de Natália (minha sogra) e Renato (sogra). Foram suporte em vários momentos da minha vida, por isso eu só tenho a agradecer.

Quero agradecer ao universo, por ter colocado em minha jornada um querido amigo, Silvio. Digo que nutro sentimentos por ele que se assemelham a um irmão mais velho. Não preciso listar todos os exemplos que me motivam a isso. Pela confiança que deposita em mim, oportunidades que me dá e principalmente pelo incentivo na minha carreira acadêmica. Te amo irmão.

Ao Helder por todo acolhimento, ensinamentos, as verdades que ele diz brincando. Bem ao estilo Helder. A forma que me trata, o carinho e confiança. Pelos conselhos acadêmicos e a paciência em me apoiar, muito obrigado chefe.

A Chris Luce pelo carinho que tem comigo e com minha família. Pelos apoios prestados, os incentivos e conselhos acadêmicos e a disposição em me auxiliar sempre que preciso.

Agradecer a meu orientador, Cleber, que aceitou prontamente todos os pedidos de alteração que indiquei no projeto, durante o percurso. O trabalho seria sobre as diversões em Salvador de uma maneira geral, mas percebi que escrevia com mais vontade quando falava das pessoas negras e mesmo em um horizonte de fontes incertas me deu apoio. Obrigado pelas suas provocações intelectuais e políticas que me fizeram crescer enquanto pesquisador. Nossas divergências políticas em nada diminuiu o companheirismo, obrigado.

Ao Cori pela paciência e partilha dos seus conhecimentos. Pela sua sinceridade em apontar possíveis equívocos no trabalho, principalmente quando tratava-se de Salvador.

Agradecer a banca que não titubeou em participar deste processo. Ao Victor que tá lá em Portugal, mas aceitou o convite. Dispendeu seu tempo para ler e avaliar o trabalho, obrigado, meu querido. Por toda sua partilha durante a disciplina que ofertaste no PPGIEL e todos outros espaços que durante a pandemia procurei aprender contigo. Obrigado irmão.

Ao Gino pela participação na banca, na quantidade de vezes que mudamos seus horários de voo, como vem, como volta etc. Além disso a camaradagem em ter aceitado outras parcerias acadêmicas comigo, paciência em ensinar e compartilhar seus saberes, obrigado meu velho.

Ao Rafael Fortes que neste último período fortalecemos nossos laços através das conversas sobre a vida e a partilha de sua experiência acadêmica. Ao Luciano pelas indicações em suas disciplinas e seus conselhos sobre a vida acadêmica, pelas caronas e parceria. À Elis por emprestar o ouvido e compartilhar seus saberes para as conversas sobre questões de raça, da vida e da espiritualidade e por ter aceitado ser suplente nessa banca. A Flávia pela abertura durante sua disciplina, momento em que comecei a reforçar o tipo de pesquisador que quero me tornar. Ao José Alfredo pelas conversas na porta da secretaria sobretudo, desde as discussões infundáveis sobre vida e morte até as limitações dos saberes acadêmicos. Ao Elcio que está sempre me enviando as considerações sobre meus escritos. A Ana Cláudia que está sempre disposta a compartilhar suas experiências acadêmicas e principalmente em órgãos colegiados da universidade. Tenho aprendido muito no último período com vocês, meu muito obrigado. A todos docentes e coordenação do PPGIEL.

Acho difícil depois que nos tornamos adultos fazermos amigos, mas não posso deixar de agradecer os amigos que a UFMG me deu. Adair um irmão querido que está sempre pronto pra ouvir, conversar, partilhar e cooperar. Raione, um cara que assumiu a vaga do concurso no mesmo dia que eu, e de lá pra cá só tenho a agradecer pelo amigo que se tornou. Ao Vitor desde os primeiros incentivos sobre minha entrada no mestrado até as indicações de leitura, as conversas sobre o mundo e um infinito etc.

Aos meus amigos de infância que compartilharam os pesos da jornada Robinho, Gê, Zerão e Jow. Ao Junior Lobo que me avisou do processo seletivo que estava tendo para o SENAI e isto mudou minha vida.

Aos professores do SENAI em especial para Edson, Ricardo e Irina.

Ao Erlon por ter me apresentado o trotskismo, aos companheiros e companheiras trotskistas que compartilharam outra forma de ler o mundo.

Ao meu amigo Marcos de Volta Redonda que foi uma base importante em um momento de mudança em minha vida.

Aos colegas do IBGE de Salvador. Em especial aos meus queridos companheiros Sislei e Arivaldo (ou melhor Bebel), obrigado meus velhos.

A todos os companheiros de trabalho que não pude citar aqui.

A todas e todos os professores que passaram em minha vida, em especial as da pré-escola, Aparecida, Nilce, Simone, Mônica e Kátia. Vocês foram tão carinhosas e atenciosas e isto foi muito importante em minha vida.

Aos estagiários do PPGIEL que compartilharam a jornada comigo.

A Naiara e Juliana pelo apoio durante o processo de licença para meus estudos e no cotidiano.

Aos meus companheiros secretários de pós da EEEFTO. Eliane, Davi, Gustavo e Ana pelas trocas, parceria e nossas conversas.

Ao Délcio, Luiz, Rodrigo, Hamilton, Edir, Jeice, Iris, Danilo e todos(as) TAES da unidade!

Ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, pela acolhida e companheirismo. Ao Mauro, Marina, Priscila, Christian, Tio Fio, Matheus, Luana, Luiz Nicássio, Fabinho, TJ, Bill e todos outros membros que não pude citar aqui. A toda paciência, carinho e cumplicidade que vocês têm para comigo.

Ao Grupo de pesquisa sobre a História do Lazer – HISLA ao Roberto, Renata, Joyce, Igor, Ronaldo e todos os componentes do grupo. Em especial ao Fábio que foi membro suplente da banca e está sempre me incentivando e dando suas opiniões sobre meus escritos.

Aos pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade – NEPGRES. Por toda partilha, em especial Marie, Rafa, Adriano, Lucilene e Keila.

Ao Franco pela oportunidade e confiança, Cristina, Lucas, Lígia e toda equipe do Projeto Pilates pelo acolhimento, paciência e parceria nestes últimos anos de trabalho.

Aos discentes do PPGIEL, em especial para os que trabalhamos juntos em congressos, colóquios, Sucupira e afins.

Aos amigos Randley e Gabriel. Por toda disposição em ajudar, aos cuidados que tiveram com nossa gata Pérola.

Ao Fernando, a Nidijane e Simone do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia pela paciência em buscar diversas vezes todos os periódicos que precisei.

Enfim a todos que não pude citar aqui, mas carrego comigo na caminhada.

Por fim a Oxalá e a Deus.

## RESUMO

Este trabalho discute os divertimentos das pessoas negras em Salvador, capital do estado da Bahia, pelo período referente a transição do século XIX para o XX (de 1890 até 1910). O objetivo principal da dissertação é analisar, discutir e inferir sobre as problematizações de como população negra se divertia em uma sociedade marcadamente negra, que passava por mudanças políticas (transição da monarquia para a república), alterações sociais (fim da escravidão via marcos legais) e culturais (tentativa de “civilizar” as pessoas através da proibição e/ou repressão de alguns costumes) – observando como estes elementos influenciaram nas formas de diversões, nas sociabilidades e afins da população negra. Utilizamos os jornais do período como principais fontes, além da legislação do período (código penal de 1890 e constituição de 1891 e outras), relatos de viajantes e afins. Após nossa incursão nas fontes definimos os divertimentos a serem investigados que foram o Samba, o Batuque, o Candomblé, os Festejos do Bonfim e Jogos Proibidos. Nosso referencial teórico foi apresentado de forma fluida durante o texto, bem como a análise das fontes aqui indicadas seguiram em caráter de espiral, buscando a prática de diversão como centro e não seu marco cronológico linear.

**Palavras-Chave:** População Negra. Divertimentos. Sociabilidades. Negritudes. Salvador-BA.

## RESUMEN

Este artículo trata de la diversión de los negros en Salvador, capital del estado de Bahía, durante el período que se refiere a la transición del siglo XIX al XX (de 1890 a 1910). El objetivo principal de la disertación es analizar, discutir e inferir sobre las problematizaciones de cómo se divertía la población negra en una sociedad marcadamente negra, que pasaba por cambios políticos (transición de la monarquía a la república), sociales (fin de la esclavitud a través de marcos legales) y culturales (intento de "civilizar" a la gente a través de la prohibición y/o represión de algunas costumbres) - observando cómo estos elementos influían en las formas de diversión, sociabilidad y similares de la población negra. Utilizamos los periódicos de la época como fuentes principales, además de la legislación de la época (código penal de 1890 y constitución de 1891 y otros), informes de viajeros y similares. Después de nuestra incursión en las fuentes, definimos los entretenimientos a investigar que eran la Samba, el Batuque, el Candomblé, los Festejos do Bonfim y los Juegos Prohibidos. Nuestro referencial teórico fue presentado de manera fluida a lo largo del texto, así como el análisis de las fuentes aquí señaladas siguió en carácter de espiral, buscando la práctica del entretenimiento como centro y no su marco cronológico lineal.

**Palavras-Clave:** Población negra. Entretenimiento. Sociabilidades. Negritudes. Salvador-BA.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Exemplo de pesquisa no acervo do site do AHMS
- Figura 2 - Reprodução de trecho do Jornal de Notícias
- Figura 3 - Nuvem de palavras de notícias sobre o SAMBA
- Figura 4 - Mapeamento das ocorrências de Batuque e Samba (1890 x 1910)
- Figura 5 - Mapa de palavras (Samba e Batuque)
- Figura 6 - Nuvem de palavras - Candomblé
- Figura 7 - Propaganda da Loja "O Firmamento"
- Figura 8 – Propaganda de Produtos para os festejos no Bonfim
- Figura 9 - Propaganda de Produtos para os festejos no Bonfim
- Figura 10 - Propaganda de Produtos para os festejos no Bonfim
- Figura 11 - Propaganda de Produtos para os festejos no Bonfim
- Figura 12 - Necrolazer - Adjetivos utilizados pela imprensa para referenciar divertimentos das pessoas negras

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Resultados da busca por palavras-chave (1900 x 1909)

Tabela 2 – Resultados da busca por palavras-chave (1890 x 1899)

Tabela 3: Lista comparativa de distritos de Salvador (1890 x 1911)



## **MAPAS**

Mapa 01 – Salvador 1984

Mapa 02 – Planta da Cidade de São Salvador – Capital do Estado Federado da Bahia  
(1894)

Mapa 03 – Localidades das ocorrências de Samba nos periódicos

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção da população negra x população branca nos distritos/bairros de Salvador (1890)

Gráfico 2 Proporção da população “não branca” x população branca nos distritos/bairros de Salvador (1890)

Gráfico 3 – População de Salvador x Rio de Janeiro entre os anos de 1872, 1890 e 1900

Gráfico 4 - Porcentagem das incidências (dias da semana) do Samba e Batuque nas fontes

Gráfico 5 - Quantidade de prisões devido a prática do Candomblé

Gráfico 6 – Quantidade de passageiros rumo ao Bonfim

Gráfico 7 – Comparativo entre a população e quantidade de passageiros rumo ao Bonfim (números absolutos)

## **LISTA DE SIGLAS**

ANPEL – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer

BA – Estado da Bahia

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EEFFTO – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

FCP – Fundação Cultural Palmares

HISLA – Grupo de Estudos em História do Lazer

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

PPGIEL – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 NOTAS PRELIMINARES .....	1
1.2 LAZER, HISTORIOGRAFIA E FONTES .....	18
<b>2. CONTEXTO HISTÓRICO (1890-1910)</b> .....	<b>37</b>
2.1 O BRASIL NO MUNDO .....	37
2.2 - SALVADOR .....	41
<b>3 OS “SELVAGENS DIVERTIMENTOS” DA POPULAÇÃO NEGRA EM SALVADOR (1890 – 1910)</b> .....	<b>54</b>
3.1 – “UM SAMBA INFERNAL” - O BATUQUE E O SAMBA, COSTUMES DE MATRIZ AFRICANA E OS DIVERTIMENTOS COTIDIANOS FESTIVOS DA POPULAÇÃO NEGRA.....	57
3.2 - "UM CANDOMBLÉ RUIDOSÍSSIMO, INCOMODANDO TODO O DISTRITO E A REPRESSÃO DESTE DIVERTIMENTO PROIBIDO” .....	93
3.3 – A PROIBIÇÃO DA LAVAGEM DO BONFIM: "COM O FIM ALTAMENTE CIVILIZADOR DE PREVINIR OS ESCANDALOS E PROFANAÇÕES" .....	109
3.4 – “UM GRUPO DE DESOCUPADOS QUE SE DIVERTE ESTOURANDO PEDRAS E JOGANDO BATEDOURA” .....	127
<b>4 SANKOFA – OLHANDO O PASSADO PARA CONSTRUIR O FUTURO. O FIM DE UM CAMINHO PERCORRIDO, UMA PAUSA E UM NOVO PERCURSO</b> .....	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>141</b>
<b>PODCASTS</b> .....	<b>153</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 NOTAS PRELIMINARES

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, 1960)

Antes que possamos<sup>1,2</sup> iniciar as discussões a respeito dos objetos de estudo da dissertação, reservamos os primeiros parágrafos para marcar a historicidade em que se insere a pesquisa. A nós, historiadores, é reservada a possibilidade de contribuir na construção de saberes em relação às sociedades que nos antecederam – e essa característica traz consigo, em certa medida, uma determinada parcela de responsabilidade. A História e a historiografia são atravessadas por inúmeras questões, tais como a memória, as fontes, o recorte temporal, a delimitação geográfica e a narrativa do trabalho científico – afinal, é preciso se distinguir dos contos literários, das histórias de ficção e da estória. Dessa forma, nos recusamos a aderir e conseqüentemente seguir a uma noção de História definida como uma ciência relegada a narração de eventos lineares e cronologicamente marcados. Somos contrários a uma História que significa um sinal de igual a apresentação de curiosidades por si só. Caso optássemos por uma abordagem desta, acreditamos que bastaria ter um calendário pendurado na parede, ou mesmo um aplicativo para dispositivos móveis, recheado de descrições dos acontecimentos de um

---

1 No meu percurso acadêmico, foi um lugar comum o debate sobre qual pronome pessoal deve ser utilizado para construir uma dissertação e/ou uma tese. Refleti durante algum tempo sobre esta questão, chego a uma conclusão, preliminar, que o debate “vai além do que se vê”, ao passo que são muitos os caminhos que permeiam a temática. Desta forma, a escolha que fiz para construção deste trabalho foi de desenvolvê-lo com a conjugação dos verbos no plural, especificamente, na primeira pessoa do plural, NÓS. Assim, parte desta definição reside no fato de que desejo fazer uma marcação pessoal sobre o aprendizado de forma geral, trazendo saberes advindos de espaços como as conversas que tive ao longo da jornada, e me auxiliaram a conceber parte das ideias e narrativas, o aprendizado nas disciplinas, participação em grupo de pesquisas, diálogos fora dos muros da academia e a própria aprendizagem geracional. Acredito que, desta forma, estou homenageando as pessoas que encontrei ao longo do caminho já percorrido, e que de alguma maneira contribuíram para esta obra, direta ou indiretamente. Além disso, posso ter em algum momento (deste trabalho) me apropriado de ideias e ter deixado de citar – aproveito para me desculpar com seus idealizadores e entendo que o uso do plural também incorpora este público, estou aberto a ouvir, aprender e me corrigir quando necessário. Tal regra terá uma exceção: quando tratar-se de uma experiência individual ou quando nos depararmos com escolhas teóricas específicas que podem condizer com escolhas exclusivamente individuais, nestes momentos os verbos serão utilizados na primeira pessoa do singular, EU.

2 Durante o trabalho optei por utilizar notas de rodapé com várias finalidades, como explicação, indicação e outras. Deste modo, caso o leitor se incomode com a quantidade de notas informo que pode “pular” sua leitura, ao passo que não atrapalhará a compreensão das discussões propostas no trabalho, de uma maneira geral.

determinado tempo e espaço. Defendemos que a História seja capaz de ser uma disciplina crítica – e nem por isso menos científica, pelo contrário.

Terminada nossa incursão sobre o que é História, para nós, cabe informar que esse trabalho foi escrito em uma conjuntura em nível nacional e internacional diferenciada, em que está colocado na ordem do dia a disputa pela existência e manutenção da História, e das Ciências Sociais de maneira geral. Este cenário está presente e vivo, pois, se trata de um período em que ficou evidente a necessidade de a humanidade lutar pela validade da ciência<sup>3</sup> nos vários âmbitos que esta pode influenciar a tomada de decisão política, inclusive em determinado momento, significando a manutenção da nossa espécie.

A ciência (em todos os campos) é fundamental para humanidade, ao passo que, através dela, conseguimos sobreviver pelo tempo. Como exemplo disso, vejamos as respostas que tivemos em escala mundial para as questões relacionadas ao COVID-19<sup>4</sup> – a necessidade de distanciamento social, o aprimoramento de tecnologias (que permitiram que determinados trabalhos pudessem ser executados de casa, o chamado *homeoffice*) e a invenção das vacinas contra o SARS-CoV-2. Isso não significa presumirmos a existência de uma ciência humanitária e plural, ao passo que esta condição é demasiadamente complexa, não cabe em discussões dicotômicas e sem aprofundamento. Os efeitos da pandemia de COVID-19 são incalculáveis para o futuro da humanidade, mas já vivemos alguns de seus impactos no momento atuais. A ideia de que tais efeitos – mesmo que parciais – são tão presentes e marcantes levou a historiadora Lilian Schwarcz a sugerir que o fim do século XX – e conseqüentemente o início do século XXI – deveria ser marcado por tal evento. Isto é, a virada do século ocorreria apenas quando for oficial e cientificamente

---

3 Recentemente, as ciências humanas no Brasil enfrentaram uma disputa de importância, garantia de recursos financeiros para existência dentro das universidades públicas. Um exemplo desta disputa pode ser verificado na fala do então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, no ano de 2019: “O Japão, que é um país muito mais rico que o Brasil, está tirando dinheiro público, do pagamento de imposto, de faculdades que são tidas como faculdades que já são para pessoas muito ricas, como Filosofia. Pode estudar Filosofia? Pode. Mas com dinheiro próprio. Esse dinheiro, que ia para faculdades de Filosofia e Sociologia, eles colocam em faculdades que geram retorno, de fato, como Enfermagem, Veterinária, Engenharia e Medicina.” (disponível em <https://catracalivre.com.br/dimenstein/bolsonaro-quer-acabar-com-as-faculdades-de-filosofia-e-sociologia/>)

4 Uma mutação do coronavírus, denominada SARS-CoV-2 ou COVID-19, teve os primeiros casos descobertos na cidade de Wuhan na China, no fim de 2019. Quando atravessou as fronteiras continentais, foi classificada como Pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a saber, em 11/03/2020, disponível em <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia>. Existe, em minha percepção, uma crise humanitária que acompanha o capitalismo e piora com a condição pandêmica, até o momento que esta dissertação foi escrita soma-se em torno de 4 milhões e 500 mil pessoas mortas no mundo em função da covid-19. (Dados oficiais da OMS, disponíveis em <https://covid19.who.int/>). Dessas, em torno de 500 mil no Brasil – dados oficiais da OMS, disponíveis em <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Esta crise demonstra a necessidade de construirmos/fundarmos/criarmos outras bases sociais, econômicas, filosóficas e culturais para a humanidade.

decretado o fim do período pandêmico (SCHWARCZ, 2020). Esta compreensão se filia à tradição marxista indicada pela metodologia de Eric Hobsbawm, historiador inglês, onde indica-se que a marcação dos tempos históricos deve dar-se a partir de eventos e não apenas por sua ocorrência no calendário.

No campo político, vivemos um momento em que presenciamos uma onda conservadora no Brasil (e em também outros lugares do mundo), um fenômeno se expressa de várias formas e em vários âmbitos da sociedade. Somos testemunhas de tantos ataques em redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram, Youtube etc.), de forma que fica difícil dimensionar o tamanho e as consequências do que tem acontecido. É notório também o afloramento de discussões que revelam o caráter conservador de uma parcela da população – os pedidos do retorno ao voto impresso em nossas consultas eleitorais, os movimentos de terraplanistas, os posicionamentos antivacina, etc. Todas estas pautas são possibilitadas, em parte, pela divulgação de notícias falsas em massa, as chamadas “*Fake News*” (muitas vezes com o termo em inglês, pois trata-se um fenômeno observado fortemente em países anglófonos). Sobre as notícias falsas, Delmazo e Valente (2018) nos chamam a atenção para o formato que elas adquiriram no mundo contemporâneo: a alta capacidade de propagação, aumentada e impulsionada em nossa sociedade pelo desenvolvimento das novas tecnologias, informatização da sociedade (ampliação do acesso a estas tecnologias) e as dificuldades do enfrentamento ao fenômeno em níveis sociais e governamentais. Cabe destacar que a pandemia escancarou ainda o caráter de desigualdade em que se estrutura o capitalismo, trazendo à tona muitas de suas opressões, como o racismo<sup>5</sup> e o machismo<sup>6</sup>.

Apresentamos em linhas gerais e de forma resumida, as condições que contextualizam nosso tempo presente. Como nos indica Bloch (2002), a historicidade na qual se insere uma obra, pode fornecer determinadas condições que podem, em alguma medida, influenciar as visões de mundo que o historiador apresentará em suas análises e discussões.

Entre as possibilidades de campos de estudos científicos, que fazem parte da estrutura<sup>7</sup> do conhecimento da humanidade, se insere os Estudos do Lazer. Este se

---

5 Ver mais sobre o racismo estrutural na pandemia em <https://sp.cut.org.br/noticias/artigo-em-tempos-da-pandemia-o-racismo-estrutural-fica-mais-evidente-d89b>

6 Sobre feminicídio e pandemia ver artigo de Pessoa e Nascimento em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55867>

7 Denominamos estrutura pelo caráter global e organizado do conhecimento da humanidade. Colocamos como parte devido a quantidade de saberes que estão fora dos muros da academia e nem por isso são menos

preocupará com pesquisas que voltem seus olhares para relações de como a humanidade se diverte, determinadas práticas culturais, o uso de seu tempo livre (quando assim puder definir), a maneira em que pratica e encara o ócio entre outras<sup>8</sup>.

Gomes e Melo (2003) fizeram um balanço do desenvolvimento das pesquisas que tiveram no lazer o seu cerne. Além disto, apresentaram os precursores do campo, indicando alguns pesquisadores, em nível internacional citam Joffre Dumazedier, entre outros, e em nível nacional indicam Arnaldo Sussekind, Inezil Penna Marinho e Acácio Ferreira. Os autores expuseram uma vasta quantidade de iniciativas de estudos e pesquisas sobre o lazer, podemos citar, como exemplo, a criação e manutenção de revistas científicas voltadas ao lazer, grupos de pesquisa, associações e eventos que auxiliaram na consolidação do campo. Outros autores se debruçaram em construir estudos sobre o desenvolvimento do campo dos estudos do lazer no Brasil, apresentaremos alguns a seguir<sup>9</sup>.

Peixoto e Pereira (2010) fizeram um panorama das teses defendidas no Brasil que trouxeram o lazer como objeto de estudo. Cabe ressaltar que tal pesquisa teve grande fôlego em relação a quantidade de fontes utilizadas para análise, nesta pesquisa foi trabalhado um grupo de 2.791 obras, catalogadas e distribuídas dentro do período de 1891 a 2008. Assim, as autoras dividiram a produção sobre o lazer em 4 ciclos, e, no presente artigo, discutiram o 1º ciclo, que compreende o período de 1891 a 1969. Destacamos que a divisão em ciclos foi fundamentada pela dialética entre produção das ideias e contexto social vigente. A partir dos trabalhos catalogados como parte do 1º ciclo, foram observadas divisões temáticas: coleção de jogos e passatempos destinados à vida familiar e escolar, políticas públicas de recreação, trabalho e lazer e treinamento de recreadores.

Aprofundando suas discussões em outro artigo publicado em (2009), Peixoto e Pereira discutem as características que marcam o segundo ciclo de estudos do lazer no Brasil, as autoras apresentam como a ditadura influencia na produção do conhecimento sobre o lazer, entre os elementos que são apresentados temos o debate sobre o controle

---

importantes. No último período, algumas universidades, no Brasil, começaram um processo importante de aproximação dos saberes/experiências com setores importantes da sociedade, dando seguimento à política de concessão de títulos de Notório Saber.

8 Notem que o Lazer enquanto campo aborda temas que dialogam com outros saberes, não é produtor exclusivo de conhecimento sobre determinada prática cultural e afins.

9 Indicamos que as escolhas feitas para apresentação neste tópico foram pontuais e não refletem a totalidade de trabalhos voltados para a temática em questão. Nossos argumentos não estão fundamentados em uma apresentação do estado da arte.



e as formas de utilização do tempo livre, este ciclo representou 83 obras do total de fontes das autoras<sup>10</sup>.

Gomes (2000) apresentou um relevante debate sobre a consolidação do campo de Estudos do Lazer no Brasil, a autora nos indicou os avanços relacionados a área, listando diversas ações que configuram o desenvolvimento e conseqüentemente a edificação do campo, ou seja, o momento em que os estudos do lazer poderiam, segundo a autora, ser considerado como uma área de estudos caracterizada como consolidada. A autora usa como exemplo algumas ações que podem justificar a afirmação, sendo: o curso de especialização da UFMG, a revista *Licere*, o Encontro Nacional de Recreação e Lazer – ENAREL<sup>11</sup> e o Congresso Mundial de Lazer e do Grupo de Trabalhos Temáticos sobre Educação Física/Esporte e Recreação/Lazer (integrante do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte). Ancorada no conceito de campo de Pierre Bourdieu, a autora também expôs o debate sobre os paradigmas teóricos vigentes na produção acadêmica sobre o lazer. Ao passo da indicação realizada sobre a existência de uma teoria dominante e seus impactos de uma forma geral, ela propôs que os novos estudos façam análises críticas aos paradigmas existentes.

Atualmente, podemos corroborar com a afirmação de que os estudos do lazer já estão consolidados como possibilidade de estudo e campo de conhecimento acadêmico. Assim, passamos por outro momento em relação as dificuldades que os primeiros pesquisadores tiveram, isto é, os paradigmas foram atualizados. Entre os aspectos que levamos em consideração para tal assertiva está a existência de cursos voltados ao lazer em vários locais do Brasil, como o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – PPGIEL da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFETO da Universidade Federal de Minas Gerais em nível de mestrado e doutorado, a criação e manutenção da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer – ANPEL<sup>12</sup>, a existência de 270 grupos de estudos voltados ao estudo do lazer em diversas áreas do conhecimento (levantamento realizado por (LECUONA, GOMES, *et al.*, 2017), variados eventos científicos como o Encontro Nacional de Recreação e Lazer – ENAREL e o Seminário de Estudos do Lazer. Cabe destacar também o avanço do campo (em relação aos cursos de pós-graduação) na América Latina, onde existem cursos de

---

10 Cabe destacar que não encontramos as publicações sobre os outros ciclos definidos pelas autoras.

11 Para acessar o livro organizado por Nelson Carvalho Marcelino e Helder Ferreira Isayama sobre 21 anos de ENAREL contendo a história de cada evento acesse: [https://www.unirios.edu.br/internas/biblioteca/servicos/arquivos/ebooks/enarel\\_21\\_anos\\_de\\_historia.pdf](https://www.unirios.edu.br/internas/biblioteca/servicos/arquivos/ebooks/enarel_21_anos_de_historia.pdf)

12 Para maiores informações sobre a ANPEL, acesse: <https://anpel.com.br/>

mestrado em ócio/recreação<sup>13</sup> em países como México, Costa Rica e Equador (GOMES, 2020).

Assim, dentro de tais circunstâncias específicas de um determinado campo do conhecimento humano, o lazer, é que encontraremos a ênfase ou subdivisão dos estudos sobre a História do Lazer<sup>14</sup>. Antes de discutirmos especificamente a história do fenômeno em si, é necessário expormos com quais sentidos trabalhamos a História em nossa concepção, visto que a história possui uma diversidade em relação a análise e escolha das fontes, metodologia, diálogo com outras disciplinas, etc.

O estudo da história pode fornecer vestígios diversos, por exemplo, como os passos dados pela humanidade no passado forjaram as estruturas que formam o presente (estruturas visíveis ou não). A apropriação desse conhecimento pode, inclusive, servir para auxiliar na construção do futuro, por demonstrar os resultados de uma quantidade diversificada de eventos em determinado tempo e espaço, isto é, como as escolhas dos diferentes grupos sociais humanos, em resposta às necessidades históricas de cada período, modificaram a realidade. Com isso, existe a oportunidade de verificar as permanências, rupturas e transformações de um tempo e espaço, através do estudo do passado. Assim, ousamos afirmar que a sociedade, tempo e espaço do presente, é filha do passado e mãe do futuro.

Ademais, a História pode construir balanços das experiências já realizadas, abrir novas perspectivas e incitar provocações sobre quais os destinos das trilhas que seguimos na atualidade. Acreditamos na História como um campo importante do conhecimento, tal como a medicina, as artes, a engenharia, a psicologia, a matemática, a física, a química e todas outras áreas da ciência. Nesse sentido, é necessário marcar que, em nossa ótica, para alcançarmos uma sociedade com equidade, justiça social, livre da fome, do racismo, da homofobia, do machismo, de todas as formas de opressões, dos amos, enfim, para se tornar uma terra mãe, livre e comum, é vital que voltemos nossos olhares ao passado, em todos os sentidos. Rever algumas verdades consolidadas, paradigmas vigentes e desafiar os dogmas existentes. Entretanto, nenhuma área do conhecimento humano é capaz de prever o resultado exato das transformações dialéticas em curso, fosse assim, nós

---

13 Os estudos do lazer têm palavras diferentes para lidar com o fenômeno, a medida em que países de língua espanhola ou derivada não existe o termo "lazer". Assim, é utilizado palavras como ócio ou recreação.

14 Utilizaremos o sentido de História do Lazer, mesmo que ao longo do trabalho tenhamos operacionalizado o termo divertimento. Acreditamos que ao tratar do fenômeno como um todo seja de melhor compreensão e sentido esta definição de forma mais ampliada.

historiadores<sup>15</sup>, integraríamos o rol dos profissionais com alto nível de reconhecimento social e trocaríamos nossas horas de estudo, pesquisa e análises por avaliações monetariamente compensatórias – como os vendedores das propagandas, que dizem multiplicar uma quantidade de dinheiro pequena em um milhão de reais no período de um mês. Nessa perspectiva, corroboramos com o posicionamento de uma História que é capaz de “apresentar algumas possibilidades, ‘lançar uma luz ainda mais tênue’, mas de forma alguma afirmar, em um exercício irresponsável de futurologia, a exatidão dos acontecimentos futuros” (MELO, 1997, p. 58).

A historiografia<sup>16</sup> não gera modelos metodológicos padronizados, tampouco rígidos, e seus resultados são opostos a construções idênticas – reside neste fato as particularidades (análises, referencial teórico, fontes escolhidas e metodologia) que cabe a cada historiador. Sobre as divisões inerentes e possíveis à historiografia, Barros (2004) nos indica:

As três ordens de critérios correspondem a divisões da História respectivamente relacionadas a “enfoques”, “métodos” e “temas”. Uma dimensão implica em um tipo de enfoque ou em um ‘modo de ver’ (ou em algo que se pretende ver em primeiro plano na observação de uma sociedade historicamente localizada); uma abordagem implica em um ‘modo de fazer a história’ a partir dos materiais com os quais deve trabalhar o historiador (determinadas fontes, determinados métodos, e determinados campos de observação); um domínio corresponde a uma escolha mais específica, orientada em relação a determinados sujeitos ou objetos para os quais será dirigida a atenção do historiador (campos temáticos como o da ‘história das mulheres’ ou da ‘história do Direito’) (BARROS, 2004, p. 23)

Essa diversificada quantidade de domínios possíveis na História coloca uma série de objetos que podem ser explorados por nós, historiadores – como a história das pessoas que habitam um país, a nefasta escravidão, o feudalismo europeu, as monarquias que existiram e ainda existe pelo mundo, o fenômeno do colonialismo, o feminismo, a legislação, o racismo e daí por diante. Então, dentre as possibilidades de pesquisa (domínio), se insere

---

15 Os autores deste trabalho defendem a necessidade de construção de uma linguagem que fuja ao patriarcado linguístico. Entretanto, não conseguimos operacionalizar uma linguagem neutra na escrita da dissertação, estamos cientes da possibilidade de críticas por este fato. Desejamos marcar que onde se lê historiadores, negros e etc. não estamos usando para indicar apenas o gênero masculino e sim a amplitude da abrangência destas palavras. Ou seja, apesar de escrevermos negros (no masculino) para indicar a população negra como um todo, negras e negros, desejamos ser interpretados com a utilização de negros para representação do conjunto (homens e mulheres). Não queremos indicar nossas considerações como verdade absoluta, muito menos adotar um tom moralizante sobre uma temática tão cara e necessária à Academia, pelo contrário.

16 Campo do conhecimento que se dedica ao estudo da História, ou seja, as dinâmicas sociais, políticas, econômicas, filosóficas e outras da humanidade através do tempo e espaço.

o campo dos estudos sobre a história do lazer<sup>17</sup>, em que podemos citar como exemplo os estudos sobre as práticas do samba, da capoeira, do teatro, do cinema, do candomblé e uma quantidade grande de possibilidades.

Os estudos produzidos sob a égide do domínio da história do lazer não são de menor importância temática e/ou cientificidade que os outros consagrados na disciplina. É notório que a história do lazer ainda não recebeu atenção dos pesquisadores deste campo, este fato é apontado por diversos autores, podemos citar os argumentos de Gomes e Rejowski (2005). Segundo as autoras, apenas um percentual de 7% das teses defendidas, entre o período de 1972 e 2001, dentro do campo dos estudos do lazer, tinham na história do fenômeno seu centro de análise. Dias (2018) e (2018a) aponta a baixa quantidade de trabalhos voltados para história do lazer, inclusive, para o autor, a importância do passado na configuração do fenômeno (tempo presente) não reflete a quantidade de trabalhos existentes, argumenta que não podemos compreender o estado do lazer na atualidade sem olharmos seu desenvolvimento através do tempo e a partir disto, podemos analisar suas rupturas e permanências.

São variados os espaços em que vemos a construção de saberes sobre a história do lazer, entre eles se insere o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - PPGIEL<sup>18</sup>, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - EEFETO da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, que conta com a linha de pesquisa<sup>19</sup> "Memória e História do Lazer", linha 02. Os trabalhos desenvolvidos nela se dedicam aos estudos do lazer, na maioria das pesquisas voltadas ao território nacional, pelo prisma da História<sup>20</sup>.

Em artigo publicado na revista *Licere*, Soares, Nunes, *et al* (2020), fizeram um balanço sobre as teses e dissertações defendidas na linha 2 do PPGIEL. A autora e os autores, na busca por trabalhos finalizados no curso entre o período de 2009 e 2017, encontraram uma quantidade total de 130 dissertações e 29 teses concluídas, das quais, ao filtrarem pela linha de pesquisa 2, obtiveram o resultado amostral de 29 dissertações e

---

17 Victor Andrade de Melo propõe que substituamos o nome de estudos da história do lazer por estudos da diversão, como forma de abranger uma quantidade maior de práticas etc.

18 Para ter acesso a maiores informações do PPGIEL acesse: [http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos\\_graduacao/estudos\\_do\\_lazer\\_mestrado\\_doutorado/](http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/)

19 O PPGIEL conta com 03 linhas de pesquisa sendo: Linha 01 - Identidade, sociabilidades e práticas de lazer, Linha 02 – Memória e História do Lazer e Linha 03 – Formação, Atuação e Políticas de Lazer. Mais informações sobre as linhas de pesquisa acesse: [http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos\\_graduacao/estudos\\_do\\_lazer\\_mestrado\\_doutorado/linhas\\_pesquisa](http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/linhas_pesquisa).

20 Não queremos dizer com essa sentença que a linha 02 do curso é a única produtora de conhecimento sobre a história do lazer.

8 teses – o que corresponde a 22% e 30% do total, respectivamente. Somados todos os trabalhos defendidos, a linha 2 representa 23% da quantidade geral de trabalhos do PPGIEL, dentro dos limites temporais marcados no estudo. Outra questão demonstrada pela autora e autores está relacionado a periodização da qual os pesquisadores desta linha têm se dedicado, assim, o marco temporal se encontra caracterizado pelo fato de que:

(...) todos os trabalhos estão compreendidos entre o segundo quartel do século XIX e o primeiro do século XXI, período conhecido, intitulado e tratado academicamente por “modernidade”. Sem nenhuma pretensão além de contextualizar historicamente os 32 estudos destacados, os dados evidenciam pelo menos a curiosidade científica dos pesquisadores do PPGIEL na relação entre o Lazer e a modernidade. (SOARES, NUNES, *et al.*, 2020, p. 697)

Entre estes trabalhos, citados anteriormente, listamos alguns como: “Os primórdios do esporte em Manaus” (Eliza Salgado de Souza, 2017), “O teatro em Mato Grosso (1877-1925)” (Marcela Ariete dos Santos, 2017), “História das diversões em Rio Branco: 1918 – 1927” (Joyce Nancy da Silva Corrêa, 2019), “uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)” (Flávia da Cruz Santos, 2017), “Montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c. 1900-1920” (Tauan Nunes Maia, 2017), “Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a1931)” (Igor Maciel da Silva, 2017), “Moços de hoje, Dirigentes da Nação de Amanhã: A História do Esporte Universitário no Brasil de 1930 a 1941” (Vitor Lucas de Faria Pessoa, 2017) “Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX (Caroline Bertarelli Bibbó, 2017), “DO PRADO AO MINEIRÃO: a história dos estádios na capital inventada” (Georgino Jorge de Souza Neto, 2017) e “A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)” (Nei Jorge dos Santos Júnior, 2017). Ressaltamos que nem todos os trabalhos foram apresentados neste trecho, ao passo que para evitar um parágrafo demasiadamente longo, definimos pela breve apresentação. Não queremos enfatizar este ou aquele trabalho, aqui utilizamos a listagem apenas para demonstrar parte da produção, locais e períodos estudados que foram realizados no PPGIEL, e estão vinculados a linha de pesquisa “História e Memória do Lazer”<sup>21</sup>.

A produção do conhecimento sobre a história do lazer não é exclusiva do PPGIEL. Todavia, cabe destacar que o PPGIEL é o único programa com doutorado na América

---

21 As dissertações e Teses citadas e as outras que não couberam no parágrafo estão disponíveis em <https://repositorio.ufmg.br/> e/ou [http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos\\_graduacao/estudos\\_do\\_lazer\\_mestrado\\_\\_doutorado/defesas](http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado__doutorado/defesas)

Latina que se dedica exclusivamente aos estudos do lazer em suas variadas linhas de pesquisa.

Desde que iniciei minha jornada no campo da história do lazer, me questionava sobre a participação da população negra nos trabalhos em que lia, debatia e acessava. Essa questão sempre esteve em minha perspectiva – em seguida, explicarei um pouco da formação desta ideia/identidade em mim. Inquieto com tais questões, realizei algumas buscas no site do PPGIEL utilizando as palavras-chave “lazer negro”; “lazer da população negra”, “divertimentos da população negra”, “diversão dos negros” e “diversões negras” e não encontrei trabalhos com estas palavras. Assim, decidimos ampliar o escopo das pesquisas, acessamos o portal de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEs<sup>22</sup> e utilizamos o mesmo filtro. Encontramos alguns trabalhos, todavia em locais (espaço geográfico) e períodos distintos aos que pretendemos estudar, citamos a título de exemplo: “O lazer no cotidiano da população negra de Santo Antônio de Jesus de 1910 a 1950: Sociabilidade, Solidariedade e Resistência” (Liliane de Jesus Oliveira Lima, 2013) e “Práticas Culturais de Lazer: cotidiano entre os anos de 1920 e 1935” (Danilo Raniery Alves Freire, 2020). Inferimos com nossas buscas que a discussão sobre raça e lazer é um domínio relativamente novo para exploração.

Acreditamos que seja necessário discutir a questão racial também nos estudos do lazer. Ao passo que as negritudes devem ser objeto de estudo em todos os domínios da História, temos acordo que as opressões são frutos de processos históricos que se moldam no tempo para continuar existindo e mantendo determinadas classes no poder. Essa necessidade, ao nosso ver, é uma das características que somam ainda mais peso na responsabilidade que esta dissertação tem. Pois, contribuir com a memória das pessoas negras é contribuir para que o passado não seja escrito apenas do lugar do vencedor e/ou dominante. Sendo parte do propósito da dissertação quebrar/findar com o perigo da História Única, nos atentamos para o alerta que Adichie faz, ao compartilhar suas experiências, a saber, de uma mulher negra, africana, em solo norte-americano:

Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer

---

22 Acesse o portal em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (ADICHIE, 2019, p. kindle)

A autora discute ainda outros exemplos de como a construção de um passado apenas pela visão do vencedor pode estigmatizar determinados grupos. Não só isso – tais processos criam determinados espaços segregacionistas, no campo material ou imaterial.

Entendemos que o presente trabalho, devido a centralidade do povo negro como objeto de pesquisa na discussão do lazer, se inscreve no rol das pesquisas que buscam a construção da “história vista de baixo” – à medida em que as transformações da história social foram capazes de abrir novos horizontes interpretativos para o campo. Mesmo que surgida na Europa, e despida das discussões de raça, existem aspectos dessa conceituação da história que podemos absorver, com as devidas adaptações para nossa realidade. Assim, concordamos que:

Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (JIM SHARPE, 1992, p. 41)

Além disso, o autor atribui à “história vista de baixo” uma dupla importância. A primeira, serve como um contra ponto a história da elite (comumente praticada), ou seja, é uma história da população que não tem “nome de peso” em seus respectivos sobrenomes, uma história tradicional de grandes eventos. A segunda, abre a possibilidade de ilustrar o cotidiano de forma um pouco mais detalhada, possibilitando a quebra da homogeneidade que determinadas narrativas insistem em transmitir, geralmente a partir de uma base epistêmica do homem, cis, hétero, branco e europeu ou “europeizado”. O conceito da história vista por baixo é necessário e ainda atual, ao passo que mesmo ao tratar de outra realidade social, podemos aproximar da nossa (passando por filtros específicos da América Latina<sup>23</sup>). Por tratar de classes sociais opostas a elite:

A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos. (JIM SHARPE, 1992, p. 62)

---

<sup>23</sup> É necessário destacar que alguns autores discordam da conceituação de América Latina, encaram como sendo “América”, “América Landina” e outras.

Em nosso entendimento, o movimento que faz a história vista por baixo será uma conceituação importante ao longo da presente dissertação. Pois, como será discutido posteriormente, ser negro no Brasil constitui particularidades históricas inerentes a cada período. Dessa maneira, viver se torna um processo de reexistir para existir – e a proporção reversa também é equação verdadeira, existir para o negro já é uma forma de reexistir. Podemos citar alguns autores que foram/são significativos na apresentação da história vista por baixo como: Lélia Gonzalez, Edward Palmer Thompson, Eric Hobsbawm, João José Reis, Sidney Chalhoub, Ynaê Lopes dos Santos e Wlamyra Albuquerque<sup>24</sup>.

Outra dimensão que afeta a escrita, de maneira direta ou indireta, deste trabalho tem relação com a minha trajetória pessoal. Sinto que é necessário relatar a respeito da ligação espiritual e emocional que desenvolvi com a cidade de Salvador. Morei em lá por um período de aproximadamente de três anos, e sobre isso vou fazer uma contextualização breve – para não tornar dessa passagem um capítulo da dissertação. Nasci, cresci e a passei a transição da adolescência para idade adulta em uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, Quatis. Nesse período, a população do município, segundo censo populacional (2010), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, era de 10.699 habitantes<sup>25</sup>. Então, sem a necessidade de entrar nos pormenores, pois, os leitores devem imaginar as particularidades que acometem os moradores de uma cidade de interior, tais como classes sociais estratificadas, dificuldade de ascensão social, racismo, homofobia, machismo e outras microssituações que refletem o macro. Não digo que, em outros locais, tais questões não ocorram, mas em uma cidade pequena pode ser mais latente e, em alguns casos, pode ser até mais evidente.

Durante todo esse período, eu me autodeclarava, quando perguntado, como pardo, e, assim, utilizava a mesma classificação que consta na minha certidão de nascimento. Tal escolha estava fundamentada por dois aspectos gerais – ora impensada e até mesmo natural ou subconsciente (devido ao meio), ora porque imaginava que minha cor refletia uma mistura das raças, isto é, eu não seria nem negro e nem branco, seria brasileiro. Hoje, ao pensar sobre minha história e trajetória de vida, acabo ressignificando alguns eventos, inclusive o citado. Da autodeclaração “natural”, posso afirmar que parece vinda de um racismo estrutural, que tenta nos formar como “mistura” ou miscigenado, isto é, um brasileiro que, pelas interseções das raças, não seria nem negro e nem branco, que

---

24 Novamente, não fizemos a listagem a título de hierarquizar importância dos autores, utilizamos esta ferramenta apenas para marcar pesquisadores que são parte do movimento.

25 Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/308/cd\\_2000\\_v7.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/308/cd_2000_v7.pdf)



ocuparia um lugar específico de não-lugar, uma mula infértil nascida do cruzamento de duas raças puras – aqui discordo de Caetano Veloso<sup>26</sup>, tenho e vejo um grande problema em ser chamado de mulato ou moreno. A narrativa que trabalha na formação da consciência racial de grande parte da população brasileira se evidencia com a informação de que 42,93% das pessoas se declaram pardas, segundo dados do último censo populacional realizado em 2010 pelo IBGE. Considero que tal ideologia tem elementos históricos necessários para a garantia da subdivisão das pessoas negras, nos afastando de todos os significados que estão inseridos em nossa negritude. A formação dessa ideologia acompanha a trajetória da formação do Brasil através no tempo, ela vai auxiliando os privilégios das elites dominantes, em grande maioria, composta por pessoas brancas e por existir através do tempo, mostra seu caráter estrutural. A divisão da população negra pelo tom da nossa pele foi conceitualizada como colorismo, Devulsky (2021) discute, em obra homônima, o fenômeno: a maneira como o colorismo vai vestindo peles diferentes em cada etapa da história, este fator dificulta a construção de uma consciência racial coletiva que leve a unidade da população negra. Além disso, o autor descreve com ênfase os usos diversos que as elites foram fazendo e ainda o fazem do colorismo.

E sobre a autodeclaração estar ligada ao fato de acreditar, pelas experiências vividas em minha vida, a ideia de que não eu era branco e nem negro – na realidade, eu me considerava muito negro para ser branco e muito branco para ser negro, este pensamento foi constante em minha trajetória. Além disso, eu tinha noção que me afirmar como sendo negro teria consequências: poderia ser reconhecido como parte de um grupo social constituído de degenerados, preguiçosos, pobres, sujos, marginais e mal-educados. Pelo menos, é como a ideologia racial vigente nos impregna de significados. Para um adolescente, essa era uma verdade absoluta e, assim, o não-lugar de ser “moreno” foi mais “cômodo”.

Quando comecei a militar em organizações e partidos políticos de esquerda, tive os primeiros contatos com as discussões sobre racismo. Posteriormente, após essa introdução, as primeiras leituras e o cotidiano de militância. Assim, comecei a me declarar negro, mesmo que timidamente, pois ainda não sentia negro. Depois do acidente do amor, onde conheci minha esposa, Renata, para atravessar a jornada da vida, e, após um longo caminho de encontro e desencontros, fui morar em Salvador. Residi em bairros, como Jardim Lobato, Subúrbio Ferroviário e Cabula – e a relação com o desenvolvimento

---

26 Caetano Veloso disse em entrevista para o Programa Roda Viva que não via problema com a utilização do termo mulato. Trecho da entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8PSr0lIScls>

histórico dessas localidades (e com a própria cidade de Salvador, como um todo) me proporcionou um conjunto de experiências únicas. Lá convivi com outros negros, das mais variadas classes sociais, seja no trabalho, nos círculos sociais, no transporte público, enfim, em todas as partes do cotidiano. Além disso, tive o contato com os Orixás, nas mais diversas formas de expressar e manifestar a fé, em locais e conversas – e tudo isso formou em mim um conjunto de costumes importantes e necessários para de fato me definir como uma pessoa negra. É uma coisa muito grande sentir-se parte de um povo ancestral, que luta há tantos anos pelo mínimo de condições básicas de sobrevivência, que luta por uma sociedade igualitária, que luta para existir e ser tratado como gente, que luta pela liberdade em todos os âmbitos em que ela possa se dar. Ter a consciência de ser parte dessa comunidade é algo muito maior que o espaço e tempo podem limitar e as palavras expressar e é algo que pôde surgir apenas depois das experiências proporcionadas pelas condições que a vida me oportunizou. A pluralidade que pressuponho existir em relação a negritude, hoje, me fizeram me definir, sentir e lutar como um homem negro. Muitos passaram, passam e passarão por este processo, inclusive minha filha, Dandara, pode vir passar por situações similares as que abordei aqui. Uma síntese dos sentimentos expressos nas linhas anteriores está em:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1990, p. 77).

Desde que me iniciei nos estudos do lazer, inquietava-me a baixa quantidade de pesquisas sobre a relação do lazer e a racial, principalmente no campo de estudos sobre a história do fenômeno. Autores e autoras do campo indicam a falta de pesquisas voltadas à população negra, citamos Neto (2020), Silva, Chaves, Soares, Dores e Tavares (2021) e Viana e Dores (2021). É comum entre os autores e as autoras aqui citados a percepção de que é fundamental ampliar a quantidade de estudos que discutam, em todos os níveis, o lazer sob a perspectiva das relações raciais.

Além disso, acrescenta-se a percepção também da falta de estudos históricos sobre outras regiões, fora do eixo sudeste, especificamente sobre o Nordeste<sup>27</sup>. Nas avaliações de Soares, Nunes *et al* (2020), foi destacado a inexistência de estudos para essa importante região do país, ao passo que entre as dissertações e teses defendidas no PPGIEL, que fazem parte da linha 2 – História e Memória do Lazer, temos a seguinte constatação:

Observou-se que o estado brasileiro onde foram desenvolvidos a maioria dos estudos foi Minas Gerais, com 22 pesquisas (68,75%). Belo Horizonte é a cidade mais estudada, com 13 estudos (40,6%). Ocorreram 2 pesquisas no estado de São Paulo, 1 no Amazonas, 1 no Rio de Janeiro e 1 no Mato Grosso. Outros 3 estudos tiveram o país (Brasil) como delimitação espacial e outras 2 pesquisas não foram classificadas, uma por se tratar de pesquisa biográfica e outra de análise de uma revista. (SOARES, NUNES, *et al.*, 2020, p. 699 e 700)

Julgamos que a presente dissertação poderá auxiliar na construção de saberes que ultrapassem os limites das regiões centrais do Brasil, aqui nos referimos ao eixo Sul-Sudeste<sup>28</sup>, neste sentido, concordamos com a crítica realizada por Dias (2012) ao apontar sobre a pouca/baixa quantidade de estudos sobre a história do lazer voltados para regiões fora do eixo central nacional, análises que se dedicassem as regiões do Centro-Oeste, Norte e Nordeste:

Narrativas históricas nacionais, nesse sentido, aparecem como o resultado de um conjunto mais ou menos arbitrário de reduções e generalizações, onde práticas e imaginários de determinados grupos específicos, de regiões específicas, se apresentarão como representações válidas para toda a nação. (DIAS, 2012, p. 25)

Assim, se faz necessário que outras pesquisas venham a somar na construção de uma história do lazer, que permitam trazer à tona as especificidades regionais, e, dessa maneira, partir em direção a construção de uma narrativa verdadeiramente nacional, que não esteja centrada apenas no desenvolvimento do fenômeno a partir do Sudeste. Afinal, a história de um país não pode ser contada apenas de seu centro. Em um país de escala continental<sup>29</sup>, ter estudos de várias localidades é essencial para evitar a formação de

---

27 Indico novamente que esta percepção está relacionada aos trabalhos que tive possibilidade de discutir no HISLA, bem como as produções realizadas na linha 2 do PPGIEL. Não fiz buscas com maior fôlego para fazer uma referência ao campo como um todo. Apesar do caráter provinciano que essa sentença possa parecer, tenho que assumir meus limites técnicos e de espaço de tempo para realização de buscas, pesquisas e etc.

28 Com essa afirmação, não queremos diminuir a importância dos estudos focalizados no eixo Sul-Sudeste. Todavia, pretendemos marcar que os estudos de regiões como Norte e Nordeste não existem em quantidade aproximada. Cabe ressaltar que o tamanho do Brasil é característica que necessariamente cria condições para desenvolvimentos dialéticos e locais das práticas de lazer em cada estado, cidade etc.

29 O Brasil é o quinto maior país do mundo, atrás apenas de Rússia, Canadá, China e Estados Unidos. Fonte: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/94-7a12/7a12-vamos-conhecer-o-brasil/nosso->

paradigmas totalizantes e, principalmente, para fugirmos de uma história homogênea do lazer.

Desta maneira, acreditamos que é significativo e imprescindível a realização dessa pesquisa, pois temos a cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, que compõe a região do Nordeste, como recorte espacial e, além disso, dirigimos nosso olhar para pesquisar os divertimentos praticados pela população negra e tomamos tal como cerne analítico. A proposta é apresentar um panorama dos divertimentos praticados pelas pessoas negras em Salvador, com um recorte temporal que vai do final do século XIX ao início do século XX (1890-1910).

O recorte temporal foi determinado no sentido de operacionalizar uma história vista de baixo, à proporção que não é convencional em nosso campo de estudos essa escolha para tal finalidade. Inclusive, em alguns momentos decidimos (a partir do contato com as fontes) desenvolver as discussões sobre os divertimentos em forma de espiral<sup>30</sup>, ou seja, nos atentaremos aos costumes que serão abordados, não apresentaremos as discussões a partir de sua cronologia fixa. Pressupomos que tomar esta decisão metodológica nos permitiu a liberdade para nos movimentar de forma fluida em relação à discussão, apresentação e as análises das fontes. Geralmente, os recortes temporais são determinados por grandes eventos, como a chegada de uma ferrovia, a passagem de um determinado circo por uma determinada cidade, o primeiro e o último jogo de um esporte, e outras<sup>31</sup>. Em nosso estudo, as linhas temporais foram escolhidas, no sentido de dar voz às pessoas comuns – pessoas negras especificamente –, visto que, em algumas ocasiões, são eles os esquecidos, os estigmatizados e os marginalizados pela historiografia oficial.

Dessa maneira, o ponto de partida será o ano em que foi publicado uma crônica no periódico intitulado Pequeno Jornal, em 1890. O assunto abordado é a história de um comerciante que foi até um samba e é seguido por um curioso, o autor da crônica. Ao final, os dois têm experiências no samba e isso registradas no jornal. O texto também traz um trecho de uma letra de samba que estava sendo tocado por lá (disponibilizado, em parte, logo abaixo). Cabe ressaltar que tal crônica está carregada de preconceitos, como a

---

territorio/1461-o-brasil-no-mundo.html. Cabe destacar que o território brasileiro tem uma área de 8.514.876 km<sup>2</sup>, e é quase do tamanho da Oceania (8.525.989 km<sup>2</sup>) e Europa (10.180.000 km<sup>2</sup>).

30 Temos a compreensão que esta tentativa não é uma tarefa simplista. Entretanto, fugimos da construção de uma narrativa pautada na evolução dos eventos de forma a seguir o andamento dos dias no calendário.

31 Não temos a pretensão de afirmar com nossa escolha o que é certo ou errado quando discutimos definições dos recortes temporais a serem abordados, cada pesquisador tem a liberdade em seu processo criativo, temos sim a pretensão de marcar e defender a nossa escolha. Ressaltamos que as todas as escolhas são passíveis de críticas e ponderações, inclusive a nossa, não existe unanimidade na historiografia.

sexualização da mulher negra e demais as características ligadas a isso – o que discutiremos no capítulo sobre o samba.

Arroja creoula, arroja  
 Quem aqui não sou doutor  
 Sou teu cambão creoulita,  
 Sou somente teu amor,  
 Arroja creoula, arroja  
 Que eu aqui não sou doutor,  
 Arroja creoula, arroja  
 Creoula do meu pecado  
 Levanta a pontado pé  
 Que eu levanto o cortinado...  
 Arroja Creoula, arroja  
 Creoula<sup>32</sup> dos meus pecados<sup>33</sup>

Como período para a finalização do recorte temporal analisado foi escolhido uma reclamação realizada por um conjunto de moradores contrários a um agrupamento de divertimentos, inclusive, convocando as forças policiais para que intervissem na repressão as pessoas se divertiam<sup>34</sup>, sendo:

Com a polícia - (...) chamar a atenção polícia para um grupo de desocupados que se diverte em estoirar com pedras, bombas de clorato, queimar roqueiras e jogar batedoura, à rua do Sodré, sobretudo, no chamado Becco de Seminário. É a segunda vez que recebemos e publicamos esta reclamação justíssima dos moradores dessa rua, sem que, entretanto, a menor providencia tenha sido tomada pelos competentes.<sup>35</sup>

Parte do contexto apresentado nos parágrafos anteriores nos instigou a construir algumas problematizações ao passado, sendo: a) Quais as principais características, valores e significados dos divertimentos praticados pela população negra entre os anos de 1890 a 1910?; b) Quais eram as práticas de sociabilidades vivenciadas pelas pessoas negras neste período?; c) Existiam tensões sociais que permeavam as experiências da população negra ao terem contato com esses divertimentos?; e d) É possível afirmar que

---

32 Quando as fontes se referirem as pessoas negras com palavras que a grafia esteja alterada nos tempos atuais, decidimos manter da forma original com a finalidade de aproximarmos da realidade linguística (escrita e lida), nos assuntos ligados as diversões e raça. O restante será modificado para o português vigente, com a finalidade de dar fluidez na leitura do texto. Palavras desconhecidas, nomes próprios e afins serão mantidas na grafia original. Exemplo: Creoula, hoje escreveríamos crioula, mas será mantida na grafia original. Outro exemplo está em “Becco de Seminário”, atualmente escreveríamos “Beco de Seminário”, mas mantemos “Becco” por se tratar do nome de uma localidade.

33 NO BOND. **Pequeno Jornal**, Salvador, n. 264, p. 2, 31 dez. 1890.

34 O período pesquisado está compreendido próximo a dois eventos macrohistóricos de suma importância para história das pessoas negras no Brasil, sendo o marco inicial próximo à abolição da escravidão de forma oficializada pelo estado (1888) e o marco de finalização está definido no mesmo ano da Revolta da Chibata (1910).

35 COM a polícia. **Gazeta do Povo**, Salvador, ano 1418, p. 1, 16 mai. 1910.

os divertimentos continham formas de diferenciação a partir da raça, para além da classe social?

## 1.2 LAZER, HISTORIOGRAFIA E FONTES

Atualmente, tendemos a considerar o lazer como parte indissociável de nossas vidas e do nosso cotidiano. Independentemente do tipo de prática e de sua consequente vivência, é impossível, para maioria das pessoas, nos imaginarmos existindo sem o lazer. No Brasil, é um direito garantido por lei: “O lazer é citado nos artigos 6º, 7º, 217º e 227º da Constituição de 1988 (BRASIL, 1988). No artigo 6º, é definido como direito social, ao lado da educação, da saúde, da alimentação, da moradia, da segurança, entre outros.” (ISAYAMA e GOMES, 2015, p. 1). Essa garantia foi conquistada por diversos elementos, entre os quais cito as lutas históricas da classe operária<sup>36</sup> no início do século XX, associada diretamente à luta pela diminuição da jornada de trabalho, o desenvolvimento de novos padrões de responsabilidade e funcionamento do estado, a configuração do lazer em nível internacional (inclusive como parte da Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização Mundial das Nações Unidas<sup>37</sup>) e, inclusive, as mutações constantes do capitalismo e a formação de um mercado do lazer (produção e consumo). Mas, para chegarmos nesse ponto (lazer como parte do cotidiano das pessoas), todo o conjunto de fatores advindos do processo histórico não podem ser descartados, pois se influenciaram mutuamente e é difícil hierarquizar de forma sistemática a importância de cada um, tampouco fechar essa lista.

Enquanto fenômeno histórico do desenvolvimento humano, o lazer pode ser categorizado como tão importante quanto qualquer outro campo imprescindível da vida. Tal definição se faz necessária, ao passo de dimensionarmos o lazer devidamente e não apenas como parte complementar ou compensatória da existência. Dessa forma, concordamos que:

Acompanhando a história, é possível perceber que, no âmbito de seus costumes, as sociedades constantemente organizaram diferentes formas de diversão, tão importantes em seu cotidiano quando as alternativas de trabalho, religiosidade ou qualquer outra tarefa social. (MELO e ALVES JÚNIOR, 2003, p. kindle)

---

36 Aqui utilizo a classificação de classe operária para englobar todos aqueles de dispõem apenas da venda de sua força de trabalho para o sustento.

37 “Art. 24 - toda pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres, especialmente a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas” disponível em <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>

Delimitado a importância do lazer, entramos na discussão sobre um dos debates em evidência na historiografia do lazer, a discussão sobre o surgimento do fenômeno. A maior parte dos pesquisadores do campo já se deparou com esta indagação, seja em disciplinas, eventos, conversas de corredor, rodas de bar e uma longa lista de locais. Assim, julgamos algumas posições mais conhecidas sobre a temática – sendo a primeira defendida por um grupo que propõe o lazer como fator inseparável, em termos analíticos, do mundo do trabalho, e existindo como um contraponto a este. Os autores defendem que devido a nova dinâmica inserida pelo capitalismo no mundo ocidental, principalmente, o lazer tal qual conhecemos hoje, só foi possível devido a criação de suas bases de existência edificadas por este modo de produção, e, conseqüentemente, pela revolução industrial. Assim, as práticas que conhecemos como lazer antes desse espaço de tempo devem ser encaradas como “divertimentos”, indicando a necessidade de não utilizar a palavra ou o conceito de lazer para pesquisas que envolvam o período de tempo anterior ao capitalismo. Inclusive, fazer o uso do termo lazer em comunidades não industriais seria, segundo essa visão, um anacronismo. Ou seja, o lazer é encarado como fenômeno diretamente ligado à modernidade, de maneira que ganha novos traços com a separação clara dos tempos sociais, trabalho e não-trabalho. É necessário destacar que as modificações sobre a forma de abordagem do tempo estão inseridas nesta discussão, ao passo que quanto mais complexas as relações de trabalho, sobre em igual medida as ramificações e estruturações dos tempos sociais, tempo de trabalho, de festejar, de socializar etc.

Já o segundo grupo defende o lazer como parte indissociável do ser humano, independentemente do tempo. E, por não colocar peso nas mudanças advindas do capitalismo, da revolução industrial (isso não significa que esta discussão esteja excluída da construção teórica desse grupo) ou dos modos de produção, cabe para eles utilizar a palavra/conceito “lazer” para todas as sociedades, independente do período histórico abordado. Apesar de não ser o centro da nossa pesquisa, pretendemos fazer uma breve discussão sobre, pois a escolha de uma definição do conceito epistemológico – e, portanto, de uma forma de interpretar – de lazer vai delinear parte dos caminhos que serão percorridos no estudo.

Com o advento do capitalismo – primeiramente, na história ocidental, mas em seguida influenciando as dinâmicas das sociedades de todo globo, como modo de produção dominante –, ficou evidente a existência de uma nova configuração de tempo livre, também denominada de “horas de não trabalho”. Ou seja, horas em que a nova classe surgida também com o capitalismo, a classe operária, estava fora das fábricas – o tempo longe dos

seus respectivos postos de trabalho. Com isso, essas novas relações com o tempo que o capitalismo instaurou afetaram a dinâmica do lazer. Então, as influências que o capitalismo impôs à sociedade configuraram os espaços de sociabilidades, ao passo que:

Se a manufatura e suas novas ordenações temporais gestaram o que hoje chamamos de lazer, o novo formato da diversão no âmbito de uma sociedade marcada pela distinção dos tempos sociais, esse novo fenômeno histórico também foi um dos responsáveis pela gestação da indústria da forma como hoje a concebemos: trabalho e diversão, indústria e lazer se gestaram mutuamente. (MELO, 2010, p. 22)

Melo (2010) argumenta que não podemos deixar de analisar o lazer sem considerar o desenvolvimento do mundo do trabalho. Para o autor, lazer e trabalho são escalas da vida social que se influenciam mutuamente através do tempo, sem que se construa uma hierarquização de prioridades e importância dessa relação, assim, é necessário se observar suas marcas dialéticas de perto, ao passo que são fenômenos que entrecruzam o viver. E, dessa maneira, Melo e Alves (2003) sugerem que podemos considerar o surgimento da definição de que:

O lazer é um fenômeno que emerge no conjunto de mudanças que marcam a construção do ideário e imaginário de modernidade. Lembremos também que, desde as origens, tem-se mostrado um campo de tensões, já que tempo livre surge não como concessão dos donos dos meios de produção, mas sim como conquista das classes trabalhadoras. A burguesia entabula iniciativas de controle e de obtenção direta e indireta de lucros, na mesma medida que os populares entabulam resistências possíveis. (MELO e ALVES JÚNIOR, 2003, p. 31)

Se o capitalismo forneceu a base para a construção do que hoje convencionamos em chamar de lazer, apontamos que ele, o lazer, também pode ser considerado como um fenômeno histórico que faz parte do desenvolvimento do ser humano, sendo uma necessidade humana e dimensão da cultura. Enquanto vivência cultural o lazer pode refletir seu carácter contra hegemônico (GOMES, 2014). Além disto, a autora nos indica que o lazer pode ser considerado “uma dimensão da cultura, caracterizada por meio da vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações” (GOMES, 2008, p. 12). Somando um contraponto às considerações indicadas por Melo e Alves Júnior (2003), temos:

o que é geralmente designado como “lazer” enraíza-se na ludicidade e constitui uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais situadas em cada contexto – e não somente nas chamadas sociedades modernas, urbanizadas e industrializadas. (GOMES, 2014, p. 7)



Tendo apresentado brevemente duas posições sobre o nascimento do lazer, denominado e conceituado como tal, ponderamos que não consideramos as teorias em questão como sendo completamente antagônicas. Inclusive, buscamos realizar um atravessamento entre as duas posições. Ainda que as sociedades humanas tenham tido práticas de divertimentos desde os primórdios de suas formações, com a revolução burguesa, o surgimento do capitalismo e sua expansão pelo globo terrestre, tivemos uma série de modificações sem precedentes na história e o lazer não escapou a isso – modificou-se em todos os âmbitos (práticas, praticantes, organizadores, espaço, tempo, estrutura e outros). Assim, concordamos a dificuldade de conceber o lazer como fenômeno flutuante da estrutura real de uma da sociedade, queremos dizer com isso que, o lazer estará ligado a todos os aspectos do tempo presente.

Operacionalizaremos os sentidos de lazer em nossa pesquisa como sendo um conjunto de práticas culturais que proporcionavam entre outras coisas, construindo possibilidades e espaços de sociabilidade, que acompanharam as pessoas negras na virada do século XIX para o XX. Perceberemos ao longo do estudo que tais práticas se adaptam de acordo com as dinâmicas impostas pelo modo de produção vigente, e desta forma, aos desafios impostos pelas classes dominantes. Em alguns momentos, pode, inclusive, ser realizada a operação inversa, a classe dominante ceder em algum momento às pressões das classes trabalhadores, quando tratado a necessidade de diversão.

Como tratamos de um grupo social específico, também existe a demanda de indicarmos que uma determinada prática cultural poderá ter um conjunto de valores diferentes, quando analisadas de maneira bairrista ou regionalizada. Queremos dizer com isso que, para um ex-escravizado, iniciar sua jornada para a retomada de consciência de si foi um processo que perdurou (ou podemos dizer que ainda perdura) por um tempo. Não foi no dia seguinte da formalização do fim da escravidão – ou das leis anteriores –, que a população de ex-escravizados acordou com a mentalidade de operários da classe trabalhadora, conscientes de que eram donos apenas de sua força de trabalho, o processo da mentalidade social coletiva é histórico e dialético, não um fim em si determinado em um espaço-tempo.

No Brasil, o processo de desenvolvimento histórico do capitalismo foi um pouco demorado, alguns autores vão inferir que por aqui, tivemos um “capitalismo atrasado” e/ou periférico, assim, a consolidação deste modo de produção, teve influências de outros acontecimentos, tais como o fim da escravidão (oficialmente), o declínio das grandes culturas agrícolas (monoculturas) e implantação de pequenos parques industriais. Então,

em nossa pesquisa, quando nos referimos ao campo econômico em relação ao período pertinente, lembremos desta afirmação.

Terminada nossa breve análise conceitual acerca do termo lazer, seus respectivos significados e atravessadores, passaremos a uma discussão sobre as definições de como utilizar o termo/conceito em trabalhos que remetem a um momento anterior ao desenvolvimento do capitalismo. É correto utilizarmos a palavra lazer em se tratando de trabalhos que se dedicam a analisar a sua história? Neste ponto, nos deparamos com um debate entre os historiadores do lazer, como conceituar o lazer em nossas pesquisas, é lazer ou divertimento?

Com o intuito de evitar problemas relacionados à emergência histórica do fenômeno do lazer, como já mencionado, optamos pela utilização do termo “divertimentos” no decorrer da pesquisa. Dessa forma, quando nos referirmos a divertimentos, estaremos falando de práticas e/ou manifestações culturais que hoje conhecemos por lazer (ou que foram extintas), ou seja, que se equivalem a determinadas práticas de lazer contemporâneo. Escrito assim parece que é uma decisão fácil, todavia, não surge apenas das datas. Para que seja operacionalizado o conceito de divertimento, em detrimento a lazer, temos que considerar todos os fatores apontados nos parágrafos anteriores, assim, o samba no século XIX, quando praticado pela população negra pode ser considerado um divertimento, todavia, devido as mudanças advindas do modo de produção a partir de um determinado ponto deverá ser encarado como lazer.

De acordo com Melo (2013), poderíamos inclusive ampliar o escopo teórico, para o autor é possível chegarmos a um ponto em que “não seria equivocados denominar “estudos da diversão” o que academicamente temos constituído como lazer. Isso nos permitiria tanto incorporar com tranquilidade recortes temporais anteriores à modernidade” (MELO, 2013, p. 30). Acrescentamos outras indicações realizadas pelo autor, que, após realizar um debate conceitual baseado nos estudos de Koselleck e sua experiência em pesquisas sobre a história do lazer, pondera:

A partir dessas reflexões, no caso dos meus estudos históricos do Rio de Janeiro do século XIX, tenho operado com a noção de diversão. Para tal, tenho partido do que os informantes dizem ser a diversão, tentando captar naquela duração de um século como foram mudando os sentidos e significados ao redor do tema. Não abandonei o conceito de lazer. Pelo contrário, o que estou investigando é como se gestaram as condições para que a diversão se materializasse no que hoje chamamos de lazer, discutindo, portanto, os momentos primordiais que antecederam a própria sistematização desse conceito. Isto é, ele já estava lá embora ainda não existisse, e quando passou a estar, anunciou e ajudou a conformar o futuro em que estaria. (MELO, 2013, p. 29-30)

Na construção de sua proposição teórica fica evidente que para Melo (2013), “ouvir” as fontes – ou o jargão historiográfico de “deixar que os mortos falem” ou “os mortos nunca param de falar” – é central em sua conceituação. Inclusive, é ponto de partida e não chegada, como define o próprio autor, uma vez que os conceitos estão ligados em dois movimentos, sendo o caracterizados pelo contexto histórico em que se refere (fontes) e do que está sendo escrito (pesquisa).

Ademais, trazemos, como uma parte dos fundamentos utilizados para nossas escolhas terminológicas e conceituais, o pensamento de Jean Jacques Le Goff. Ele discute, no prefácio da obra *Apologia da História* de Marc Bloch, a necessidade de levar em consideração o vocabulário e as terminologias da sociedade eleita para estudo, ao passo que:

Um aspecto importante da análise histórica é o do vocabulário, da terminologia, da "nomenclatura". Marc Bloch demonstra como o historiador deve conduzir sua análise com o auxílio de uma dupla linguagem, a da época estudada, o que lhe permite evitar o anacronismo, mas também a do aparato verbal e conceituai da disciplina histórica atual: "Estimar que a nomenclatura dos documentos possa bastar completamente para fixar a nossa seria o mesmo, em suma, que admitir que eles nos trazem a análise toda pronta." (GOFF, 2002, p. 27)

A decisão de conceituar como “divertimento” as práticas do que conhecemos hoje como lazer foi influenciada pelas fontes que foram utilizadas para este trabalho. É notório que, na maioria das incidências sobre alguma prática cultural aqui abordada, a citar, as festas, os sambas, os batuques, os candomblés e os jogos proibidos, as fontes se referiam como divertimento ou diversão – e não como lazer. Até mesmo é importante nos referimos que em nenhum momento, salvo por algum engano ou distração, as fontes abordaram tais práticas como lazer, ócio ou qualquer outro termo paralelo. Neste sentido, acreditamos que a escolha pelo conceito de divertimento poderá nos aproximar um pouco mais da realidade pesquisada<sup>38</sup>.

Outra influência que devemos citar para nossa definição, reside nas discussões advindas da tese de Santos (2017), a autora se dedicou em seu trabalho a um aprofundamento sobre a dinâmica da história conceitual do termo divertimento no século XVIII, na cidade de São Paulo. Para isso, usou um repertório variado de fontes, como periódicos, cartas, crônicas, dicionários do período e relatos de viajantes. Tratando os

---

38 Nossa escolha não caracteriza a exclusão, a negação ou crítica a historiadores que utilizam o termo lazer em pesquisas que estão sendo realizadas sobre a história do fenômeno, todavia, acreditamos que esta escolha pode deixar tais pesquisadores mais próximos ao abismo da anacronia.

dados de forma quantitativa e qualitativa a despeito das ocorrências de palavras como divertimento, lazer, passatempo, recreação e diversão, analisando a maneira em que foram apresentadas e operacionalizadas. E conseqüentemente, as disputas políticas, sociais, culturais etc. advindas dos diferentes tipos de usos, discute a existência de um alinhamento das características em relação a aplicação destes conceitos, concluindo que:

a palavra lazer não era comumente usada nos jornais, e não fazia parte do vocabulário cotidiano dos paulistanos. Quase a totalidade de suas poucas aparições, se deve a traduções do francês para o português, em que a palavra *loisir* foi traduzida literalmente para lazer. Um único emprego de tal vocábulo foge a esse esquema, e se deu de modo espontâneo, sem a baliza de um texto estrangeiro. Foi em um diálogo entre dois paulistanos ou, no mínimo, entre dois moradores da capital paulista. (SANTOS, 2017, p. 103)

Ao definirmos o uso do termo divertimento, ou em algumas oportunidades divertimentos<sup>39</sup>, pelas incidências nas fontes, colocamo-nos próximos das indicações feitas por Burke (2013), em pesquisa que analisou o conceito de anacronismo a partir de estudos sobre o período da Renascença. Para ele, as formas anacrônicas, que poderiam se expressar, por exemplo, nas artes e nos vocabulários expressos nas fontes, se formavam em dois níveis. Um primeiro nível era reservado aos produtores das fontes (como por exemplo os pintores), que estavam possibilitados de realizar, em algum momento, uma construção anacrônica em determinada obra, exemplifica que um artista poderia pintar uma peça de roupa atual (seu tempo presente) em uma obra que retrata o período passado. O autor traz uma consideração para esta sentença, ao passo que “uma conclusão que pode ser ilustrada, senão comprovada, pelas pinturas bucólicas de Dalarna, na Suíça, as quais representam personagens bíblicos vestindo trajes modernos” (BURKE, 2013, p. 200). E, em um segundo nível, observamos a influência que o anacronismo pode nos causar, ao analisarmos as fontes e levarmos em consideração o conjunto de valores socioculturais próprios da contemporaneidade (nosso tempo presente). Dessa maneira, define o anacronismo (quando surgido do historiador) como sendo “um erro cometido no curso de um ‘sincronismo’; em outras palavras, é a tentativa de traduzir um sistema cronológico para outro.” (BURKE, 2013, p. 214).

---

39 Novamente, não é intuito dos autores dessa dissertação afirmar que o uso do termo divertimento deve ser utilizado em todos os trabalhos referentes à história do Lazer, pelo contrário. Julgamos que reside nessa discussão a mesma liberdade teórica para construções e debates, defendemos que não existe unanimidade ou escolha certa e errada sobre o tema. Cabe a defesa dos caminhos traçados; inclusive, parar demasiado tempo nesse assunto quase inesgotável faz parte do arcabouço de armadilhas do campo.

O anacronismo contido nas análises dos símbolos foi um dos estudos realizados por Bloch (2002). Para o autor, não analisar as fontes e utilizar mecanismos estáticos para diagnósticos pode fazer com que nós cometamos atos com características anacrônicas, e desta forma entraríamos em um processo que pode ser considerado “entre todos os pecados, ao olhar de uma ciência do tempo, o mais imperdoável” (BLOCH, 2002, p. 144).

Consideramos que essa escolha conceitual nos dará liberdade de escrita, e até mesmo analítica em relação as nossas fontes, nos afastando do anacronismo conceitualmente falando. Ou seja, em nossa ótica ao utilizar do vocabulário da época para definição do fenômeno, pode ser parte do processo da tentativa de aproximar o trabalho da realidade do período estudado. Aqui dizemos aproximar o trabalho da realidade, pois, nenhuma pesquisa sobre o passado, independente das fontes utilizadas, pode reproduzir na íntegra uma sociedade e suas relações nos mais variados âmbitos.

Cabe ressaltar que o lazer<sup>40</sup> enquanto objeto de pesquisa para a História é recente. Se tornou uma possibilidade de abordagem e preocupação dos historiadores com o advento ou redescoberta da História Cultural, por volta da década de 70, através de um movimento historiográfico que permitiu ou foi base para o surgimento de várias possibilidades de estudos – uma verdadeira renovação temática na historiografia. Dessa maneira, trouxe para a História uma possibilidade grande de temas nunca explorados; e tudo se tornou passível de ser objeto de pesquisa, tudo isto só foi possível devido ao novo conceito de fonte, uma vez que abandonou a rigidez de que fonte histórica era apenas as produzidas por órgãos oficiais das instituições vigentes dos períodos estudados (BURKE, 2005).

Terminado nossa explicação conceitual sobre o termo que utilizaremos ao longo do trabalho, será necessário informarmos que nessa dissertação, operacionalizamos as discussões em relação aos aspectos historiográficos que foram principiados do cruzamento dos pressupostos conceituais/teóricos dos campos da História Social e História Cultural. Dessa forma, tivemos a possibilidade de obter resultados, em se tratando das propostas da pesquisa, que giraram em torno de práticas culturais de um recorte específico da sociedade, em nosso caso voltado a um determinado grupo, as pessoas negras. Apesar da marcação de nossas escolhas, é válido informarmos aos leitores que não esquecemos de expor alguns elementos do campo econômico do período aqui estudado. Entretanto, como as análises da economia não tiveram tanto fôlego quanto as outras, a definição que o trabalho faz parte do campo da História Econômica está fora de cogitação. Concordamos com

---

40 Observem que para tratar do fenômeno do lazer em uma maneira geral, não modificamos a nomenclatura para divertimento, fizemos isso apenas nos momentos em que tratamos diretamente de nossas fontes.

Barros (2005) em propor que não existe separações dos fatos em estritamente políticos, sociais, culturais ou econômicos, tais dimensões se influenciam em diferentes níveis, uns mais visíveis, outros não. Julgamos que, a partir dessa perspectiva, conseguiremos fazer as abordagens necessárias para cumprirmos os objetivos estabelecidos da dissertação – excluindo a necessidade de dissecar um fato histórico em campos fechados de análise, em relação a sua natureza. Sobretudo, indicamos que essa breve abordagem em relação aos domínios que aqui utilizados foi por uma marcação historiográfica necessária ao desenvolvimento do trabalho, ao passo que:

Em vista destes e de tantos outros exemplos que poderiam ser extraídos de obras historiográficas magistrais, fica a lição de que o esclarecimento do campo ou da combinação de campos em que se insere um estudo não deve ter efeito paralisante, nem servir como pretexto para justificar omissões. Definir o ambiente intradisciplinar em que florescerá a pesquisa ou no qual se consolidará uma atuação historiográfica deve ser encarado como um esforço de autoconhecimento, de definir os pontos de partida mais significativos – e não como uma profissão de fé no isolamento intradisciplinar. (BARROS, 2004, p. 24)

Faremos uma contextualização sobre nosso entendimento do que postulamos como História Social e História Cultural. Para Fonseca (2003) a História Social foi fundamental para o surgimento da História das Mentalidades e, posteriormente, da História Cultural, além de influenciar o desenvolvimento de outros campos da História. Segundo a autora, a História Social é também um contraponto à História Tradicional de cunho positivista, factual e estruturalista. Barros (2005) indica que a História Social desperta como modalidade historiográfica “autorreferenciada por ocasião do surgimento na França do Grupo dos Annales<sup>41</sup>, e que naquele momento principia a se mostrar claramente construída – ao lado da História Econômica – por oposição à História Política tradicional” (BARROS, 2005, p. 10). Tais concepções convergem em apontar o caráter não tradicional da História Social (em relação aos postulados historiográficos). Dessa maneira, é que começa o processo na História de ouvir vozes dos mortos que estão sepultados sem lápides ou jazigos de famílias tradicionais, vozes estas que fogem ao escopo dos “grandes eventos políticos” e das ditas personalidades (História Tradicional). Em outras palavras, uma oposição ao fazer história centrada em membros das elites, sejam elas econômicas, políticas ou sociais. Dessa forma, podemos ter uma definição dos aspectos gerais da História Social como uma:

---

41 Escola dos Annales foi um movimento na historiografia que fez diversas proposições metodológicas para o modo de se fazer História. Divide-se no tempo a partir das gerações que influenciaram seu escopo conceitual e metodológico, contando com 4 gerações. Entre os autores que fizeram parte do movimento como “líderes” do movimento estão Marc Bloch, Lucien Febvre, Marc Ferro, Jacques Le Goff, Fernand Braudel, Pierre Nora, Emmanuel Le Roy Ladurie e Jacques Revel.

Modalidade historiográfica rica de interdisciplinaridades com todas as Ciências Sociais, e igualmente rica na sua possibilidade de objetos de estudo, a História Social abre-se de fato a variadas possibilidades de definição e delimitação que certamente interferem nos vários trabalhos produzidos pelos historiadores que atuam neste campo intradisciplinar. (BARROS, 2005, p. 3)

Como implícito no nome, a História Social tem em seu cerne de pesquisa os estudos sobre a sociedade em geral – ou ainda focados em determinados grupos sociais. Segundo Barros (2005), podemos classificar esses interesses temáticos em moldes que se encaixam aos mecanismos da organização/estrutura existente: sociedade, diferenças e desigualdades sociais, processos de transformação da sociedade, célula familiar, cotidiano, os excluídos, os discriminados, raças e etnias, gênero, as minorias, círculos de sociabilidade, comunidades, processos sociais da modernidade e da industrialização, etc. O autor traz à tona uma discussão sobre os momentos em que as massas se tornam protagonistas para historiografia, quando a história começa a ser vista de baixo, indicando que:

São os grandes momentos de protesto ou de violência coletiva que tornam visíveis as massas, e os pequenos momentos de crimes individuais que dão visibilidade ao homem comum. Por isto o historiador acaba chegando às massas e aos indivíduos menos favorecidos através da violência. São as fontes que expressam os vários tipos de violência (ou que registram a repressão a esta violência) aquelas que permitirão a este historiador examinar as relações de classe, as suas expectativas, o seu cotidiano. É aliás curioso observar que, quando o criminoso escapa à repressão, ele perde-se para a História. (BARROS, 2005, p. 22)

Em nosso estudo, como será evidenciado mais adiante, as pessoas negras enfrentaram determinadas adversidades para conseguir praticar os seus divertimentos; ou seja, parte da nossa construção narrativa girará em torno dos elementos característicos que estavam presentes na relação entre as pessoas negras e a diversão. Assim, marcamos o caráter social da nossa dissertação e o porquê de considerarmos o trabalho dentro do campo da História Social.

Peter Burke (2005) traz um balanço historiográfico sobre a História Cultural em seu livro “O que é História Cultural”. Ele indica que as bases para o nascimento deste domínio da História se deram aproximadamente no fim do século XVIII, na Alemanha – e de como o campo foi se desenvolvendo e se transformando ao longo do tempo. Para o autor, a História Cultural é capaz de analisar as tradições, os conhecimentos e habilidades passadas de uma geração à outra através do tempo. Ao fazer essa constatação o autor nos indica as armadilhas e os perigos de construir uma história cultural homogeneizante.

Segundo ele, a cultura não pode ser definida de maneira uniforme, pois, ao analisar-se uma determinada sociedade, fica perceptível a quantidade de segmentações culturais que são parte determinantes e características de cada seguimento social. Ou seja, não podemos afirmar que exista uma cultura linear, homogênea e hierárquica, mesmo em uma sociedade dividida em classes sociais. Podemos, porém, afirmar que existem possibilidades de construção narrativa sobre a existência de uma cultura oficial de um estado, região ou país. No entanto, tal questão está para o campo das disputas pela hegemonia cultural mais que tomado como corpo de uma sociedade.

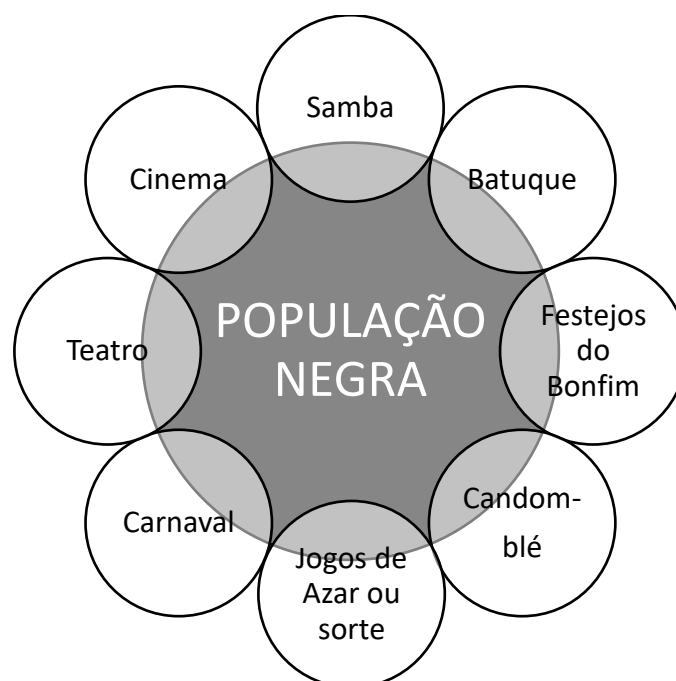
Barros (2005a) assinala que a história cultural a qual conhecemos nos dias de hoje teve seu surgimento aproximado das últimas décadas do século XX. Para o autor, ao discutimos sobre a história cultural é necessário levar em consideração os aspectos polissêmicos que a cultura assume ao longo do tempo e a não uniformização do conceito. Além disso, é preciso que a noção de cultura seja vista de forma que não parta apenas de quem produz e/ou de quem recebe, ou seja, uma relação não estática entre transmissão e recebimento. Fizemos uma transcrição do gráfico apresentado por Barros (2005a), em relação aos possíveis desdobramentos da história cultural. Assim, Práticas (Modo de vida, Comportamentos, sistemas normativos e técnicas), Representações (práticas culturais, imagens, símbolos e representações sociais), Visões de mundo (ideologias, valores, ideias, teorias e modos de sentir), Expressões (expressões coletivas, expressões artísticas, linguagens, modos de comunicação e discursos) seriam os lugares possíveis para análise dentro deste domínio da história.

Apresentados, brevemente, os domínios da História Social e História Cultural, inferimos que nossa dissertação se encontra na intersecção destes, ao passo que tratará ao longo das próximas páginas algumas discussões sobre os divertimentos praticados pela população negra, como o samba, batuque, festejos do Bonfim e jogos proibidos. Soma-se a isso o fato que tivemos acesso a várias formas de divertimento praticado pelas pessoas negras, de uma maneira geral, podemos citar o teatro e o cinema, que por trazerem poucas informações de como estavam inseridas as pessoas negras, ou se existiram participação deste grupo social em suas vivências foram excluídos de serem objetos de nosso estudo. Pois, apesar de termos acesso a muitas fontes sobre estas práticas não foi possível em um primeiro momento, incluí-las em nosso estudo. À proporção que evitamos o reducionismo que todo pobre na virada do século XIX para o XX é negro, em nossas fontes encontramos pessoas negras, poucas, mas que estavam inseridas nos círculos sociais e ocupando posições de influência e destaque no período”. Dessa forma, apresentamos os



atravessamentos aqui citados dos pressupostos da História Social e História Cultural, mesmo que nem todos sejam aqui pesquisados.

Figura 1 – Intersecções entre a História Social e História Cultural na dissertação



Fonte: Elaboração dos autores

Finalizadas as nossas considerações a respeito dos itinerários historiográficos que escolhemos, passemos ao debate sobre as fontes utilizadas e as críticas sobre elas.

A investigação, análise das fontes e, posteriormente, a construção da narrativa requerem aos historiadores um exercício que existe de forma permanente – a busca por evitar o maior dos males historiográficos, os anacronismos<sup>42</sup>. Nas dimensões socioculturais, este cuidado deve ser potencializado, diríamos, inclusive, dobrado. Na medida em que o desenvolvimento de uma pesquisa realizada no campo da História relaciona-se direta e inseparavelmente com as efervescências do tempo/período passado, em que se desdobram os acontecimentos, e, de certo modo, os historiadores olhando de outro ponto no futuro já sabem (mesmo que pouco) seus desdobramentos, ou seja, por menor tempo que um historiador regresse para analisar seu objeto de pesquisa, aquela sociedade já difere da que ele vive - em termos de costumes, valores, códigos sociais, classes, filosofias,

42 Para uma discussão sobre o problema do anacronismo no estudo histórico ler o artigo de Peter Burke. O conceito de anacronismo de Petrarca a Poussin. Revista de Ciências Sociais, n. 39, pp. 195-220, outubro de 2013. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/17652/10107>

ideologias, tecnologias etc. Dito isso, tentaremos nos despir das amarras da “normalidade costumeira” do tempo presente (nosso lugar no tempo atual – durante a escrita).

Entretanto, estamos cientes que ter conhecimento sobre os possíveis desvios anacrônicos, não nos impede de ter praticado e cometido, em algum momento da nossa escrita, um ato que possa vir a ser considerado como um anacronismo, ao passo que a medição entre como e quando temos um anacronismo pode ser (em certa medida) considerados elementos que dispõem de uma composição subjetiva<sup>43</sup>. Podemos ignorar algumas questões ou até mesmo ser preconceituosos<sup>44</sup> em determinado momento, mas se estes fatos vieram a ocorrer (sob o julgamento dos leitores) já nos desculpamos antecipadamente, como pesquisadores e humanos. Trabalhar com o passado social das pessoas negras é ir de encontro a construção ancestral/geracional de conhecimento; e isto requer sensibilidade no trato, o que tentamos e esperamos ter realizado com algum êxito. Como indica Bloch (2002), nenhum historiador está livre dos preceitos de seu tempo ao realizar uma investigação do passado. Assim, a tarefa do historiador passa por compreender, discutir e analisar os documentos/fontes – e, em nenhuma oportunidade deve partir e/ou assumir a posição de “juiz” de um tribunal.

As características mais visíveis da informação histórica [, entendida no sentido restrito e usual do termo,] foram muitas vezes descritas. O historiador, por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda. Nenhum egiptólogo viu Ramsés; nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz. Das eras que nos precederam, só poderíamos [portanto] falar segundo testemunhas. Estamos, a esse respeito, na situação do investigador que se esforça para reconstruir um crime ao qual não assistiu; do físico, que, retido no quarto pela gripe, só conhece os resultados de suas experiências graças aos relatórios de um funcionário de laboratório. Em suma, em contraste com o conhecimento do presente, o do passado seria necessariamente "indireto". Que haja nessas observações uma parte de verdade, ninguém pensará em negá-lo. Elas exigem, no entanto, serem sensivelmente nuançadas. (BLOCH, 2002, p. 69)

Nesse estudo, utilizamos como fontes os periódicos (jornais e revistas), documentos oficiais do estado e os censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Cabe destacar que consegui buscar fontes presencialmente nos arquivos físicos<sup>45</sup>

---

43 No nosso campo de estudos, em relação ao conceito de lazer, encontramos alguns pesquisados que defendem o fato da utilização do termo lazer (para denominar práticas como idas das pessoas as praças, assistir a algum esporte, ir ao teatro etc), antes do século XIX ser uma definição de anacronismo conceitual.

44 Aqui não nos referimos aos preconceitos que podem existir de diferentes escalas, não apenas o preconceito racial.

45 Devido a pandemia causada pela Covid-19, os arquivos citados estavam funcionando de maneira diferenciada em relação aos horários de atendimento e disponibilização de espaço para pesquisa. Exemplo, limitação de quantidade de pessoas para acessar o espaço.

da Biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, e Biblioteca Central do Estado da Bahia, sendo apreciados os jornais abaixo relacionados:

Tabela 1: Organização dos periódicos pesquisados nos arquivos físicos

Periódico	Ano													
	1890	1894	1895	1900	1901	1902	1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910
A Renascença														
Pequeno Jornal														
Diário de Notícias														
Jornal de Notícias														
Gazeta do Povo														
Diário da Bahia														
A Baía														

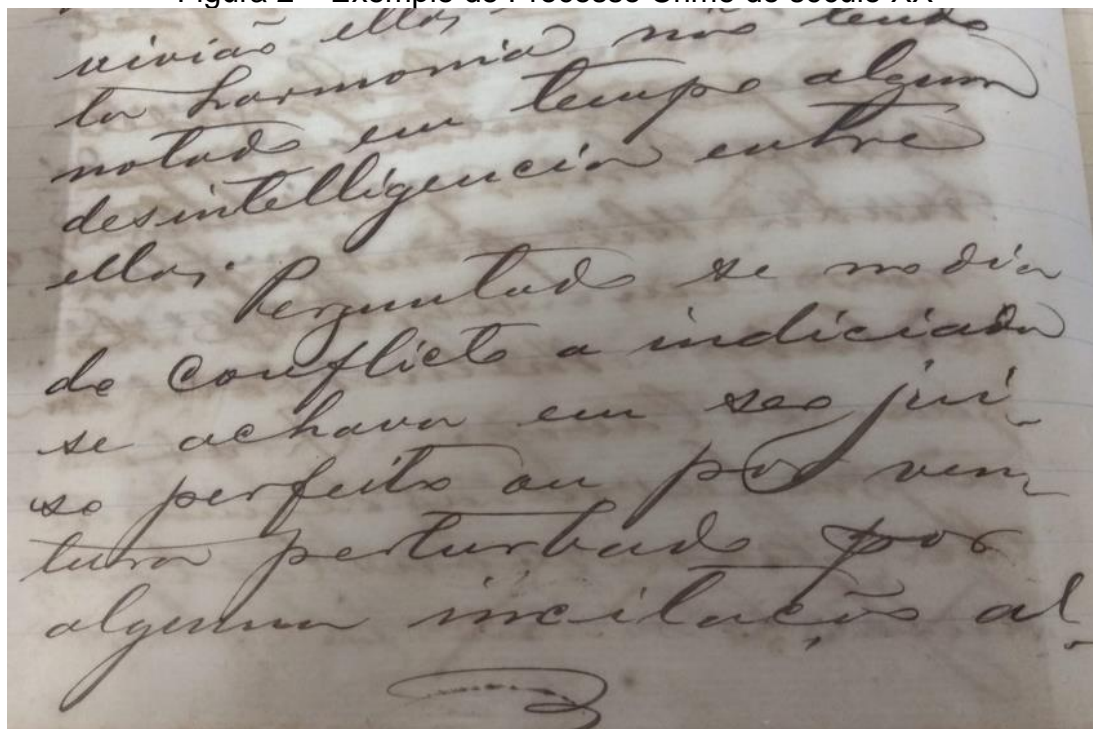
Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração dos autores

É importante que sejam feitos dois destaques, com a finalidade de apresentar algumas escolhas que estão presentes na dissertação. A experiência nesses espaços foi gratificante; foi o primeiro contato que tive presencialmente com este tipo de fonte e com as pesquisas realizadas em arquivos historiográficos. Em princípio, foi assustador; o jornal possui um tamanho diferente dos padrões atualmente, a maneira de passarmos de uma página para outra demanda uma quantidade de tempo e cuidado para não danificar o material e a falta de ventilação nestes espaços (devido as políticas de contenção ao Covid-19 para ambientes fechados, como não ligar ar-condicionado ou ventiladores) foram marcantes. Foi assustador, também, pelos dias em que se passava um turno e não conseguia encontrar uma fonte que servisse aos propósitos no trabalho – logo surge a voz na cabeça com a indagação sobre “este é mesmo um bom objeto de pesquisa?”. Mas os dias não são iguais; tive dias em que, faltando 10 minutos para “ser expulso” (só saía na condição do horário de fechamento) do IGHB, encontrava uma fonte que trazia consigo uma sensação de “que achado!”. Uma constatação desse processo é a forma em que as fontes estão se degradando; por motivos que vão desde a má utilização de determinados pesquisadores, mas também pela deterioração natural do tempo. Assim, julgo importante que a comunidade de historiadores inclua como ponto de pauta a existência de políticas públicas de digitalização dos arquivos. A guarda da memória do passado tem urgência e importância, como apresentado por Sousa, *et al* (2012) e Vieira (2011).

A pesquisa foi atravessada pela pandemia de Covid-19, como já mencionado inicialmente, que acabou impactando nosso trabalho, de uma maneira geral, e influenciou na tomada de decisão de abandonar os processos crimes do período como fontes a serem

pesquisas. Este fato tem duas características levadas em conta para sua decisão, primeiramente, pelo tempo em que estas fontes necessitam para leitura e transcrição, ao passo que a escrita do final do século XIX e início do XX era todo manual (escrita à mão), abaixo compartilho um exemplo.

Figura 2 – Exemplo de Processo Crime do século XX



Fonte: Núcleo Tribunal de Justiça, Série Denúncia, Seção Judiciária e Período 1901. APEB

Segundamente que o Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB<sup>46</sup> estava funcionando (devido a política de contenção e prevenção da Covid-19) por agendamento, o que me deixou com possibilidade de acesso ao espaço apenas 02 vezes na semana e o tempo que tive de afastamento do meu trabalho para pesquisa foi de 03 meses. Para os agendamentos era necessário definir 10 processos para análise, pelo assunto/classificação. Neste sentido, para o período aqui pesquisado, os processos de “vadiagem” disponíveis para pesquisa não existiam para cidade de Salvador, e nosso objeto de pesquisa, pela indução estaria representado nesses processos. Para confirmar esta ponderação, decidi fazer algumas tentativas e analisar outros processos de denúncia, contravenções e furtos, não consegui resultados frutíferos para discussão aqui proposta.

---

46 Para ter acesso aos processos existentes na base da APEB acesse <http://www.fpc.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=372>

Um outro limitador, em relação as fontes utilizadas neste trabalho, veio das fontes que foram listadas, anteriormente<sup>47</sup>, para pesquisa e análise no Arquivo Histórico Municipal de Salvador (AHMS) e no momento da incursão investigativa elas estavam indisponíveis para acesso. Pois o órgão começou um projeto de digitalização dos arquivos (sem data para finalização e disponibilização deles). Dessa forma, fiquei inviabilizado de realizar nossa pesquisa no espaço e tampouco acessar as memórias lá guardadas. Todos esses fatores fogem ao nosso controle e materializam o que são as relações entre realidade versus planejamento. Assim, as condições modificaram a estrutura pensada para o trabalho, mas não alteraram a qualidade do resultado e nem a forma de construção narrativa, entretanto, foi necessário dar conhecimento e marcar os atravessamentos que tivemos ao longo do caminho.

Além das fontes coletadas nos arquivos físicos, utilizamos também alguns periódicos que estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira<sup>48</sup>, da Biblioteca Nacional. Tais como:

Tabela 2: Organização dos periódicos pesquisados nos arquivos digitais (Hemeroteca)

Periódico	Ano																	
	1890	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	1900	1903	1904	1905	1907	1908	1909	1910
Jornal de Notícias	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■								
Pequeno Jornal	■	■	■	■														
Cidade do Salvador								■	■	■	■							
Diário de Notícias				■		■		■			■	■	■					■
Correio do Brasil : Orgão Democrata												■	■	■	■			
Revista do Brasil															■	■	■	■

Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração dos autores

Pesquisei também nas transcrições dos jornais: Jornal de Notícias, Correio de Notícias, A Bahia, A Coisa, Diário de Notícias, A Ordem, Correio do Brasil, Gazeta do Povo e Correio da Tarde, são um dos produtos da pesquisa intitulada “O Negro na Imprensa Baiana no século XX”<sup>49</sup>. Este estudo foi coordenado pelo professor doutor Jocélio Teles dos

47 No período da construção do projeto de pesquisa para ingresso no mestrado e na discussão com meus orientadores.

48 Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

49 Disponível em <http://www.negronaimpresa.ceao.ufba.br/index.php/>

Santos<sup>50</sup> da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que, após análises dos periódicos citados, os pesquisadores envolvidos transcreveram todas as notícias em que tiveram acesso e julgaram como tendo relação com as questões dos atravessamentos raciais por diversos campos da vida humana (sociais, culturais, econômicas etc.). Essa iniciativa é de grande valia para a guarda da história da população negra, pois, dá possibilidade de ampliação do acesso as fontes. Além disso, resguarda a memória negra dos acidentes possíveis em relação a guarda em arquivos físicos, inclusive, pelo estado de deterioração das fontes seja de forma natural, seja pelos equívocos no manuseio, causas naturais etc. Em um mundo cada vez mais global e digitalizado, projetos para guarda digital dos arquivos deveriam ser alvos de construção de políticas públicas.

Pontuamos que a escolha das fontes foi possível, em parte, pela influência causada pela quebra das estruturas rígidas de pesquisa realizada pelo movimento dos historiadores formadores da Escola dos Annales, o movimento em algumas oportunidades também pode ser denominado de Nova História<sup>51</sup>. Como resultado desse fenômeno da historiografia, tivemos a abertura de inéditas discussões na História, nesta perspectiva, observamos que:

“Até 1970, a utilização de periódicos impressos como fonte de pesquisa por parte da historiografia brasileira era vista com desconfiança. Todavia, a partir da referida década ocorreu um crescimento significativo do uso dos jornais impressos em diferentes objetos de estudo.” (LAPUENTE, 2016, p. 12)

Quando historiadores decidem quais fontes serão utilizadas em um trabalho, existe um cânone na historiografia relacionado à crítica das fontes. Em nossa dissertação tentamos, na medida do possível, ficarmos aletas a tal questão. E podemos acrescentar que quando falamos de periódicos devemos nos atentar para fatores como:

“Os periódicos não são transmissores imparciais e neutros, como outrora foram vistos, o que exige de os pesquisadores abordá-los e relacioná-los com cautela, ao contexto histórico de sua produção, e mantendo-os em constante diálogo com outras fontes e referências.” (LEITE, 2015, p. 12)

Acreditamos que a crítica das fontes é uma discussão necessária, entretanto, um tanto quanto difícil, pois esbarra novamente e repetidamente no perigo do anacronismo. De toda forma, ao deixarmos as fontes falarem, tivemos algumas experiências intrigantes, que traremos em seguida.

---

50 A equipe de bolsistas da pesquisa foi formada por Agnaldo Neiva Silva, Andréia Lúcia R. dos Santos, Elcio Araújo dos Santos, Eva Dayane Almeida Góes, Gilmar Ferreira dos Santos, Letícia Reis, Liliam A. Meireles dos Santos, Núbia dos Reis Pinto, Rosana Fernandes, Vilma Maria dos S. Reis, Walter Altino de S. Júnior.

51 Para uma discussão sobre o movimento da Escola dos Annales ver artigo de José Costa D' Assunção Barros intitulado “A ESCOLA DOS ANNALES: considerações sobre a História do Movimento”.

Os periódicos, como na indicação de Leite (2015), possuem bases ideológicas definidas, e tal constatação irá acompanhá-los durante todo seu período de existência. Mesmo que possa mudar de política durante sua existência, sempre terá um marcador de uma defesa política específica, em alguns momentos podemos perceber pequenas insurgências. Estamos discutindo sobre um meio de comunicação destinado a parcela da população alfabetizada, excluindo grande parte das pessoas. Mesmo nesse circuito, do que poderíamos considerar uma elite letrada, os jornais estavam divididos em relação a seus interesses políticos, a qual parcela da elite serviam (partindo do pressuposto de que não existe homogeneidade nas classes dominantes) e afins.

Outro elemento que não podemos deixar de considerar quando tratamos dos periódicos é que, mesmo partindo de um determinado lugar, existe a condição de ser um produto, ou seja, preparado para venda e assim ter que atingir um público-alvo especificamente falando. Isso significa que existiam “brechas” para quebra de paradigma por alguma publicidade ou matérias que fugisse ao padrão linear de uma determinada centralidade editorial. Quero dizer com isso que ao se lançar ao mercado e destinando algum espaço para publicação paga, perde a capacidade de controle (naquele local específico). Em última instância, um periódico precisa de dinheiro para sobreviver, à proporção que é um produto. E como ou por quem um periódico é financiado diz muito a seu respeito, desde sua criação até atualmente. Sobre este assunto o jornal satírico “O Tio do Diabo<sup>52</sup>” publicou uma matéria explicitando as fontes de rendas dos periódicos que serão abordados neste trabalho, sendo:

REVISTA DOS JORNAIS - Diário da Bahia - Sempre farto com a teta sempre cheia, enquanto Braz for tesoureiro... Jornal de Notícias - Já sabem o seu papel de (ilegível) ...transcrições, telegramas, tudo mais corre por conta do velho Gandavo. Pequeno Jornal - Como se sabe, oposicionista macho, não tem reservas, escova bem o pelo dos celebres homens dos novos moldes. Lá se avenham...<sup>53</sup>

Faz-se necessário apontar que outro problema das fontes é o tratamento que os periódicos davam a determinadas notícias. Ao passo que seguem uma linha editorial, foi comum durante a análise que a “verdade” assumisse diferentes perspectivas. Inclusive,

---

52 O periódico possui apenas 01 exemplar na Hemeroteca Nacional e nas instituições com arquivos físicos não encontramos exemplares impressos.

53 REVISTAS DOS JORNAIS. O tio do Diabo, Salvador, p. 2, 26 maio 1891. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=823139&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=3>. Acesso em: 6 jul. 2021.

encontramos acusações entre os periódicos, isto é, de publicarem matérias que não condiziam com a forma que os fatos realmente aconteceram, a citar.

"Será verdade?" É FALSO! - O Diário de Notícias, de ontem, pressionando o culto de homenagem à verdade, que lhe reclamamos, retificou em suas colunas redacionais o boato falso a que dera circulação, pondo também em circulação a resposta que demos destas colunas a sua pergunta cheia de natural curiosidade. Eis a retificação: "Diz o órgão oficial do governo que não, isto é, que não tem fundamentos os boatos, que efetivamente correram ontem, de ter-se o sr. dr. governador mostrado constrangido no atual momento político, que não houve em palácio as conversas a que nos referimos e finalmente que o s. ex. e os seus amigos políticos continuam em inteira, absoluta e inabalável solidariedade com a orientação política impressa à questão das candidaturas pelo preclaro eminente senador Ruy Barbosa. (...) Está desfeito o boato de que se fizera órgão presunçoso o jornal vespertino.<sup>54</sup>

O Diário de Notícias, mesmo retificando a matéria, fez uma ironia ao se referir ao jornal A Baía como "órgão oficial do governo". Podemos inferir que a constatação do Diário de Notícias aponta para a forma do financiamento do periódico ou a influência política que o governo teria sobre ele. Tomando a acusação como uma possibilidade e não verdade, podemos indagar que o periódico terá em suas matérias um posicionamento que reflete as ponderações e indicações, em todos os níveis, do governo vigente. Para finalizar nossos exemplos trazidos ao trabalho sobre as relações de influência entre governo e imprensa, temos a acusação, também irônica, do periódico A Gazeta de Notícias contra o jornal Diário da Bahia, o primeira chama o segundo de "cães vadios do sr. Severino"<sup>55</sup>.

Inclusive em uma das acusações vai para o âmbito pessoal, um repórter do jornal Diário de Notícias teve exposta sua vida particular, apresentado como um vigarista que se valia de diversas malandragens em seu cotidiano.

A Bahia pôs os pontos nos "is" de um CONTO DO VIGARIO em que está envolvido um repórter do Diário de Notícias, talvez o mesmo que ontem, para vingar-se das providências que foi obrigado a tomar o exm. sr. dr. chefe de polícia, proibindo-lhe entrada na repartição que superintende tão dignamente, arranhou, em represália, a história de um furto, na folha do sr. Amaral. Esse repórter, que desempenha também as funções de «diretor da secção teatral» no Diário de Notícias, de advogado da porta do xadrez e revisteiro manque nas horas vagas, escreveu que os 207\$ encontrados em poder dos gatunos, que na ladeira da Montanha «bifaram» um conto e quinhentos mil réis do bolso do sr. Francisco Carrero Fernandes, há dois meses, não foram ainda entregues ao mesmo sr. Fernandes. A polícia não conseguiu verificar ainda se pertence de fato ao referente senhor da quantia arrecadada.<sup>56</sup>

---

54 "Será verdade?" É FALSO! A Baía, Salvador, n. 4025, p. 1, 30 jun. 1909.

55 Parte Ineditorial. Gazeta do Povo, Salvador, n. 658, p. 2, 10 out. 1907.

56 Diário da Bahia, n. 185, p.1, 19 de ago. 1904.



As trocas de acusações, as denúncias e apontamentos diversos escancaram as limitações, peculiaridades e o caráter dos periódicos, pois não são transmissores idôneos de seu tempo – ou, melhor, exemplificam as armadilhas que este tipo de fonte histórica nos proporciona enquanto análise do tempo passado.

Destacamos também o fato de que os estudos sobre os divertimentos das camadas populares revelam algumas dificuldades em encontrar fontes – daí, a definição dos limites de utilização do termo e cuidados com abordagens simplórias e outras (MELO, 2001). Partindo dessas considerações indicadas por Melo, tentaremos lançar nossos olhares de forma atenta às fontes, já que apresentamos anteriormente que um dos nossos objetivos será deixar o cemitério da população negra falar. Isso posto, buscaremos analisar as fontes em uma perspectiva de ir além do que se vê. Determinados vestígios que utilizamos estiveram presentes quando observamos nas fontes o “não dito”.

Apresentadas as questões introdutórias dessa dissertação, prosseguiremos com a contextualização do período histórico em que se desenvolveram os divertimentos aqui abordados. Entendemos que localizar o trabalho em seu tempo é necessário, ao passo que a diversão não é algo abstrato à sociedade – por existir em um tempo, também é parte do processo de ser influenciada e influenciar o mundo.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO (1890-1910)

### 2.1 O BRASIL NO MUNDO

O mundo<sup>57</sup>, na virada do século XIX para o século XX, passava por grandes transformações. Ainda que em cada local do globo tenha uma própria historicidade, podemos apontar que, com o desenvolvimento do capitalismo em sua fase imperialista, houve uma conexão com a maior parte das sociedades. Dessa forma, começava a se aprofundar, desenvolver e dinamizar o processo de globalização. É necessário destacar que o imperialismo se manifesta de diversas maneiras, não somente econômica – podemos, assim, citar sua influência nos costumes, política, sociedade, ideologias, etc. Para Lênin (2011), o fenômeno do imperialismo<sup>58</sup> reflete a fase superior do capitalismo, ou

---

57 Nesse momento, devido a rede de influências econômicas, políticas, sociais e culturais, decidimos fazer uma breve discussão sobre a historicidade do período. Desta maneira, situar a cidade no tempo poderá auxiliar-nos a perceber determinados aspectos que inter cruzam os divertimentos das pessoas negras.

58 O conceito de imperialismo não é homogêneo. Para nossa dissertação, apoiamo-nos nos escritos de Lênin, que, sobretudo, foi parte da construção teórica que levou a humanidade a testemunhar (ao menos no princípio) a consolidação das ideias de Marx e Engels. Destacamos que existem outros estudos, como o de

seja, foi construído devido ao próprio desenvolvimento desse modo de produção, ao passo que

Já não se trata, de modo algum, da antiga livre concorrência entre patrões dispersos que se não conheciam e que produziam para um mercado desconhecido. A concentração chegou a tal ponto que se pode fazer um inventário aproximado de todas as fontes de matérias-primas (por exemplo, jazigos de minérios de ferro) de um país, e ainda, como veremos, de vários países e de todo o mundo. Não só se realiza este inventário, mas também criam-se associações monopolistas gigantescas que se apoderam das referidas fontes. Efetua-se o cálculo aproximado da capacidade do mercado e estes grupos “partilham” entre si, por contrato. Monopoliza-se a mão-de-obra qualificada, contratam-se os melhores engenheiros; as vias e meios de comunicação - as linhas férreas na América e as companhias de navegação na Europa e na América – estão nas mãos dos monopólios. O capitalismo, chegado à sua fase imperialista, conduz à socialização integral da produção nos seus mais variados aspectos; arrasta, por assim dizer, os capitalistas, independentemente de sua vontade e sem que disso tenham consciência, para um novo regime social, de transição entre a absoluta liberdade de concorrência e a socialização completa. (LÊNIN, 2011, p. 130-131)

Foi este processo imperialista que levou os países que eram potências, como a França e Inglaterra, a um patamar diferenciado de desenvolvimento. Um período de novidades em todos os âmbitos, uma nova forma também da modernidade, que se expressa como fruto de operações, a exemplo:

As conquistas da industrialização, a evolução dos meios de transporte e comunicação, a expansão dos mercados, o aumento populacional aciona a máquina da modernidade. O mundo vive um tempo de euforia e a joie de vivre caracterizaria a vida cotidiana antes da crise que culminou com a Primeira Guerra Mundial. (ROSSI, 1999, p. 83)

Essas são as bases que condicionaram a França, especificamente, e alguns outros países da Europa serem considerados modelo no campo cultural. Queremos dizer com isso que determinadas práticas de diversão europeias (como o cinema e o teatro) aportariam no Brasil e fazê-las por aqui tornar-se-ia elementos de distinção de classe. Tal fenômeno, surgido na França, especificamente, em Paris, mas que se espalhou para outros países do mundo, é denominado de Belle Époque – crescimento econômico, efervescência cultural, desenvolvimento de transportes e avanço tecnológico. Consideramos que não são conceitos distintos (imperialismo e Belle Époque), isto é, a existência da Belle Époque francesa só foi possível devido ao fenômeno do imperialismo. Quero dizer, sem a fase

---

John A. Hobson, *Imperialism: A Study* de 1902 (obra que é parte da crítica de Lênin no livro supracitado) sobre o imperialismo.

imperialista do capitalismo, a Belle Époque não teria surgido, ou teria existido com outras características.

Essa nova fase do capitalismo mundial, sob o imperialismo, trazia consequências para o Brasil. O caráter global desse modo de produção influenciava e ainda influencia todas as sociedades do mundo, direta ou indiretamente. Como exemplo de tais pressões exógenas, podemos citar o poder exercido pelas nações com capitalismo avançado, como a Inglaterra, para o fim da escravidão<sup>59</sup>. No campo econômico, podemos citar que:

A amplitude das mudanças não conhecia precedente, pelas perspectivas de aprofundamento dos laços do Brasil com a economia internacional, seja através da intensificação da imigração europeia, ou das consideráveis entradas de capital estrangeiro, ou mais amplamente pelo vendaval de inovações tecnológicas e institucionais que caracterizavam o fim de siècle. (LAGO e FRANCO, 2012, p. 175)

Em 1889, o Brasil fazia a transição saindo da sua forma imperial para o sistema político republicado, o que se convencionou na historiografia nacional como sendo o período da Primeira República. Essa alteração teve relação com o desenvolvimento do capitalismo europeu, ao passo que a monarquia apresentava para o “espírito do tempo” um modo de governo atrasado. Notadamente, esse processo não foi natural e tampouco condicionado a uma “marcha da história” pelo e para o progresso, pelo contrário. Existem contradições, rupturas e continuidades que serão postas a ordem do dia no início e, conseqüentemente, na consolidação do sistema Republicano. A luta de classes aqui é verificada em diversos níveis, inclusive no seio da classe dominante (que nesse período se expressa na disputa entre monarquistas e republicanos). Além disso, soma-se a essas disputas outra: entre militares e civis (mais expressadas nos primeiros meses da república).

É comum verificarmos a denominação para o campo político deste período como “café com leite”, fazendo alusão a alternância de poder entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. Entretanto, surgem sugestões de revisão nesse padrão, como Viscardi (2012), que sugere que as modificações no poder eram fruto da negociação entre os seis estados mais fortes do período (São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro). Dessa forma, havia necessidade de coibir a estratificação do poder em apenas um estado ou personalidade política.

---

59 É necessário marcarmos aqui que essa política de países, como a Inglaterra, pelo fim da escravidão não tinha caráter humanista, era, sim, parte de sua estratégia para aumento de lucros, ao passo que o trabalho escravo era um impeditivo para concorrência no mercado externo, modificando os preços de produtos etc.

As mudanças em quaisquer campos da atividade humana não são processadas da noite para o dia, ninguém dorme escravizado e acorda como ex-escravizado. Então, a construção de uma nova “mentalidade coletiva” estava em curso junto ao novo regime político. José Murilo de Carvalho, em sua obra “A formação das almas – O imaginário da República no Brasil” (2005), discute tais aspectos das mentalidades que foram sendo forjadas ao longo do período. O autor analisa, entre outras questões, a maneira em que se desenvolveu a dependência de parte das elites – e da sociedade como um todo – do Estado (instituição). Tratando especificamente do Brasil, observa-se a ausência de mentalidade coletiva, calhando em uma nação constituída pela soma dos interesses privados, necessidade de heróis nacionais para uma narrativa que abranja toda nação, etc.

Da constituição de 1891, a primeira do período republicano, emergiram diversos temas sociais presentes na ordem do dia. Sobre as liberdades individuais, que foram realinhadas sob a égide da carta maior, Vares (2011) destaque que:

A defesa das liberdades individuais, inculcada em seus artigos, impediu que temas de interesse geral e que a própria cidadania tivessem centralidade na agenda política republicana. As discussões em torno dos problemas sociais e da participação política são praticamente abandonadas em detrimento dos interesses de pequenos grupos políticos. Em outras palavras, o povo viu-se aliado da participação nos processos decisórios, caracterizando o que alguns autores denominam de “liberalismo oligárquico”. (VARES, 2011, p. 124)

A instituição do sistema presidencialista e do voto popular limitado aos homens com idade acima de 21 anos e alfabetizados (o que excluía grande parte da população) proporcionou a origem do fenômeno do coronelismo (com maior força no interior do país)<sup>60</sup>. A liberdade de culto para todas as religiões, a separação do estado da igreja (laicidade do estado), a criação dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário), a criação dos estados em detrimento das províncias e outras características foram inseridas no cenário nacional pela constituição de 1891. Tudo isso colocou, por via legislativa, o país na rota do que existia de moderno quando o assunto era voltado para as leis que regem o estado nacional. Durante o presente trabalho, nos depararemos com as questões instituídas pela lei maior vigente.

---

60 Para melhor discussão sobre o Coronelismo, suas origens, consequências e desenvolvimento ler “Coronelismo, enxada e voto” de José Murilo de Carvalho, disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/360813/mod\\_resource/content/1/LEAL%2C%20Victor%20Nunes.%2020Coronelismo%20Enxada%20e%20Voto.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/360813/mod_resource/content/1/LEAL%2C%20Victor%20Nunes.%2020Coronelismo%20Enxada%20e%20Voto.pdf) e para a questão do voto feminino no Brasil indicamos o artigo “Sufrágio universal, mas... só para homens. O voto feminino no Brasil” de Limongi, Fernando, Oliveira, Juliana de Souza e Schmitt, Stefanie Tomé, disponível em <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/FYkrhym6TpRzRf78q7F7Mmq/?lang=pt#>.

## 2.2 - SALVADOR

Antes de iniciarmos nossa jornada pelos divertimentos da população negra em Salvador no pós-abolição, acreditamos que seja necessário realizar uma pausa para apresentar de modo introdutório uma contextualização sobre a cidade e o tempo. Nesse sentido, salientamos que se trata de uma discussão breve, com o intuito de apresentar o(a) leitor(a) ao local objeto da pesquisa. Por fim, destacamos que o trabalho não tem, em nenhum aspecto, a pretensão de abarcar as pesquisas referente ao tema de forma completa e com as devidas complexidades<sup>61</sup>.

Milton Santos (2008) escreveu uma síntese sobre o desenvolvimento histórico de Salvador: “cidade fundada em 1549, é capital do Estado da Bahia e a mais antiga cidade brasileira. Foi, durante três séculos, a aglomeração urbana mais importante e mais populosa do Brasil; o seu porto era o principal do país” (SANTOS, 2008, p. 35). O autor define Salvador como uma cidade intrinsecamente ligada ao mar, em diversos âmbitos como o socioespacial, e que, desse modo, avança inevitavelmente para o mar, guardando relações dinâmicas advinda dessa característica. Daí, portanto, sua estrutura portuária se consolida como sua propriedade principal. A posição geográfica propiciou à cidade se tornar um grande entreposto comercial e, dessa maneira, foi destaque em diferentes ciclos econômicos do país, do estado e do mundo. Assim, Salvador se manteve como ponto de recebimento de mercadorias para exportação e importação; ou seja, esteve sempre exercendo a função portuária – um grande porto do mundo.

Ademais, o autor discorre sobre outra marcante característica, ao passo que Salvador se forma como uma “cidade de dois andares, como é frequente dizer-se, pois, centro se divide em uma Cidade Alta e uma Cidade Baixa” (SANTOS, 2008, p. 36). O viajante Mauricio Lamberg (1896), na última década do século XIX, sobre a divisão do centro de Salvador relata que “compondo-se a cidade baixa quase exclusivamente de lojas, armazéns e depósitos, moram todos, com poucas exceções, na cidade alta; de sorte que, a partir das 5 da tarde, aquela fica como que morta, enquanto que esta se anima.” (LAMBERG, 1896, p. 202).

---

61 Inclusive por ser a primeira Capital do país e conseqüentemente uma das cidades mais antigas, não temos condições (tempo) para um aprofundamento de sua história. Para o(a) leitor(a) que deseje trabalhos sobre o tema indicamos a consulta no Repositório de Dissertações e Teses da UFBA, disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/>

Figura 3: Vista panorâmica da Cidade Baixa x Cidade Alta (por volta de 1888)



Fonte: Guia Geográfico – Cidade do Salvador

Além do centro de Salvador (cidade baixa e alta), somemos a este espaço as freguesias, distritos e paróquias (locais periféricos<sup>62</sup>). O que conhecemos como Salvador atualmente não estava delimitado geográfica e administrativamente no período em tela, inclusive, seu nome sofreu variações ao longo dos anos, como nos informa Mattoso (1992):

Desde então, a Capitania — que se tornou Província com a primeira Constituição brasileira (1824) e depois Estado com a República (1889) — sempre se chamou Bahia. Mas, até o fim do século passado, sua capital teve, simultaneamente, sete denominações, resultantes de combinações das oito palavras contidas em seu nome de batismo: São Salvador, Salvador, Salvador da Bahia, Bahia, Bahia de Todos os Santos e, enfim, São Salvador da Bahia de Todos os Santos. Hoje, as administrações "simplificadoras decidiram que a cidade se chama Salvador. Mas seus habitantes nunca deixaram de chamá-la Bahia. (MATTOSO, 1992, p. 41)

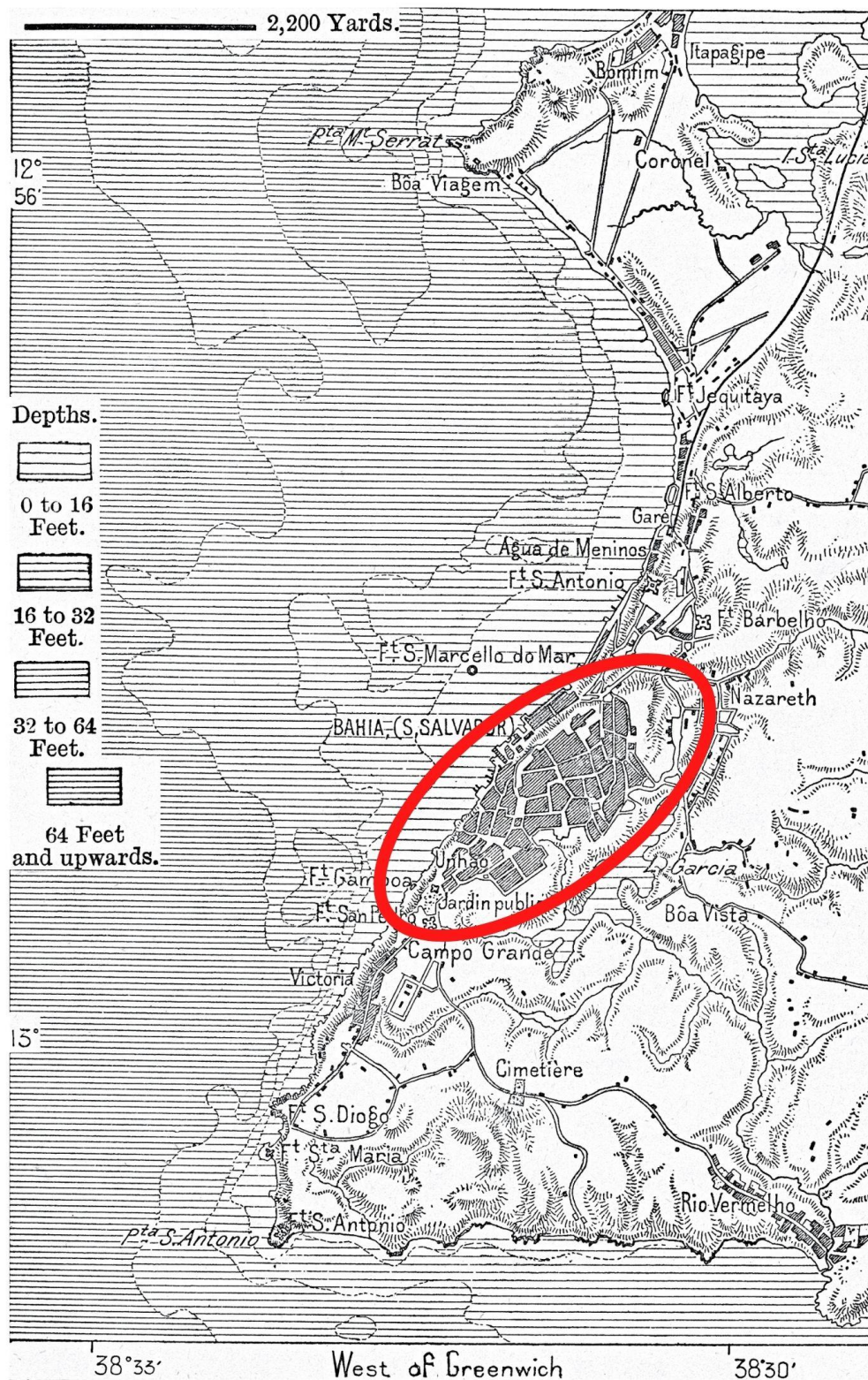
Na direção de estabelecermos visualmente a Salvador da virada do século, apresentaremos um mapa assinado pelo geógrafo francês Jean-Jacques Élisée Reclus (1900), referente ao ano de 1894 e publicado em português no ano de 1900. Estão ali representados: a cidade de Salvador e os seguintes distritos: Bonfim, Nazaré, Penha do Itapagipe, Santo Antônio e Vitória. Além disso, há menção a localidades e fortes: Água de Meninos, Boa Viagem, Boa Vista, Cimeriere, Coronel, Garcia, Jardim Público, Rio Vermelho, Santa Lúcia, Unhão, Mont Serrat, Forte Jequitaya, Forte São Alberto, Garet, Forte Santo Antônio, Forte Barbalho, Forte Marcello do Mar, Forte Gamboa, Forte São Pedro, Campo Grande, Forte São Diogo e Forte Santa Maria.

---

<sup>62</sup> Aqui, nos referimos a periférico como distante do centro. No sentido como definido no dicionário online de língua portuguesa: "Que está na periferia, no contorno ou na parte exterior de algum centro: nervo periférico."



Mapa 1 – Mapa de Salvador 1984



Fonte: Guia Geográfico de Salvador<sup>63</sup>

63 Disponível no site <http://www.cidade-salvador.com/>

Circulamos no mapa a área aproximada do que equivale aos espaços do centro de Salvador (cidade baixa e cidade alta). O mapa também gera luz, ao dar conhecimento da localização de alguns distritos e localidades que formavam o território político-geográfico do município de uma maneira geral. Continuando com a construção de uma visualização acerca dos espaços geográficos da cidade, compartilhamos uma planta<sup>64</sup> (com mais detalhes) do centro (cidade baixa e alta), agora produzida por Adolfo Morales de los Rios em 1894. Parte destes locais serão apresentados durante o trabalho.

---

64 Para ter acesso direto ao desenho entre em <http://www.cidade-salvador.com/seculo19/morales-los-rios/mapa-cidade.htm>



Mapa 2 – Planta da Cidade de São Salvador – Capital do Estado Federado da Bahia (1894)



Fonte: Guia Geográfico de Salvador

Prosseguindo com nossa investigação sobre a formação política-geográfica da cidade, destacamos que, segundo dados do IBGE<sup>65</sup>, em 1911, o município era formado por 20 distritos, acréscimo de 2 distritos (Salvador e Nazaré<sup>66</sup>), em comparação ao recenseamento de 1890, sendo:

Tabela 3: Lista comparativa de distritos de Salvador (1890 x 1911)

<b>Recenseamento de 1890</b>	<b>Dados de 1911</b>
Nossa Senhora da Conceição da Praia	Brotas
Nossa Senhora da Conceição de Itapoan	Conceição da Praia
Nossa Senhora da Encarnação do Passé	Cotegipe
Nossa Senhora da Penha do Itapagipe	Itapoã
Nossa Senhora da Piedade de Mattoim	Maré
Nossa Senhora da Vitória	Mares
Nossa Senhora de Brotas	Matoim
Nossa Senhora do O` do Paripe	Nazaré
Nossa Senhora dos Mares	Paripe
Santana da Ilha de Maré	Passé
Santíssimo Sacramento da Rua do Paço	Penha de Itapagipe
Santíssimo Sacramento de Sant`Anna	Pilar
Santíssimo Sacramento do Pilar	Pirajá
Santo Antônio d`Além do Carmo	Rua do Paço
São Bartholomeu do Pirajá	Salvador
São Miguel do Cotegipe	Santana
São Pedro Velho	Santo Antônio Além do Carmo
São Salvador da Sé	São Pedro
	Sé
	Vitória

Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados do IBGE

Outra questão urgente de ter um “parêntese” para marcação da escolha conceitual é sobre a relação de Salvador com o Recôncavo, além de distritos, paróquias e zonas rurais. Mattoso (1992) nos indica que Salvador, além da relação intrínseca com o mar, tinha no espaço de divisão com o Recôncavo, isto é, uma certa dificuldade de separação entre início e fim (onde começa um e termina o outro). Além disso, aponta que: “Todas as fontes

65 Para chegar a este dado o IBGE levou em consideração todos os decretos (disponíveis) de criação e anexação de distritos à Salvador. Além disto, estão inclusos aqui os dados do recenseamento realizado no ano de 1890. Dados disponíveis em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/historico> e <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=216866>

66 A Lei Municipal n.º 310, de 22/10/1897 foi criado o distrito de Nazaré e anexado ao município de Salvador.

indicam que os limites desse termo [Recôncavo], definido no século XVI, não foram modificados até o século XIX, tendo incluído ao longo de todo esse tempo sete paróquias rurais, habitadas basicamente por agricultores dispersos” (MATTOSO, 1992, p. 100). Diante dessa exposição, indicamos outra situação surgida durante as nossas pesquisas: Podemos definir nosso espaço de análise estritamente pela designação administrativa-política-geográfica? Vamos deixar de fora os espaços que eram considerados distritos no período? Como definir estritamente os espaços de fim das fronteiras entre Salvador e Recôncavo? Definimos que não podemos ter a divisão estritamente política como centro de análise, ao passo que nos apoiamos no conceito de espaço elaborado por Milton Santos (2004). Assim, não ficaremos ancorados nas concepções rígidas da divisão geográfica pelo fator político-administrativo, como indica o próprio autor, o conceito de espaço pode ser definido de forma que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. (SANTOS, 2004, p. 156)

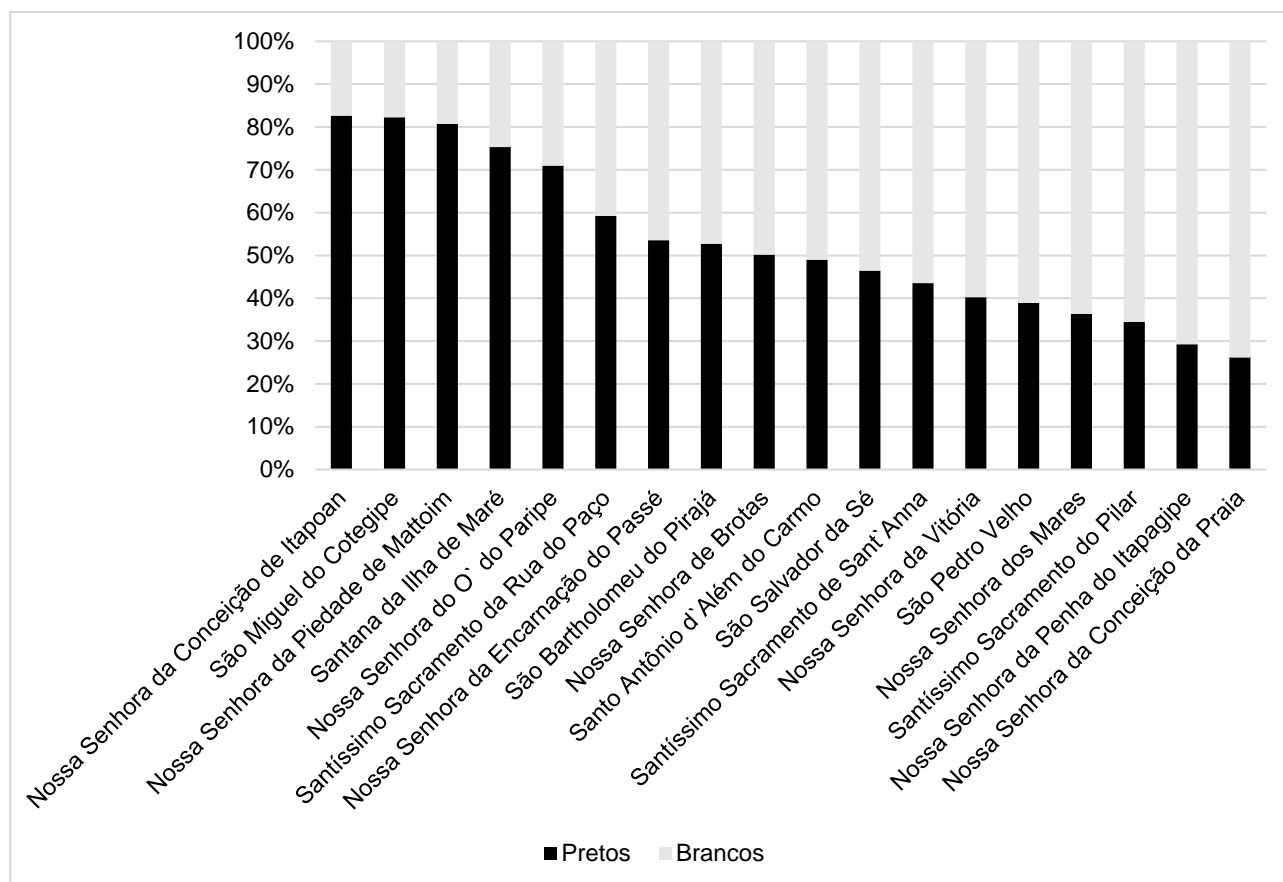
Ajustada as condições geográficas do trabalho, encontramos a disposição social da cidade. Salvador na virada do século XIX para o XX trazia a disposição dos bairros a partir da evolução histórica de seus conflitos sociais, de modo que o recenseamento de 1890 nos traz determinadas pistas sobre as concentrações de pessoas por distritos<sup>67</sup>, inclusive, dá mostras de como as pessoas negras continuavam aglomeradas em espaços específicos.

---

67 Por distrito entende-se quase um paralelo ao que conhecemos hoje como bairros, com diferenças claras em relação ao poder administrativo do primeiro.



Gráfico 1 – Proporção da população negra x população branca nos distritos/bairros de Salvador (1890)



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores a partir dos dados do censo de 1890

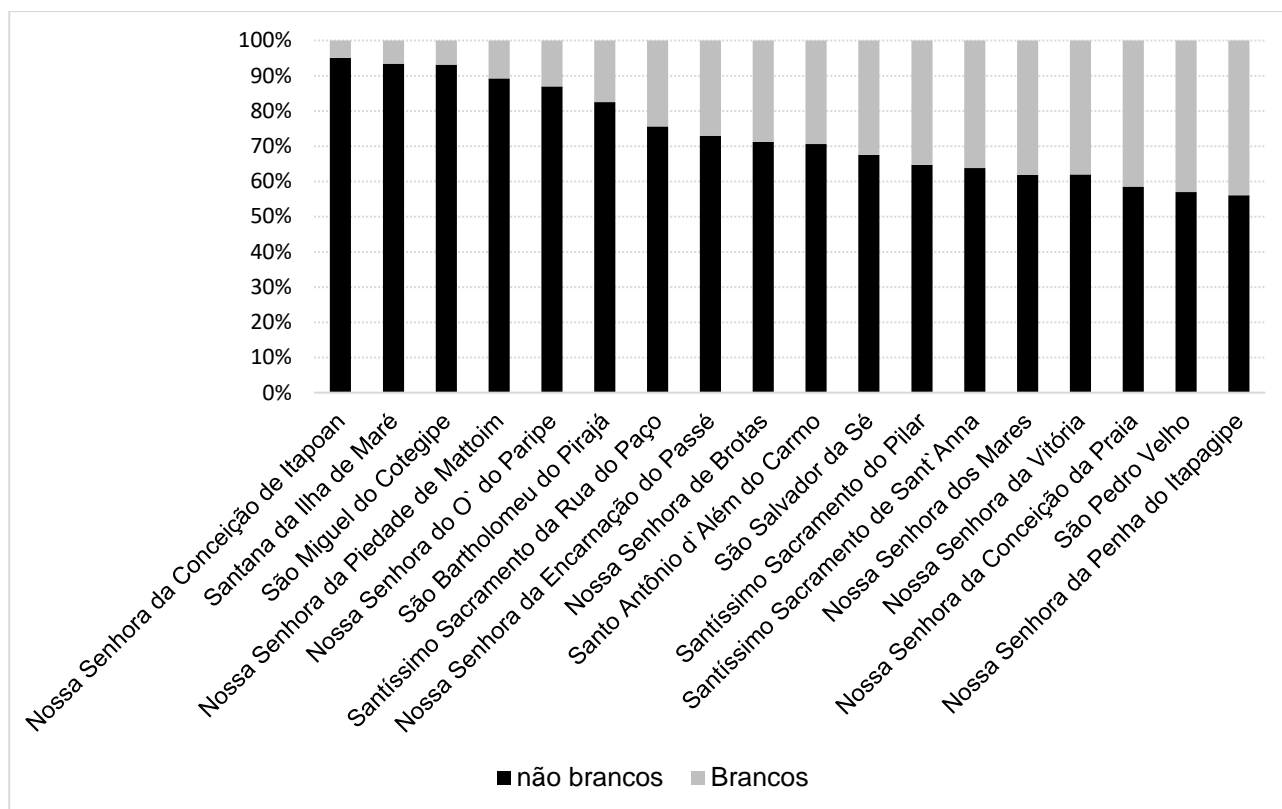
A questão de raça/cor nos censos do IBGE foi objeto de estudo de Anjos (2013), que apresenta a problemática sobre a forma de coleta dos dados nos censos ao longo da história. Para os dados aqui apresentados, o segundo censo nacional (1890), a autora forma uma argumentação sobre a funcionalidade das categorias de raça/cor, e sobre como as elites estiveram empenhadas em formar o pensamento sobre a mistura das raças no país. Dessa forma, a reflexão leva a inferir que o pano de fundo era a tentativa de embranquecer a população nos censos, política que, aliás, funcionou ao longo do tempo – como demonstrado por Anjos no estudo. Inclusive, sentia-se uma diferença já aparente nos resultados em comparação com a coleta do recenseamento anterior (1872). Então, os apontamentos sobre raça eram também perceptíveis nas construções de categorias do “não-branco” em detrimento do negro, que variou entre pardo, mestiço e caboclo<sup>68</sup>.

<sup>68</sup> É necessário pontuarmos que fazer essa discussão não é de forma alguma questionar o trabalho do IBGE, muito pelo contrário, acreditamos que é uma das instituições fundamentais ao estado.

Discutiremos essa questão da raça nos capítulos posteriores e, somado a isso, as opções que fizemos na problemática conceitual pertencente ao tema. Construindo a proporção de pessoas negras pelos distritos/bairros da cidade, temos a proporção inversa também, ou seja, a concentração da população branca, basta ler o gráfico acima pelo sentido contrário (direita para esquerda).

Utilizando a categoria de classificação por “não-brancos”, aglutinando aqui as populações que se declararam “negros, mestiços e caboclos” (categorias de raça/cor elegíveis no recenseamento de 1890), isto é, aqueles que são diferentes do branco, temos o seguinte quadro.

Gráfico 2 Proporção da população “não branca” x população branca nos distritos/bairros de Salvador (1890)

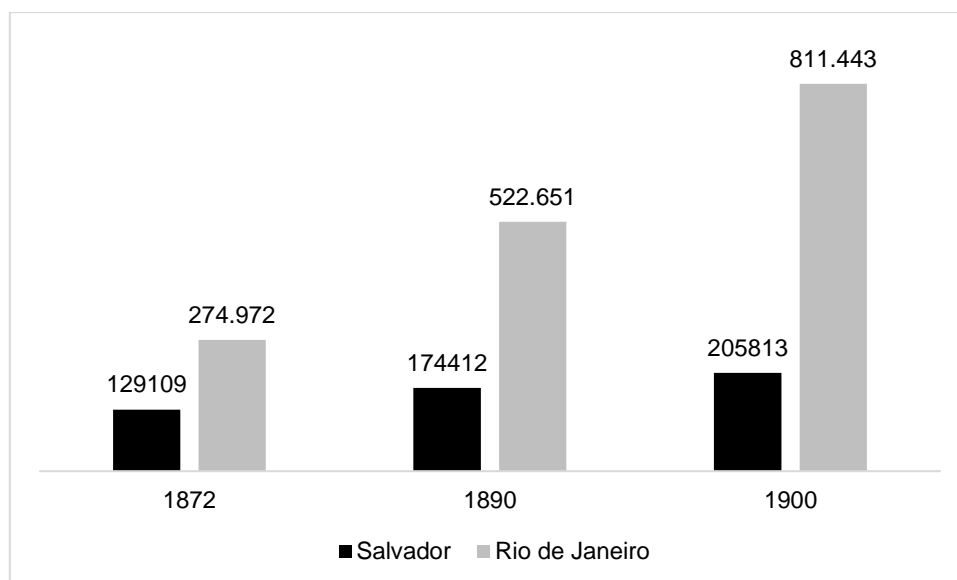


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores a partir dos dados do censo de 1890

Por fim, uma última consideração sobre os dados que retiramos dos censos é o crescimento populacional de Salvador entre os anos de 1872, 1890 e 1900, obtendo o seguinte quadro, que para fins comparativos, colocamos a população do Rio de Janeiro

(capital federal naquele momento). Cabe destacar que, em 1900, Salvador era a terceira maior capital do país, ficando atrás de Rio de Janeiro e São Paulo<sup>69</sup>.

Gráfico 3 – População de Salvador x Rio de Janeiro entre os anos de 1872, 1890 e 1900



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores a partir dos dados do IBGE dos anos de 1872, 1890 e 1900

Fizemos uma tabela com o cruzamento dos dados de Mattoso (1994) e Santos (1982) com a finalidade de apresentar a classificação de cada bairro – onde estavam localizados os viventes da virada do século em Salvador. Perceberemos que algumas localidades não foram classificadas por esses estudos, concidentemente são os bairros de maioria negra. Assim, obtivemos o resultado abaixo:

Localidade/Distrito	Mattoso	Santos <sup>70</sup>
Nossa Senhora dos Mares	Sem classificação	Periferia
Nossa Senhora da Penha do Itapagipe	Sem classificação	Periferia
Nossa Senhora da Conceição de Itapoan	Sem classificação	Sem classificação
Santana da Ilha de Maré	Sem classificação	Sem classificação
São Miguel do Cotegipe	Suburbano	Sem classificação
Nossa Senhora da Piedade de Mattoim	Suburbano	Sem classificação
Nossa Senhora do O` do Paripe	Suburbano	Sem classificação
São Bartholomeu do Pirajá	Suburbano	Sem classificação
Nossa Senhora da Encarnação do Passé	Suburbano	Sem classificação

69 Para consultar todo o histórico da evolução populacional no Brasil acesse <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>

70 Cabe destacar que, no estudo de Milton Santos, as análises estavam voltadas aos espaços considerados centrais e, conseqüentemente, sua periferia, logo os outros locais não foram classificados.

Santíssimo Sacramento da Rua do Paço	Urbano	Centro
São Salvador da Sé	Urbano	Centro
Santíssimo Sacramento do Pilar	Urbano	Centro
Santíssimo Sacramento de Sant' Anna	Urbano	Centro
Nossa Senhora da Conceição da Praia	Urbano	Centro
São Pedro Velho	Urbano	Centro
Nossa Senhora de Brotas	Urbano	Periferia
Santo Antônio d' Além do Carmo	Urbano	Periferia
Nossa Senhora da Vitória	Urbano	Periferia

Santos (2008), a partir da apresentação do balanço histórico da função econômica exercida por Salvador, demonstra como a dinâmica econômica do Brasil, a citar, o ciclo do ouro em Minas Gerais, o aumento da produção de produtos como café e cacau no recôncavo da Bahia e o tráfico de escravizados<sup>71</sup>, foram fatores de impacto na economia da cidade, ao passo que sua função portuária era exigida em maior ou menor escala. Sugere o autor que essa é a principal característica no campo econômico da cidade – ser um porto. Tal aspecto levará Salvador a concentrar os “recursos financeiros, econômicos, sociais e políticos. Esse conjunto de circunstâncias favoráveis ao fortalecimento do papel metropolitano da Cidade do Salvador reflete-se sobre a população” (SANTOS, 2008, p. 45).

Apresentaremos nosso levantamento sobre as condições econômicas<sup>72</sup> de Salvador do pós-abolição com a finalidade de finalizarmos o escopo das circunstâncias em que os divertimentos da população negra foram realizados. Conforme já mencionado nas linhas anteriores, a principal característica de Salvador, quando discutimos sobre economia, remete a sua geografia física, sua baía proporcionou a construção e florescimento de um dos portos mais importantes da América do Sul; sobre sua natureza geográfica, o viajante Mauricio Lamberg, em seu diário sobre as experiências da viagem que fizera ao Brasil, fez uma constatação. Podemos afirmar que é, em certa medida, um pouco exagerada em relação ao tamanho da Baía de Todos os Santos, entretanto, o relato é interessante na medição do impacto que pessoas das mais diversas localidades tinham ao ver o local:

---

71 Uma das páginas mais nefastas da humanidade. Segundo dados do Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico entre os anos de 1551 à 1875 desembarcaram na Bahia 1.550.356 (um milhão, quinhentos e cinquenta mil e trezentos e cinquenta e seis) escravizados na Bahia. Valor que representa em torno de 32% da quantidade total de escravizados desembarcados no Brasil, ou seja, de cada 10 escravizados que aqui foram aprisionados 03 iriam para Bahia.

72 Inscreve-se nesse item o mesmo “mantra” utilizado durante o texto. Os leitores já devem ter percebido que não somos especialistas em nenhum tema, que dirá a economia, todavia, foi necessário discutir e apresentar nossa síntese sobre o assunto, ao passo que o desenvolvimento dos divertimentos não ocorre em uma bolha distante da sociedade.

A Bahia é, presentemente, uma das primeiras cidades comerciais da América do Sul, e como praça sólida não é inferior a nenhuma outra, e é por isso que gosa na Europa de muito crédito. Centenas de navios de vela, grandes e pequenos, paquetes de todas as nações, vapores brasileiros de todos os tamanhos, balançam-se nas águas do porto, que poderia abrigar no seu seio todos os navios do mundo. (LAMBERG, 1896, p. 197)

Outros autores corroboram a constatação de elencar Salvador como uma cidade portuária, a citar SANTOS (2008), MATTOSO (1992), SANTOS (2013) e SANTOS (1990). E essa característica – de ser porto – se modifica juntamente as dinâmicas da economia nacional e internacional. Cada ciclo de produção gera necessidade de escoamento, além do recebimento de mercadorias, ao passo que a integração pode ser percebida:

Com relação ao comércio internacional, aponta que, entre 1815 e 1850, o produto que movimentava de fato os portos baianos, sobretudo o de Salvador, foi o escravo e não a cana-de-açúcar, como se costuma afirmar. A partir de 1890, passaram a ser, por ordem de importância, o cacau, o fumo e seus derivados, o café, o algodão e o açúcar. (SANTOS, 2013)

Retomando uma ideia discutida nos parágrafos iniciais do texto, em nosso entendimento, a globalização da economia não é algo advindo da modernidade, mas uma prática existente em diferentes períodos da história, cada qual com suas especificidades. No período do texto em tela, sentíamos no Brasil os efeitos do imperialismo. Todavia, cabe apontar que essa integração das economias dos diferentes países do mundo trouxe dificuldades para Salvador. Nesse ponto, marcamos que somos entusiastas da teoria do desenvolvimento desigual<sup>73</sup> e, além do que descreveu Leon Trotsky:

A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processo histórico, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de lei do desenvolvimento combinado, que significa aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as mais modernas. (TROTSKY, 2017, p. 34)

Integrado ao capitalismo mundial, mesmo em uma etapa diferente de seu desenvolvimento, a economia nacional estava voltada ao caráter agrícola – era uma grande fazenda para os países de capitalismo avançado. Podemos destacar que a indústria brasileira terá maior fôlego de crescimento após as primeiras décadas do século XX. Em

---

73 Para autores como Michael Lowy e Ernest Mandel está é a principal contribuição do revolucionário russo ao marxismo, um aprofundamento sobre os efeitos do imperialismo na economia global.



nossa concepção, somente a partir desse momento, seria possível falarmos em capitalismo no Brasil – inclusive, de classe operária, corroborando aqui com as indicações de Tavares (1982). Dessa forma, “é, todavia, um caminho de enganos inventariar “ fábricas” de cigarros, charutos, chapéus, fósforo, sabão, velas etc., como manifestações e industrialização [na metade do século XIX], quando eram realmente oficinas artesanais” (TAVARES, 1982, p. 37). Além disso, indica o autor que, nesse período, podemos considerar a economia nacional como dependente das dinâmicas do imperialismo. Cumprindo o seu papel na divisão internacional do trabalho, já sentíamos os efeitos das crises do capital, como foi o caso da “grande depressão de 1873”. No entanto, esse posicionamento não é citado com frequência na historiografia convencional, como indica Sampaio.

Este artigo parte da hipótese de que o cenário recessivo internacional provocou mais efeitos sobre a economia da Província da Bahia do que a historiografia tradicional analisou. Sem se descurar do entendimento de que a economia local tem sua dinâmica própria e que, provavelmente, os resultados inferiores produzidos pela estrutura produtiva interna no decurso do período em análise, desde seu início com a crise de 1873 até o ano de 1894, foram em sua maioria, causados por fatores endógenos, este estudo afirma que o panorama mundial de recessão que atingiu os principais países do sistema internacional provocou impactos mais substantivos do que a narrativa mais tradicional pressupõe. (SAMPAIO, 2018, p. 68)

Foi necessário relatarmos a crise do capitalismo, pois o período aqui abordado (inicial) será atravessado por tal elemento. Segundo Sampaio (2018) e Mattoso (2013), teremos o início de uma recuperação econômica no final do século XIX, por volta de 1897. Ou seja, quase a metade do tempo aqui abordado. Cabe ressaltar que, para os autores aqui citados, o retorno da economia aos trilhos do desenvolvimento também se deu a partir da lógica global dos mercados, sendo que podemos citar como exemplo o aumento dos valores do mercado internacional para os produtos agrícolas. Dessa forma, tal recuperação foi capaz de auxiliar nas transformações advindas do impulso modernizador no início do século XX. Dadas as condições socioeconômicas, passaremos a apresentar nossas análises e pesquisas sobre o divertimento da população negra em Salvador do pós-abolição.

### 3 OS “SELVAGENS DIVERTIMENTOS” DA POPULAÇÃO NEGRA EM SALVADOR (1890 – 1910)

Chegamos ao momento de discutir o cerne da dissertação, isto é, os “selvagens divertimentos” da população negra em Salvador (1890 – 1910). Trata-se de uma provocação a expressão contida no título deste capítulo e do trabalho, cujo objetivo é de estimular, de provocar a ação imaginativa através do choque. Dessa forma, podemos, por exemplo, refletir sobre temas pouco comuns: quantas vezes, nas leituras de trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações teses, livros e afins) sobre os estudos do lazer, tivemos contato com uma cultura, prática cultural ou fenômeno cultural de determinada sociedade ou grupo social que é comparada/adjetivada ao/com signo/adjetivo de selvagem. Isto é, associar uma cultura a noção de selvagem é compará-la ao mundo animalesco e, conseqüentemente, irracional. Essa expressão nada mais é que a tentativa de transformar os divertimentos das pessoas negras em divertimentos animalescos, desprovidos da lógica e da razão. Pois bem, a presença do termo “selvagem” para se referir aos costumes praticados em maior parte por pessoas negras, a citar como exemplo o samba, o batuque e o candomblé, foi comum. Uma amostra do que está por vir nas próximas linhas é que no início do século XX, no jornal A Baía, tivemos a publicação da seguinte matéria:

**POLICIAMENTOS DISTRITAIS – PENHA** - O destacamento policial neste distrito deu cerco, no sábado último, às 11 ½ horas da noite, a uma casa seta ao alto do Bomfim onde se sambava desesperadamente, efetuando a prisão de diversos indivíduos. É louvável esse procedimento da polícia velando pelo sossego da população e terminando com **tão selvagens divertimentos**.<sup>74</sup> (grifos nossos)

Nesse momento, não aprofundaremos nos sentidos contidos (ditos ou não ditos) no recorde do periódico<sup>75</sup>, utilizamos o neste espaço para embasar nossa argumentação sobre a comparação das diversões oriundas da cultura negra ao selvagem, animalesco e irracional. Acreditamos que nesse trabalho as fontes falaram, sussurraram e alguns momentos gritaram – e se tanto falaram, por que não falar também no título da dissertação?

Faremos alguns apontamentos ainda nesse espaço com a finalidade de explicar determinadas escolhas de metodologia e de argumentações que foram pontos de referência em nossa escrita. As páginas que serão destinadas aos divertimentos praticados

---

74 POLICIAMENTOS DISTRITAIS. A Baía. Salvador, p. 1, 24 dez. 1906.

75 Poderemos utilizá-lo novamente.

pelas pessoas negras<sup>76</sup>, como o samba, o batuque, o candomblé e outras, que, abordadas, foram em um considerável número de vezes adjetivadas por selvagens, infernais, desesperadas, incomodativas e uma longa lista de outros racismos epistêmicos. Da mesma forma, eram contraditoriamente consideradas (por estas mesmas fontes) como práticas de diversão. Ao elaborarmos essa marcação, temos a intenção de demonstrar que mesmo localizadas sob a égide do racismo estrutural<sup>77</sup>, podemos inferir ao analisar nossas fontes que estas práticas culturais<sup>78</sup> eram, em maior parte das incidências, encaradas como divertimentos, o que faz com que encaremos, inclusive, em nossa análise, tais fontes como contraditórias, à medida em que a estrutura de pensamento apresentado pelos periódicos irá aparecer em escalas ideológicas opostas<sup>79</sup>.

Retomamos aqui a escolha terminológica e/ou conceitual de utilizar a palavra divertimento para caracterizar o fenômeno que precede o que conhecemos hoje por lazer, de modo que o primeiro era utilizado frequentemente para referir-se aos costumes aqui elencados e em nenhum momento tivemos a palavra lazer citada ou usada com o sentido de diversão ou ócio. Ainda que possamos ter deixado de notar em uma ou outra fonte, ficamos ao lado maioria ou quase a totalidade das fontes observadas em nossa pesquisa.

Outra escolha que fizemos nesse trabalho está relacionada a forma de construção, discussão e apresentação do referencial teórico. Ao nos depararmos com esse debate, chegamos ao ponto em que materializamos a existência de duas possibilidades de caminhos<sup>80</sup> mais comuns. Assim, o primeiro está ligado a ideia de separarmos um capítulo da dissertação para esta finalidade, já o segundo se condiciona em acrescentar os conceitos, debates e referências ao longo da dissertação. Dessa forma, optamos pela última possibilidade de trabalho.

---

76 Ponderamos que ao longo do trabalho quando citarmos “divertimentos praticados por pessoas negras” não estamos fechando a prática para eventuais excepcionalidades, ou seja, não podemos afirmar que em um samba não estivessem presentes pessoas não negras. Contudo, podemos inferir pelas fontes que a maioria era composta por pessoas negras por elementos como a quantidade de prisões e alguns momentos, a posição geográfica (o bairro) do acontecimento e a forma em que a imprensa tratou da matéria.

77 Conceito desenvolvido por diversos autores e aprofundado em obra de título homônimo de Silvio Almeida para a coleção “Feminismos Plurais” no ano de 2018. Discutiremos o conceito mais à frente.

78 O leitor já observou que nessa dissertação fizemos uso dos termos “cultura” e “costumes” para se referirem aos mesmos fenômenos, em alguns trabalhos poderiam ser visto como antagônicos, em análise conceitual, mas não operacionalizamos os termos neste sentido. Acreditamos que refletem o mesmo conjunto de significado, por isto, a alternância na utilização em diversos momentos do trabalho.

79 Contraditório, pois ao conferir o sentido de diversão para as práticas citadas estão confirmando a humanidade para população negra, opondo-se a ideia de selvagem que as próprias fontes darão em determinados momentos ao se referirem a tais fenômenos culturais.

80 Levamos em consideração elementos como tempo para conclusão do mestrado, período em que vivemos (processo de adaptação à nova realidade – COVID-19), quantidade de leitura pregressa, disponibilidade de tempo para construção do trabalho em todos seus aspectos e preferências pessoais.

Ao abordamos a população negra como centro investigativo, teremos os assuntos inerentes à negritude, levantados ao longo dos parágrafos que virão em seguida. Entretanto, cabe destaque que, com a finalidade de tentarmos não deixar o texto cansativo, repetitivo e/ou prolixo, faremos nesse percurso o exercício da busca por não reiterar e/ou utilizar/repetir explicações conceituais. Ou seja, ao incluirmos um termo/conceito em um subtítulo, buscaremos não duplicar as explicações para os próximos usos e/ou utilização. Assim sendo, iremos discutir a política do encarceramento em massa no subtítulo do samba e não fazer a mesma referência com igual profundidade no subtítulo do candomblé, o que não significa que no último esta política deixou de existir, pelo contrário. Então, quando o leitor se deparar com uma argumentação conceitual poderá refletir sobre ela em outras abordagens, mesmo que não esteja explicitamente citado.

Para fecharmos esta etapa explicativa, destacamos que a respeito das decisões que afetam o resultado da escrita, informamos que, na conceituação aqui presente, fizemos um exercício a partir de um incômodo. Durante as leituras para o trabalho e principalmente no momento de analisar as fontes, compreendemos que estávamos encaixando as práticas analisadas em conceitos que foram criados na Europa – em parte para especificidades daquelas regiões do globo. Mas carregam culpa os pensadores e teóricos de terem ali nascido, crescido, vivido e escrito? Acreditamos que não, inclusive, cercear o debate apenas a este ponto é no mínimo reducionista. Em escala parecida, abandonar estes intelectuais pode significar também um assassinato de pensamentos. Mas como aliar as nossas fontes a conceitos que dizem respeito a sua realidade? Como dar possibilidade de voz a intelectuais, a pensadores que discutem a cultura negra? Como dar espaço para diversidade acadêmica a ponto de pesquisadores negros apareçam no trabalho?

Diante de tais indagações e, após reflexão sobre o tema (que não se encerra aqui, pelo contrário), tomamos a decisão de realizar a tentativa de inclusão de conceitos que sejam/foram cunhados por intelectuais não-europeus de uma maneira mais ampla e como parte do combate as diversas faces do epistemicídio, buscamos incluir intelectuais negros. Destacamos que não pretendemos desenvolver um do modelo de argumentação teórica sem a presença dos pensadores europeus, nossa busca é por inclusão conceitual e não o contrário. Esta escolha não nos soa como forçada, mas como um esforço intelectual para o desenvolvimento de saberes de forma a privilegiar a população negra e não europeus, sendo em alguma medida um saber contra hegemônico. Temos consciência que a tradição na academia é diferente, em parte, da nossa escolha. Todavia, a mudança de tal estrutura passa pelo crivo das “micro experiências”, não podemos perder do horizonte que,

contraditoriamente, também somos a academia, ou ao menos uma parte que se junta ao formar o todo.

Então, sem mais delongas, como diz um provérbio africano “enquanto o leão não aprender a falar a história será contada pelo caçador”, vamos ouvir o que os leões e as leoas têm a nos dizer...

### **3.1 – “UM SAMBA INFERNAL” - O BATUQUE E O SAMBA, COSTUMES DE MATRIZ AFRICANA E OS DIVERTIMENTOS COTIDIANOS FESTIVOS DA POPULAÇÃO NEGRA**

Neste subtópico, faremos uma abordagem sobre o batuque e o samba. Indicamos inicialmente que, em alguns momentos, encontramos dificuldade para separar os limites conceituais que definiam e davam significado individual de cada um (samba e/ou batuque), a partir das fontes que tivemos acesso para o período aqui abordado. É fato que as incidências não se referiam a mesma coisa, mas as pistas que encontramos não foram capazes de fornecer de maneira integral uma conceituação rígida das fronteiras e características individuais de cada prática. Em nossa experiência, junto as fontes, observamos que foi usado, em alguns momentos, o termo batuque para se referir ao samba (e inclusive, mas a frente perceberemos que também foi utilizado para se referir ao candomblé) e vice-versa, nos parece que quando os produtores das fontes, em determinadas ocasiões, ouviam instrumentos de percussão de origem africana, como o atabaque, já caracterizavam como batuque. É notório que não existia uma preocupação na conceituação correta das práticas. Dessa relação de influências, quando se trata das práticas culturais que contenha instrumentos de percussão, podemos verificar que de uma matriz, ou seja, um fio condutor central “se originaram muitas outras práticas dos negros” (MONTEIRO, 2021). Então, buscamos, durante a construção do texto, analisar o que a fonte nos indica e não focar na conceitualização do fato. No entanto, coube destaque para a constatação que são práticas distintas que se confundem e que não deixam de ter cada qual suas respectivas particularidades.

Sobre o Batuque, é necessário realizarmos uma ponderação: o fenômeno cultural<sup>81</sup> chamado aqui no Brasil de “Batuque” é uma herança da diáspora africana<sup>82</sup>. Entre as evidências que nos levaram a esta indicação, encontramos alguns vestígios em variadas fontes como em um relato de viagem, publicado por Sarmiento (1880). Ao compartilhar suas experiências obtidas em sua viagem ao continente Africano, o autor dedicou um capítulo às danças que teve acesso. O texto traz elementos racistas, com uma forte visão eurocêntrica da cultura africana<sup>83</sup>, notem que teremos fatores também observados em nossas fontes no sentido de colocar a prática do batuque como oposto ao conceito de civilização e liga-lo ao caráter “selvagem” da população negra, assim sendo, estão afastados do sentido de seres humanos, pois, ainda são condicionados ao animalesco. Temos a seguinte definição sobre o Batuque no livro citado:

Segundo observei durante todo o tempo das minhas excursões pelos sertões africanos, o batuque é a dança usada geralmente por aqueles povos, com algumas, ainda que pequenas modificações. Em Luanda mesmo, onde parece que a civilização devia ter exercido a sua influência benéfica, o batuque é a dança predileta dos pretos e mulatos, é a diversão que mais entusiasmo e arrebatada. O batuque é uma dança essencialmente lasciva, que revela a índole sensual daqueles povos, e reproduz, de um modo surpreendente, os seus instintos brutais e os sentimentos mais os dominam e subjagam. (SARMENTO, 1880, p. 125)

Na mesma direção – a de encararmos o batuque como uma herança cultural da diáspora africana –, temos o artigo publicado por Zamith (1995), que indica, por exemplo, que o termo nasce derivado do verbo batucar, fazendo referências aos instrumentos de percussão utilizados na prática. Além disso, é indicado que o batuque serviu como uma das bases para o nascimento do samba, como dissemos, em nossa percepção são costumes que se influenciaram em dimensão não hierarquizada e assim, não teremos a preocupação de buscar sua gênese ou os elementos definidores de cada um.

---

81 Consideramos aqui como fenômeno cultural as práticas de samba, batuque e o candomblé, pois o conjunto de costumes e possibilidades de interação social nestes espaços vai além da “genealogia” da palavra. Ou seja, o samba como exemplo não é só um ritmo musical, mas um espaço de sociabilidade com todas suas complexidades.

82 Como Diáspora Africana, podemos considerar a conceituação de um movimento em que pessoas negras foram arrancadas do continente Africano para serem levadas a diversos cantos do mundo. Dessa forma, caracteriza-se também como um movimento cultural que influenciou a construção de diversas identidades e práticas pelo mundo. É importante destacar que este momento da história não pode ser romantizado, perdemos milhões de vidas e temos consequências sentidas até a atualidade.

83 Acreditamos que não estamos sendo anacrônicos ao marcar o racismo contido no texto, uma vez que, em nosso entendimento o racismo é um fenômeno histórico ligado a luta de classes e aos modos de produção vigentes. Assim, o racismo vai sofrendo mutações para sobreviver ao tempo e manter as estruturas de poder em que está inserido.

Em seus estudos sobre o samba no Rio de Janeiro, na transição do século XIX para o século XX, Pereira (2013), indica a particularidade do batuque ao ponderar que “chamados de batuques pela força que os instrumentos de percussão tinham nelas, tais festas configuravam-se, na segunda metade do século XIX, como uma opção frequente de lazer” (PEREIRA, 2013, p. 105). O autor traz a discussão de como o batuque e o samba foram se influenciando e tendo vivências em paralelo, ou seja, ocorriam ao mesmo tempo na medida em que eram contemporâneos.

A conceituação do fenômeno em termos de linguagem pode ser analisada, segundo Diniz (2012), levando em consideração a história dos usos termos batuque e samba, o autor ao analisar o desenvolvimento do samba no Rio de Janeiro nos indica que:

Apesar de ser um gênero resultante das estruturas musicais europeias e africanas, foi com os símbolos da cultura negra que o samba se alastrou pelo território nacional. No passado, os viajantes denominavam batuque qualquer manifestação que reunisse dança, canto e uso de instrumentos dos negros. Esse era então um termo genérico para designar festejos. O sentido amplo permaneceu na literatura colonial até o início do século XX, quando a palavra samba passou a ocupar seu espaço. (DINIZ, 2012, p. 16)

É notório que nas considerações do autor, acima citado, fica perceptível que os costumes das pessoas negras foram conceituados em um movimento de fora para dentro, ou seja, da maneira em que os observadores (na maior parte dos momentos não negros) vão definir o que é um e o que é o outro, e desta maneira, quais as características necessárias para que uma prática seja conceituada como samba ou como batuque. Então, como estas são as fontes dispostas, cabe verificarmos os melhores movimentos de operacionalização deles (conceitos), trazendo sempre em evidência tais contradições.

Para finalizar, recorreremos ao dicionário da língua portuguesa de 1890 (dicionário da época), que definia o batuque como “Dança, ou baile, usado entre os pretos africanos, ou que deles descendem” (SILVA, 1890, p. 327) e na mesma publicação temos que o ato de batucar é “dançar o batuque” (SILVA, 1890, p. 327)<sup>84</sup>. Consideramos que os significados que encontramos nos dicionários foi uma amarração para o cerne do conceito, trazendo as afirmações sobre o batuque como um espaço de sociabilidade e praticado pelas pessoas negras em sua maioria (não quer dizer exclusivamente praticado por pessoas negras).

---

84 Temos acordo que buscar as explicações terminológicas na língua oficial, via dicionários ou quaisquer outros documentos oficiais, pode ser até contraditório com os valores desse estudo. Todavia, não dar valor a tais documentos é um erro historiográfico, ao passo que, criticado as fontes, elas podem nos auxiliar a desatar os nós dos fios que tecem o passado.

O samba é um fenômeno cultural nascido dos costumes culturais de matriz africana, a exemplo a influência sofrida vinda do próprio batuque. Naquele período, foi um divertimento presente no cotidiano de parte da população negra (AZEVEDO, 2018), e, devido a sua característica fundante, sofreu duras repressões advindas da mão nada invisível do estado e conseqüentemente das suas estruturas e elites dirigentes. Observou-se a repressão vinda do estado através do aparato legal, constituído pelas legislações (como exemplo, citamos o código penal de 1890, que criminalizou a “vadiagem” e a “feitiçaria”) e seu braço repressor, a polícia. A população negra era perigosa, em vários âmbitos, desta ideia surge a necessidade de vigiá-la e puni-la. Um dos aspectos dessa constatação é que, das fontes que acessamos, a maior parte das incidências do samba e do batuque foi localizada nas colunas policiais, diferente de costumes similares como festas dançantes em clubes de Salvador, ao passo que estes últimos figuravam em colunas destinadas a apresentação da vida cultural da cidade.

É latente na historiografia que se dedica ao samba a existência de um debate sobre sua origem e/ou fundação. Em nossa pesquisa para construção teórica do assunto, percebemos que existe uma divisão baseada em duas posições, ao passo que:

a primeira diz respeito à discussão quanto à “busca das origens”, ou seja, a raiz da “autêntica” música popular brasileira. A segunda corrente historiográfica procura criticar a própria questão da origem, sublinhando os diversos vetores formativos da musicalidade brasileira, sem necessariamente, buscar o mais autêntico. (NAPOLITANO e WASSERMAN, 2000, p. 168)

Nesse trabalho, seguiremos a segunda corrente historiográfica, ao passo de defendermos que fenômenos culturais herdados da diáspora tiveram que se transformar para continuar existindo. Desse modo, como a maior parte das pessoas negras o fazem desde quando nascem, a questão terá seu cerne em existir para resistir, resistência pela sobrevivência. Queremos dizer aqui é que não poderemos após o período da diáspora falar mais em cultura de matriz africana autêntica, pois, as margens para tal afirmação são passíveis de subjetividade. Ou, em algum momento da história, estaremos parados para discutir se em um samba que foi incluso um violão deveria ou não ser chamado de samba. Incluir elementos (instrumentos, práticas e afins) de outras culturas não faz do Samba ou Batuque práticas culturais ou costumes menos africanos. Pelo contrário, continuam com sua matriz africana, ainda que tenham absorvido determinados elementos para garantir sua existência ou por somente estética sonora.



Iniciando nossas análises das fontes, tivemos a atenção voltada ao machismo<sup>85</sup> contido em parte delas. Nesse sentido, faremos uma discussão a partir do nosso lugar de fala, um lugar social já estabelecido, determinado e que, a partir dele, construímos nossas percepções, ao passo que tal lugar não é estanque, mas parcialmente palpável no momento de uma construção narrativa, Ribeiro (2019). Nossas considerações partem de nossa condição, homens discutindo questões de gênero – no nosso caso, mais especificamente o machismo. É imprescindível destacar que não estamos disputando e nem reivindicando papel principal para esta discussão, no entanto, o contato com as fontes nos levou a trazer para nosso trabalho este fato gritante.

O periódico *Jornal de Notícias*, em 1892, publicou uma reclamação realizada por moradores de um distrito sobre um samba e deu destaque para as mulheres que tinham “padrões diferentes” ao que se considerava comum e/ou normal para mentalidade coletiva sociocultural da época, ou seja, um limite específico sobre formas comportamentais que deveriam ser seguidas, desenhado pela elite dominante – inclusive, lembramos que eram valores importados de uma Europa, considerada como modelo a ser seguido, por esta elite dominante, a medida em que quanto mais nos aproximássemos deste conjunto de comportamento estaríamos em igual medida de nível de modernidade, segundo esta linha de raciocínio. Onde, de acordo com a matéria, as mulheres falavam um vocabulário imoral, incomodando os vizinhos. Notemos, entretanto, que tal fato deu-se durante uma discussão. Então surge o questionamento: existe a possibilidade de manter um processo deste sem a utilização de palavras diferentes do vocabulário habitual e “ordeiro”, quando as emoções afloram e a dita razão se acha na lata do lixo? Neste recorte do periódico, ficam evidentes outras questões: por exemplo, o samba foi realizado durante a noite toda, as pessoas que se incomodavam com este fato realizavam as reclamações visando a ação repressora da polícia, ao passo que tais reclamações foram feitas e posteriormente publicadas nos jornais com destino certo, com a finalidade de indicar onde a polícia deveria agir, assim foram diversos os momentos em que as reclamações serão seguidas do endereço completo dos locais em que ocorriam os sambas. A matéria foi publicada com a intenção de que a polícia, ao ter conhecimento dos fatos, iniciasse um processo de punição e repressão os participantes deste samba. Dessa maneira, a publicação cumpria um ciclo de significados

---

85 É necessário destacar que o termo conceitual do machismo é uma construção contemporânea, o que poderá nos render algumas acusações de anacronismo, todavia, em nossa percepção é um conceito atemporal, ao passo que sua construção é histórica. Assim, mesmo que a sociedade sotopolitana do pós-abolição não conhecesse o termo, ele estava lá, mas ainda sem nome. Em nosso trabalho, encaremos as questões do que convencionou-se denominar de patriarcado como parte do machismo.

que vai além da simples reclamação feita por um grupo de pessoas que tiveram sua a noite de sossego interrompida pelo som vindo samba. Reproduzimos a matéria aqui discutida na íntegra.

Beco das Taboas - Hoje pela manhã deu-se um conflito entre duas mulheres no beco das Taboas, na rua do Polytheama, freguesia da Victoria fazendo-se ouvir um vocabulário imoralíssimo. O samba estabelecido nesse local continua toda a noite incomodar o sossego público, prolongando-se até as 5 horas da manhã. Mais uma vez chamamos atenção da polícia para o que acabamos de expor.<sup>86</sup>

Notamos que existiram conflitos que foram gerados entre as mulheres, eram diversas as formas de violências que se expressaram e conseqüentemente aconteceram no samba. Em uma das fontes que tivemos acesso, em uma delas percebemos que os motivos indicados para as agressões ocorrida entre mulheres foram apontados como sendo o ciúme, ou seja, um motivo passional. Outra observação pertinente é sobre uma possível estrutura comportamental existente nos sambas, ao passo que nesta fonte, a vítima da agressão, Maria Joanna do Amor Divino, ao não respeitar esta estrutura de códigos comportamentais, foi alvo de uma ação de violência (agressão física). Mas este fato é uma visão daquele que está de fora e não a realidade total e absoluta do fato. Do fragmento que será apresentado em seguida, podemos pensar na existência de uma hierarquia, até mesmo simbólica, nos sambas. Inclusive contendo os limites para ação, ao passo que uma pessoa por motivos diversos, como o desconhecimento, ao praticar determinada ação estaria se aproximando de um enfrentamento aos códigos citados e com isso, estaria (mesmo que sem querer) ligado ao fato da tentativa de subversão, e desta feita, estaria condicionada a sofrer punição de parte desta comunidade, neste caso se encaixaria a agressão indicada em seguida.

EFEITO DE UMA BOMBA - A lavadeira Maria Joanna do Amor Divino foi anteontem ao samba, porém, não se portando convenientemente, encheu de ciúmes a uma das dançarinas que ato continui, virou-lhes no alto da supragoga um caneco de folha de flandes. Não tendo para quem apelar a infeliz Maria...dirigiu-se para o Hospital Santa Izabel onde recebeu o curativo necessário.<sup>87</sup>

As crônicas são gêneros textuais que tratam geralmente de acontecimentos do cotidiano, estão ligadas ao dia a dia da época em que são produzidas e, por vezes, trazem as visões de seus escritores sobre aquela sociedade. Então, podemos citar que uma

---

86 BECCO DAS TABOAS. Jornal de Notícias, Salvador, p.1 abr. 1892.

87 Correio do Brazil: Orgão Democrata, Salvador, n. 534, p.2, 26 jun. 1905.

característica inerente a este gênero textual é que ele, tal qual a pintura de um quadro, é influenciado pelos gostos artísticos, de estilos e visão de mundo do autor. Um cronista não projeta uma realidade como ela é, mesmo quando busca a neutralidade em algum escrito. Através das crônicas, é possível, levando em consideração os cuidados necessários com o gênero textual, termos acesso a um fragmento da realidade vigente. Melo (2016) aponta que os cronistas são capazes de transmitir suas opiniões colocando-as sob diversos prismas, como a ironia. Inclusive, muito deles fazem de textos um espaço utilizado na disputa contra a hegemonia e em outros o contrário, podemos dizer que trazem à superfície social determinadas críticas ao comportamento ou práticas de grupos sociais, além das disputas sobre o que são práticas culturais modernas e civilizadas e as que são sinônimos de atraso e selvageria. Pontuamos que o autor não faz juízo sobre o que é “bom ou ruim”, apenas pontua tais características, que são possibilitadas pelas crônicas – necessariamente aos que possuem oportunidade de se expressar por ela.

Além das páginas policiais, esse foi um espaço em que encontramos pistas e algumas evidências para esta pesquisa. Infelizmente, não as encontramos em um padrão de publicação, não tivemos acesso a elas com determinada regularidade e/ou frequência. Ademais, ficamos à mercê dos acontecimentos que ocorreram na vida dos cronistas e que interferiram em suas dinâmicas de publicações, como no caso de Xisto Baia, que “por acúmulo de trabalhos deixamos de editar hoje esta seção, de que pela primeira vez são privados nossos leitores<sup>88</sup>”.

Por fim, cabe incluirmos outro elemento nesta discussão: o anonimato. Em alguns casos, as crônicas podem ser assinadas com nomes fictícios ou mesmo vir sem assinaturas. Tal fato diminui a possibilidade de verificarmos qual o interesse poderia estar por trás de uma publicação, a posição social do autor e as intensões particulares que poderiam influenciar a escrita sobre este ou aquele assunto, bem como a postura adotada.

Encontramos certo número de crônicas que trataram especificamente da mulher negra<sup>89</sup> no samba. Então, como forma de evitar que estas passagens sejam silenciadas, faremos nossas considerações, nos mesmos moldes intencionais já citados<sup>90</sup>.

---

88 Às Pressas. Diário da Bahia, Salvador, p.2 jun. 1902.

89 Devido a importância da temática (mulheres negras – gênero) e as marcas que nossa sociedade ainda carrega em relação ao tratamento dado as mulheres negras decidimos incluir em nossa análise, ao passo que assuntos aqui discutidos servirão de fundamentação para construção dos dias atuais. Então, não queremos substituir os protagonismos das historiadoras e pesquisadoras negras, pelo contrário. Nossas marcações tem um lugar de escrita e a partir dele que serão escritos os próximos parágrafos.

90 Ressaltamos que não era ideia, inicialmente, fazer este tipo de discussão, mas as fontes urgiam por estas análises. Dessa forma, seria um crime invisibilizar a discussão sobre a mulher negra em um trabalho que trata sobre as pessoas negras.

Miranda (2019) traz um apanhado histórico sobre a situação da mulher negra no pós-abolição. Partindo do período da escravidão, em que as diferenças foram construídas entre libertas e escravas, mostra que, mesmo após a abolição (formal) da escravização, a vida das mulheres negras projetou a fundo poucas mudanças. Exemplificou os casos em que elas trocaram apenas de senhor, ou seja, a situação no conjunto das macro situações era a mesma.

Não podemos deixar de destacar que o machismo (para as mulheres casadas) exerceu uma grande pressão e, por muitas vezes, casou danos psicológicos e físicos, de modo que muitos homens não permitiam que as mulheres trabalhassem ou tivessem vida social sem a presença do marido, estas características podem ser consideradas como elementos que colocavam as mulheres em uma outra prisão, a domiciliar. Então, se a mulher negra por vezes era impedida de trabalhar, imaginem de se divertir. Nesse sentido, até mesmo ambientes em que as pessoas negras eram responsáveis por sua organização poderiam ser locais opressores às mulheres negras – pois o machismo e seu derivado, o patriarcado, é uma forma de opressão que não tem raça, entretanto, sabemos que já neste período eram condições mais pesadas quando se trata de mulheres negras, ao passo que serão inclusas outras características.

Em 1910, no jornal A Baía, tivemos a publicação da notícia de uma agressão sofrida por uma mulher, Maria Domingas dos Santos Gomes. Devido ao distrito em que ocorrera o fato, o nome de registro e ter sido citado o samba como espaço da agressão, supomos que Maria é uma mulher negra. E o agressor, pode vir a ser um homem que pelos mesmos motivos provavelmente seja um negro. Assim, deduzimos que, devido ao machismo, que também é estrutural<sup>91</sup>, em alguns momentos, os espaços de diversão, mesmo que marcadamente pertencente a maioria de pessoas negras, poderiam se tornar opressores às mulheres que lá estivessem presentes – principalmente para as mulheres negras. Tal característica traz a fundação de uma contradição e dualidade ao fenômeno, pois, apesar de ser opressor em alguns momentos, em outros, poderia ser espaço libertador em relação a questão de gênero. Sendo espaço de liberdade podemos apontar a possibilidade de ter a liberdade de se expressar através da dança, sociabilidades e afins. Enquanto espaço

---

91 Acreditamos que o machismo é um fenômeno histórico de opressão da mulher por homens, e que assume diversas faces ao longo da história. Mesmo que enquanto fenômeno tenha sua terminologia que comumente é ligada à contemporaneidade o termo pode ser encaixado através da história, mesmo que não fosse considerado um fenômeno no tempo passado, ele estava lá, só não tinha nome. E consideramos estrutural indo ao encontro ao pensamento que coloca o machismo como base edificante das relações sociais de poder em uma determinada sociedade, independente do tempo a partir da divisão hierárquica dos sexos.

opressor, podemos citar as agressões (psicológica e física) e outros elementos como os olhares que as coisificaram. Dessa maneira, a matéria transcrita abaixo dá corpo a exemplificação das agressões físicas:

NOTAS POLICIAIS - O subdelegado de polícia do 1º distrito de Santo Antônio remeteu, hoje ao Dr. Ezequiel Pondé, integro juiz de direito da 2ª circunscrição criminal, os autos do inquérito acerca do crime de ferimentos graves praticados por João de Araújo Andrade na pessoa de Maria Domingas dos Santos Gomes. Esse fato delituoso teve lugar na ladeira da Pedra, na madrugada de 17 do corrente, por ocasião de um samba, ali efetuado.<sup>92</sup>

Outro apontamento que podemos fazer, a partir das nossas fontes, está na relação da influência em que a moralidade<sup>93</sup> do período encontrava nas mulheres ligadas ao Samba um padrão comportamental tido como não moral, ou seja, não civilizado. No recorte de jornal que apresentaremos em seguida, em específico, é percebido a duplicidade de sentidos em que a matéria pode ser analisada, cabe ressaltar que em nenhum momento será excluído o elemento do machismo (parte da construção moral do período). Quando se referem às mulheres como “ociosas”, podemos imaginar várias possibilidades como elas sendo prostitutas, ou que não possuem emprego/atividade de ganho formal e/ou mesmo que não são casadas. Como se estas mulheres não pudessem em algum momento de suas vidas, do seu cotidiano apenas se divertir. Segue a matéria da discussão aqui realizada:

A PROVIDENCIAR - Pedem-nos para chamarmos a atenção do subcomissário do distrito da Rua do Passo, para umas mulheres ociosas residentes à porta de um sobrado à Ladeira do Carmo nº 83, que levam, diariamente, a provocar a vizinhança com palavras obscenas, terminando, à noite, com um incomodativo samba, que se prolonga até horas tardias. Aí fica a reclamação, digna de providências.<sup>94</sup>

Em um outro momento, as mulheres foram adjetivadas de “divertidas moradoras” que “atordoam os vizinhos com sua voz infernal”. Sobre esse recorte, é necessário observarmos a forma em que as mulheres são apresentadas, pois o termo “divertidas moradoras” pode ser considerado como um ponto em que o escritor da matéria conhece o local ou as mulheres que lá estavam. Um elemento comum em outras matérias é que, quando existe a palavra “reclamação”, há um sinal de igual ao pedido de repressão por

---

92 NOTAS POLICIAIS - A Baía, Salvador, p.1 abr. 1910.

93 Acreditamos que a moralidade é também um conceito estrutural mutável através dos tempos. Utilizado junto com a ética para conceder as sociedades um ambiente em que exista o mínimo comportamental esperado das pessoas (subjetivo ou objetivo).

94 A PROVIDENCIAR - A Baía, Salvador, n/i set. 1904.

parte do estado – ora com pedidos de prisões, ora pedindo o fim (via repressão e/ou força) do samba.

Cabe destacar sobre esta fonte, que será compartilhada logo em seguida, é que o samba incomodava aos que descansavam para o trabalho no dia seguinte. Assim, o texto dá a entender que os que estavam presentes no samba eram em sua maioria ou mesmo na sua totalidade composto desocupados, vadios e vagabundos. Esbarramos aqui também sobre o imaginário da indolência relegada às pessoas negras, herança da escravização.

Moradores da rua Visconde do Rio Branco pedem-nos que solicitemos da polícia a proibição de uns bailes pouco decentes que quando em vez são dados em um sobrado perto da esquina da rua do Colégio, e que dera ter, parece-os que o n. 3. Alta madrugada entendem as divertidas moradoras desse prédio de atordoar os ouvidos dos pobres vizinhos com a infernal vozeira de um samba ainda mais infernal, o que causa não pequeno incomodo a quem escolhe a pôr noite para descansar das fadigas do labor diário.<sup>95</sup>

Na matéria, citada acima, percebemos a comparação dos costumes da população negra como pertencentes ao inferno, ou seja, são práticas culturais fora da margem estabelecida pela elite dominante, que neste momento eram responsáveis por definir o que é moral e moderno. Assim, em nossa perspectiva estas elites através da imprensa, procuravam incutir na mentalidade social coletiva uma linha que tinha os divertimentos que se aproximassem dos valores modernos advindos da Europa como os corretos e que deveriam ser seguidos, tendo seu contraponto nos divertimentos como o batuque, o samba, o candomblé e outros. Então, já que o samba estava colocado como o oposto da decência, da moral e dos bons costumes e esta situação era exacerbada pelo tradicionalismo da dita modernidade, se mostrando como um elemento potencializados da face repressora, em todas as formas institucionais e/ou não, existente no período<sup>96</sup>. Então, quando comparam os costumes praticados em maioria pelas pessoas negras ao infernal, imoral, incivilizado e afins em um momento que o catolicismo é informalmente a religião oficial do estado, que já se dizia laico, chegamos em três elementos que são fruto desta construção narrativa, a partir da discussão de gênero, mas que podem ser colocadas como sendo da maior parte das pessoas negras. O primeiro de colocar as pessoas negras como praticantes de diversões ligadas ao inferno. O segundo afastar pessoas não negras destes costumes, ao passo que significam um vazio da existência e terceiro ficar subentendido que as

---

95 Correio do Brazil: Orgão Democrata, Salvador, n. 75, p.3, 19 nov. 1903.

96 Repetimos que o conjunto comportamental a qual nos referimos como moral é também um produto de cada tempo histórico, determinada pelas classes dominantes.

mulheres que vão ao samba são qualquer outra coisa, menos decentes e/ou aptas ao casamento.

Tivemos a suspeita sobre a ligação da prostituição ao samba em algumas matérias, esta inquietação foi motivada pelo trabalho de Santana (1996). Ao trazer, em sua pesquisa, uma definição geográfica sobre os pontos de prostituição do período, observamos que a Sé (distrito em que a rua Visconde do Rio Branco era parte) era um dos locais de maior incidência desta prática. No fim, a matéria do jornal *Correio do Brazil: Orgão Democrata*<sup>97</sup>, colocou elementos para a imaginação do leitor: o samba, a mulher negra, a prostituição e a ociosidade. O periódico acompanhou a solicitação feita em suas páginas, à medida que, no dia seguinte, publicou sobre o mesmo assunto, retificando a exposição que fizera anteriormente – em relação ao número da casa em que se dava os sambas – e elogiando as autoridades policiais pela intervenção, reproduzimos a matéria abaixo:

Na nossa reclamação à polícia, ontem feita, a propósito de uma casa à rua Visconde do Rio Branco, onde quase todas as noites se dão bailes que terminam sempre em infernal samba, pela madrugada dissemos parecer-nos a dita casa o n. 3. Verificamos, porém que não é 3 o número da casa em questão e sim 2; ela a atenção do ativo sr. subcomissário da Sé.<sup>98</sup>

Em um Conto Rápido (título da Coluna), Calino e Silva publicaram na *Revista do Brasil*, em 1909, uma história de carnaval. Mas o que tem o Carnaval no capítulo que discutimos o Samba? O conto nos apresenta duas personagens: João e Joanna – o primeiro apresentado como “creoulo” e a segunda sem a raça definida na passagem. João está vestido com uma fantasia de macaco e, ao encontrar Joanna, dispara “você conhece este macaco Joanna?”. Logo em seguida, ele recebe uma resposta seca e um pedido para se afastar. Eis que então surge o nosso objeto de estudo: João traz à tona as memórias que tivera com sua parceira durante o “Samba da casa de Filuca” e, carregado de nostalgia pelo tempo, solta “Ah Danada!”. Joanna, acuada, solicita novamente que ele se afaste – caso contrário, ela arremessaria seu tamanco. Contrariado, João faz uma ameaça de agressão e daí por diante:

—Ah ! isto é que não (com a fala natural': Quem promete uma bofetada a um cidadão já lhe deu. Portanto eu lh'arrepio. (Dá unia bofetada na cara da Joanna). — Ai ! miserável !... Socorro! Socorro !... Este macaco me agride! Dois policiais que se achavam de patrulha n'aquele local aproximam-se, às pressas, e dão voz de prisão ao Joaquim. —Quá! seus polícias, esta prisão é injusta e calamitosa. Isto... Isto é... —Não queremos conversa! Esteja preso! Agora não se esconda. E lá se foi o

97 Idem.

98 *Correio do Brazil: Orgão Democrata*, Salvador, n. 76, p.2, 20 nov. 1903.

macaco para a jaula do poso policial da Rua do Paço. —Dias depois, encontrei-me com o Joaquim, e perguntei-lhe se tencionava mascarar-se em 1910. Ele disse-me: Patrão, máscara nem mais para o sonho. Aquela vestimenta de macaco foi a minha macaca.<sup>99</sup>

Além dos aspectos machistas que podem ser visualizados na matéria acima citada, outro registro necessário está inserido no fato de que existe a possibilidade de um entendimento dúbio<sup>100</sup> a respeito do trocadilho contido no texto, onde diz: “o macaco que foi para a cadeia”, uma vez que todos sabemos que macacos não vão para cadeia. Tomamos o fato como parte de um conceito sintetizado por Adilson Moreira (2019) sobre Racismo Reativo. O autor faz um balanço histórico da relação entre humor e racismo. Ao longo do texto, Moreira discorre sobre como tal relação vai se dinamizando (mas nunca deixando de existir) dentro das sociedades; de forma que, cada vez mais, passa a ser encarado como natural ou que é apenas uma brincadeira, mas que revelam justamente o contrário. Assim sendo, acreditamos que tanto no recorte utilizado acima, quanto em nossas considerações iniciais, a matéria cabe dentro do conceito de racismo recreativo. Isto é, trata-se um texto feito com a possibilidade e/ou intensão de transmitir uma ideia racista, mas que poderá, caso necessário, ter defesa no fato de que foram ditas (palavras) como uma piada apenas – ou, por ter duplo sentido, pode ser informado que o racismo está nos olhos de quem aponta. Dessa forma, cabe retomar a discussão de que tais signos imaginários eram códigos transmitidos entre as pessoas que sabiam ler – o que torna o público pequeno e formado por maioria não-negra, além de ser elemento de uma manutenção da estrutura racista, ter acesso à alfabetização/educação formal.

Para finalizar nossa passagem pela discussão da mulher negra e o samba, vamos analisar uma crônica em que a personagem principal (o próprio cronista) está em trânsito para Itaparica e passa a observar os movimentos de um importante comerciante, o homem dos cortinados, que estava na mesma condução que ele. O texto vai se desenvolvendo na medida em que a viagem acontece – os detalhes dos passageiros, as conversas etc. Interessa-nos nesse momento quando o protagonista desce no distrito de Itapagipe e lá decide se esconder para seguir o tal homem dos cortinados. Ele espanta-se após a “perseguição”, ao perceber que entrou no Beco do Mingau e, em seguida, em “uma casa onde havia algumas ceroulas”. Cabe notar que o homem dos cortinados foi até o distrito

---

99 Revista do Brasil. Salvador, n. 17, p.19, 31 mar. 1909.

100 Discutir opressões academicamente não é tarefa simples, existem diversas formas interpretativas sobre o mesmo fato. Pois, ao lermos a fonte entendemos como parte da opção do autor em fazer uma sentença com duplicidade de sentidos na interpretação.



para participar do samba, se envolver com algumas mulheres que lá estavam, se socializar de uma maneira geral e dançar. Então, pelas informações fornecidas na crônica, fica evidente o caráter de abertura do espaço de sociabilidade existente nos sambas. Tais espaços se constituíam mais abertos do que imaginávamos; não estavam fechados apenas às comunidades organizadoras, tampouco pela raça ou pela classe.<sup>101</sup> Como esta crônica é demasiadamente grande, destinamos aqui a apresentação de sua parte final:

---

101 Em nível de participação, alguns sambas poderiam ser considerados como espaços democráticos e integradores. Em nossa perspectiva, esse será um elemento importante que auxiliará a explicar, em parte, como, em um futuro não distante, mais especificamente na “Era Vargas (1930 – 1945)” o samba será objeto da tentativa de ser construído como símbolo de identidade nacional, conforme demonstrado por Abreu (2017).

- Bravo, meu oyoy, sempre veio.  
 - Eu não te garanti, Martinha?  
 - Não foi a ela, for a mim que lhe pedi para **divertir-se em um soberbo samba**, disse a Foló agastada.  
 Em, o cujo metido em samba, disse comigo mesmo....  
 Meia hora depois principiou um arrojado samba, e o cujo, aquele cujo de que já falei, meteu-se na roda e dava umbigadas de fazer dó.  
 - A de cantar; a de tirar o samba diziam as mulheres e ele já sabem... o cujo, cantou ao som dos pratos e dos pandeiros:

Arroja creoula, arroja  
 Que eu aqui não sou doutor  
**Sou teu cambão<sup>102</sup> creoulita,**  
 Sou somente teu amor,  
 Arroja creoula, arroja  
 Que eu aqui não sou doutor.

Arroja creoula, arroja  
**Creoula do meu pecado**  
 Levanta a ponta do pé  
 Que eu levanto o cortinado  
 Arroja creoula, arroja  
 Creoula dos meus pecados.

Mas... decepção cruel... eu entrei na casa e me meti na pandega, cantando. Foi uma confusão dos trezentos, a luz apagou-se e quando me vi já estava outra vez no bonde, com o cujo das cortinas e a creoulada que cantarolava:

Ande mais de pressa  
 Senhor condutor,  
 Isto hoje é bonde,  
 Não é vapor.  
 Subi na torre  
 Para comer - pipoca,  
 Joguei o milho  
 No senhor Piroca.  
 Aqui vai o doutorzinho  
 Com o rosto arreliado,  
 Viva creoula, viva  
 O herói do cortinado.

AU REVOIR.<sup>103</sup> (**grifos nossos**)

Existe ainda sobre essa fonte um outro elemento necessário de apontamento. É a ligação da mulher negra ao pecado<sup>104</sup> – no trecho “Creoula do meu pecado”. Qual seria o pecado? O doutor dos cortinados seria casado ou seu pecado é de se envolver com uma mulher negra? Seja qual for a resposta, que a fonte não nos permite ter exatidão, o lugar

---

102 Quem desejar ver como é um cambão assista o vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4DSxWU4BID0>

103 NO BOND. **Pequeno Jornal**, Salvador, n. 264, p. 2, 31 dez. 1890.

104 Este estereótipo durou e ainda dura em nossa sociedade, um dos exemplos disso foi que a primeira novela da Rede Globo de televisão em que tivemos uma protagonista negra foi intitulada “Da cor do pecado” (2004).

da mulher negra está secundarizado a ação de um homem (em nossa percepção um homem não negro).

De toda forma, a pressão moralista apresentada na discussão dos parágrafos anteriores, vai ao encontro da teoria de Fanon (1968), este pensador discute que a construção da mentalidade histórica das pessoas negras está diretamente ligada ao colonialismo, e isso será um fator preponderante na manutenção da ordem colonial e pós-colonial. Trabalhando no pensamento social coletivo através da psique individual, onde as pessoas negras estarão em todos os momentos confrontadas com um passado de dominação, inclusive, tentando consolidar que as ordens sociais (dominação do colonizador europeu/branco) é algo natural. E tais estruturas psicológicas trazem consequências perniciosas aos corpos da população negra, que podem, em alguma medida, ter sua libertação em espaços como os da dança, na medida em que “dançam, e isto os ocupa, aliviando-lhes os músculos dolorosamente contraídos. De resto, a dança exprime por mímica, secretamente, muitas vezes sem que o saibam” (FANON, 1968, p. 12). Assim, acreditamos que, para as mulheres, principalmente as negras, a dança no samba – ou a dança em qualquer outro momento, como no próprio sexo – era como um espaço libertador, mesmo que em um tempo e espaço definidos, limitados e com prazo de validade. E, com isso, não queremos romantizar nem as formas de opressão existentes na sociedade aqui discutida ou no próprio samba e tampouco seus opressores. Apresentada as nossas considerações sobre o samba e a mulher negra, seguiremos com a discussão sobre a relação do samba e repressão.

Como mencionado nos capítulos anteriores, o final do século XIX trouxe para o Brasil diversas mudanças (políticas, econômicas, sociais etc.). No bojo dessas transformações, um aspecto de suma importância para chegarmos próximo da realidade do período é a abolição da escravidão (de forma oficial). A população negra estava livre perante a lei. Sabemos de toda problematização desse fato, no entanto, ressaltamos apenas o aspecto frio da lei. É a partir daí que surge um problema para a recém-formada república: como manter a ordem com uma população que nada tem a perder e está solta pelas ruas, praças, esquinas e vielas? Era necessário formalizar a repressão, através da legislação e da força policial, para reprimir fisicamente aqueles que fossem contra as normas estabelecidas, desta maneira, manter a ordem e estrutura social recém estabelecidas pelo novo sistema de governo.

Mas qual a necessidade de dedicar um espaço para esta explicação? Perceber o ponto de partida do estado brasileiro na virada do século será essencial para as próximas

análises, ao passo que os divertimentos da população negra ficaram cercados pelas amarras da legislação e na mira das armas policiais – nossa afirmação está ancorada no posicionamento de que:

“Os batuques faziam referência à África ou alguma alusão às condições de vida dos negros também foram postos na ilegalidade, como uma medida “jurídico-policia e ideológica” de repressão aos instrumentos culturais que pudessem de alguma forma contribuir para a construção de uma identidade negra, bem como sua autoafirmação” (JESUS, 2011)

Conforme Jesus (2011), a proibição dos batuques e outros costumes negros impediram ou dificultariam as pessoas negras de construir uma identidade coletiva em torno da raça, o que seria perigoso para um regime recém-chegado ao poder. O fantasma da Revolução Haitiana<sup>105</sup> no início do século XIX ainda rondava o continente americano. Desta forma, como meio de garantir a manutenção da estrutura social vigente, tivemos no Brasil a publicação do código penal em 1890, ao passo que podemos considerá-lo como sendo o expoente de um processo de modernização (ou, ao menos sua tentativa) do Brasil enquanto país/nação. É nesse período que temos algumas ideias circulando, tais como a cultura para o trabalho vinda dos ideários de liberdade e igualdade da República. Isso também será um ponto de tensão entre as elites soteropolitanas e os costumes da população negra. Cabe um destaque: as ponderações feitas por Serafim e Azevedo (2009), de que existem poucas pesquisas que fazem abordagem crítica aos códigos penais no Brasil, levando em consideração a historicidade que os deram base e, principalmente, um olhar sobre os grupos historicamente marginalizados, ou seja, os que foram afetados em maior escala por estas leis. Dessa forma, eles propõem em seu estudo que o código penal de 1890 foi produzido em tempo reduzido, inclusive, antes que a Constituição Federal, com o objetivo de ordenar a população negra, vista como elemento de periculosidade a nova ordem estabelecida. Como o referido código penal será abordado em diversos momentos nas próximas páginas, faremos a exposição de um capítulo pelas mesmas letras que estão na lei, com a finalidade de apresentar ao leitor sua materialidade.

### CAPÍTULO XIII DOS VÁDIOS E CAPOEIRAS

---

105 Tomada do poder pelos escravizados no Haiti.

Art. 399. Deixar de exercer profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes:

Pena - de prisão celular por quinze a trinta dias.

§ 1º Pela mesma sentença que condenar o infrator como vadio, ou vagabundo, será ele obrigado a assignar termo de tomar ocupação dentro de 15 dias, contados do cumprimento da pena.

§ 2º Os maiores de 14 anos serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais, onde poderão ser conservados até á idade de 21 anos.

Art. 400. Si o termo for quebrado, o que importará reincidência, o infrator será recolhido, por um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Parágrafo único. Si o infrator for estrangeiro será deportado.

Art. 401. A pena imposta aos infratores, a que se referem os artigos precedentes, ficará extinta, si o condenado provar superveniente aquisição de renda bastante para sua subsistência; e suspensa, si apresentar fiador idôneo que por ele se obrigue.

Parágrafo único. A sentença que, a requerimento do fiador, julgar quebrada a fiança, tornará efetiva a condenação suspensa por virtude dela.

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena - de prisão celular por dois a seis meses.

Parágrafo único. E' considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência, será aplicada ao capoeira, no grão máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (Brasil, 1890)

Percebemos neste capítulo do código penal, um certo temor das elites em relação a população negra, então, é notório que a ideologia do trabalho está presente na tentativa de coerção, ao passo que não ter uma profissão ou trabalho seria motivo de prisão, equiparando pessoas nessas condições ao status de vadio.

Não foi apenas em nível nacional que a legislação estava se preparando contra as pessoas negras, e nem mesmo apenas contra os “vadios e capoeiras” questões como as reuniões de negros foram discutidas na assembleia legislativa baiana, já na metade do século XIX. “Este debate foi motivado pela teorização sobre o que seria um batuque, mas nas entre linhas estava a condenação de reuniões envolvendo negros na rua” (SANTANA, 2008, p. 13-14). As elites utilizaram (e ainda o fazem) as estruturas do estado para manter-se no poder e para isto, deve necessariamente manter o controle a ordem social. Assim, a legislação foi/é um importante instrumento para esta finalidade, de forma que, em 1890, como já citado, foi promulgado um novo código penal.

Das mudanças propostas pelo novo regime político, a República, não estavam inclusas a real liberdade da população negra, pelo contrário. Podemos considerar que o “medo das elites” – medo das ações que iriam ser tomadas pelas pessoas negras – se notabilizou no fato do código penal ter sido aprovado antes de sua constituição federal. Em outras palavras, primeiro se formalizou os limites criminais, para depois forjar a identidade legislativa nacional. Um vestígio que encontramos nas fontes, apesar de não termos encontrado a legislação específica, foi a proibição dos costumes negros em leis locais. Tal fato nos indica que as esferas dos poderes federativos (federação, estado e município), mesmo que recentes, estavam atuando em consonância na formação do aparelho de repressivo, ao passo que:

O Sr. José Maria Tourinho, chefe de polícia, oficiou aos delegados e subdelegados desta capital, recomendando-lhes proibição formal dos sambas, batuques e candomblés, gêneros de diversões que muito depõem de nossos créditos de povo civilizado e que são verdadeiros centros de atentados à moral e a ordem pública. Se, desta feita, os desejos daquela autoridade encontrarem repercussão no ânimo dos seus subalternos, s.s. terá prestado um serviço.<sup>106</sup>

Apesar da fonte “falar por ela mesma”, entendemos que uma informação dessas, em um periódico, ocorre para que a notícia sobre a existência desta lei, em específico, tivesse a possibilidade de ser amplamente divulgada, levando em consideração que o jornal era, talvez, o único meio de comunicação de massa da época<sup>107</sup>. Em outras palavras, trata-se da formalização da repressão às diversões citadas, a marcação que os costumes de origem africana são contrários à moral e à ordem pública – ou seja, opostos aos ideários de modernidade e civilidade, além disto é explícito a convocação de que se crie, no seio da polícia, um sentimento coletivo da categoria, como um todo, de combate e consequentemente a repressão. Partindo de tais considerações percebemos seu cerne – a luta contra os costumes originários da África, portanto, o elemento do racismo estrutural<sup>108</sup> – se faz mais uma vez presente em diversos aspectos.

Com a repressão institucionalizada, tivemos acesso em nossas fontes aos diversos desdobramentos que este fato causou contra as pessoas negras que se divertiam nos costumes citados, aqui em específico os batuques e o samba. Entretanto, os trechos dos

106 Gazeta do Povo. Salvador, n. 161, p.2, 07 fev. 1906.

107 O rádio chega e é difundido no Brasil por volta da década de 20.

108 Aqui neste conceito aproveitamos o espaço para nos justificar, apesar de não existir um conceito de racismo na época (na língua/vocabulário usado) ele já estava lá enquanto uma estrutura de poder, mostrando seu caráter estrutural, tão qual consolidado por Silvio Almeida em seu importante livro “O racismo estrutural”, aqui iríamos além, poderíamos inclusive chamar de racismos estrutural, ao passo que não conseguimos separar a história do mundo deste conceito ou fenômeno.

periódicos que serão reproduzidos abaixo, demonstram que apesar da relação de força não ser favorável as pessoas negras, houve resistências em termos do confronto físico. Não queremos romantizar as táticas de sobrevivência dos costumes da população negra, todavia, verificar que havia a defesa da vida e da própria liberdade, através da possibilidade de diversão, é louvável. Isso mostra, em certa medida, a coerência das elites dominantes em temer essa gente que nada tinha a perder. Percebemos nas fontes reproduzidas em seguida, determinadas especificidades sobre a população negra e a resistência física contra repressão. Na primeira, somos apresentados ao fato de que, em alguns momentos e por condições específicas, os negros conseguiram fugir da prisão, em nosso exemplo do samba que aconteceu na Areia Preta, cabe destaque para o confronto contido nesta fonte. A proporção que tomou chegou ao ponto de causar a queda de uma parede, mesmo que estas no período indicado não pudessem ser tão resistentes quanto as que conhecemos atualmente, por diversos motivos, a exemplo o material utilizado (este fato não desmerece a proporção do conflito, mas é importante a indicação). No segundo recorte, somos apresentados a um indivíduo, não temos acesso a seu nome, apenas a seu “vulgo” de “Fujão Pio”. Pelo nome percebemos a indicação de sua negritude, ao nosso entendimento faz alusão ao termo “escravo fujão” que era destinado a escravizados que tentavam fuga e eram recapturados etc. Não contente, o periódico afirma que Pio é “avesso a prática do mal”, então, nos parece que ele já era conhecido da polícia e da própria imprensa, sendo fugitivo em outras oportunidades, apesar que não temos acesso ou possibilidade de dizer quais seriam, podendo inclusive ter se evadido da polícia por ocasião da prática de outros costumes reprimidos. Na terceira matéria, somos apresentados a um conflito em que foram envolvidos diversos indivíduos, ao passo que foi utilizada variadas armas no confronto. É importante ressaltar que a motivação veio a partir da repressão policial em tentar dar fim ao divertimento, a não concordância dos praticantes se expressou na luta física contra tal ordem.

CONFLITO - Rolava anteontem um animado samba na Areia Preta. O alferes Galdino de Souza, porém, que é subcomissário do 2.º distrito da Vitória, tendo ciência disto, dirigiu-se, acompanhado de 8 praças, para ali, a fim de sustar a perturbação do sossego público. Lá chegando, efetuou logo a prisão de um indivíduo suspeito, sendo por este motivo agredida a força. A confusão, como é de prever, estabeleceu-se logo, e para “angimenta-la”, aconteceu cair uma parede da casa em que havia o samba, ferindo diversas pessoas, sem que isto fosse bastante para fazer cessar o conflito que, fora, se travara entre sambistas e a polícia, que se

defendia. De tudo, resultou saírem feridas muitas pessoas e alguns praças, tendo-se evadido em caminho o indivíduo que fora preso.<sup>109</sup>

DESORDEIROS PERIGOSOS - Ontem, no Tororó Grande, distrito de Santana, diversos desordeiros promoveram um formidável batuque, que reinava durante toda a noite se não fosse a intervenção da polícia. Acontece, porém, que, quando o inspetor de quarteirão transmitia as ordens que recebera da autoridade legal, capitão Henrique José Fernandes, fujão Pio, indivíduo azeado à prática do mal, agride ao inspetor, tentando feri-lo com uma enorme faca de ponta. Nesta ocasião os capadócios, que formavam o referido batuque, tentaram espancar o inspetor Jose Maria, o que não conseguiram por já ter este ido em caminho da casa do subcomissário.<sup>110</sup>

O FIM DE UMA FESTA - TIROS, SANGUE E PRISÕES - Ontem, durante o dia, na rua das Pedreiras, distrito da Conceição da Praia, houve animadas festas populares. Tudo correu na melhor ordem até à noite, reinando sempre muita alegria. A concorrência de pessoas aquela rua foi grande. Depois de 10 horas da noite, porém, alguns populares arranjaram ali um batuque e vários amigos das cartinhas estabeleceram uma banca de jogo. O sr. capitão Fortunato Jambeiro, subdelegado da Conceição da Praia, tendo ciência disso, mandou debandar o batuque e extinguir a jogatina. Diante dessa ordem, diversas praças de polícia se dirigiram para o lugar desses divertimentos, dando o grito de basta. Os que ali se achavam, não se conformando com essa determinação travaram luta com a força pública. Revólveres, facas, sabres e cacetes tudo foi posto em atividade, havendo, então, um salseiro dos pecados.<sup>111</sup>

Inferimos que cercear os divertimentos da população negra foi um equívoco das elites dirigentes e conseqüentemente do estado, ao passo que a ideia de repressão só faz afirmar a importância de um espaço e tempo para diversão, mesmo para as pessoas negras<sup>112</sup>. Assim, a repressão não significou o fim dos costumes a curto e/ou médio prazo. Apresentaremos outras fontes em seguida, onde verificaremos aspectos como o caráter de controle policial, montando patrulhas para vigiar a existência de sambas em uma localidade definida. Não só isso, outro elemento contido é que poderiam os praças da polícia se juntarem/praticarem o samba. Apresentamos algumas fontes em que as páginas dos periódicos cedem espaço para as ações policiais contra os sambas, o que soma nossa percepção da ação organizada da polícia em sua condição repressora. Observamos que mulheres também eram levadas a prisão pela prática do samba, a fonte ao citar os nomes dos indivíduos presos nos permite tal constatação, nas fontes reproduzidas em seguida vemos a ação policial planejada, o que não excluiu novamente a existência de conflitos com os sambistas.

109 CONFLITO. Diário da Bahia. Salvador, n. 290, p. 1, 27 dez 1903.

110 DESORDEIROS E PERIGOSOS. A Baía. Salvador, 2740, s/p, 20 mar. 1905.

111 O FIM DE UMA FESTA - TIROS, SANGUE E PRISÕES. Diário de Notícias. Salvador, n. 1365, p.1, 28 dez 1907.

112 É de conhecimento que os divertimentos da população negra eram variados, indo muito além dos que listamos e discutimos durante o trabalho, mas exceções à regra não puderam ser incluídas aqui. Destacamos que elas existiam e formaram parte importante na história dos negros na diáspora.



Acham-se recolhidos à estação policial do districto de Sant' Anna Thomaz Alves do Rosário e Cassiano do Rozario, residentes em uma casa ao Tororó, onde houve um infernal samba acompanhado de distúrbios e cacetadas, com incomodo manifesto de toda a vizinhança.<sup>113</sup>

Sabemos que de agora em diante, por deliberação do coronel comandante do 16º batalhão gerará todas as noites patrulhas do mesmo batalhão, nas imediações do quartel do Forte de São Pedro, com o fim de evitar ajuntamento de praças em vendas e samba na ladeira da Fonte.<sup>114</sup>

DISTRITO DE SANTANA - Pelo subcomissário de polícia do distrito de Santana, foram recolhidos a cadeia da Correção, por ter sido encontrados em um samba infernal, incomodando as famílias residentes à Rua da Mangueira, em um Beco que, continuamente, dão-se conflitos, os indivíduos de nomes Fernando Gualberto Pontes, Faustino Pedro da Conceição, José Emidio dos Sant's, Selvio Bispo dos Santos, Manuel Suzarte dos Santos, Cosme Alexandrino do Sacramento, João Apollinario de Souza, Victorio Manoel Gomes, Aurelio Borges de Barros, Manuel Antônio dos Santos, Jeronymo Thomas de Mattos, Rufino dos Santos, Quintiliano Ferreira Ramos, Gregorio Joaquim Sant'Anna, Maria Gertrudes do Sacramento, Marcelina Severina e Maria Carolina de Sant'Anna.<sup>115</sup>

Em nossa percepção, parte das ações do estado tinham a finalidade de civilizar e modernizar a cidade, material e mentalmente. Afinal, uma cidade que é civilizada e moderna exige uma população com os ideais e ações pertinentes. Em se tratando de uma sociedade que em um curto espaço de tempo estava dentro do sistema escravocrata – mais uma vez, não que isto significasse de fato a realidade, mas o fim da escravidão em marcos legais foi diferenciado para a sociedade como um todo. Anteriormente, discutimos um pouco a introdução ou tentativa disto através da repressão causada pelo uso da força policial com a tal finalidade. Em diversas oportunidades, os periódicos traziam os sambas como costumes contrários aos ideais da civilização e conseqüentemente da modernidade, como exemplo, trazemos um recorte em que aborda o batuque como sendo oposto aos ideias de uma cidade civilizada. Percebemos com este recorte e outros citados na nota de rodapé, que podem ser acessados em outros espaços, pois já foram transcritos, a busca de parte da imprensa pela disseminação de que determinados costumes das pessoas negras eram incivilizados e contrários a modernidade. E desta forma, precisavam ser reprimidos, ao passo que eram travas para o desenvolvimento da cidade.

Pedem-nos para reclamar também providências para um batuque horrível, que sem cessar, todas as noites, perturba o sossego dos moradores nas vizinhanças da

---

113 Diário da Bahia. Salvador, n.183, p.1, 17 de ago. 1904.

114 Diário de Notícias. Salvador, n.5516, p.2, 27 mai. 1898.

115 DISTRITO DE SANTANA. A Baía. Salvador, s/n, s/p, 18 fev. 1902.

Quinta das Beatias (distrito de Brotas). Aquela algazarra, indigna de uma cidade civilizada, está também reclamando um cerco idêntico.<sup>116 e 117</sup>

Feitas estas observações, acreditamos que à aplicação do código penal se deu em uma parcela pela necessidade de civilizar e/ou modernizar o pensamento social coletivo da população negra. Em suma, marginalizava alguns costumes das pessoas negras e forçava-os a buscar formas de garantir a liberdade em todos os níveis. Esteve presente nesta discussão sobre a legislação e sua aplicação pelas instituições, como a polícia, a questão da subjetividade de julgamento dado aos policiais – observa-se a redação do no artigo 399<sup>118</sup> do código penal de 1890. Tal artigo abria espaço para que costumes como o samba e o batuque fossem passíveis de quaisquer prisões, ao bel prazer dos policiais que julgassem necessário. Sobre a relação do poder policial na sociedade, Borges (2019) faz um balanço histórico do racismo estrutural e sua ligação com a política do encarceramento em massa no Brasil. A partir de uma análise do racismo como uma base fundante da sociedade brasileira, ela se apoia em diversos estudos para detalhar a evolução desse fenômeno através das políticas de repressão do estado, utilizando o desenvolvimento de leis, decretos etc. Dessa forma, a autora conclui que a população negra, na grande maioria dos casos, foi o alvo das alterações legais e necessidade de repressão de seus costumes como uma política de estado para manutenção da ordem vigente. Consequentemente, ao colocar a população negra em prisões de maneira massiva, a autora pondera que:

Com o crescimento das cidades, diversas são as ações tomadas no período objetivando o aumento da vigilância sobre os negros e pobres livres. A polícia ganha outros contornos e a vadiagem, embasada e definida por valores morais e raciais de que as “classes menos favorecidas” eram preguiçosas, corruptas e imorais, alimentavam o imaginário do que se entenderia como “crime” e da representação do sujeito que seria criminalizado, o “criminoso”. A capoeiragem, por exemplo, foi inserida no Código Penal Brasileiro, em 1890, intensificando ainda mais o controle social sobre negros. Além disso, um conjunto de leis foram sendo promulgadas e intensificadas, criminalizando a cultura afro-brasileira como o samba e os batuques, as religiões, as reuniões musicais que passaram a ter que ser registradas nas delegacias e sofriam forte repressão. (BORGES, 2019, p. 53)

Como característica dessa política, tivemos uma quantidade considerável de prisões registradas em nossas fontes. Foram apresentadas prisões em diversos distritos de Salvador e com diversas características. Tivemos acesso a prisões individuais e coletivas

---

116 Diário da Bahia. Salvador, n.89, p.1, 22 de abr. 1903.

117 Ver também em BECCO DAS TABOAS. Jornal de Notícias, Salvador, p.1 abr. 1892 e Gazeta do Povo. Salvador, n. 161, p.2, 07 fev. 1906.

118 Ver artigo em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>

de pessoas que se achavam nos batuques ou nos sambas. Expomos abaixo algumas das incidências em que a prisão ocasionada nos sambas e batuques foram relatadas nos periódicos.

COM A POLÍCIA - Soubemos ter no sábado último, reinado na Rua do Garcia, 1º distrito da Vitória, um samba espetaculoso que se prolongou até pela madrugada de ontem, sem que com tanto barulho fosse desapertada a ação da polícia local, para repressão de tal abuso, que ainda se comete no seio de uma capital como a Bahia. Cerca de 60 pessoas, segundo nos informam, tomaram parte no aludido divertimento.<sup>119</sup>

SAMBA - O sub-comissário do 1º distrito de Brotas, pôs cerco, na noite de sábado último, em uma casa, no Matatu, onde estrugia um samba infernal, efetuando a prisão de oito indivíduos que se achavam no aludido divertimento.<sup>120</sup>

CADASTRO CORRECIONAL - Anteontem: {...} - Às 10 horas da noite, foram presos, na baixa do Jacaré, num caloroso samba, por ordem do Sr. Dr. subdelegado do 1º distrito de Santo Antônio, os indivíduos João Francisco dos Santos, Ignez Maria da Conceição, André da Cruz, Casseano Joaquim Ferreira de Carvalho, Francisco Borges dos Santos e Miguel Archanjo, que, ontem, logo pela manhã, foram enviados para a Casa de Correção.<sup>121</sup>

O subcomissário de Nazareth cercou ontem, às 11 horas da noite na casa, à ladeira de Sane que funcionava um samba, prendendo a 14 indivíduos que foram recolhidos a cadeia de correção.<sup>122</sup>

POLICIAMENTOS DISTRITAIS – PENHA - O destacamento policial neste distrito deu cerco, no Sábado último, às 11 ½ horas da noite, a uma casa seta ao alto do Bomfim onde se sambava desesperadamente, efetuando a prisão de diversos indivíduos. É louvável esse procedimento da polícia velando pelo sossego da população e terminando com tão selvagens divertimentos.<sup>123</sup>

POLICIAMENTOS DISTRITAIS - SÉ - Cerca de 1 hora da madrugada de ontem, quando, num infernal barulho de canzás, atabaques e outros instrumentos, passava pela Rua da Misericórdia um clube africanizado, proibido pela polícia, o tenente Oliveira Lima, indo ao seu alcance, conseguiu apreender o estandarte e os instrumentos que tocavam.<sup>124</sup>

Para existência de uma política de encarceramento em massa e, conseqüentemente, a repressão aos costumes negros, é necessário que a força policial estivesse minimamente preparada em estrutura (pessoal, armas etc.) e convencida a reprimir. A agressão (liberada pelo estado, através das leis) foi um fator comum em relação aos métodos de repressão. Dessa maneira, foram várias as fontes que encontramos nesse sentido: algumas se referiam a resistências físicas, como já explorado; outras apresentam resistências em outras roupagens. A população negra encontrou maneiras distintas de sobrevivência ao

119 BOLETIM DO DIA. A Baía. Salvador, s/n, s/p, 05 abr. 1904.

120 SAMBA. A Baía. Salvador, s/n, s/p, 26 de jul. 1904.

121 CADASTRO CORRECIONAL. A Baía. Salvador, n. 3061, s/p, 23 abr. 1906.

122 Jornal de Notícias. Salvador, n. 5677, p. 1, 13 dez. 1898.

123 POLICIAMENTOS DISTRITAIS. A Baía. Salvador, n. 2823, p.1, 03 jul. 1905.

124 POLICIAMENTOS DISTRITAIS - SÉ. A Baía. Salvador, n. 2768, p. 2, 24 de abr. 1905.

longo do tempo. Uma outra tática percebida foi a negociação com a polícia para a realização dos sambas e batuques. Não podemos inferir, através das fontes que tivemos acesso, quais foram os elementos que transformaram tais abordagens da polícia em uma possibilidade que vai além da violência física. Entretanto, o fato é que estamos diante de uma outra forma de resistência: a negociação. O recorte abaixo nos mostra esta modalidade, pois, neste samba em específico, a polícia não utilizou a força para fechar o samba e a prisão das pessoas que ali se divertiam. Temos uma notícia que acompanhou o mesmo samba e nos traz elementos para nossa discussão sobre as possibilidades de negociação, em casos específicos, para os sambistas. Na primeira fonte observamos que apesar de não explicitar a motivação os sambistas afirmam que não serão alvos da polícia, este traço é diferenciado em relação a totalidade das fontes e inclusive da própria historicidade do costume e da sociedade em questão. São várias possibilidades que podem levar os sambistas a sentença anterior, como parte do agrupamento policial responsável pelo distrito ser formado por conhecidos que praticam ou apoiam os sambas, o pagamento de propina para funcionamento do samba e outras. No segundo recorte temos a continuidade do acontecimento, onde a polícia indo ao local indicado em matéria anterior, para combater o samba infernal, acaba não utilizando a força física, mesmo assim consegue com que os sambistas deixem de se divertir. Todavia, existe um diálogo para isto, posteriormente os sambistas retornam ao local e dão continuidade ao samba, mais “moderado” é verdade, mas o divertimento volta a acontecer, notando aqui a capacidade e habilidade tática de resistência e se divertir, conforme as fontes estão citadas abaixo.

PELAS RUAS - Escrevem-nos: Srs. redatores do Jornal de Notícias. Somos gratos a ss. pela boa vontade com que a nosso pedido, reclamaram da polícia providencia acerca de um samba infernal que em dias alternados, se realiza no segundo pavimento de um prédio à rua 28 de setembro. Pois, srs. redatores, o samba continua atordoador, sob pomposa denominação de rancho do Pintasirta (?) continuam os mesmos ditos obscenos, as mesmas chuias imorais e os sobressaltos das famílias residentes a mesma rua, porquanto há dias em que os gritos, as descomposturas, os insultos vão terminar no meio da rua. Entendiam os moradores da rua 28 de Setembro que podam contar com o auxílio eficaz da polícia: afora, porém, reconhecem o engano em que laboram. Os próprios sambistas bradam alto e em bom som que a polícia não os perseguirá, porque não os perseguira...Diante de tão formal declaração, só nos cumpre tornar bem patente a ocorrência policial - proibem-se os candomblés, nas ruas mais centrais da cidade, como expressão negativa da nossa civilização, mas se permitirem as bacchanaes do rancho da Pintasirta. E nada mais reclamaremos à polícia. <sup>125</sup>

Comunicam-nos os moradores da rua 28 de Setembro, que os srs. dr. Moura, comissário da 1ª circunscrição, tomou as precisas providências no sentido de ser proibido o samba infernal, que, em dias alternados, se realizavam no 2 andar de um

---

125 PELAS RUAS. Jornal de Notícias. Salvador, n. 5658, p.1, 18 nov 1898.

prédio à rua 28 de Setembro. A propósito desse fato, receberemos as seguintes linhas: Srs. redatores do Jornal de Notícias: Felizmente, a polícia tomou em consideração as nossas justas queixas contra o samba do Pintasirta, à rua 28 de Setembro. Apenas cabe-nos acrescentar que os sambistas procuram iludir a vigilância da polícia. No sábado, à noite, a patrulha de cavalaria e um oficial demoraram largo tempo em frente ao aludido prédio, retirando-se todos os sambistas. Logo que a patrulha deixou aquela rua, por quanto o policiamento não devia ficar circunscrito aquele ponto, os homens voltaram ao mesmo ponto, mas diga-se a verdade, o samba ocorreu mais moderado. De nenhum louvamos é credor o honrado comissário da 1ª circunscrição, porque a digna autoridade não fez mais do que cumprir o seu dever.<sup>126</sup>

Outra forma de resistência que extrapola o campo das lutas físicas está nas próprias letras de samba, a que apresentaremos traz uma crítica a toda repressão sofrida pelos sambistas. Consideramos o aparecimento da marcação do samba como divertimento pelos praticantes como uma ponderação importante e também a consideração do estado como sendo principal responsável pela legalização desta repressão.

Os sambistas deitaram a correr, a todo pano, precedidos do chefe Severino, que não obstante o susto, cantarolou ainda, fanhosamente, a última copla:  
O diabo leve a sucia  
Deste governo inclemente,  
Que não deixa, num sambinha,  
Divertir-se a nossa gente.<sup>127</sup>

A repressão poderia vir a partir da reclamação de moradores, como demonstrado nos parágrafos anteriores. Dessa maneira, foi evidenciado que parte da população se incomodava com a realização dos sambas e batuques, fazendo reclamações diretamente a polícia ou indiretamente através dos periódicos, os motivos são diversos, podendo ir do preconceito contra o costume até a necessidade do silêncio para o descanso, nossas fontes não permitem afirmar as origens que as impulsionam (reclamações). Algumas ocorrências que nos chamaram a atenção informam em suas denúncias que o samba é um costume contrário a civilização, conforme abordado anteriormente. Em um dos recortes, é notório que se busca argumentar que a proibição do Candomblé deve ser estendida por toda a cidade e não apenas nas regiões centrais. Além disso, devem ser proibidos também outros costumes, como o Samba. Ao fazer tais reclamações, esse conjunto da população também vai construindo sua identidade a partir dos costumes, mesmo que seja pela rejeição ou da formação de um imaginário do que é costume das pessoas não negras e os costumes das pessoas negras, não podemos afirmar que este é um fenômeno que atravessou toda

---

126 Jornal de Notícias. Salvador, n. 5662, p. 1, 23 nov. 1898.

127 Pequeno Jornal, Salvador, n. 563, p. 2, 29 jan. 1892.

sociedade, mas podemos constatar seus indícios pelo grupo social reclamante e a imprensa que lhe fornecia voz. Na última fonte que apresentaremos em seguida percebemos uma ocorrência fora do padrão, onde o reclamante foi maltratado, segundo a notícia, pelo delegado em questão. Apesar da fonte não nos indicar as motivações, fato é que em algum momento um reclamante não foi bem recebido, podendo ser diversos elementos responsáveis pela forma do tratamento.

Moradores do largo de S. Francisco e Terreiro pedem-nos que chamemos a atenção do subcomissário da Sé para que faça cessar, por uma vez, sambas que ali se formam todas as noites, incomodando assim o silêncio. Os ociosos indivíduos, que fazem parte deste divertimento, primam pelos armamentos com que andam.<sup>128</sup>

Foi intimado a comparecer à presença da mesma autoridade, em virtude de queixa que deu o alferes do exército Antônio Pinheiro, o inquilino do 2º andar do prédio n 43, situado a rua da Preguiça, onde há á noite um samba infernal, com prejuízo do sossego das famílias vizinhas.<sup>129</sup>

Anteontem indo o cidadão Francisco José de Souza pedir providências ao sr. subdelegado da freguesia da Penha para que fizesse parar um samba infernal na Ribeira de Itapagipe, foi grosseiramente tratado por aquela autoridade, conforme nos disse aquele cidadão. A ser verdadeiro o facto que noticiamos, devemos dizer que nenhuma autoridade tem o direito de abusar de seu poder para maltratar cidadão algum, mormente quando usa ele de um direito sagrado qual o da queixa.  
130 e 131

Um processo que perpassará todos os costumes da população negra encontra-se no capital simbólico e no processo de outremização, que buscaremos discutir neste tópico a partir de fontes como as citadas acima. O conceito de outremização foi apresentado por Morrison (2019) em sua obra “A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura”. Em um dos ensaios, a autora nos traz os elementos necessários para construção de um processo em que a formação do eu (pessoa negra, considerar-se negro) não parte apenas de si, mas sendo um amaranhado complexo de intersecções sociais, culturais e econômicas, inclusive, na forma em que os outros enxergam, apresentam e definem as pessoas negras. Então, o “eu” da pessoa negra, assume o papel na sociedade de ser o outro, muitas vezes sem se questionar de sua origem, até mesmo da formação de sua própria negritude – um outro decidido e definido por outros grupos sociais como as elites dominantes, formada em sua maioria por não-negras. Nesse processo de construção do outro, nos explica Morrison que é necessário a criação do ser universal na consciência do

---

128 Jornal de Notícias. Salvador, n. 6083, p.2, 05 mai 1900.

129 Diário da Bahia. Salvador, n.124, p.1, 06 de jun. 1902.

130 Pequeno Jornal. Salvador, n.117, p.2, 26 jun. 1890.

131 Ver mais em A Baía. Salvador, s/n, s/p, 05 mar. 1904.

dominado. Ou seja, um modelo a ser alcançado; a formação de um conjunto de valores socioculturais do homem, neste caso calhando no universal como sendo homem, hétero, branco e europeu. Esse movimento causará danos à população negra no transcorrer do tempo, principalmente, no reconhecimento de si, como apontado e já discutido por Fanon (2020) e outros autores.

Em nosso trabalho, percebemos a manutenção do curso na formação de um imaginário referente a outremização, que podemos inferir existe desde os processos da diáspora africana no Brasil, nos momentos em que temos acesso às reclamações dos moradores, opinião da imprensa, legislação e ação do estado (em todas as formas) podemos em nossa perspectiva considerar um conceito válido para o período. Sobre as reclamações é importante destacar que elas foram publicadas pela imprensa, dando publicidade a seu caráter. Inclusive, em casos específicos, eram acompanhadas até o fim; ou seja, foi verificado, em determinadas oportunidades, se a polícia compareceu ao local solicitado nas matérias – as prisões referentes às reclamações e, conseqüentemente, os níveis que alcançaram a repressão etc. Em nossa interpretação, inferimos que a relação citada demonstra a disputa pela produção de uma consciência coletiva, ou seja, de um “eu” universal, branco, modernizante e europeizado que é contrário aos costumes da população negra, como o Samba. Ao passo que os negros estavam contra a moral, bons costumes e além disso, representavam o selvagem (o humano em seu estado natural ou que não pode ser considerado como humano, e sim um animal), o pecado, o inferno etc.

A definição da consciência coletiva partindo do apontamento a existência de um “outro”; reaparece aqui a discussão inicial de parte de alguns pensadores negros, que afirmam que o sentido de negro é invenção do branco, mas a negritude não. A negritude é a construção conceitual sobre os sentidos da população negra sobre si – movimento e termo inaugurados na França por autores como Aimé Césaire, Léopold Sedar Senghor, Léon Damas e outros. Eles definem a negritude, como traduz Munanga (2016), sendo “a consciência de ser negro, simples reconhecimento de um fato que implica aceitação, apropriação de seu destino de negro, de sua história, de sua cultura; é uma afirmação de uma identidade, de solidariedade, de lealdade a um conjunto de valores negros”.

Não afirmamos que as pessoas negras do período se reconhecessem enquanto negras e sendo parte de uma comunidade (formal e conscientemente). Entretanto, a etapa que aqui discutimos foi parte da base para o momento atual sobre o conhecimento e defesa em relação a negritudes no século XXI.

Assim, para esse aspecto da dissertação, depreende dois caminhos apontados pelas fontes. O primeiro, o apontamento por parte da população indo contra a prática dos costumes das pessoas negras, solicitando a repressão a eles por parte do estado, via polícia. O segundo, os vestígios deixados pelas fontes de pessoas que foram vetores para manutenção destes costumes (aqui neste ponto o samba e o batuque), citando-as nominalmente e, em outros momentos, informando seus feitos, medidos pela quantidade de prisões que poderiam já ter experienciado. Isto é, mesmo pelo olhar do outro, foi demonstrado como parte das pessoas negras se divertiam – e todas as lutas que enfrentaram pra isso. É importante lembrar que mesmo com as reclamações aqui discutidas, não podemos afirmar que existe uma relação direta com a formalização da proibição e nem a repressão aos costumes aqui debatidos. Todavia, ponderamos que as leis, códigos morais existentes e afins influenciaram em alguma medida o pensamento coletivo do período.

Não podemos nos furtar a apresentar uma fonte que durante nossas buscas nos chamou a atenção. Por ela, fomos apresentados a uma pessoa que foi presa diversas vezes. Então, nos indagamos: por quais motivos essa pessoa conseguia retornar à sociedade? Qual seria sua influência junto à população negra e, até mesmo, às pessoas brancas? Quais os círculos sociais ele frequentava? Tinha alguma rede de interesses a qual fazia parte? A legislação que regia as prisões tinha brecha? Qual a forma de acesso a defesa pelas pessoas negras? São questionamentos que infelizmente não podemos responder com o fragmento encontrado, nem pela natureza da fonte e tão pouco nas outras incidências. Nota-se apenas que poderiam existir pessoas negras com posições sociais extracomunitárias<sup>132</sup>, que lhes possibilitava determinado trânsitos sociais.

Segundo queixa nos foi trazida, diariamente, se reúne no alto do Beco do Sapoty uma súaia de desocupados de ambos os sexos, cujo divertimento consiste em sambas, recheados de obscenidades, os que terminam sempre em charivari. Chefia esse bando de vadios José dos Santos, vulgarmente conhecido por Zé Doutor, um turbulento de marca, que umas 20 vezes já tem pernoitado no xadrez.<sup>133</sup>

Zé Doutor conseguiu sair da prisão várias vezes, como numerado na fonte acima. Mas continuamos a indagação: o que fez um homem, considerado como chefe do “bando de vadios” para conseguisse escapar do xadrez tantas vezes? Acrescente-se a isso o fato

---

132 Aqui chamamos de comunidade os conjuntos sociais que possuem pessoas com interesses comuns reunidas por algum motivo, seja para organizar um samba, seja para se defender, sobreviver etc.

133 A Baía. Salvador, s/n, s/p, 24 jan. 1907.



de era um momento em que a vadiagem era crime (vide apresentação do código penal nos parágrafos anteriores). Assim, acreditamos que José dos Santos pode vir a ser uma figura de referência na organização de sambas, ou importante para alguma estrutura social de negociação entre classes e, principalmente, que devia possuir algum respaldo comunitário ou das próprias autoridades em sua jornada. Seu “vulgo” é uma das pistas que indicamos, pois, era considerado “Doutor”, uma discrepância em relação a apresentação das pessoas relacionadas ao samba e todos outros costumes aqui estudados.

Esperamos, com a discussão que faremos em seguida, auxiliar a excluir algum rótulo do romantismo a que pode ser acusado este trabalho. Temos ciência das contradições em todos os processos já discutidos e dos que ainda virão – inclusive, a existência de contra narrativa, outras teorias, perspectivas distintas etc. Reforçamos um provérbio africano que diz “enquanto os leões não contarem sua história, prevalecera a versão dos caçadores”. Então, que na arena das ideias que falem os dois.

Os sambas e batuques não foram espaços purificados e livres da criminalidade. Tivemos acesso a crimes que foram cometidos durante estes costumes, reside aqui parte dos pontos contraditórios inerentes a eles. Apresentaremos as fontes abaixo e em seguida nos próximos parágrafos faremos nossas ponderações.

SAMBA E NAVALHADA - O cigarreiro Cypriano Gomes do Nascimento, às 4 horas da madrugada, em um samba à Calçada do Bonfim, recebeu de um dos sambistas, uma navalhada no tórax. Procurou o hospital Santa Isabel, às 11 horas do dia, sendo ali medicado, retirando-se depois.<sup>134</sup>

ASSASSINATO - Na manhã de domingo quando vinha de um samba o João da Matta foi agredido pelo capadócio "Casca Grossa" que lhe exigia a entrega de um pandeiro que trazia. Tendo João da Matta se negado a entregar o referido instrumento, antes rompendo-o, o seu rival "Casca Grossa", insinuado pelo seu companheiro. Arisco, o qual lhe emprestou um revólver, vibrou no infeliz João da Matta dois tiros, que lhe produziam imediatamente a morte. Apesar de ser o crime perpetrado perto da estação policial da Quitandinha, o assassino e seu auxiliar foram presos quase no Jacaré.<sup>135</sup>

CONFLITO E ASSASSINATO - Sério e grande conflito travou-se pela madrugada de ontem, no distrito de Santo Antônio, trazendo como resultado o registramento de uma morte. Divertiam-se, durante o dia de anteontem, diversos turbulentos conhecidos da polícia desta capital, num caloroso samba, que durou até a madrugada de ontem, quando João da Matta entrou em forte discussão com um seu companheiro. {...} O contendor de João não se demorou em lhe alvejar a arma, desfechando um tiro, que se alojou no tórax, fazendo-o cadáver minutos depois.

---

134 SAMBA E NAVALHADA. Diário de Notícias. Salvador, n. 1143, p.1, 28 jan 1907.

135 ASSASSINATO. Correio do Brazil: Órgão Democrata. Salvador, n. 525, p. 2, 12 jun. 1905.

Felizmente o criminoso e seu cúmplice foram ontem mesmo presos... O corpo do assassinado foi enviado para o necrotério do Hospital Santa Izabel.<sup>136</sup>

CONSEQÜÊNCIAS DE UM SAMBA - Anteontem, à noite, Cypriano Alves Mendes dos Santos, deu um samba em sua casa, à Rua do Ouro na Estrada das Boiadas. No mais arrojado do samba, porém o Cypriano entendeu de acabá-lo, despedindo as visitas. Paulo Elias do Nascimento, um dos convivas estranhando tal procedimento, perguntou ao dono da casa: “Porque acabava vadiação?” A pergunta teve resposta, e resposta puxa resposta, os dois homens se engalinharam. Quando os acudiram, ambos estavam feridos e a polícia punha cerco à casa. Desnecessário é dizer que a autoridade local do distrito tomou conhecimento do fato abrindo o competente inquérito.<sup>137</sup>

Decidimos trazer para o trabalho estas quatro incidências para discussão – como nos outros casos, em nosso arquivo, existem outras evidências. O leitor mais atento já verificou que duas notícias tratam do mesmo episódio (segunda e terceira fontes acima). Nos deparamos com uma situação que nos deixou em uma posição privilegiada para analisar o discurso da imprensa, como um todo. Observemos os recortes intitulados “Assassinato” e “Samba e Assassinato”. Em “Assassinato”, percebemos o detalhamento do fato, saindo na publicação como fruto de um furto, e que o samba aparece apenas como local de referência da saída da vítima, sem relação direta com os envolvidos. Já em “Samba e Assassinato”, o próprio título da matéria tendência ao induzimento dos leitores ao samba como parte e/ou causa do assassinato. Isto é, o samba como um dos personagens principais do fato, e não apenas coadjuvante ou palco do acontecimento. Na matéria, o samba é caracterizado como “caloroso”, e as pessoas que nele estavam como “diversos turbulentos conhecidos da polícia” que se divertiram a um tempo. Tudo isso nos leva a pensar (ao menos em nossa leitura) que o samba e seus frequentadores foram os elementos que propiciaram as bases do assassinato em questão, marcação de um cenário propício a este tipo de acontecimento, segundo nossa interpretação da fonte em questão. Aqui está retomado uma discussão que fizemos em relação a confiabilidade e imparcialidade das fontes, pois, mesmo ao parecerem ou tentarem (se é que o faziam) ser isentas, não existe imparcialidade absoluta.

Os crimes ocorridos durante o Samba demonstram que foram, infelizmente espaços com existência de conflitos, afinal, nem tudo foram flores. Em outro momento, recorro de evidenciarmos que as casas de particulares poderiam ser espaços para a realização de samba e, além disso, como existiam expectativas daqueles que iam para estes locais, em relação aos variados elementos como sobre a quantidade de horas que o divertimento

---

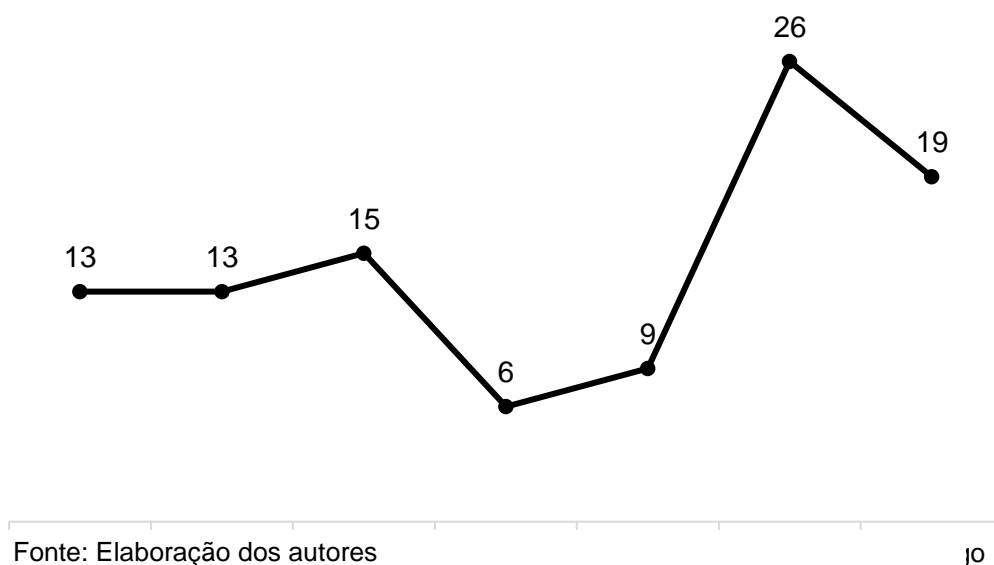
136 CONFLITO E ASSASSINATO. A Baía. Salvador, n. 2808, p.1, 12 jun. 1905.

137 CONSEQÜÊNCIAS DE UM SAMBA. A Baía. Salvador, n. 4294, p.1, 29 jun. 1910.

deveria ter, quem participaria e afins. Aqui levantamos a reflexão sobre a existência mínima de um padrão de funcionamento dos Sambas. A fonte é irônica ao tratar a pergunta que supostamente foi a originadora da agressão, sendo a indagação de um dos presentes “porque vai acabar com tal vadiação?”. Assim, coloca a palavra vadiação como sinônimo para o samba.

Uma característica que extraímos das análises das fontes foi a respeito dos dias da semana em que ocorreram os sambas e batuques. Utilizamos todos as incidências que juntamos ao longo da pesquisa e fizemos uma seriação das ocorrências evidenciando o dia da semana que aconteceram. Notem que para isto, não levamos em consideração o dia da publicação da matéria e sim da ocorrência, pois, existem fontes que se referiam a acontecimento de até três ou quatro dias da publicação do periódico. Dessa forma, obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 4 - Porcentagem das incidências (dias da semana) do Samba e Batuque

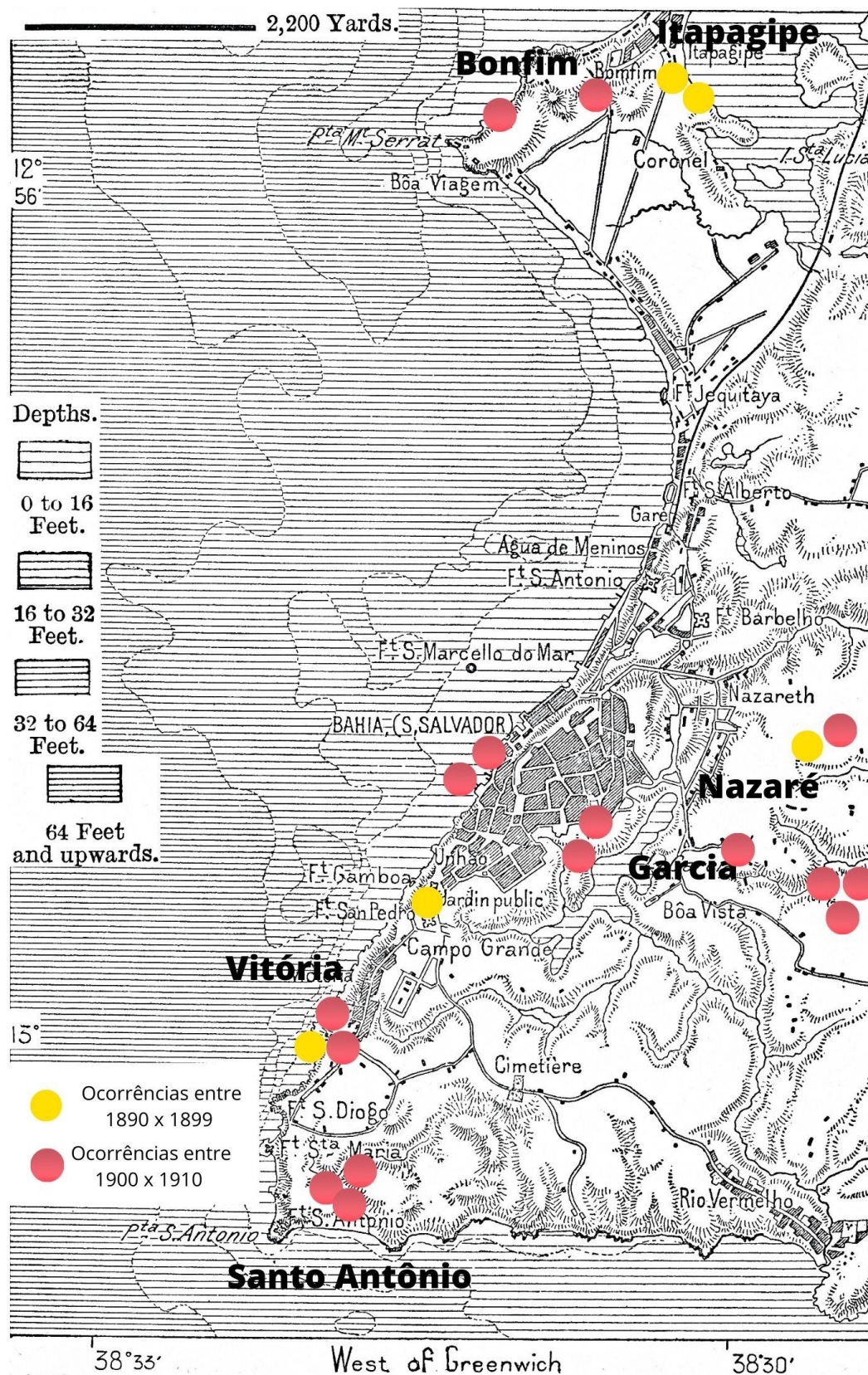


É notório que os dias em que houve os maiores registros das práticas, samba e batuque, ocorreu nos dias de fim de semana (sábado e domingo). Isto significa uma representação de um total de 45% de todas as ocorrências. Dessa maneira, acreditamos que os fins de semana são os espaços com maiores possibilidades para as sociabilidades entre as pessoas negras, quando analisamos os fenômenos do samba e batuque. Esse fator pode ter influência do domingo, ainda considerado como dia santo. Ou seja, uma tradição reinventada e utilizada pelas pessoas para suas sociabilidades e divertimentos.

Outra característica importante que ressaltamos é que o gráfico deixa evidente as práticas do samba e batuque sendo realizadas em todos os dias da semana.

Observamos que, em determinadas fontes, os distritos foram indicados. Nesse sentido, fizemos um mapeamento da realização de sambas e batuques no período pesquisado. Cabe informar que nem todos os distritos da cidade estavam representados no mapa em questão; então, foram catalogados os locais em que as fontes se referiram diretamente e estavam presentes no mapa, em alguma ou outra incidência utilizamos a aproximação para marcação. Um aspecto que nos chamou a atenção foi a diversidade espacial em que ocorreu o fenômeno – olhando no mapa tivemos uma melhor visão a sobre a diversidade geográfica de realização de sambas e batuques. Temos acordo que nem todos os eventos foram catalogados; inclusive, a quantidade de periódicos, bem como os acessos podem modificar o panorama. Mesmo com os defeitos informados, temos alguns apontamentos em relação ao mapa. Sendo, aumento das incidências do samba (no mapa vemos os pontos em vermelho), relacionados à segunda década deste estudo, com uma quantidade superior aos amarelos, referentes a década anterior. Esta característica reforça nossa indicação de que a repressão aos costumes não significou seus desaparecimentos, pelo contrário. Todos os distritos que tiveram realização de sambas na década de 1890 também tiveram em 1910, o que pode demonstrar o fortalecimento do costume e sua manutenção. Inclusive, essa continuidade pode ser fruto de sua organização por determinados grupos. Esses divertimentos estiveram presentes em distritos centrais e periféricos. Inclusive, no mapa, sua maior aparição é nos distritos da periferia, ou seja, fora do centro. Esses são aspectos que podemos inferir a partir da confecção deste mapa disponibilizado abaixo.

Figura 4 - Mapeamento das ocorrências de Batuque e Samba (1890 x 1910)



Fonte: Elaboração dos Autores

Decidimos utilizar nossas fontes para fazermos uma nuvem de palavras, com a intenção de deixar que as fontes falassem coletivamente. Ficou evidente que a forma da imprensa representar o samba e o batuque estava ligadas a determinado conjunto de valores. Como metodologia para esta nuvem, fizemos apenas a diminuição dos artigos e advérbios para dar melhor visualização aos substantivos e adjetivos.

Percebemos que a palavra Samba, foi a maior utilizada, pois, evidentemente é o cerne das matérias. Sobre o período em que se dava o divertimento, inferimos a aparição com maior frequência da palavra noite, seguida de madrugada. Aparecem também como localização as palavras rua e distrito, mostrando que grande parte dos periódicos localizavam as aparições do samba em seus devidos lugares, com localizações completas ou muito próxima da realidade.

Novamente surge a questão do Samba e Batuque terem sido extraídos para este trabalho em maior parte das páginas policiais, pois é notório a quantidade de palavras que estão ligadas à estrutura policial na nuvem: delegado, D.R., comissário, subcomissário, preso e, obviamente, polícia.

O caráter popular do samba pode ser medido, inclusive, pelos nomes que apareceram com destaque nesta junção de palavras, citamos: Maria, José e João. Mesmo que em alguns momentos sejam nomes de pessoas da elite, em sua maioria foram utilizadas pelas camadas populares.

Como não podia deixar de faltar, vimos na nuvem o destaque para o adjetivo infernal quando utilizado para referenciar os costumes do samba e batuque. Deduzimos que um fator de destaque é que a palavra divertimento está entre as mais citadas. Então, mesmo nas páginas policiais, reforçamos nossa argumentação do Samba e Batuque serem considerados como um espaço de divertimentos para as pessoas negras e tendo neste cruzamento a contradição das fontes, pois, considera uma diversão infernal, incivilizada e imoral, e isto em certa medida também lhes concede humanidade, um sentido para ser e existir. Compartilhamos abaixo a nuvem de palavras na íntegra.



Figura 5 - Mapa de palavras (Samba e Batuque)



Fonte: Elaboração dos autores

Tivemos acesso a uma fonte que, mesmo sendo publicada em um periódico, pode ser considerada como a “voz dos mortos negros” ou “o leão contando a história”. A matéria não tem assinatura, como quase todas as outras utilizadas até aqui, e estava dentro dos cadernos policiais. Apontamos que a ideia de modernidade também é criticada, mas pelo ponto de vista dos de baixo, ao passo que é apontada como causa do fim dos batuques pelo aprimoramento das táticas policiais. O texto também ressalta a ancestralidade dos praticantes do samba e/ou batuque, principalmente, no momento de concretização da defesa física de praticar o divertimento. Além disso, levanta também uma nostalgia ao lembrar que “se foi o bom tempo em que o pessoal escovado do porrete e da navalha armava os seus sambas portas adentro da cidade”<sup>138</sup>. O recorte na íntegra diz:

POR CAUSA DE UM SAMBA - Já se foi o bom tempo em que o pessoal escovado do porrete e da navalha armava os seus sambas portas adentro da cidade; azoaindo a humanidade em derredor com a sua vozeria infernal e os estrépitos de seus instrumentos grosseiros. E se a polícia tinha a veleidade de estorvar-lhes o folguedo....ai! Dela!...Era quando se fechava o tempo, e o resto já se sabe, o triunfo era pau... Hoje em dia, as coisas estão mudadas, graças ao progresso.... e à polícia. Prova disso teve em a noite de S. João, o Saturnino Manoel do Espírito Santo, que lá para os lados de Santana atordoava os ouvidos da vizinhança com um batuque de truz. No melhor do gosto, porém, surge uma patrulha e manda cessar o folguedo. O Saturnino deu pra ruim, lembrando-se da energia que seus ancestrais sabiam repelir os intrusos. Então foi que o samba se formou; mas desta feita - são coisas da maldita civilização - a polícia triunfou... o batuque virou azougue...e o Saturnino dançou na cadeia.<sup>139</sup>

O Samba e o Batuque, em nossa interpretação, formaram-se como espaços e estruturas que permitiam o desenvolvimento do sentimento comunitário racial, mesmo que os envolvidos não o soubessem, sentissem ou externassem. Assim sendo, existiam em um espaço e tempo determinados para tais costumes. Ou seja, encaramos como sendo espaços de sociabilidades – e não apenas locais para execução dos ritmos musicais e danças. Os Sambas e os Batuques traziam consigo todas as contradições inerentes aos divertimentos. Não queremos romantizar as dificuldades, mas temos a necessidade de, após tratamento e análise das fontes, enaltecer nossos ancestrais por ter mantido vivo os costumes aqui abordados – na maior parte deles observamos de fato suas raízes africanas, seja na luta física, nas negociações culturais (incorporando elementos de outras culturas para sobreviver), sociais (sendo espaço para todas pessoas interessadas inclusive as não negras – extracomunitárias) ou políticas (negociando com a polícia para acontecer).

---

138 POR CAUSA DE UM SAMBA. A Baía. Salvador, n.4292, p.2, 26 jun. 1910.

139 Idem.



### 3.2 - "UM CANDOMBLÉ RUIDOSÍSSIMO, INCOMODANDO TODO O DISTRITO E A REPRESSÃO DESTE DIVERTIMENTO PROIBIDO"

O Candomblé é uma religião de matriz africana<sup>140</sup> que se desenvolveu e ainda se desenvolve em vários locais do mundo, a princípio surge em lugares que receberam a população negra diaspórica<sup>141</sup>. Da sua característica de estar espalhado pelo mundo, nascem as regionalidades do Candomblé. Segundo Assef (2014), “há quatro tipos de Candomblé ou Candomblé de quatro nações: Kêtu (povo nagô), Jêje (povo nagô, mas obedientes a uma outra cultura), Angola-congo (povo bantu, este culto é mais afrobrasileirado) e de caboclo (cultuam mais os caboclos, mistura-se com a Umbanda)”. É uma religião que passou por diversos processos que a levaram a (re)existência, entre as mudanças que foram capazes de operar durante o tempo, podemos citar o sincretismo religioso<sup>142</sup>. Inclusive, foi isso um dos responsáveis pelo atravessamento e, conseqüentemente, pela sobrevivência desse costume pelos tempos, como afirma Costa (2019). Esse fator, o sincretismo, pode ser observado também nos periódicos como em:

O FETICHISMO O preto Rondão - As crenças fetichistas africanas, testemunhando a maior ou menor fraqueza de nossa civilização estão mais arraigadas na nossa educação, do que à primeira vista, efetivamente, se possa supor. Entre nós há um acentuado mestiçamento de crenças religiosas, nas quais vai preponderando o fetichismo.<sup>143</sup>

O Candomblé é uma religião de extrema ligação com a natureza e com o conhecimento de si. Como na filosofia africana, é na comunicação oral que o conhecimento e passado pelas gerações, secundarizando, assim, a linguagem escrita. Apresentamos brevemente algumas características do Candomblé. Não é nosso interesse neste trabalho nos aprofundarmos sobre o costume, mas operacionalizar seu sentido como uma forma de diversão<sup>144</sup>, indo ao encontro de uma das maneiras em que era descrito pelas fontes. Exporemos a seguir algumas aparições do candomblé descrito como possibilidade de

---

140 Tratamos aqui de matriz africana para designar sua origem em África ou centralidade nas tradições africanas.

141 Aqui nos referimos a diáspora como um fenômeno atemporal.

142 Forma de manter a religião a partir do espelhamento em imagens de santos da igreja católica para cultuar os Orixás.

143 O FETICHISMO O preto Rondão. A Baía. Salvador, s/n, s/p, 21 mai. 1902.

144 Para aprofundamento no Candomblé indicamos pesquisa de trabalhos que tratem da temática nas plataformas da UFBA, CAPES, SCIELO e afins.

divertimento, esta característica não é a principal na matéria, todavia, aqui utilizaremos com esta finalidade.

Sobre a local que, sob este título saiu inserta no nosso número de 25 do expirante temos a acrescentar que o Sr. capitão Minervino Barroso, ativo subcomissário do 1º distrito de Brotas, veio hoje a esta redação dizer-nos que já expediu as necessárias providências, no sentido de não mais ser perturbado o sossego do público com o aludido divertimento.<sup>145</sup>

Informam-nos pessoas residentes no Gantois 1º distrito da Vitória, e merecedoras de inteiro crédito, que há cerca de 9 dias, estruge sem cessar na Rua da Lama, um infernal Candomblé, que se tem notado, por vezes, alteração da ordem, não faltando na multidão de ociosos que tomam parte no aludido divertimento(...)<sup>146</sup>

Como outros costumes de origem africana, o Candomblé foi alvo de intervenção do estado pela forma da repressão. Desde a promulgação da constituição de 1891, Martin, Piazza *et al* (2018) analisam que o Brasil passou a ser um estado tido, em termos da lei, como laico. O país abandonara o catolicismo como religião oficial, fato esse que marcou não só a política do estado, mas uma tentativa de quebrar ou modificar parte da mentalidade coletiva criada no período imperial. O que para os autores não modificou em relação a estrutura durante o período republicando.

A carta magna de 1891 trouxe definições sobre os rumos do país em relação a religião. Perceberemos a inclusão de artigos que remetem a liberdade religiosa e de culto, sem restrições e amplamente democráticas nos termos da lei. Foi alvo de preocupação dos legisladores o cuidado em demarcar que as liberdades convencionadas atingissem a todos os cidadãos do país, inclusive estrangeiros. Aqui teremos um ponto de divergência entre a legislação e o “mundo real” e da legislação federal e as estaduais. Apresentamos a seguir parte da constituição de 1891 que versam sobre o tema:

---

145 A Baía. Salvador, s/n, s/p, 29 abr. 1904.

146 A Baía. Salvador, s/n, s/p, 18 abr. 1904.

## TÍTULO PRIMEIRO.

Da organização federal.

Disposições preliminares

Art. 11. É vedado aos Estados, como a União:

2º Estabelecer, subvencionar, ou embaraçar o exercício de cultos religiosos;

## SECÇÃO II. Declaração de Direitos

Art. 72. A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes a liberdade, a segurança individual e à propriedade nos termos seguintes:

**§ 3º Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.**

§ 5º Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis.

§ 28. Por motivo de crença ou de função religiosa, nenhum cidadão brasileiro poderá ser privado de seus direitos civis e políticos nem eximir-se do cumprimento de qualquer dever cívico.

§ 29. Os que alegarem motivo de crença religiosa com o fim de se isentarem de qualquer ônus que as leis da República imponham aos cidadãos, e os que aceitarem condecoração ou títulos nobiliárquicos estrangeiros perderão todos os direitos políticos. (BALEEIRO, 2012) **grifos nossos.**

A contradição encontra sua afirmação nas proibições em níveis diferentes da constituição. Como exemplo na polícia, as proibições foram visualizadas em ofícios e legislações específicas. Apresentamos, em seguida, um comunicado publicado no periódico Gazeta do Povo, atentem-se para a formalização do processo da repressão, a partir da lógica do costume “outro”, sendo estes realizados pelas pessoas negras e apresentados como contrários à civilização. Além disso, o Candomblé é apontado como perturbador da “paz” e do “sossego público”.

“Aos srs. delegados da 1ª e 2ª circunscrições. Recomendo-vos que espessais as mais terminantes ordens aos subdelegados da vossa circunscrição, no sentido de serem absolutamente proibidos os sambas, batuques e “candomblés”, que, além de perturbarem a paz e o sossego públicos, são depoentes da nossa civilização. Espero de vosso reconhecido zelo e dedicação ao serviço público que essa minha recomendação seja rigorosamente observada. – O chefe de polícia, Dr. José Maria Tourinho.”<sup>147</sup>

Além da polícia, o próprio Código Penal de 1890 trazia como crime algumas práticas que serão ligadas as religiões de matrizes africana, listados abaixo:

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de

---

147 Gazeta do Povo. Salvador, 161, p.2, 02 jul. 1906.

moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública:

Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

§ 1º Si por influência, ou em consequência de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporária ou permanente, das faculdades físicas:

Penas - de prisão celular por um a seis anos e multa de 200\$ a 500\$000.

§ 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos, ou assumir a responsabilidade deles.

Art. 158. Ministras, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o ofício do denominado curandeiro:

Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

Parágrafo unico. Si o emprego de qualquer substância resultar á pessoa privação, ou alteração temporária ou permanente de suas faculdades psychicas ou funções fisiológicas, deformidade, ou inabilitação do exercício de órgão ou aparelho orgânico, ou, em summa, alguma enfermidade:

Penas - de prisão celular por um a seis anos e multa de 200\$ a 500\$000.

Si resultar a morte:

Pena - de prisão celular por seis a vinte e quatro anos.

Acreditamos que mesmo com a constituição sendo em termos da legalidade um instrumento democrático e laico, outras legislações e o cotidiano nos mostrava o contrário, conforme indica Dias (2019) os preconceitos legislativos referentes a estrutura das leis nacionais e as religiões de matrizes africanas, como o candomblé, serão expressos justamente nas contradições de cada nível da estrutura legislativa. Inclusive os praticantes do Candomblé irão sofrer as consequências disto, conforme explicitaremos nos próximos parágrafos.

Como veremos e vimos, no caso do Samba, durante a análise e discussão das fontes, o ideário imaginado pelas elites da Bahia no período da República não teve um efeito com tanta materialidade em Salvador, o passar do tempo irá mostrar que ocorreu o contrário, as práticas combatidas irão se manter, inclusive com determinado crescimento, contatados a partir das aparições nas fontes.

Lembramos que na relação entre o Candomblé e a cidade (espaço) está inserido, novamente, em nossa perspectiva, os discursos e tentativas de modernização da sociedade em todos os âmbitos a partir dos ideais civilizatórios importados da Europa. Diferente do que estava previsto na lei, existe um relato em uma de nossas fontes, de um indivíduo que solicitou, a partir de sua posição social, o fechamento de um Candomblé. Acreditamos que esse indivíduo cumpria um papel de destaque dentre os cargos do estado, pois anuncia que, anteriormente, foi responsável pelas fiscalizações realizadas nos teatros da cidade e que expediu circulares à polícia, autorizando o fechamento dos Candomblés. Devido a estas características, inferimos que se trata de um indivíduo da elite soteropolitana. Em seu

texto, informa aos leitores que o Candomblé atua como um divertimento oposto aos valores modernos – inclusive sendo, em parte, um dos responsáveis pelo atraso socioeconômico de Salvador. Em sua narrativa, indica que o costume é o causador da prostituição das famílias e que é o cúmulo da desordem e da imoralidade. Novamente, o texto parte da ideia de que a prática de divertimento, realizado em grande parte pelas pessoas negras, é contrária aos ideais da modernidade.

Aspirando trabalhar pelo progresso e civilização d'este nosso estado, tenho procurado por termo a diversos divertimentos, que são o cúmulo da desordem e da imoralidade entre eles, o intitulado-Candomblé. Neste sentido expedi circulares aos subcomissários dos diferentes distritos, proibindo expressamente semelhantes diversão, que é o atestado mais degradante da nossa civilização), um verdadeiro veículo para a prostituição de famílias, tendo por intérpretes os "chefes d'esse divertimento.<sup>148</sup>

Outro personagem de profissão de prestígio junto a sociedade<sup>149</sup>, um advogado, enviou uma carta anônima para o periódico Diário de Notícias. Nessa, o indivíduo deu detalhes sobre a maneira que encara o Candomblé, tendo o cuidado de informar que estava despido de sentimentos ruins ao escrever – ou seja, está em posse de todas suas faculdades mentais e emocionais em dia<sup>150</sup>. Ele reclamou que existia um Candomblé praticado escandalosamente próximo à casa de um subcomissário de polícia que nada faz, sendo necessário a intervenção de um comissário para reprimir tal costume. Acrescentou que “Os furtos e os roubos, até com essa calada, se repetiram aqui, sem que o subcomissário se movesse.... como não se moveu é muito notório, com o crime horroroso da Fonte Nova<sup>151</sup>.” Nessa mesma esteira argumentativa, surgiu no Jornal de Notícias uma reclamação sobre a ligação de agressões e ameaças feitas por praticantes do Candomblé. Nesse recorte, o locutor preocupou-se, inclusive, em nomear o terreiro que incomodava a vizinhança.

POLÍCIA. Candomblés e feitiçarias — Para este assumpto, pelo que depõe da nossa civilização e pelos males que produz, deve o sr. dr. chefe de polícia voltar suas vistas. Temos sobre a mesa novas reclamações quanto ao que se pratica em tais candomblés; e principalmente em um, denominado dos dois mabaças, no Engenho Velho, na Lucaia, Rio Vermelho, e o qual incomoda de tal sorte os

148 DIVERTIMENTOS PÚBLICOS. Correio do Brazil: Orgam Democrata. Salvador, n. 231, p.2, 07 jun. 1904.

149 Referimo-nos aqui a forma em que determinadas profissões davam espaços e formas de tratamentos distintas a outras, fato que perdura no tempo e atinge nosso cotidiano, quem dirá na virada do século XIX, onde saber ler e ter acesso a escola foi limitadíssimo.

150 Como se a afirmação de algo te exclua daquilo que quer se distanciar e/ou se afastar. Dizemos, o início de uma sentença de “eu não sou racista, mas...” já se configura como uma atitude racista. Ver a Música “Eu não sou Racista” de Nego Max, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA>, inspirada na versão norte americana (original) de “I’m not racist” de Joyner Lucas, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=43gm3CJePn0>

151 CANDOMBLÉ ETC - A POLÍCIA DE NAZARÉ. Diário de Notícias. Salvador, n. 1149, p.1, 05 fev. 1907.

moradores vizinhos, que á polícia cumpre intervir, até porque se tem praticado ali agressões e ameaças. Para o facto chamamos a atenção da autoridade local, e especialmente do sr. dr. chefe de polícia.<sup>152</sup>

Essas não foram as únicas reclamações da “sociedade civil” que encontramos contrárias ao Candomblé – diversos registros foram encontrados com o mesmo caráter. As fontes, apesar da mesma matriz (a reclamação), trazem algumas sutilezas, a exemplo: “Chamamos a atenção da polícia para um candomblé existente no Garcia, distrito de Vitoria, o qual incomoda extraordinariamente às pessoas ali residentes”<sup>153</sup>. Perceba como o periódico dá uma ênfase no incômodo que a prática do Candomblé causa nos moradores do referido distrito. Relacionaremos fragmentos que apontam para a atenção dada pelos periódicos ao elemento africano contido no Candomblé – a ligação “normalizada” do costume ao selvagem e os pedidos de repressão aos praticantes do costume via intervenção da policial. Notem na última fonte que além dos pedidos de repressão e de como o candomblé atrapalha o descanso dos moradores (como se seus praticantes não tivessem outros afazeres) temos a inclusão de duas características sobre o costume. A primeira sobre sua periodicidade ser todas as noites e a ênfase aos domingos e a segunda sobre as dificuldades de os periódicos definirem com limites rígidos para se referirem ao costume, na última fonte deste trecho temos a indagação no início da matéria “um candomblé ou samba”. Sobre a epistemologia do costume entra nesta discussão o batuque, pois, principalmente, no sentido da comunicação partir do dominador. Nossas fontes referiam-se ao candomblé também como batuque em alguns momentos. Temos neste ponto a mesma discussão inclusa quando tratamos os sambas e os batuques, para nós interessa o costume de uma forma geral e durante nossa pesquisa não nos preocupamos com a criação destas limitações, que em nossa perspectiva em nada atrapalha nossas discussões. Apresentaremos as fontes aqui discutidas, reproduzidas na integra abaixo:

Pedem-nos de chamar a atenção da polícia local para um grande Candomblé, à Rua Machado, distrito de Santana que causa os maiores incômodos as famílias das circunvizinhanças. Já é tempo de se acabar, de vez, com estas arcaicas e selvagens exhibições de mero africanismo!<sup>154</sup>

É preciso que, de vez, a polícia acabe com o pernicioso e depoente costume de se atirarem às ruas da cidade, feitiçarias constantes de animais mortos, comidas de origem africana, panos velhos, objetos imundos, etc. como têm sido vistos, nestes

---

152 POLÍCIA - CANDOMBLÉ E FEITIÇARIA. Jornal de Notícias. Salvador, n.8107, p.1, 04 mar. 1907.

153 A Baía. Salvador, s/n, s/p, 27 mai. 1902.

154 A Baía. Salvador, s/n, s/p, 10 ago. 1904.

dias em algumas ruas mais transitadas dos distritos de Nazaré e Brotas. Isto para uma capital e que diz ter polícia civilizada, é depoente!<sup>155</sup>

Vários moradores do 1º distrito de Brotas, no Matatu Grande, queixaram-se nos de um candomblé ou samba que existe nesse lugar há mais de um mês e no qual se reúne muita gente, que se não tem em que ocupar, seria melhor repousar, à noite, dos trabalhos afanosos do dia. O aludido inocente divertimento é uma barulhada infernal que todas as noites e durante os domingos, torna-se um enorme incômodo para os que ali moram. O Sr. subcomissário daquele distrito, que tão digno tem sido dos nossos encômios, pela grande atividade que tem sabido desenvolver nos misteres do seu cargo, estamos certos, que, ao ter essa nossa local, providenciarão de acordo a serem atendidas as justas queixas dos habitantes do Matatu.<sup>156</sup>

CANDOMBLE - -Pedem-nos para reclamar também providencias para um batuque horrível, que sem cessar, todas as noites, perturba o sossego dos moradores nas vizinhanças da Quinta das Beatras (distrito de Brotas). Aquela algazarra, indigna de uma cidade civilizada, está também reclamando um cerco idêntico.<sup>157</sup>

Investigar sobre essas reclamações nos levou ao encontro de outra peculiaridade: as fontes marcavam o cotidiano de festejos dentro do Candomblé, onde poderia ser executado durante dias. Não detalhando necessariamente como se davam tais festejos, suas motivações, o que era comemorado, regras para as datas específicas etc., algumas publicações demonstravam a existência de datas que fogem à normalidade dos dias em que são praticados o costume. Apresentamos algumas fontes que reforçam nossa argumentação.

Informam-nos pessoas residentes no Gantois 1º distrito da Vitória, e merecedoras de inteiro crédito, que há cerca de 9 dias, estruge sem cessar na Rua da Lama, um infernal Candomblé, que se tem notado, por vezes, alteração da ordem, não faltando na multidão de ociosos que tomam parte no aludido divertimento, que, dizem-nos, ser chefiado por um indivíduo, sem profissão chamado Antônio Chumaré. À autoridade policial pedimos providências em benefício dos moradores daquele lugar.<sup>158</sup>

Dissemos na nossa edição de ontem que o subcomissário do 1º distrito da Vitória tinha mandado cessar um infernal “candomblé”, que há muitos dias funciona na Rua da Lama e que incomodava durante a noite os moradores daquelas imediações. Pois bem: apesar dessa ordem o chefe de tal “candomblé” Antônio Manuel Bomfim, por alcunha “Chumaré” continuou na noite de anteontem, ontem durante o dia, e até as 7 ½ horas da noite zombando assim as ordens recebidas, dando lugar a ser preso ontem mesmo às 9 horas da noite, à disposição daquela autoridade.<sup>159</sup>

Pedem-nos para chamarmos a atenção da polícia para um candomblé existente no Garcia, onde há quase 15 dias durante as noites, há toques de pandeiro, canzás e

---

155 A Baia. Salvador, s/n, s/p, 12 abr. 1904.

156 A Baia, Salvador, s/n, s/p, 25 abr. 1904.

157 CANDOMBLÉ. Diário da Bahia. Salvador, n.89, p.1, 22 abr. 1903.

158 A Baia. Salvador, s/n, s/p, 18 abr. 1904.

159 A Baia. Salvador, s/n, s/p, 21 abr. 1904.

tabaques, os quais fazem um “barulho infernal”, incomodando extraordinariamente as famílias ali residentes.<sup>160</sup>

Moradores da Boa Vista pedem-nos que solicitemos do Sr. Dr. Chefe de Segurança Pública, providências contra um “candomblé”, que há cinco dias consecutivos funciona ali, incessantemente, incomodando o silêncio público. Além dos toques de “atabaque e os instrumentos africanos, não é raro surgirem questões, como aconteceu ontem, às oito horas da noite, sendo apedrejado o telhado de um pacato cidadão da vizinhança do local do condenável divertimento, por havê-lo censurado energicamente. Dizem-nos os reclamantes que doze foram os indivíduos que atacaram o opositor do “candomblé”, o qual, não podendo contra eles reagir, dirigiu-se ao subcomissário do distrito que não recebeu o bem ofendido, chegando a ameaçá-lo de prisão. A não ser exagerada a informação o fato é para estranhezas, porque daí o que se evidencia é que a autoridade policial se colocava ao lado dos infratores da lei, contra quem pugnava pelo acatamento. Em todo o caso o “candomblé”, não deve continuar sindicando o ilustre Dr. Chefe de Segurança Pública sobre o fato que motiva estas linhas, entregues à sua apreciação.<sup>161</sup>

Sobre o último fragmento de jornal é necessário para fazermos outras ponderações – como a revolta do escritor da matéria ao informar que a autoridade policial não se mexeu quando requerida para findar a um Candomblé. O autor da matéria se revolta ao afirmar que esses policiais se colocavam ao lado dos candomblecistas e ameaçaram de prisão o reclamante, da agressão sofrida pelos praticantes do candomblé. Dessa forma, o que podemos pensar com uma matéria dessas uma série de possibilidades. Por exemplo, seriam os membros dessa circunscrição policial praticantes do candomblé? Ou eles recebiam alguma verba oriunda da negociação entre os candomblecistas e a polícia? Não queriam apenas ficar sem ter mais uma dor de cabeça durante seu expediente? Não queriam atender aquela localidade em específico? São várias as possibilidades que infelizmente não podemos nos aprofundar, entretanto, fato é que a matéria tenta desmoralizar os policiais daquela localidade.

Compartilharemos um fragmento que contém detalhes sobre o imaginário que o Candomblé representava em uma parcela do coletivo da mentalidade social do período. Em parte, além disso, se trata de uma notícia que consegue fazer emergir diversos elementos elencados aqui e anteriormente. Ela marca as danças do Candomblé como diabólicas; ou seja, o outro e, conseqüentemente, o mal. Tal dualidade é consequência da tradição cristã na formulação de uma teoria que define claramente os limites entre o bem e o mal. Assim, o Candomblé é colocado como um costume sendo contrário à moral, aos bons costumes, à modernidade e a própria civilização e por isso é condenado. Em termos legais, o estado iniciava sua vida republicana longe das amarras religiosas, mas, além da

---

160 Jornal de Notícias. Salvador, n. 20, P.1, 22 mai. 1902.

161 A Baía. Salvador, s/n, s/p, 21 nov. 1902.



política do estado (que não significa ter base na estrutura social como um todo), a mentalidade de parte das pessoas estava arraigada na defesa dos valores morais e afins advindos do catolicismo. Fato esse que causara diversas sequelas nos que estiveram e/ou realizaram costumes que estavam fora deste núcleo, inclusive os evangélicos, diga-se de passagem. Temos em uma de nossas fontes a marcação dos dias da semana em que se dá tal costume naquela localidade – todas as quintas, sextas e domingos. Quando se refere à localização de casas que abrigam o Candomblé, temos pistas de que nem todo Candomblé desse período, em Salvador foram realizados em terreiros estratificados e fixos, soma-se a isto que o Candomblé tem determinadas obrigações que podem e/ou devem ser realizadas em outros locais de contato com a natureza que extrapolam os terreiros, conforme nos indica Oliveira (2006). Aqui neste ponto residirá a luta das elites contra alguns costumes da religião em questão com a argumentação que é contra a higiene pública, devido suas práticas como por exemplo as oferendas.

Passemos a discussão sobre a localização das ocorrências do Candomblé, devido a diversidade de locais que as fontes nos mostraram, acreditamos que independentemente do distrito, as pessoas negras conseguiam realizar seus costumes. Entretanto, a repressão aumenta na proporção que o distrito eleva seu contingente de pessoas não-negras. Encontramos poucas fontes<sup>162</sup> que citavam reclamações, intervenção, repressão e afins aos costumes das pessoas negras em distritos que formam a maioria social. Isso pode ser sinal de que, pela formação racial do distrito, esses costumes eram sinônimos da normalidade e não de excepcionalidade. Em seguida transcreveremos algumas fontes em bairros de maioria não negra que as reclamações dos moradores sobre a realização dos Candomblés foram apresentadas, carregadas de todos os preconceitos já discutidos neste trabalho.

Candomblés no distrito da Sé - Um facto que clama altamente contra os nossos bons costumes é o que se está desenrolando no distrito da Sé, um dos mais transitados da cidade. Referimo-nos a candomblés, que se reúnem nas ruas do Saldanha e Visconde do Rio Branco, nos fundos de umas casas duvidosas, todas as quintas e sextas-feiras e domingos, incomodando a vizinhança durante as noites. Parece incrível que a assuada infernal dos tabaques não seja ouvida pela polícia, que estância perto. Um desses candomblés funciona no pátio de um prédio que dá para o fundo do Colégio Ypiranga. Impedindo o estudo dos coligias e pervertendo os com o espetáculo das danças diabólicas. Moradores do distrito trouxeram-nos bem fundada queixa e dela fazendo-nos isso pedimos á autoridade competente a

---

162 Outra pista sobre os distritos que os periódicos discutem pode ser ao público-alvo dos jornais. Ao passo que quem define vender jornais no bairro X, não vai trazer na maioria dos casos uma quantidade alta de matérias sobre o bairro Y.

repressão desse divertimento proibido, uma vez que o policiado do distrito se mostra ignorante do que ali se passa.<sup>163</sup>

Chamamos a atenção do digno Sr. subcomissário da Vitória para uma casa à Rua do Politeama onde, segundo nos informam, funciona um candomblé, de vagabundos e desordeiros, com prejuízos para os livres costumes e para a moral pública.<sup>164</sup>

Pedem-nos de chamar a atenção da polícia local para um grande Candomblé, à Rua Machado, distrito de Santana que causa os maiores incômodos as famílias das circunvizinhanças. Já é tempo de se acabar, de vez, com estas arcaicas e selvagens exibições de mero africanismo!<sup>165</sup>

A prática do Candomblé também foi alvo do encarceramento em massa da população negra – várias fontes nos deram base para esta afirmação. Deste modo, a maior parte das que tivemos acesso em relação ao costume está relacionada em alguma medida a essa política. No conjunto das prisões, encontramos pessoas de todos os sexos. Ou seja, eram prisões coletivas (na maior parte dos casos), que não buscavam apenas os líderes das casas ou terreiros, mas atuavam como forma de punir todos os envolvidos no costume. Foi em nosso prisma uma maneira de punição, através da força policial. Compartilhamos as três passagens que julgamos mais completas em relação as análises aqui apresentadas.

Curandeiro e bofetadas O alfaiate João Francisco dos Santos apesar dos seus 63 anos de idade, é metido & curandeiro, o que dá lugar a que sua casa, no distrito de Santo Antônio, seja muito frequentada. Ontem, foi procurá-lo para misteres do seu segundo ofício, uma senhora casada a o doutor folha já lhe preparava a mesinha, quando lhe aparece, iracundo, o marido da referida senhora, que é absolutamente infenso a semelhante gênero de cura. Som tirti nem guarde, o marido enraivecido avançou nas fossas, do curandeiro, fazendo-lhe três ferimentos na região occipicio-frontal o um no lábio superior.<sup>166</sup>

Feiticeiro O sr. capitão Wenceslau Ducas Baptista deu um apertado cerco em uma casa de feiticeiro na Fazenda Grande, 2ª distrito de Santo Antônio, prendendo a 18 pessoas que foram imediatamente enviadas para a Casa de Correção. Foram apreendidos tambaques, facas e objetos de feitiçaria que o subcomissário acima referido enviou para o sr. dr. Madureira de Pinho digno comissário da 2ª circunscrição.<sup>167</sup>

Os candomblés - O sr. dr. Sylvestre Faria, delegado de 19. circunscrição policial deu ontem, pela madrugada, um cerco numa casa de onn. I doblése à Fazenda Grande, distrito de S. Antônio, efetuando a prisão das pessoas que ali se achavam, entre homens e mulheres fora em número de 20 e bem assim apreendendo diversos instrumentos de que se tinha para o selvagem divertimento, que depõe da civilização da nossa capital. Os indivíduos presos, inclusive o pai de santo, que si

---

163 CANDOMBLÉS NO DISTRITO DA SÉ. Jornal de Notícias., Salvador, n. 7960, p.1, 06 dez. 1906.

164 A Baía, Salvador, n. 2798, p.2, 30 mai. 1905.

165 A Baía, Salvador, s/n, s/p, 10 ago. 1904.

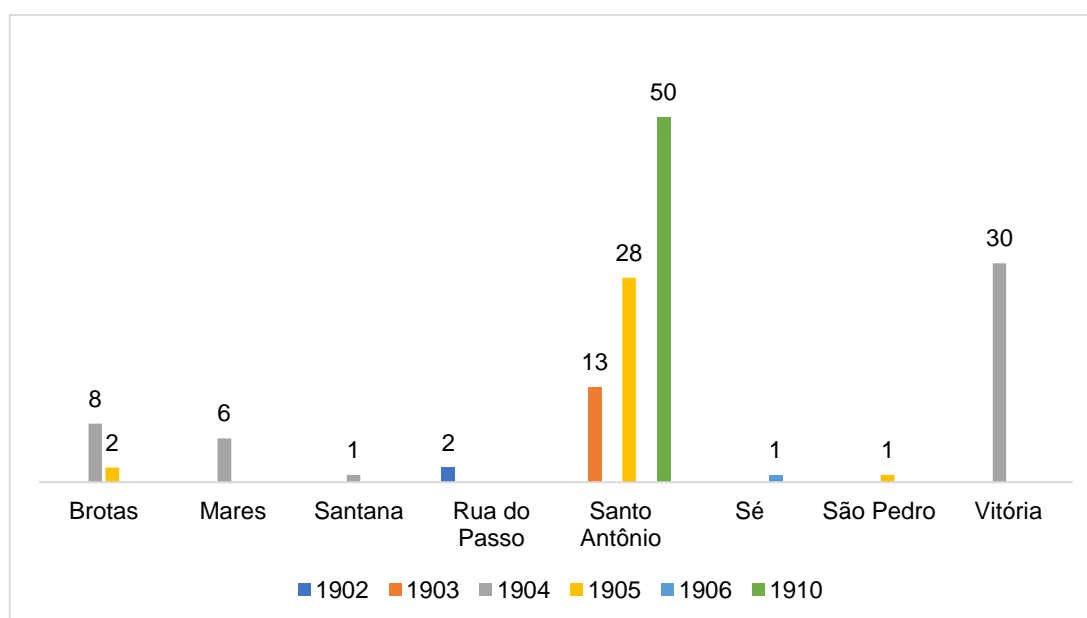
166 CURANDEIRO E BOFETADAS. A Baía. Salvador, n. 3331, p.1, 20 mar. 1907.

167 FEITICEIRO. Diário da Bahia. Salvador, n. 100, p.1, 03 mai. 1905.

fantasiado, seguiram em préstito para o Quartel do esquadrão de cavalaria, aos Barris, sendo precedidos pelo delegado dr. Sylvestre de Faria.<sup>168</sup>

Para finalizar nossa passagem sobre encarceramento em massa, fizemos um quadro com as prisões que tivemos acesso em nossas pesquisas. Notem que a maior incidência de prisões está contida em bairros que são povoados pela maioria de não negros. Aqui não podemos inferir destes dados determinadas afirmações, pois, devido a questão das fontes, de onde falam, para quem falam, o que decidem tratar e afins estamos limitados. Mas como dados quantitativos é um dado importante para o destaque realizado nas linhas anteriores.

Gráfico 5 - Quantidade de prisões devido a prática do Candomblé



Fonte: Elaboração dos autores

Uma fonte trouxe para nosso horizonte analítico uma significativa pista para exemplificação de como o aparelho policial estava desenvolvido já naquele momento. Ela traz as táticas utilizadas para repreender os praticantes de Candomblé de um determinado local, terreiro ou casa. Descreve que a polícia passou uma noite toda esperando para surpreender os candomblecistas, que foi montado uma grande equipe para operação, com diversidade nos níveis hierárquicos. Tanto foi que conseguiram prender os líderes do Candomblé, além de 30 praticantes, homens e mulheres. Por fim, ainda levaram todos os

168 OS CANDOMBLÉS. Gazeta do Povo. Salvador, n. 1486, p.2, 08 ago. 1910.

objetos que conseguiram como apreensão. Uma prisão de tal porte só pode se concretizar devido ao contingente e ao planejamento policial.

POLÍCIA. Cerco a um candomblé - A polícia, depois de vigilância durante uma noite inteira, conseguiu dar cerco a um candomblé, que funcionava na Fazenda Grande, 2º distrito de Santo Antônio, chefiado pelo pai Lourenço José Martins e no qual exerce as funções de Ogan Plácido Bispo. Esta diligência, que foi presidida pelo dr. Silvestre de Faria, delegado de lá circunscrição policial, auxiliado pelos alferes Salvador Borges de Barros subdelegado do distrito, e Adriano Marques com forças de infantaria e cavalaria, teve começo às 8 horas da noite de sábado, terminando pela manhã de ontem. No reduto do pai Lourenço, que também é curandeiro, foram apreendidos muitos objetos próprios do exercício das práticas supersticiosas, sendo feitas 30 prisões de homens e mulheres, os quais foram apresentados a, dr. chefe de polícia. Esta autoridade admoestou os indivíduos que acompanhavam Lourenço no candomblé e os paz em liberdade. Lourenço Martins e Plácido Bispo. Ficaram, porém, recolhidos à casa de correção. <sup>169</sup>

Nesse momento de construção do trabalho, faremos a inclusão de um conceito elaborado por Mbembe (2016), a “Necropolítica”. Consiste, resumidamente, na capacidade de decisão sobre a vida, fato que é intrínseco as elites dominantes, ao passo que “matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder.” (MBEMBE, 2016, p. 1). Assim, tanto no Batuque, quanto Samba ou Candomblé, o estado republicano, recém formado, e suas ramificações criou, através de meios legais e conseqüentemente da violência policial, uma política com intuito civilizador e modernizante, conforme importação do padrão comportamental europeu. Com isso, reformaram as bases criadas desde os tempos coloniais a partir do racismo estrutural conforme aponta Almeida (2019). As reações, táticas e estratégicas da população negra para a manutenção de seus costumes estão sendo tratadas em nossas páginas. Aqui manter vivo os costumes ganham também o significado de se manter vivo em relação a vida. Reside aqui ainda a contradição de porquê manter os costumes se isso pode causar sua morte, prisão e demais punições que podem existir – inclusive, as que não são físicas.

Para encerrarmos o presente subtítulo, precisamos apresentar dois conjuntos de acontecimentos – o primeiro em relação ao Jogo de Búzios e o segundo sobre as abordagens que levaram à prisão por feitiçaria.

O Jogo de Búzios é uma prática contida nas religiões de matriz africana, consiste em apontamentos do futuro a partir de como ficam dispostos os Búzios na superfície escolhida. Para esta prática não é necessário o espaço físico do terreiro para sua realização, podendo

---

169 POLÍCIA. CERCO A UM CANDOMBLÉ. Jornal de Notícias. Salvador, n.9124, p.1, 09 ago. 1910.

ser em um local indicado pelo praticante, desta característica veremos a circularidade das pessoas que possuem este dom em estar presente nos diversos distritos da cidade.

Nos chamou a atenção a prisão de um menor como responsável pelo Jogo<sup>170</sup>. Cabe destacar que a maioria como concebemos hoje não é o padrão do passado. No final do século, por via do decreto nº 1.313, de 17 de janeiro de 1891, foi instituído a maioria a partir de 14 anos de idade. Observa-se ainda a ressalva de que, para determinados crimes, ficara instituído os distritos industriais disciplinares, locais que serviriam de guarda para menores entre 9 a 14 anos que cometessem determinados crimes. Infelizmente, pelas nossas fontes, não sabemos o destino do menor – apenas que foi preso, em contradição com a legislação vigente, que permitia liberdade religiosa.

Em relação ao desentendimento gerado a partir do Jogo de Búzios, uma característica escondida diante dos fatos está no horário que se deu a prática: no período da tarde às 14 horas. Ocorre que o local, Caes Dourado, é um espaço de movimentação intensa devido ao trabalho gerado no Porto<sup>171</sup>.

O jogo de búzios teve inclusive uma prisão pela prática em uma praça pública, fato que pode auxiliar-nos a pensar sobre a popularidade do costume com uma parcela da sociedade, ao passo que a existência do jogo em um local aberto e com confluência de várias pessoas da cidade, além da facilidade de acesso pela polícia para repressão é notório. Assim, conforme nos apresenta a fonte tivemos “Quando jogava búzios na Praça Castro Alves, foi preso e recolhido à estação da Sé, o indivíduo Mariano Anselmo dos Santos”<sup>172</sup>.

Em relação a feitiçaria ligada ao Candomblé ou aos costumes de matrizes africanas, podemos apontar que, naquele momento, em algum momento pode ter sido utilizado como tática de sobrevivência material, dizemos realizar a prática para conseguir se sustentar financeiramente. Como em outras religiões em que existem práticas que levarão ao recolhimento de recursos financeiros, seria muito difícil não existir também no Candomblé. Mais que relegar apenas o papel de charlatões a essas pessoas, acreditamos que seja necessário e importante analisar que foram negros e negras, em maioria, que buscavam a sobrevivência em certos momentos. Em outra perspectiva sobre o fato não podemos deixar de reconhecer que também poderia estar incluso nessa categoria aqueles que buscavam a realização do costume pelo papel religioso, como tarefa de vida e afins. Cabe aqui

---

170 PRISÕES. Diário da Bahia. Salvador, n.28, p.1., 05 fev. 1905.

171 POLICIAIS. Diário da Bahia. Salvador, n.68, p.1., 25 mar. 1902.

172 A Baía, Salvador, n. 2747, p.2, 29 mar. 1905.

relembrarmos a discussão feita a alguns parágrafos passados, onde apontávamos as contradições entre o código penal e a constituição no tocante as questões religiosas, ao passo que nossas fontes nos indicam, a título de exemplos algumas características do tido como prática de feitiçaria ou curandeirismo. Nelas perceberemos a apresentação de dois indivíduos identificados por seus nomes completos e pelos feitos conhecidos pelos jornais. Na primeira fonte temos a apresentação do “Dr. Folhas” que se utiliza dos elementos da natureza para fazer seus atendimentos e que pela acusação de envenenamento de uma família passou a ser procurado pela polícia. No segundo fragmento somos levados a conhecer “Flora” descrita pela fonte como “crioula, sexagenária, exerce a profissão de curandeira”, inclusive teve seus pertences apreendidos pela polícia na ação repressiva que foi alvo. Cabe destacar que no Candomblé as mulheres exercem papéis importantes durante toda história. Na terceira incidência que escolhemos para relato, temos um “feiticeiro” que possui uma determinada fama, pois, o periódico o caracteriza como “célebre feiticeiro” e nos informa seu nome completo, bem como local de morada conhecido. Inferimos, pelo contato com todas as fontes que tivemos, que quando um periódico destina espaço e tempo para uma constatação dessas é sinal de igual para considerarmos o indivíduo em questão como possuidor de certa fama ou prestígio no costume, independente dos usos desses. Quero dizer a fama poderia ser para seu status na comunidade ou em relação a polícia etc.

Por comunicação do alferes Cunha, comissário do termo de Itaparica, sabe-se que ultimamente chegou ao distrito de São João, um indivíduo se dizendo “Dr. Folhas”, tendo feito diversas curas pelo sistema de folhas, ocasionando desse tratamento, duas moças filhas de família ficarem envenenadas e quase loucas. Ciente do ocorrido o comissário se dirigiu ao lugar, mas não encontrou o curandeiro que já se havia evadido para Plataforma em Pirajá.<sup>173</sup>

Curandeira e feiticeira- O coronel José da Motta, esforçado subdelegado do distrito da Ruado Passo, tendo tido denúncia de que Flora, Maria da Conceição, crioula, sexagenária, exerce a profissão de curandeira e prática o fetichismo, no 2º andar no prédio n. 5, à Rua do Passo, para ali se dirigiu anteontem, à tarde, em companhia do seu escrivão, efetuando a prisão de Flora e apreendendo as mesinhas e pertences do abominável culto pagão. Do resultado da diligência o coronel Motta deu ciência, por ofício, ao exmo. Sr. Dr. chefe de polícia, a quem fez remessa dos objetos apreendidos.<sup>174</sup>

Foi preso ontem no Tororó Grande, o celebre feiticeiro Antônio Querino de Jesus, que há tempos residiu na Rua do Politeama, e que muito tem feito e dado que fazer à polícia pela sua mania de curandeiro, senão pernicioso feitiçaria de que tem

---

173 A Baía. Salvador, n.2925, p.2, 04 nov. 1905.

174 CURANDEIRA E FEITICEIRA. A Baía. Salvador, n.4360, p.1, 20 set. 1910.

lançado mão, iludindo a boa-fé dos incautos. Acha-se detido no posto policial de Santana.<sup>175</sup>

Julgamos que essas foram as considerações pertinentes ao Candomblé. Verificamos a existência do costume sob diversas roupagens – prática religiosa, divertimento e forma de alguns indivíduos conseguirem renda. Mesmo com a repressão do estado, o costume seguiu existindo e sendo praticado. Fizemos o exercício de construir, como no subtítulo anterior uma nuvem de palavras com as fontes que tivemos acesso, inclusive as que não entraram em nossas referências. Identificamos com isso que a maior incidência foi o Candomblé, pois era o centro das notícias. Além disto, percebemos uma costura entre as discussões que fizemos, vemos claramente as aparições com destaque para polícia, dr., subcomissário e delegado, devido a ação repressiva, divertimento, pela contradição das fontes de indicarem que mesmo com os adjetivos negativos e afins acabam por afirmar que a prática é um divertimento para as pessoas negras (em maioria), depois são realçadas as palavras ligadas a prática do Candomblé como curandeiro, feiticeiro, búzios e cura. Mostrando que foi variado a forma em que o costume foi sendo retratado na imprensa, com isso não queremos romantizar as disputas inclusas nesta relação do Candomblé versus instituições. Não podemos deixar de citar que o adjetivo “infernai” também apareceu entre as palavras de destaque, ao passo que em muitas oportunidades o costume foi caracterizado com esta alcunha adjetiva. Este aspecto representa uma série de possibilidades interpretativas como exemplo, refere-se a maneira em que as elites enxergavam o Candomblé e utilizavam suas influências nos órgãos repressores para ligar o costume ao inferno e tudo que uma construção da mentalidade coletiva poderia significar a partir desse uso. É necessário pontuar que nos chama a atenção a forma em que as fontes abordaram o candomblé, pois, uma atividade essencialmente religiosa só apareceu enquanto divertimento, quando comparamos com o Catolicismo, que é tratado com um tom de seriedade e universalidade, fica evidente o cunho racista existente na abordagem, retornando aqui a problematização das fontes oriundas do “outro” e não daquele produtor e praticante do candomblé. Abaixo apresentaremos nossa nuvem de palavras, com a mesma metodologia utilizada para criação quando fizemos sobre o samba, e posteriormente iremos partir para outro costume da população negra: a Lavagem e os festejos do Bonfim.

---

175 A Baia. Salvador, s/n, s/p, 29 fev. 1904.





### **3.3 – A PROIBIÇÃO DA LAVAGEM DO BONFIM: "COM O FIM ALTAMENTE CIVILIZADOR DE PREVINIR OS ESCANDALOS E PROFANAÇÕES"**

Pensamos que é necessário voltar um pouco no tempo para fazermos uma breve apresentação sobre o surgimento dos Festejos do Bonfim. Esse costume é parte das comemorações em culto ao Senhor do Bonfim e não existe consenso na historiografia sobre a data de seu surgimento. Todavia, uma parcela considerável de pesquisadores apresenta o marco inicial na metade do século XVIII, trazida por Theodósio Rodrigues de Faria<sup>176</sup>, mercador, que, após salvar a si e a sua tripulação de uma situação em auto mar, fez empreender a fundação de uma igreja em Salvador, dedicada ao Senhor do Bonfim. Contamos alguns estudos que o pedido de livramento ao Cristo Crucificado, feito por Faria o levou ao alcance da graça. E por isso é levado para igreja da Penha uma imagem de Jesus Cristo Crucificado que será cultuado como Senhor do Bonfim.

Para se ter uma ideia da força simbólica que a imagem possui, existe na história, segundo Guimarães (2021), apenas dois eventos em que o Senhor do Bonfim saiu da capela. Uma, por via de organização popular, contra a violência praticada contra os menores de idade. E outra, relacionada a uma seca e à cólera, todas ao longo do século XIX.

Mendes (2009) apresenta outra versão para o surgimento da devoção e, conseqüentemente, dos costumes de reverência ao santo. São expostas as versões de Serra e Querino, em que o Senhor do Bonfim é cultuado por promessas de soldados negros, que retornaram vivos da Guerra do Paraguai. Além disso, está associado ao culto a Oxalá, que era realizado fora dos limites de Salvador e depois incluído na cidade, escolhendo a imagem do Senhor do Bonfim para seu culto. Independente de escolhermos uma versão ou outra para compreender os festejos do Bonfim, cabe frisar que, no período estudado, as práticas eram fruto de diversos costumes religiosos – praticados por católicos, candomblecistas e adeptos de outras religiões, de matrizes africanas ou não. Dividia-se entre os festejos, antes e após as missas e novenas, a lavagem da igreja que ocorrem na “quinta-feira antes do final do novenário”<sup>177</sup> e a “segunda-feira” do Bonfim continuidade dos

---

176 Para maiores informações sobre quem foi Theodósio estão disponíveis em <https://www.salvadorescravista.com/homenagens-controversas/teod%C3%B3sio-rodriques-de-farias>. Cabe ressaltar que este site é um projeto importante sobre reparação da memória histórica de Salvador, principalmente quando analisamos seu objetivo (reparação da memória coletiva).

177 Matéria completa com a explicação da festa disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/lavagem-do-bonfim/>

festejos. Neste subtítulo discutiremos esse conjunto de costumes denominados festejos do Bonfim.

A citação que abre o subtítulo desta seção remete à proibição da Lavagem das escadarias da igreja do Bonfim, feita pelo arcebispo Antônio Luís dos Santos. Esta decisão foi tomada no ano de 1890, final do século XIX, através de uma portaria sob a responsabilidade da igreja (BONFIM, 2011). Todavia, não foi a primeira vez que ocorreu uma decisão deste porte, pois, em 1890 também foi proibido a lavagem, segundo coleta de fontes pesquisadas por Adán (2004) e se estendeu enquanto proibição até 1894, ano em que a lavagem estava autorizada a regressar como costume. Essa ação foi simbólica se retomarmos a discussão sobre os ideais civilizantes e modernizadores em curso – tanto é que se ventilava uma decisão dessas há algum tempo, mas nunca havia saído do campo das ideias. Dar a materialidade a um elemento tão importante como este contou com uma rede de comunicação específica e um aparelho repressivo para fazer valer a decisão. Como exemplo da nossa argumentação, apresentamos as notícias que saíram nos periódicos da época.

**Lavagens de igrejas** - O bispo de Eucaristia, coadjutor do arcebispado, baixou hoje uma portaria proibindo que nas igrejas se façam lavagem públicas, com o fim, altamente civilizador te prevenir os escândalos e profanações que costuma haver durante elas.<sup>178</sup>

Cabe destacar que a não realização do ato coloca uma parcela de pessoas negras expostas à violência policial<sup>179</sup>. Historicamente, a repressão passará por recortes de raça, como no caso da lavagem, ao passo que é um costume surgido e perpassado geracionalmente como parte dos costumes das pessoas negras, em sua maioria (o que não significa exclusividade). No fragmento que tivemos acesso, existem reflexões necessárias, pois se trata de um momento em que a polícia decidiu manter a proibição. Dessa forma, acreditamos que o trecho “decidiu manter” foi devido a uma contra-argumentação (solicitando a liberação), que não podemos inferir de qual estrato, camada ou estrutura social saiu – mas é provável que tenha existido. A matéria informava que: “Lavagem do

---

178 LAVAGENS DE IGREJAS. Jornal de Notícias. Salvador, n.3351, p.2., 10 jan. 1891.

179 Trazemos este termo muito utilizado no cotidiano “violência policial” que a leitura em nossa dissertação soará como um anacronismo, todavia, a violência policial é uma prática que nasce junto da instituição/estrutura da polícia. Guardadas as devidas proporções para cada tempo histórico, mas ela sempre esteve lá, mesmo que não tivesse este nome.

Bonfim - Comunicam que o sr. dr. chefe de polícia está resolvido a manter a circular do arcebispado, não consentindo Lavagem na igreja do Bonfim este ano<sup>180</sup>".

No espaço dos festejos do Bonfim, nos deparamos com o sincretismo religioso. Que nada mais é um conceito em que culturas oprimidas expressão nas imagens das culturas dominantes suas entidades de valor cultural. Exemplificando, é a imagem de Jesus crucificado dentro da igreja para pessoas de cultos não católicos possuem outro significado, como para parte dos candomblecistas é uma imagem de Oxalá.

Entendemos aqui uma condição que deva ser pensada quando analisamos a questão advinda da dicotomia do período em separar em polos distintos – o sagrado e o profano que pode ser registrado como sendo: o sagrado é, na maioria dos casos, visto a partir do olhar católico – e não queremos tomar tal fato como verdadeiro. Iremos discutir e analisar nossas fontes, de forma que serão apresentadas, buscando não dar centralidade apenas ao sagrado e nem apenas ao profano como seu ponto contrário. Assim, em nossa perspectiva, o sagrado e o profano são variações conceituais que dependem da caracterização dos grupos sociais que a praticam. Queremos dizer com isso que o sagrado para o candomblecista pode significar algo oposto ao que o católico – mas nem por isso deixa de ser sagrado. Mesmo que seja um exercício não muito comum, precisamos fazê-lo.

As elites, através dos ideais modernizadores, estavam em uma luta contrária ao ideário de profanidade, ao passo que a modernidade buscada era quase que sinônimo do sacro, do sagrado e, conseqüentemente, de uma moral e tradição cristã. Em uma crônica publicada no jornal "A Baía", vemos a força da Lavagem do Bonfim, inclusive como elemento que funciona como parte da tradição da cidade, reproduzido na seqüência.

É, realmente, para orgulhecer, um povo que, sentindo nas artérias o sangue impetuoso do progresso conserva, a despeito do estrangeirismo avassalador, esses costumes puros de outros tempos, essa tradição, que vincula dia a dia as gerações que vão chegando, mostrando, assim, que o nosso povo, assimilando a civilização europeia, nem por isto repele essa herança do passado, na qual expando a alma lírica e sentimental do expansivo povo baiano. A lavagem da pitoresca igreja do Bonfim, o mais popular dos nossos templos, efetua-se hoje, e o povo que para lá aflui, em ondas, com seus carros enfeitados e seus vasos cheios de flores, esquecido das jeremiadas das carpideiras da imprensa, gozará, no máximo, as ruidosas diversões com que celebra o milagroso Senhor.<sup>181</sup>

---

180 LAVAGEM DO BONFIM. Jornal de Notícias. Salvador, n.3354, p.1., 14 jan. 1891.

181 A LAVAGEM. A Baía. Salvador, n. 3280, p.1., 17 jan. 1907.

Esse recorte tem uma característica que remete ao fato de que o escritor da matéria optou por apresentar a Lavagem do Bonfim como tradicional. Ou seja, reconhece um costume marcadamente influenciado e praticado em maior parte pela população negra, isto é, além disso, um costume tradicional do povo baiano (como um todo). Mais ainda: reconhece como sendo também uma resistência contra hegemônica e geracional. Assim, o autor admite em um periódico que repetidas vezes teve ações de cunho racista e separatista a uma prática de pessoas negras, mas que é parte do todo. Isto é, é uma prática de toda sociedade baiana.

Chamou-nos a atenção a questão de gênero contida nas fontes. Então, não poderíamos nos eximir de discutir isso em nesse subtítulo. Antes de iniciarmos é imprescindível reforçar que falaremos sobre gênero a partir de nosso lugar de fala. Ou seja, indicamos que temos um ponto de partida social para discutir o tema, uma construção histórica que nos fez chegar a determinadas cosmovisões existentes e outras que lutamos para combater. Entretanto, seguimos dentro desse marcador e, conseqüentemente, assumindo nossas contradições, como diz Ribeiro (2019). Salientamos que não nos consideramos mais ou menos avançados do ponto de vista da luta contra o machismo e o patriarcado estrutural. Pelo contrário, somos historiadores que enxergaram a demanda analítica nascida dos gritos entoados pelas mortas.

Nas fontes, existe de forma explícita, em vários momentos, a sexualização do corpo da mulher negra, herança dos tempos coloniais. Esquecida por parte da historiografia em determinados pontos, como, quando nas discussões sobre a “mestiçagem” no Brasil, coloca-se à margem ou se invisibiliza os estupros realizados por senhores de engenho a escravizadas, a “mestiçagem” não foi um processo pacífico ou civilizador, pelo contrário. Aparece também a tentativa de construção de uma identidade nacional que tenha em seu imaginário o não-negro, isto é, trabalhando a favor da política da tentativa de embranquecimento da população – também no imaginário e até mesmo na construção de subjetividades coletivas que se movem a cada geração, dificultando a solidificação de uma identidade negra e vivência de negritudes.

Apontamos uma marcação política em nossa escrita, aqui encaramos o desenvolvimento da negritude, através de relações interseccionais complexas. Então, sempre que nos deparamos com termos como “moreno/a, mulato/a, pardo/a e outros/as”, consideramos todos/as dentro da categoria negro/a. Fizemos e faremos isso durante todo o trabalho. Em respeito às fontes, como são textos escrito na terceira pessoa (na maioria das vezes), não deixando espaços ou vestígios para que os atores principais se definissem

em relação a declaração étnica/racial, consideramos como parte da população negra. Conceitualmente nos ancoramos nas discussões e análises de Nascimento (2016), Devulsky (2021) e Munanga (2019).

Nascimento (2016) nos indica que essa política histórica de dividir as negritudes a partir da pigmentação da pele é uma base formadora por um estado elitista – e, em certa medida, racista. Trata-se de um estado que teme a união da população negra enquanto uma classe que poderia reivindicar de forma coletiva seus direitos e a construção de políticas reparatórias. Não estamos reivindicando políticas reparatórias no século XIX, apesar de guardadas as devidas proporções, existirem resquícios disso quando voltamos nossos olhares de forma mais detalhada ao passado. Ao longo da história, dividir a negritude significou uma construção imaginária de um país formado por uma população de maioria não-negra. Sugere o autor que esse processo é parte do genocídio da população negra no Brasil – ao passo que não considera genocídio apenas pela morte física dos indivíduos, mas, além disso, a morte enquanto coletividade e possibilidade de identificação racial, que pode inibir uma jornada comunitária. Fazemos aqui a mesma escolha metodológica que Nascimento ao escrever a obra citada, ao passo que:

Como norma metodológica a ser observada neste trabalho, desejamos inicialmente recusar discutir as classificações comumente mantidas pelas ciências sociais quando tentam definir o negro no Brasil; estas definições designam os brasileiros ora por sua marca (aparência) ora por sua origem (raça e/ou etnia). Ocorre que nenhum cientista ou qualquer ciência, manipulando conceitos como fenótipo ou genótipo, pode negar o fato concreto de que no Brasil a marca é determinada pelo fator étnico e/ou racial. Um brasileiro é designado preto, negro, moreno, mulato, crioulo, pardo, mestiço, cabra – ou qualquer outro eufemismo; e o que todo o mundo compreende imediatamente, sem possibilidade de dúvidas, é que se trata de um homem-de-cor, isto é, aquele assim chamado descende de africanos escravizados. Trata-se, portanto, de um negro, não importa a gradação da cor da sua pele. (NASCIMENTO, 2016, p. 44)

Na obra “Rediscutindo Mestiçagem no Brasil”, Munanga (2019) traça a história da construção de uma identidade nacional em contraponto à identidade negra. Isto é, como no tempo foram se formando políticas que dividiam a população negra, através da escala de melanina. Em sua argumentação, existe um exemplo importante de citação – ele utiliza o caso da Revolução Haitiana<sup>182</sup>. Durante todo o processo revolucionário, foi criado um único sentido de identidade, ao passo que o ponto de união foi o ódio ao colonizador. Assim, essa

---

182 Tomada de poder pela população negra, escravizada, por volta de 1803 os revoltosos tomam o poder. A ilha de São Domingos passa a se chamar Haiti, os escravizados se tornam livres por suas próprias mãos.

revolução foi utilizada como parâmetro pelas classes dominantes para a necessidade de dividir a população negra.

Já Devulsky (2021) discute o conceito de colorismo como sendo a capacidade das classes dominantes de dividir as pessoas negras de sua construção como negros. Nesse sentido, para a autora, existe no Brasil um processo histórico de apagamento da raça negra. Assim, a pulverização em diversas categorias étnicas/raciais auxilia nesse processo, ao passo que o ser “não negro” se torna o objeto de desejo, mesmo para aqueles que deveriam estar no campo contrário.

Terminados os nossos apontamentos sobre a metodologia escolhida para o campo racial da questão, introduzimos um pensamento de Grada Kilomba (2019), que perpassará as discussões aqui levantadas, pois faz considerações sobre como a mulher negra acaba sendo o “outro” do “outro”, a partir da leitura e apresentação desse conceito nascido do movimento feminista negro. A autora nos indica que:

a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro. (KILOMBA, 2019, p. 214)

Nessa situação, a mulher negra tem ainda sua identidade como marca de diversos atravessadores sociais que influenciam no cotidiano e, assim, a busca por parte dessas mulheres (mesmo que inconscientemente) de se tornarem não-negras fará com que termos de “morena” e “mulata” sejam incorporados na construção de sua identidade. Assim, o imaginário social popular, muitas vezes perverso e construído pela elite intelectual, irá aos poucos adentrando o tecido social do período, se tornando quase como um senso comum. Nesse ponto, existe um ditado racista e sexista que pode auxiliar a explicação da motivação de diversas mulheres viverem por toda vida longe da identidade negra – nessa categoria do não-lugar, da morena e da mulata. Diz o ditado popular: “branca para casar, mulata para f... e preta para trabalhar”, que foi o ponto de partida para Pacheco (2008) analisar as condições que trouxeram à modernidade uma consideração social de impacto tão forte. Assim, reforça a autora que existiram e existem “códigos corporais racializados que denotam ideias de relacionamento afetivo-conjugal normativo. É como se a “cor” informasse o tipo de relação afetiva prescrito socialmente” (2008, p. 236). Terminadas nossas considerações teóricas, vamos as fontes!

Xisto<sup>183</sup>, um cronista, que nos deixou muitas pistas dos divertimentos aqui estudados, publicou um texto em que relata o trabalho de uma mulher negra durante a festa do Bonfim. Apesar de não se importar com a finalidade do trabalho que ela realizava se era para o comércio ou consumo próprio, compartilha que:

**Às pressas**

- Dança! Gritou alguém.

Acertados os passos, começou o forró, um recortado ritmado de batuque. Uma creoula peneirava num miudinho de botar a alma da gente saracoteando, como atacada do mal de S. Vito.<sup>184</sup>

A fonte, reproduzida acima, traz, apenas nesse fragmento, diversos elementos que podemos elencar para análise: o início de um batuque em plena festa do Bonfim, a visão divisionista do outro sobre a negritude ao denominar uma mulher negra de crioula<sup>185</sup>, satirizar que os movimentos que a mulher negra se assemelha a uma doença nervosa de movimentação repetitiva<sup>186</sup> e, por fim, como que para algumas mulheres negras, independente do caráter, os espaços festivos não modificam a necessidade do trabalho – pelo contrário, tais espaços poderiam se tornar locais para conseguirem renda.

Em outra crônica, temos um questionamento sobre quais os aspectos que mais chamam a atenção durante os festejos. Após trazer uma lista detalhada de coisas costumeiras que eram relevantes, em seu olhar, o autor acrescenta que o verdadeiro destaque:

(...)não está no donaire, nos requebros graciosos nos meneios elegantes de creoulinhas de pé miúdo e dentes alvíssimos das mulatas faceiras, que ostentam á cintura pesados berloques de prata e nos punhos. Pulseiras de ouro; não está nos grupos de populares que se cruzam as várias artérias do procurado bairro.<sup>187</sup>

Novamente, está contido nas linhas textuais a divisão da população negra pela lógica classificativa e imagética realizada pelo outro. O autor adjetiva as mulheres negras que decidira apresentar como faceiras, de requebrados graciosos e a divisão que alude a elas, como crioulas e mulatas. Isto é, qualquer outra classificação, menos negra ou preta. A

---

183 Não conseguimos identificar se este é o nome verdadeiro do cronista ou um pseudônimo.

184 ÀS PRESSAS. Diário da Bahia. Salvador, n.11, p.1., 15 jan. 1902.

185 Lembramos que quando o conceito se tratar de raça e seus ramos não modificaremos o texto na fonte, apenas nas discussões etc.

186 Ver mais em <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/567776-o-que-e-o-mal-de-sao-vito-doenca-que-tanto-preocupa-o-papa-francisco>

187 SENHOR DO BOMFIM. Jornal de Notícias. Salvador, n.8073, p.1., 21 jan. 1907.

sexualização e coisificação dos corpos negros tem a partir dessas utilizações conceituais seu afastamento, contraditoriamente, do se elemento formador – a identidade negra.

Alguns vestígios foram encontrados em relação de como parte da população negra se vestia para os festejos do Bonfim, em especial para a Lavagem, cabe-nos trazer à tona, apresentando algumas transcrições de nossas fontes em seguida.

Outra feita, na ladeira do Bomfim, descia uma africana, as saias de crivo e rendas crepitantes de goma, os braços duros de cordões de oiro e de coral, o largo colo de azeviche resplandecendo sob o peso de colares ricos, o busto envolvido num chale precioso de Tonquim amarelo, a cabeça posta num torço branco e verde, com uma graça esquisita de pachá. Nisto um buscapé incivil embarafusta-se entre os pés luzidios de calcanhares polidos da rapariga.<sup>188</sup>

A LAVAGEM DO BONFIM - as moças faziam vestidos novos para o grande dia; as creoulas mandavam bordar em alto-relevo na fibra das saias um -Viva o Senhor do Bonfim; as mulatinhas encomendavam as clássicas chinelinhas em que apenas entra o dedo grande do pé e limpavam com erê as piseiras, braceletes e manilha que viam de cobrir-lhes os braços até acima dos cotovelos.<sup>189</sup>

Aqui passa uma creoula, a camisa de crivo, emergindo de dentro do pano rico da Costa; ali, o viver feliz, de branco como um pombo, e com a dizer chalaças. Dentro da igreja, é a azafama do serviço, mulatas de formas opulentas, as saias prezas em formas de calções, vasculhando o assoalho. De quando em quando, uma boca mais alegre canta um verso.<sup>190</sup>

Temos, nas fontes citadas acima, distintas classificações para mulheres negras – crioulas, mulatinhas e africana. Quais as características levaram o cronista a indicar que a mulher era africana? Porque assim defini-la? Uma das possibilidades dessa construção textual pode ser para afastar o elemento negro da criação de um imaginário coletivo, ao passo que uma mulher negra que é colocada como africana, necessariamente, por oposição já não é brasileira. É necessário sinalizar que os momentos da festa e lavagem do Bonfim se tornara algo tão especial que levava as mulheres negras a se arrumarem com trajes festivos e com o melhor que as condições materiais de vida permitiam. Na segunda matéria, existe uma sutileza, percebida quando o autor separa “moças, ceroulas e mulatas”. Partindo dessa conceituação, entendemos que ceroulas e mulatas são categorias distintas e moças significa mulheres não-negras.

Nas músicas tocadas nos festejos do Bonfim que tivemos acesso, o corpo da mulher negra foi elemento central em vários fragmentos. Como exemplo, trazemos uma letra em que a mulher negra (caracterizada pelo compositor como morena), é caracterizada em

---

188 ÀS PRESSAS. Diário da Bahia. Salvador, n.13, p.1., 17 jan. 1902.

189 A LAVAGEM DO BOMFIM. Diário da Bahia. Salvador, n.12, p.1., 16 jan. 1902.

190 ÀS PRESSAS. Diário da Bahia. Salvador, n.1, p.1., 16 jan. 1902.



associação à necessidade de dançar – e a todo um escopo comportamental que deveria ser seguido. Conforme reprodução da fonte.

Samba, Morena! Miudinho!  
Requebra, que não faz mal!  
Pois, o nosso Cavaquinho  
Já tem selo oficial

Morena, miudinho!...Samba!  
É nisso que eu tenho fé!  
Está tudo na corda bamba,  
Mas, a prima está de pé!

Morena, aperta! Miudinho!...  
Que tem fibra este Violão!  
Mais fibra do que o Murtinho...  
Muito mais que a Conversão<sup>191</sup>

Enquanto espaço de sociabilidade, a Lavagem do Bonfim se apresentou como um local de construção de laços sociais, amores, rivalidades, manifestações religiosas, brigas e tudo que pode ser associado a tais espaços. Xisto nos apresenta a um casal que troca declarações de amor durante a Lavagem, segue fragmento da crônica abaixo.

Foi por uma destas deliciosas quinta-feiras, que um africano disse á parceira este idílio, oferecendo-lhe uma orchidea:

Mãe Maria, aqui tem este flô  
Qui no matto zou achou,  
Zi urvaio que elle tem  
Significa nosso amô,

E a Maria respondeu de olhos baixos, muito enleuada e feliz daquele amor:

Pai Zuzé eu recebo est flô  
Pir urvaio que elle tem;  
Primita Deus, nosso Sinhô  
Qui nosso amo fica bem.<sup>192</sup>

Nessa crônica, Xisto descreve o homem como africano, mas silencia-se sobre a cor da mulher. Inclusive, isso nos chamou a atenção, ao passo que o autor em outros textos fora bem detalhista na apresentação de seus personagens. Assim, nessa mesma crônica, ao se referir sobre a participação de algumas mulheres na lavagem, ele descreve todas as características delas detalhadamente. A declaração de amor que nos é apresentada foi escrita da forma em que o cronista supôs ouvir (e/ou da forma que se lembrou). Aqui

---

191 CANTANDO E RINDO. Jornal de Notícias. Salvador, n.8074, p.1., 22 jan. 1907.

192 ÀS PRESSAS. Diário da Bahia. Salvador, n.1, p.1., 16 jan. 1902.

inferimos que o autor usou um tom de ironia ao se referir aos personagens, pois é notório as dificuldades de acesso à norma culta da língua para população negra no pós-abolição. Então, em nossa perspectiva, o texto nos auxilia à confirmação das diferenças atemporais entre língua culta e popular, falada e escrita, falada pela elite e pelos populares. Podendo ser utilizada, inclusive, como elemento de um poder simbólico – ou como conceitua Lelia Gonzales (1984), o pretuguês –, as formas de linguagem são muitas. De modo que podemos trazer para a nossa análise:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês. (GONZALES, 1984, p. 234)

Os festejos no Bonfim configuravam-se como oportunidade para o comércio já na virada do século XIX para o XX. As fontes que utilizamos não foram capazes de nos fornecer subsídios para discussão das relações comerciais entre as comunidades negras. No entanto, foi notório como os estabelecimentos comerciais estavam ligados à conjuntura<sup>193</sup>. Assim, as vestimentas que as mulheres negras utilizavam, os acessórios para a lavagem da igreja e outros vinham de algum lugar, comercializados, independente da forma de realização da troca. Os costumes aqui tratados, geraram, em torno de si, círculos de necessidades e oportunidades de comercialização de mercadorias. Dessa forma, ficaram evidentes as estratégias de venda dos comerciantes do período – em direcionar a vendagem de produtos ligados aos Festejos do Bonfim. Em nenhuma delas, encontramos menção à Lavagem. Assim, acreditamos que este fator pode servir em nossa ponderação de que os festejos do Bonfim aqui analisados, em um contexto amplo, eram populares (com todas as classes e raças) – e isto traz consigo a possibilidade de criação de um mercado consumidor em potencial. A seguir apresentaremos algumas aparições disso. Informamos aos leitores que apenas neste ponto do trabalho vamos utilizar a “foto” da fonte, com a finalidade de apresentar a propaganda como ela foi publicada, ao invés de fazer sua transcrição. Queremos, com isso, trazer proximidade do tempo histórico que nos referimos.

---

193 Pois, as relações de trocas comerciais, não eram exclusividade das pessoas não negras.

Preocupados em vender seus calçados, a loja “O Firmamento” personalizou seus anúncios, voltando-os para a estratégia de lembrar os leitores da necessidade de calçados novos para os festejos – à medida em que, entre os costumes do Bonfim, estavam as romarias, procissões, as danças. Além disso, seu público-alvo era variado, homens, mulheres e crianças – calçados para toda família, informava o anúncio.

Figura 7 - Propaganda da Loja "O Firmamento"



Fonte: Jornal de Notícias, n. 8067, p.1, 14 de jan. de 1907.

As roupas, a moda ou a forma de se vestir podem ser vistas como forma de distinção social. Em um contexto político, em que o poder estava em disputa, com a abertura de espaço pela conquista da hegemonia enquanto classe dominante, parecer ser rico e ter condições era necessário para as elites. Então, esses espaços de sociabilidades públicas, como os festejos do Bonfim, assumiam características diferenciadas em certos aspectos. Um membro da elite deveria estar na moda ou elegantemente vestido para representar-se, simbolicamente, pela vestimenta como tal – era preciso diferenciar-se dos demais presentes, se afastando das vestimentas comuns dos populares. Em alguns casos, esse fator vai remeter ao uso de peças vestiarias importadas. Os comerciantes, sabendo disso,

construíam estratégias de propagandas, que buscava por estes nichos comerciais, diferenciando seu público-alvo, partilhando em categorias como gênero, idade e daí por diante. Trazemos alguns exemplos desta estratégia de venda.

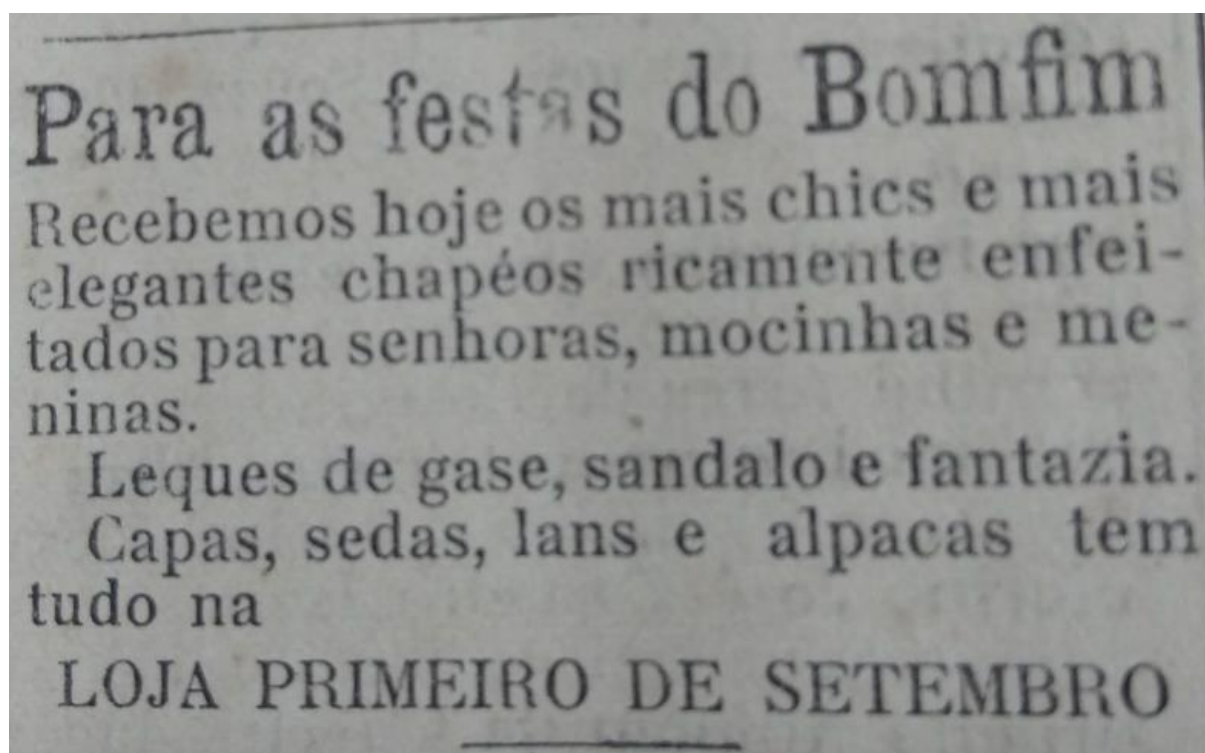
Figura 8 – Propaganda de Produtos para os festejos no Bonfim



Fonte: Jornal de Notícias. n.7769, p.1, 13 jan. 1906.

Como parte da necessidade de diferenciação, tínhamos determinados anúncios que apelavam para marcação de seus produtos como “chiques” e “elegantes”. Nos perguntemos: quais motivos levariam as pessoas a se vestirem dessa forma para festejos populares? Inclusive, no anúncio abaixo, os produtos estavam voltados para o público feminino de todas as idades.

Figura 9 - Propaganda de Produtos para os festejos no Bonfim



Fonte: Diário da Bahia, n. 17, p.2, 23 de jan. de 1902.

Mediante aos indícios que encontramos em nossas pesquisas, não somente em relação aos festejos do Bonfim, como em outras aparições que não foram objeto de estudo como as festas do carnaval, os comerciantes seguiam estratégias de vendas que tinham em determinadas datas pontos centrais para propaganda. Obviamente, todas as relações de comércio giravam em torno desses costumes – por exemplo, existia um calendário festivo já constituído. Assim, não era apenas um ramo do comércio que se moldava com essas especificidades – podemos exemplificar a sentença por via da propaganda de um bar. Em seu anúncio, apresentava existência de um espaço para receber todos os participantes dos festejos do Bonfim que decidissem se refrescar. Inclusive, já anuncia que existirá abertura para as famílias se refrescarem, garantindo para estas o sossego – ao passo que na mesma propaganda existe apelo para as bebidas geladas que podem ser compradas pela rapaziada.



Figura 10 - Propaganda de Produtos para os festejos no Bonfim

**Festa do Bonfim**

O bolivar (ANTIGO GRAMACHO) acha-se preparado com musica e bebidas geladas, para receber a rapaziada.

A's exmas. familias que queiram tomar refrescos garante-se respeito.

**PREÇOS COMMODOS**

Fonte: FESTA DO BOMFIM. Jornal de notícias. Salvador, n.7768, p.1, 12 jan. 1906.

Figura 11 - Propaganda de Produtos para os festejos no Bonfim

**FESTA DO BOMFIM**

A LOJA MATHEUS recebeu para esta festa bonita collecção de fantasias e fazendas leves, sedas, filós e cortes de lanzuck branco

**Secção especial de artigos para homens**

**Novas roupetas para creanças**

Fonte: FESTA DO BOMFIM. Jornal de Notícias. Salvador, n.8065, p.1, 11 jan. 1907.

Quando falamos em festejos do Bonfim, necessariamente, precisamos recorrer aos meios de transporte disponíveis no tempo estudado. Na virada do século, vimos a inclusão do bonde como meio de transporte coletivo em Salvador – além dos outros, como cavalo, carroças etc. O deslocamento de todas os distritos da cidade, para Itapagipe e Ribeira, é grande. Dessa forma, já aqui percebemos a força deste costume.

Os serviços de bondes foram constantemente alvos de reclamação nos periódicos, o que reforçam a questão da quantidade massiva de pessoas que se deslocavam ao Bonfim para os festejos. Então, dadas as características do desenvolvimento tecnológico dos transportes, existia uma dificuldade significativa de modificação estrutural para a melhoria dos serviços em dias atípicos, como no caso dos festejos do Bonfim. Um exemplo das constantes reclamações temos no trecho que separamos a seguir, bem detalhado quanto a problemática aqui tratada.

O serviço de bondes foi anteontem pessimamente feito. Parece que a companhia pôs em contribuição todos os elementos para desagradar os passageiros. Havia uma conspiração geral contra a boa ordem do serviço. Deficiência de bondes, confusão de ordens desencontradas, bondes parados! Horas seguidas, maus serviços de cobrança, vexatório para os passageiros, tudo se viu além do limite que a aglomeração extraordinária poderia justificar. Basta dizer que um dos redatores desta folha levou perto de três horas para se fazer transportar de Itapagipe á cidade. Três descarrilamentos, segundo informaram os motoneiros, houve na viagem sendo preciso que os passageiros se negassem a pagar a passagem de bondes parados para que estes se pusessem em movimento.<sup>194</sup>

Essas reclamações foram constantes. Inclusive, em alguns periódicos existiam críticas e informações sobre as empresas que prestariam o serviço nos anos posteriores. A demora dos transportes era uma das principais cobranças. Afinal, grande parte da cidade ia para o Bonfim, a frota não comportava tal movimentação.

Festa do Bomfim Para evitar que, na próxima e popular festa do Bomfim seja reproduzido o desagradável proposito, em que está a Companhia Veiculo Econômico, em servir pessimamente ao povo, é que antecipamos nossas solicitações, de urgentes providências aos dignos poderes públicos. A demora de 3 e 4 horas de relógio, por partidas de bondes, nos dias de festas, é muita chicana com o povo. Famílias e famílias, veem-se privadas nestes dias de dar comprimento sua fé católica, por falta de transporte, como ainda ontem se dera, em relação à festa da Boa Viagem, em que, os que no ponderam ir a pé, voltaram para suas casas. Esperamos portanto que sejam tomadas as medidas necessárias, afim de que tenhamos o serviço desta Companhia regularizado, de modo a satisfazer o transito público, com bondes a tempo e a hora, nos pontos de embarque.<sup>195</sup>

---

194 FESTA DO BOMFIM. Salvador. Diário da Bahia, n. 16, p.1, 22 de jan. de 1902.

195 FESTA DO BOMFIM. Jornal de Notícias. Salvador, s/n, s/p, 02 jan. 1894.

Em posse de algumas pistas, elaboramos um quadro com a quantidade de pessoas que se deslocaram rumo ao Bonfim utilizando os bondes elétricos, a ver.

Gráfico 6 – Quantidade de passageiros rumo ao Bonfim

Dia da semana / Ano	1891	1902	1906	1907
<b>Sexta</b>	S/d	11850	41.920	S/d
<b>Sábado</b>	15649	18945	17.770	40.732
<b>Domingo</b>	17257	39418	33.718	37.650
<b>Segunda</b>	5.622	39419	S/d	S/d(*)
<b>Total</b>	38.528	109.632	93.408	78.382

(\*) Sem dados

Fonte: Produção dos Autores

Esses números de deslocamentos não são inteiramente corretos, ao passo que extraímos as informações das fontes. Todavia, temos exemplos, como os dados referentes ao ano de 1902, dizendo que os números da segunda-feira foram maiores que o dia anterior – entretanto, não se quantifica a informação<sup>196</sup>. Outro ponto de contradição são os dados do ano de 1906, ao passo que o periódico informa que a quantidade total de passageiros foi de 103.408, diferente dos dados quando somamos o quantitativo total de cada dia da semana<sup>197</sup>. Mesmos com estas pequenas imprecisões, os dados são impressionantes em termos quantitativos. Então, ainda com a indagação sobre o tamanho dos festejos, também elaboramos um quadro (com os dados que tivemos acesso e que, por isso, não refletem a realidade, mas nos dá pistas) com a quantidade de habitantes da cidade – população – e a quantidade de pessoas que se deslocaram em bondes para os festejos. Por isso, listamos apenas o que conseguimos encontrar nas fontes. Ficaram de fora todos outros tipos de deslocamentos (a pé, a cavalo, com carroça, etc.). Dessa maneira, acreditamos que os dados são maiores que os apresentados abaixo.

Gráfico 7 – Comparativo entre a população e quantidade de passageiros rumo ao Bonfim (números absolutos)

	1890	1900	1906	1907
População	174412	205813	205813	205813
Usuários do Bonde	38.528	109632	93408	78382

196 FESTA DO BOMFIM. Salvador. Diário da Bahia, n. 16, p.1, 22 de jan. de 1902.

197 AS FESTAS DO BOMFIM. Jornal de notícias. Salvador, n.7772, p.1, 17 jan. 1906.



% da população que foi ao Bonfim	22	53	45	38
----------------------------------	----	----	----	----

Fonte: Produção dos Autores

Inferimos que esse quantitativo de pessoas – e aliado às fontes que dizem sobre o caráter popular dos festejos – dá materialidade ao fato. Compartilharemos parte de nossas fontes, que informa sobre a popularidade do Bonfim.

A festa do Senhor do Bomfim - Desde sábado á tarde e à noite, até anteontem parecia ver-se quase toda esta cidade a mover-se em longo percurso para o ponto onde se realizavam as festas tradicionais do Senhor do Bomfim, notando-se no arrabalde de Itapagipe a maior animação, entre ruas cheias de populares passeando ao som de cantatas, trovas, cavaquinhos, violões, etc., e a movimentação vivíssima das casas alvoroçadas nas expansões próprias dos dias destes antigos festejos, tão filhos e íntimos da alma do povo baiano, neste misto que o caracteriza de espírito religioso e folgazão. Dizer o que foi a festa este ano é repetir que, como nos demais, foi extraordinária, a romaria ao templo que a crença popular consagrou a sua maior veneração, o seu maior entusiasmo, devotamento e fé. E' dizer que, como sempre, o povo, após a satisfação de suas crenças, espalhou-se pelos arredores da igreja, a todas as ruas do arrabalde e á Plataforma, alegre e divertido, cheio de verve, animado e ordeiro. E dizendo-se isto, tem se dito tudo em poucas palavras.<sup>198</sup>

As festas do Bomfim Começam hoje com a celebração da missa solene em louvor ao Senhor Bom Jesus do Bomfim, no seu formoso templo ao alto de Itapagipe, os tradicionais festejos que atraem aquele ponto durante 4 dias grande concorrência de povo não só desta capital, como do centro do Estado.<sup>199</sup>

As proporções do festejo se manifestam na construção pelo estado da vigilância, controle e repressão a qualquer “perturbação da ordem”. Foi comum no acesso aos periódicos nos depararmos com matérias que, em algum momento, citavam a quantidade de policiais que seriam utilizados para fazerem a guarda da festa, comando, etc. Os periódicos faziam agradecimentos públicos a manutenção da ordem à polícia, como em:

CANTANDO E RINDO - A ordem em que se realizou ontem, apesar da concorrência de milhares de pessoas, a popularíssima festa da segunda-feira do Bomfim. Não houve e não teve no Bomfim a mínima desordem, teve a polícia nada em que intervir... É sabida. Quando a razão: sempre se altera a ordem a polícia entende a ordem garantir<sup>200</sup>

Parece-nos que as notícias sobre o policiamento durante os festejos do Bonfim se faziam presentes para manter um sentimento coletivo de segurança aos que desejassem sair rumo a Colina Sagrada. Para fazer valer essa tática, se estruturou pela imprensa

198 A FESTA DO SENHOR DO BOMFIM. Diário da Bahia. Salvador, n.18, p.1, 23 jan. 1901.

199 FESTA DO BOMFIM. Diário da Bahia. Salvador, n.11, p.1, 15 jan. 1904.

200 CANTANDO E RINDO. Jornal de notícias. Salvador, n.7771, p.1, 16 jan. 1906.

jornalística uma forma de comunicação que garantisse o compartilhamento das ações tomadas pelo estado, via polícia.

POLICIAIS Para manter a ordem pública e auxiliar a autoridade local, durante as festas do Bomfim, para ali seguem hoje 25 praças de cavalaria, que ficarão à disposição do dr. comissário da 2.a circunscrição. --Sendo grande a aglomeração popular amanhã em Itapagipe e na Plataforma, para onde se estende a onda popular movida pelas festas do Senhor do Bomfim, será aumentado o destacamento da Plataforma, que será comandado por um oficial.<sup>201</sup>

Infelizmente, como em grandes agrupamentos humanos não existia harmonia do início ao fim, encontramos poucos relatos de incidentes no Bomfim. Não queremos dizer com isso que consideramos os festejos cheios de violência ou algo do gênero, mas afirmamos que existiam violências nos mais diversos níveis.

Polycarpo Pedreira da Silva foi naturalmente as festas do Bomfim e achando-se na quebradeira fez uma subscrição alegando um falso motivo, um d'esses factos lamentáveis que surpreendem a vida humana, e procurava ontem colher o rico dinheiro dos incautos, na rua das Mercês. Quando foi pego e conduzido à estação policial da Piedade, onde se acha recolhido.<sup>202</sup>

- Os batedores de carteiras. PREVENÇÃO AOS INCACTOS - Foram postos hoje em liberdade os famigerados, «batedores - de carteira» Manuel Lagoa, Luiz Veiga, vulgo o Turco e Constantino Fontany, por alcunhara o Padeiro. Eses três refinados larâpios estiveram na Casa de Correção os detidos a ordem do subdelegado da Rua do Paço, cerca de 20 dias. Ee o publico e especialmente aqueles que forem aos festejos do Senhor do Bomfim, se prec. venham portanto contra esses indivíduos.

Em matéria publicada pelo jornal Diário de Notícias, em 1908, após uma extensa lista de distribuição dos reforços militares e remanejamento para os festejos é informado que para auxiliar na manutenção da ordem estava naquelas datas formalizado a proibição de jogos públicos.

Os periódicos se referem a festa como uma prática sem distinção racial, pelo contrário, colocam o espaço como ponto de encontro ordeiro de toda população independente de raça ou classe. Após análise das fontes e confronto com nossa construção conceitual, temos a discordar das fontes. Ponderamos que eram espaços segregacionistas – e utiliza-se já na virada do século uma das marcas do racismo brasileiro: fingir que não existe. Inserimos aqui um conceito de Mbembe (2014), que comenta sobre a criação de espaços visíveis (ou não), em que os grupos a partir da divisão por racial podem ou não frequentar. É notório a habilidade de como a população negra conseguiu manter seus

---

201 POLICIAIS. Diário da Bahia. Salvador, n.15, p.1, 19 jan. 1902.

202 POLICIAES. Diário da Bahia. Salvador, n.18, p.1, 24 jan. 1902.

costumes, seja utilizando de outros signos ou impondo suas tradições. Cabe destacar aqui o papel cumprido pelas mulheres negras que, em muitos espaços, foram as responsáveis pela manutenção da cultura fruto da diáspora.

Para finalizar, tratando-se dos festejos do Bonfim, em nossa perspectiva, uma fonte expressou bem parte das complexidades envolvidas nos processos, mesmo não citando a questão racial explicitamente. Então, decidimos finalizar o subtítulo com a definição desse costume a partir da visão de alguém que vivenciou o processo no tempo aqui estudado, assim:

A festa do Senhor do Bomfim - Desde sábado à tarde e à noite, até anteontem parecia ver-se quase esta cidade a mover-se em longo percurso para o ponto onde se realizavam as festas tradicionais do Senhor do Bomfim, notando-se no arrabalde de Itapagipe a maior animação, entre ruas cheias de populares passeando ao som de cantadas, trovas, cavaquinhos, violões, etc., e a movimentação vivíssima das casas alvoroçadas nas expansões próprias dos dias destes antigos festejos, tão filhos e íntimos da alma do povo baiano, neste misto que o caracteriza de espírito religioso e folgazão. Dizer o que foi a festa este ano é repetir que, como nos demais, foi extraordinária, a romaria ao templo que a crença popular consagrou a sua maior veneração, o seu maior entusiasmo, devotamento e fé. E' dizer que, como sempre, o povo, após a satisfação de suas crenças, espalhou-se pelos arredores da igreja, a todas as ruas do arrabalde e á Plataforma, alegre e divertido, cheio de verve, animado e ordeiro. E dizendo-se isto, tem se dito tudo em poucas palavras.<sup>203</sup>

### **3.4 – “UM GRUPO DE DESOCUPADOS QUE SE DIVERTE ESTOURANDO PEDRAS E JOGANDO BATEDOURA”**

O período republicano experimentou o aprofundamento e/ou surgimento de práticas ligados aos jogos de azar ou sorte. Ao analisar as fontes, entendemos que poderíamos incluir na nomenclatura –o termo “sorte”. Entendemos também que depende da localização do falante para determinação do lado – o apostador joga em busca da sorte e o organizador da aposta joga em contrário. O primeiro concorre pela possibilidade da riqueza e o segundo pela possibilidade da riqueza através do azar multiplicado do primeiro. Em tempo, precisamos dialogar sobre a motivação deste subtítulo, sabemos que nos jogos de azar ou sorte não eram uma prática exclusivamente das pessoas negras, todavia, decidimos discutir um costume que atravessou o cotidiano de uma parcela da população negra, ao passo que influenciou na sua vivência sobre as formas e possibilidades de diversão. Fechado nosso parêntese, vamos as fontes.

---

203 A FESTA DO SENHOR DO BOMFIM. Salvador. Diário da Bahia, n. 18, p.1, 23 de jan. de 1901.

Em nossa concepção, como foi já citado, existe uma dificuldade em colocar uma data específica para o surgimento dos costumes e/ou práticas socioculturais. Não há possibilidade material para tais definições, principalmente, nos períodos em que as fontes são escassas e enviesadas. Para se ter uma ideia dessa nossa afirmativa, o próprio surgimento do Jogo do Bicho tem origem conflitante entre seus estudiosos. Ponto comum é que surgiu no Rio de Janeiro por iniciativa do Barão João Batista Viana Drummond, como forma de manter o zoológico da cidade em funcionamento<sup>204</sup>. Rapidamente, o Jogo do Bicho se tornou um fenômeno social e cultural, o que trouxe os valores necessários para arcar com as despesas do zoológico e tornou-o espaço de divertimento não somente pela visita aos animais, mas também pela prática. Além disso, o jogo se espalhou por todo território nacional, cada qual com suas especificidades. Essa argumentação sobre o alcance nacional pode ser verificada no levantamento feito por Torcano (2009), em estudo que discute a prática em Porto Alegre – Rio Grande do Sul. Aponta o autor para a incidência do Jogo do Bicho em outros estados, como Espírito Santo, Minas Gerais e Santa Catarina. Em Salvador e/ou na Bahia, tivemos acesso a prática do Jogo do Bicho nas fontes a partir do final do século XIX, em 1898 especificamente<sup>205</sup>.

Esta primeira incidência<sup>206</sup> que tivemos acesso já nos deu evidências que a prática é anterior a ela, ao passo que sentencia “o jogo dos bichos já começa a dar mais ou menos diariamente um espetáculo deponente para a nossa civilização.<sup>207</sup>” Continua a matéria sobre o caso de um homem que foi agredido por não ter condições de cobrir os valores da poules<sup>208</sup> e, com isso, atrapalhou o sossego dos moradores locais. Para finalizar, detalha que o agressor balbuciava enquanto praticava a agressão “quem não pode pagar bicho, não vende bicho<sup>209</sup>”. Outro destaque apresentado por esta fonte está na forma que foi finalizada, faz uma acusação contra a polícia, indicando que não foi realizado a intervenção

---

204 Para quem desejar um resumo sobre o surgimento e desenvolvimento do Jogo do Bicho no Rio de Janeiro, sugerimos a leitura da matéria publicada na Hemeroteca Digital Brasileira, disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/ao-encontro-da-cor-os-primeiros-impresos-coloridos-brasileiros-de-carater-ludico-1880-1945/figurinhas-do-jogo-do-bicho/o-jogo-do-bicho/>

205 Cabe destacar que em nossas buscas nos portais de artigos científicos (SciELO) e teses e dissertações da CAPES não encontramos estudos que versassem especificamente sobre o surgimento ou aparição do Jogo do Bicho em Salvador. Temos consciência que pode ter havido falhas nestas buscas, em caso de positivo já nos antecipamos em nos desculparmos com os autores e/ou autoras.

206 Diferente do que estabelecemos como elemento central do trabalho, não datar os eventos, para discutirmos o Jogo do Bicho foi necessário, explicamos. Como trata-se do início de uma prática sociocultural não termos bases específicas trará elementos diversos para discussão, ao passo que cientificamente existe tal limitação. Por isso, aqui tratamos de marcar o início, não da prática, mas de nossos encontros nas fontes.

207 JOGO DOS BICHOS. Salvador. Cidade de Salvador, n. 370, p.1, 24 de fev. de 1898.

208 Poules são os comprovantes que o apostador recebe e pode cobrar o prêmio a partir dele, ou seja, o certificado da aposta.

209 Idem.

na proibição do jogo ou no fim do tumulto. Cabe apontar que incluímos essa discussão em uma dissertação que trata dos costumes da população negra por diversos elementos como a localidade dos jogos, a possibilidade de se apostar um valor relativamente baixo e a possibilidade de renda através da aposta. Não estamos afirmando que as pessoas negras eram as proprietárias das bancas ou as que mais lucraram, infelizmente as limitações das fontes impossibilitou estes aprofundamentos.

É importante destacar a proibição da prática de jogos de azar pelo código penal de 1890, na letra da lei, temos as seguintes regras:

### CAPÍTULO III

#### DO JOGO E APOSTA

Art. 369. Ter casa de tavolagem, onde habitualmente se reúnam pessoas, embora não paguem entrada, para jogar jogos de azar, ou estabelecê-los em lugar frequentado pelo público:

Penas - de prisão celular por um a três meses; de perda para a fazenda publica de todos os aparelhos e instrumentos de jogo, dos utensílios, moveis e decoração da sala do jogo, e multa de 200\$ a 500\$000.

Parágrafo único. Incurrerão na pena de multa de 50\$ a 100\$ os indivíduos que forem achados jogando.

Art. 370. Consideram-se jogos de azar aqueles em que o ganho e a perda dependem exclusivamente da sorte.

Parágrafo único. Não se compreendem na proibição dos jogos de azar as apostas de corridas a pé ou a cavalo, ou outras semelhantes.

Art. 371. Jogar com menores de 21 anos ou excitá-los a jogar:

Penas - de prisão celular por um a três meses e multa de 50\$ a 100\$000.

Art. 372. Usar de violência para constranger alguém a jogar, ou manter jogo:

Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 200\$, além das mais em que incorrer pela violência.

Art. 373. Usar de meios fraudulentos para assegurar a sorte no jogo ou o ganho na aposta:

Pena - de prisão celular por um a quatro anos.

Art. 374. Será julgado e punido como vadio todo aquele que se sustentar do jogo, além de incorrer na pena do parágrafo único do art. 369. (CÓDIGO PENAL, 1890)

Especificamente, o artigo n.º 370 se refere sobre como poderia ser caracterizado os Jogos de sorte ou azar como o do Bicho, roleta e daí por diante. Então, por ser lei, os periódicos faziam cobranças públicas, nos mesmos moldes que os subtítulos abordados anteriormente. Todavia, temos que discutir as diferenças entre o que está na lei e o que ocorre na realidade, além de inferirmos que existir uma proibição por lei de algo não significa sua extinção.

As suspeitas de corrupção, conivência da polícia com os jogos do bicho, levantadas pelo jornal Cidade de Salvador não foram infundadas. O Jornal de Notícias apresentou uma matéria também sobre uma confusão causada pelos “bichos”, tanto que, ao fim do informe, nos dá conhecimento sobre a fala de uma autoridade policial que indicara: “a polícia nada

têm com o jogo dos bichos e suas consequências, por ser simples divertimentos<sup>210</sup>. Esse comentário nos indica diversas possibilidades narrativas e interpretativas. Podemos citar, não existe unanimidade na relação entre a legislação e polícia, cada circunscrição policial tinha determinada autonomia para definir o que era prioridade ou não. Além disso, poderiam, sim, existir “conchavos” entre o estado e alguns bicheiros<sup>211</sup>. Mais que isso: observemos o caráter de uma prática de contraversão devido sua proibição e o jogo do bicho como uma possibilidade de divertimento – validando aqui sua participação neste trabalho. Seguindo a linha denunciativa, o mesmo periódico trouxe a público que determinados grupos de vendedores do Jogo do Bicho agrediam pessoas do distrito de Brotas, no período da noite e nada acontecia, ou seja, a polícia não intervivia<sup>212</sup>.

Na contramão dessa relação de convivência, vimos em nossas fontes os atos públicos tomados pela polícia contra o Jogo do Bicho, como na circular publicada no jornal Diário da Bahia, reproduzimos seu teor na íntegra.

CIRCULAR - Aos comissários da capital. -- Junto remeto-vos uma cópia da circular que acabo de transmitir aos comissários dos distritos policiais desta capital, recomendando-lhes a maior atividade e energia na repressão do jogo dos bichos e das casas de tavolagem. Patenteando com particular satisfação o valor dos serviços que me haveis prestado nessa moralizadora campanha, que só pode descontentar aos exploradores dos incautos e imprevidentes que leva o seu pouco siso ao ponto de afirmar que fazem um grande bem a pobreza e aos desocupados, espero que junto as referidas autoridades atuareis de forma a ser a minha recomendação bem e fielmente cumprida. Ainda que verdadeira fosse a pretensão desses, que vivem fora da da lei, caso era para persegui-o, porque ao poder público não é lícito permitir que se remova uma dificuldade econômica de que se dizem atingidas algumas classes sociais por meio de um vício que as tornam mais pobres e que lhes sugam, no maior número de casos, as últimas economias. Sem reбуço digamos a verdade: esses que assim procedem nadam em lucros; compram casas; asseguram o seu bem-estar. \* As vítimas é que vão de mal a pior, passando do vício do jogo a situação triste do crime. Preciso é, pois, sem considerações a malquerenças, nem a insultos anônimos, tratar com o rigor devido aos refratários e reincidentes. Contar, para esse fim, com o meu mais decidido apoio ciente de que, não podereis prestar a minha administração serviço mais valioso do que esse.<sup>213</sup>

Outro exemplo de ações da polícia com pedidos de atenção à repressão ao Jogo do Bicho foi a publicação de uma ordem com igual teor no jornal “Diário da Bahia”. Diz a matéria: “Bichos etc. - O sr. dr. Madureira de Pinho, digno comissário da 2ª circunscrição policial, ordenou diligências em diversos distritos, sob sua jurisdição, a fim de serem

210 O BICHO. Salvador. Jornal de Notícias, n. 5594, p.2, 01 de set. de 1898.

211 Fato este que se perpetuou em alguns locais, inclusive construindo verdadeiros imperadores, um dos casos mais famosos foi a ascensão de Castor de Andrade no Rio de Janeiro em meados do século XX.

212 DISTRITO DE BROTAS. Salvador. Jornal de Notícias, n. 5407, p.2, 12 de jan. de 1898.

213 CIRCULAR - Salvador. Diário da Bahia, n. 209, p.1, 17 de set. de 1904.

apreendidos os utensílios e presos os indivíduos que se ocupam no jogo do bicho<sup>214</sup>". Cabe destacar que, mesmo com um código penal em vigência, foram diversificadas as vezes em que esse tipo de comunicado veio a público nos periódicos. Em certa medida, eram atitudes que mantinham a comunidade informada nas ações repressivas tomadas pela polícia contra os jogos de azar.

Acrescenta-se a isso que o notório o papel repressor do estado via polícia. No período pesquisado, tivemos em torno de 90 prisões anunciadas – entre praticantes do jogo, vendedores e os donos dos jogos (bicheiro). O total de valores anunciados e recolhidos pela polícia gira em torno de 1.803\$463 réis. Ponderamos que esses valores não são fechados, nem para a quantidade de presos, tão pouco a de recursos confiscados. A realidade que tivemos acesso limita-se as fontes aqui mostradas.

Uma das motivações em que fez com encarássemos tal costume como parte do nosso objeto de análise foi o fato de acreditarmos que boa parte das pessoas que jogam no bicho eram pessoas negras, principalmente sobre a possibilidade de se tornarem ricos, ganhar um dinheiro a mais – ou mesmo por diversão, apenas. Nesse sentido, pensamos também o Jogo do Bicho além do resultado, mas pela possibilidade de sociabilidade que gera entre os praticantes – conversas sobre qual bicho deu, sobre onde jogou, as condições que levaram a escolher o bicho, a forma em que arrumaram dinheiro para jogar, e por aí vai. Citamos como uma das pistas sobre a popularidade do Jogo do Bicho um processo criminal reproduzido no jornal "Diário da Bahia", onde o vendedor de bilhetes é acusado e interrogado pela polícia. Parte deste processo está reproduzido a seguir.

Perguntado se ele, conduzido, na vende o referido jogo por conta própria?  
Respondeu que vende para entregar ao sr. Lulu Rocha, que lhe paga a quantia de quarenta mil réis mensais.

Perguntado se sabe os nomes das pessoas que compram o jogo em sua mão?  
Respondeu que compram diversas pessoas, porém que ignora os seus nomes.  
Perguntado qual o atual seu meio de vida?

Respondeu que vive de vender o jogo do bicho como já declarou.

Perguntado se ignora a proibição e da vendagem do tal jogo?

Respondeu que ignorava que havia proibição, porque muitas outras pessoas também vendem.<sup>215</sup>

Extraímos dessa fonte algumas características já do Jogo do Bicho como um negócio. Ou seja, uma estrutura empresarial – salário fixo pago mensalmente, jornada de trabalho, chefes, pessoas tendo a vendagem de bilhetes como meio de vida, etc. Além

---

214 BICHOS ETC. - Salvador. Diário da Bahia, n. 95, p.1, 28 de abr. de 1904.

215 JOGO DOS BICHOS - Salvador. Diário da Bahia, n. 264, p.1, 22 de nov. de 1902.

disso, fica evidente a quantidade/volume de apostadores, ao passo que o vendedor já não mais conseguia guardar os nomes destes.

As prisões não eram efetuadas apenas para os que vendiam, as pessoas que jogam estavam suscetíveis à prisão. Nesse ponto, conseguimos comprovar a multiplicidade de pessoas envolvidas nesse costume – encontramos mulheres, crianças, “desocupados e vadios”. Como exemplos de mulheres na prática do Jogo do Bicho (como jogadoras ou vendedoras de poules), podemos citar os atos de prisão de “Maria Virginia dos Santos foi presa pelo tenente Oliveira Lima, por estar na prática do jogo dos bichos<sup>216</sup>” e “foi presa anteontem no distrito da Sé, Salustiana de tal, que prestou fiança depois<sup>217</sup>”.

São variados os momentos em que somos apresentados à participação das crianças no Jogo do Bicho. Em alguns momentos, as matérias relacionam o “vício” com um elemento que influenciará as respectivas infâncias em diversos âmbitos – bem como na aprendizagem e destruição dos costumes puros. Veja nos exemplos listados abaixo.

Repare-se a que extremos de contaminação chegou o hábito desse desastrado jogo de azar; ele penetrou até nos delicados recessos da família; é o vício perfeitamente domesticado, organizado com todo o seu cortejo de preconceitos; é o fetichismo zoológico ou zoolátrico, com todas as suas obsessões doentias e perigosas. Até a infância foi contaminada por ele! Tenras criaturas, que ainda não conhecem as vinte e cinco letras do alfabeto, já recitam, na ponta da língua, os nomes dos vinte e cinco bichos fatais!<sup>218</sup>

O jogo do bicho, em infeliz momento inventado e lançado como uma lepra hedionda e cruel sobre o pobre povo, vai, em todos os pontos deste Estado, prejudicando a pureza dos costumes, zombando das leis e das autoridades e arrastando até para o abismo profundo do ganho sem mérito inocentes crianças.<sup>219</sup>

Nem sempre os bicheiros tinham dinheiro para pagar os ganhadores, fato que causava verdadeira revolta popular. Em nossas buscas, nos deparamos com um desses eventos; ao passo que o cronista ou narrador do fato teve a preocupação de contextualizar, explicando como os que lá invadiram tinham condições precárias e, por colocarem esperanças no prêmio e não receberem, tomaram a atitude de invadir e destruir a casa do bicheiro. Separamos dois trechos para compartilhar desta notícia.

Até que afinal teve o resultado funesto que já prevíamos o malfadado jogo dos bichos, que por tanto tempo triunfa quase impunemente entre nós com prejuízo de toda a ordem para o nosso meio social. A pobreza, está parte sobretudo desprevenida de nossa população, estes que vivem do parco salário e do

216 PRISÕES - Salvador. Diário da Bahia, n. 45, p.1, 25 de fev. de 1905.

217 PRISÕES - Salvador. Diário da Bahia, n. 43, p.1, 23 de fev. de 1905.

218 O JOGO DOS BICHOS. Diário de notícias. Salvador, n.1145, p.1, 30 jan. 1907.

219 O JOGO DO BICHO. Diário de Notícias. Salvador, n.1407, p.1, 20 dez. 1907.



rendimento exíguo de sua arte, esses que ganham com tanto sacrifício o triste e minguido pão de cada dia, esses é que mais sofrem porque depositaram toda a sua esperança na sortezinha que lhes tinha dar o prêmio, ajuntando para isso o seu pobre vintém, sacrificando o mísero rendimento do seu trabalho. Triste pobreza a da Bahia! (...) Em um momento dado, levado por um impulso como que magnético, levanta-se o povo em fúria, e numa descomunal braveza, apodera-se das pedras, atira-as contra a porta da casa, arromba-a com raiva, e precipita-se em massa para dentro, onde se entrega ao saque, lançando tudo por terra, prejudicando as mercadorias, atirando-as para à rua, e entregando-se os espertos ao serviço da pilhagem.<sup>220</sup>

Para finalizar nossos apontamentos sobre o jogo do Bicho, apresentamos que existia nos periódicos uma preocupação do vício causado por este divertimento. Tivemos a incidência de que para alguns jornais o jogo do bicho era um costume que nos afastava da civilização e estava com ligado a sociedade que todas as camadas sociais faziam suas apostas, conforme indicado no fragmento abaixo.

Jogam nos bichos os velhos, adultos e crianças, homens e mulheres, patrões e famulos. A dona de casa pensa nos bichos, com eles sonha, dialoga com a criada sobre aparições proféticas, em que surgem os exemplares variegados da fauna aleatória, desde o lepidóptero de asas iradas até o paquiderme lento e trombudo... Os meninos já não se entretêm com os bonecos e soldadinhos de chumbo: cogitam dos bichos da jogatina, adivinham singulares vitórias de animais cabalísticos prediletos. As virgens, as moças em flor, também pensam nos bichos.<sup>221</sup>

Além do Jogo do Bicho, existiam outros jogos e lugares considerados proibidos – como as tavernas (em determinados horários), a roleta, a máquina caça níqueis, as cartas e a batedora.

Dentro das tavernas, as pessoas se divertiam de várias formas, cantando, namorando, bebendo etc. Conforme vimos em nossas fontes os espaços das tavernas foram importantes para a construção das redes de sociabilidades entre as pessoas negras, notem que não afirmamos que as tavernas sejam espaços exclusivos para pessoas negras. A repressão bateu forte sobre as tavernas, como exemplo transcrevemos uma de nossas fontes, sendo.

Cantores ... da taverna - Já havia cantor de serenata, cantor popular e outros; agora temos também cantores da taverna. E vamos apresentá-los ao leitor, com a história muito verídica de que nem sempre que um pobre diabo canta males espanta; pode também chamá-los a si. O caso é este: ontem, desde a tarde, que dois indivíduos se aboletaram na taverna S. João, sita ao largo da Quitandinha do Capim, 1º distrito de Santo Antônio, e puseram se a bebericar, com pequenos intervalos, que eram preenchidos por ensurdecadores descantes. A princípio, a polícia, cujo posto não fica muito distante, divertia-se com o infernal concerto, só depois das 8 horas da

220 JOGO DOS BICHOS. Cidade de Salvador. Salvador, n.387, p.1, 18 fev. 1898.

221 Diário de Notícias, Salvador, n. 1170, p.1, 02 mar. 1907.

noite, percebeu que os dois cantores estavam perturbando o sossego público. Com efeito, àquela hora dirigiram-se para a taverna dois policiais. dando imediatamente voz de prisão aos inocentes passarinhos. Para logo as gargantas emudeceram e se ouviu um tatar de azas. As aves haviam arribado. Foram-lhes no encalço os policiais, alcançando um deles, na altura do beco do Padre Bento, ao cantor menos isto no voo. Ali travou-se renhida luta. A ave transformou-se em fera, resistindo à prisão, quando de repente um corpo luminoso brilhou no espaço. Era o, sabre que ia entrar também em função, cantando, por sua vez, na plumagem do fugitivo a aria da polícia que espanca. Quando terminou este ato da comedia, o soldado tinha uma perna da calça em frangalhos e o outro o lombo amassado e, de quebra, da cabeça corria-lhe um filete de sangue. Afinal de contas, o cantor foi sempre seguro e levado para a gaiola, em que foi transformada a casa do Mõcho, seguido de grande número de pessoas do povo que comentavam o facto ao seu sabor.<sup>222</sup>

Esse caso já demonstra que as tavernas foram alvo da repressão policial, que foi citada ao longo de todos os costumes apresentados neste trabalho. Não só isso – existiram também prisões, cercos e conflitos neste espaço de diversão.

Existe a necessidade de compartilharmos que encontramos ao menos uma taverna em que o dono era negro, desta forma, apresentamos em seguida o recorte que confirma a sentença.

Diário das ruas. Conflito e ferimentos - Ontem, á noitinha, na Estrada da Valla, nas imediações da fábrica de tecidos Modelo, travaram-se de razões, por motivos frívolos, Faustino Nascimento do Carmo e Malachias de tal, creoulo, proprietário de uma bodega existente naquelas paragens. Após ardorosa contenda, Malachias pôs a feixe a resinga, “chegando o pau”, vigorosamente, as costelas e também á cabeça do Faustino, que, moído e ensanguentado, foi medicar-se na Farmácia Independência, do conhecido clínico dr. José Duarte. De referência ao delinquente e as providencias da autoridade local, é que... nada temos a acrescentar.<sup>223</sup>

As tavernas tinham horário para funcionamento, caso extrapolassem o horário estabelecido, existia por parte da sociedade civil as devidas reclamações que clamavam por intervenção policial e/ou aplicação de multa, conforme indicado pelo periódico Diário da Bahia<sup>224</sup>.

Mas, as tavernas não foram os únicos locais em que existiram jogos para diversão da população. Em nossas buscas, tivemos contato com as casas de jogos. Nesse ponto, temos a percepção que tais espaços se tornam algo além do que se propõe ou supõe as autoridades vigentes, à medida em que:

A limitação no espaço é ainda mais flagrante do que a limitação no tempo. Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. Tal como não há

222 DIÁRIO DAS RUAS. Gazeta do Povo. Salvador, n.126, p.2, 22 dez. 1905.

223 Gazeta do Povo, Salvador, n. 198, p.1, 23 mar. 1906.

224 Diário da Bahia, Salvador, n. 101, p.1, 04 mai. 1902.

diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o "lugar sagrado" não pode ser formalmente distinguido do terreno de jogo. A arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, de dicados à prática de uma atividade especial. (HUIZINGA, 2007, p. 13)

As casas de jogos, segundo as matérias, eram ocupadas por vadios e desocupados<sup>225</sup>, inclusive poderia ser uma casa residencial em que existisse condições para receber grupos de pessoas etc. Soma-se a isso a prática do jogo em máquinas caça-níqueis, que possuíam um grupo variado de praticantes, como nos indica a fonte abaixo.

Para cumulo de nossa já muita felicidade, apareceram, entre nós, as celebres máquinas de caçar níqueis, que, | dia e noite, levam a funcionar, rodeadas por crianças, mulheres, civis e militares. Tendo delas ciência, o chefe de polícia, dr. José Maria Tourinho, cumpridor como é de seus deveres, procurou, nas atribuições de seu cargo, proibir a escandalosa jogatina, efetuando a apreensão de diversas dessas máquinas, empregando enfim o possível para nos livrar de tal agente civilizador.<sup>226</sup>

A matéria traz ainda a indicação de que tais jogos são elementos contrários ao ideal de civilização vigente, ao apontar que as máquinas são agentes civilizadores (de forma irônica). As mesmas discussões anteriores se encontram aqui nos jogos proibidos, reclamações dos moradores, ideais contrários a civilização etc. Sobre as máquinas caça-níqueis é importante pontuar que as fontes estavam preocupadas com o destino que estas tinham quando foram apreendidas, os vícios que a prática deixava marca em seus praticantes, a dinâmica em outros estados sobre a diversão.

O jogo da roleta seguia as mesmas discussões anteriores – ligados a características não-civilizadas, reclamações da sociedade civil contra o divertimento, a participação de crianças, mulheres e até mesmo policiais, esses últimos acusados de conivência pela não repressão ao costume.

O dr. Silvestre de Faria, tendo encontrado funcionando publicamente, no largo da Lapinha, em uma noite de 5 do corrente, uma roleta, e verificando que o subdelegado do distrito de Santo Antônio houvera dado licença para esse jogo público, dirigiu-lhe um ofício, em data de hoje, nos seguintes termos: Recomendando a v. 8. que nenhuma licença para jogos proibidos seja dada por essa subdelegacia, a partir desta data, estranhando que, no largo da Lapinha, sob sua jurisdição, fosse encontrado, como

---

225 CASA DE JOGO. Diário de Notícias. Salvador, n.1208, p.1, 18 abr. 1907.

226 JOGO PÚBLICO. Salvador. Jornal de Notícias, n. 8168, p.1, 18 de mai. de 1907.

verifiquei, o funcionamento de uma roleta, autorizada por v.s., na noite de 5 para a madrugada de 6 do corrente.<sup>227</sup>

Para finalizar nosso trabalho, abordaremos sobre a prática de um jogo que nos chamou a atenção: batedora. Não temos noção de como se dava, entretanto, foi duramente reprimido e teve uma quantidade considerável de menores levados para prisão. Como nos exemplos: “por estarem jogando batedora, foram presos, pelo tenente Oliveira Lima, os menores, João Sebastião Pinto e Marcellino do Nascimento<sup>228</sup>”, “por estarem jogando batedora na rua da Ordem Terceira de São Francisco foram presos, anteontem, os menores João da Matta Escura e João Grimes<sup>229</sup>” e “Foi preso e recolhido ao xadrez do posto policial da Sé, Severiano Barros da Silva, por se achar jogando batedora no largo do Teatro<sup>230</sup>”.

#### **4 SANKOFA – OLHANDO O PASSADO PARA CONSTRUIR O FUTURO. O FIM DE UM CAMINHO PERCORRIDO, UMA PAUSA E UM NOVO PERCURSO**

Chegamos ao último capítulo da dissertação, reside neste espaço diversas concepções sobre como devemos fechar nossos trabalhos. Existem pesquisadores que preferem que as considerações finais, considerações, à guisa de conclusão e por aí vai tenha poucas páginas, outros preferem que seja incluído aqui as percepções a respeito de si na pesquisa, tendo maior liberdade para isto. Em nosso trabalho decidimos seguir a primeira corrente, tentando fazê-la de maneira breve.

Salvador, capital do estado da Bahia, coração da diáspora foi nosso espaço geográfico escolhido para pesquisa. Um dos principais portos marítimos na virada do século XIX, cidade com grande contingente populacional de pessoas negras, hoje inclusive é a maior cidade de pretos fora do continente africano. A estratificação social acompanha a cidade desde seu início, bem como suas características de zona portuária (aspectos negativos e positivos) e por ter sido um dos grandes centros comerciais das rotas de escravizados no país e na América do Sul, trouxe consigo uma multiculturalidade para as pessoas negras que aqui viveram. A dita circularidade cultural, conforme conceituada por Ginzburg (2017), já é um traço da população negra aqui residente, desde o início do processo diaspórico, fato que pudemos evidenciar no percurso desta dissertação.

---

227 JOGOS PROIBIDOS. Jornal de Notícias. Salvador, n.8061, p.1, 07 jan. 1907.

228 PRISÕES. Diário da Baía. Salvador, n.39, p.1, 18 de fev. 1905.

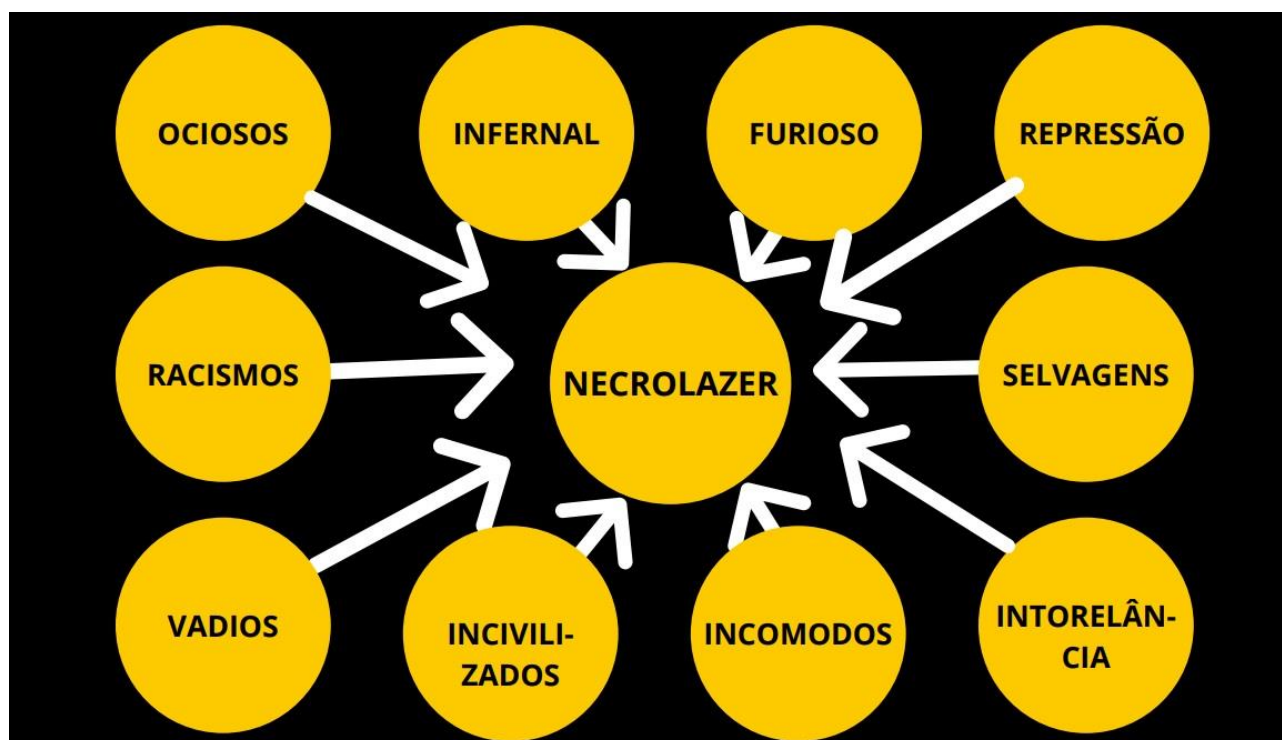
229 PRISÕES. Diário da Bahia. Salvador, n.29, p.1, 07 de fev. 1905.

230 PRISÕES. Diário da Bahia. Salvador, n.72, p.1, 30 de mar. 1905.

Durante nossas discussões foi perceptível a configuração do racismo como uma estrutura, como indicado por Almeida (2019), durante o trabalho não nos preocupamos em discutir a fundo o conceito com a finalidade que o próprio leitor fosse construindo com o passar das páginas suas próprias conclusões. Ao observarmos o papel cumprido pelo estado, as pressões da elite, da igreja, da sociedade como um todo e da violência repressiva praticada pela polícia contra as pessoas negras demonstra que as bases do que posteriormente se configurará como o capitalismo no Brasil estão ancoradas na política do genocídio do povo negro, e/ou o racismo estrutural.

É evidente que o estado republicado, mesmo que recém-formado, tinha uma política bem definida a Necropolítica, como apresentado por Mbembe (2016). Os corpos negros não passavam de números. Quando analisamos pela ótica dos divertimentos aqui apontados como o Samba, o Batuque, o Candomblé, os festejos do Bonfim e os jogos proibidos podemos inclusive pensar em um Necrolazer. Pois, estes costumes em diversas oportunidades foram acompanhados dos elementos repressivos do aparelho estatal, por intermédio da polícia. Prisões, agressões e intimidações foram algum dos percalços enfrentados pelas pessoas negras para garantirem a liberdade com a finalidade de se divertirem. Assim, a proposta de Necrolazer surge quando analisamos a forma do estado em encarar as diversões das pessoas negras, pois, as elites dominantes acreditavam que tais diversões eram, em certa medida, selvagens, perniciosas, ociosas, infernais etc. Afastando os elementos básicos que formam o ser humano destes costumes, então, se não se trata de humanos podem ser mortos a qualquer tempo, em alguns momentos pelo simples fato de se divertirem, basta analisarmos parte dos adjetivos que circundavam os divertimentos aqui tratados.

Figura 12 - Necrolazer - Adjetivos utilizados pela imprensa para referenciar divertimentos das pessoas negras



Fonte: Elaboração dos autores

Sem querer romantizar as lutas travadas pela população negra neste período, inferimos que costumes como o Samba, o Batuque e o Candomblé vão além dos limites que se convencionou como sendo seus, dentro de determinadas margens, inclusive podendo ser parte da formação de uma solidariedade Grupal, como indica Clovis Moura (1988). Afirmamos que estes são divertimentos que se transformam em um espaço de sociabilidade com determinada relevância e traços de sua inerente complexidade. Após o acesso ao nosso conjunto de fontes inferimos que mesmo sem perceber, tais costumes foram importantes para construção de uma consciência racial para a população negra. E desta, nasce a percepção que dá título ao trabalho. Pois, as pessoas negras resistiram para se divertir, resistiram através da luta física, foram para presos e aguentaram as conceituações racistas que lhe deram e este conjunto de situações aqui exemplificados tiveram, em nossa ótica, o papel de inferiorizar as pessoas negras, tentando retirar-lhes a condição humana. Entretanto, como na Física, toda ação causa uma reação, desta maneira, a necessidade de algo além do trabalho, aqui a prática dos divertimentos auxiliou no fato que as pessoas negras puderam se tornar humanas, a partir da condição racial comunitária que era possível de ser criadas nestes espaços de sociabilidades. Pois, quais elementos podem fazer com que mesmo com risco de prisão, morte, agressão, humilhação

etc os costumes foram mantidos e em casos como o do samba crescerem sua influência, se não considerarmos a tomada de consciência de si através do contato com pessoas das mesmas camadas raciais, sociais e culturais. Para nós devido as particularidades temporais, ainda não poderíamos indicar um “tornar-se negro”, mas talvez possamos indicar que existira as bases para uma construção da mentalidade racial coletiva. Reside aqui nossa evidência para inferirmos que as pessoas negras se divertiam para seguir em frente, viver e sobreviver.

É chegado o momento de me despedir deste trabalho, tecer nele minhas últimas palavras, enquanto escrevo estas linhas acredito que tenha caído em meu rosto algumas lágrimas, mas exprimem outros sentimentos muito diferentes da tristeza. Sentimentos de gratidão e agradecimento.

Cabe ressaltar que nossa capa contém um ideograma Andinkra de povos da África Ocidental, significa segundo o dicionário de símbolos “volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor.” E pensamos que este trabalho tem um pouco disso, um trabalho militante e não por isso menos acadêmico. Como parte deste sentido construir um futuro melhor, deixo também como produto desta dissertação um site (<https://danielopelc.wixsite.com/my-site>) contendo todas as fontes utilizadas e as que não para os divertimentos aqui trabalhados. Acredito que desta maneira, também contribuo minimamente com a manutenção da história da população negra. Além disto, partilho um pouco da experiência adquirida na pesquisa, locais para se pesquisar em Salvador, dicas técnicas e afins.

Queria deixar registrado aqui meus sinceros agradecimentos a memória de todas as pessoas negras e as não negras que somaram força no combate as opressões aqui citadas.

Penso que todo pesquisador, ou a maior parte, passa um tempo buscando quais melhores palavras se encaixam para serem o fim. Como este trabalho tem a pretensão de homenagear as pessoas negras descritas nas fontes, as contemporâneas, as do passado e as que virão, decidi finalizar com a parte de um conto de Evaristo (2016) onde nos ensina que os momentos mais sombrios do presente podem gerir em nossa comunidade a esperança.

À noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho. A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido de seu nome. Toda a comunidade, mulheres, homens, os poucos velhos

que ainda persistiam vivos, alguns mais jovens que escolheram não morrer, os pequeninhos que ainda não tinham sido contaminados totalmente pela tristeza, todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais. Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer. E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual do nascimento, acolheu a criança de Bamidele. Uma menina que buscava caminho em meio à correnteza das águas íntimas de sua mãe. E todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas nós sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assustou. Sabíamos que estávamos parindo em nós mesmo uma nova vida. E foi bonito o primeiro choro daquela que veio para trazer a alegria para o nosso povo. O seu inicial grito, comprovando que nascia viva, acordou todos nós. E partir daí tudo mudou. Tomamos novamente a vida com as nossas mãos. Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria de nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução. (EVARISTO, 2016, p. 70-71)



## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C. **Da senzala ao palco: canções escravas e racismo nas Américas, 1870-1930.** 1ª. ed. Campinas: Unicamp, 2017.
- ADÁN, C. F. F. MEMÓRIAS DA LAVAGEM. **VII SEMOC - Semana de Mobilização Científica**, Salvador, Outubro 2004.
- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única.** Kindle. ed. [S.l.]: Companhia das Letras, v. 1, 2019.
- ALBUQUERQUE, W. R. D.; FILHO, W. F. **Uma história do Negro no Brasil.** [S.l.]: UFBA, v. 1, 2006.
- ALMEIDA, S. L. D. **Racismo Estrutural.** 1º. ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- ANJOS, G. D. A questão “cor” ou “raça” nos censos nacionais. **Indicadores Econômicos - FEE**, Porto Alegre, abril 2013. 103-188.
- ASSEF, C. R. **O Candomblé e seus Orixás.** São Paulo: Lebooks Editora, 2014.
- AZEVEDO, A. M. Samba: um ritmo negro de resistência. **Revista do Instituto de Estudos**, São Paulo, 2018. 44-58.
- BALEEIRO, A. **CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS.** Brasília: Senado Federal, v. II, 2012.
- BARROS, J. D. Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 16, p. 17-35, 2004. ISSN 1676-2584.
- BARROS, J. D. Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, 2004. 17 -35.
- BARROS, J. D. A História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH - Revista de História**, Janeiro 2005.
- BARROS, J. D. História cultural e história das idéias. **Revista de História e Teoria das Ideias**, 2005a. 259-286.
- BLOCH, M. **Apologia da história: Ou o ofício do historiador.** 1. ed. [S.l.]: Zahar, v. 1, 2002.
- BLOCH, M. L. B. **Apologia da história: Ou o ofício do historiador.** 1. ed. [S.l.]: Zahar, 2002.
- BOCCHI, A. F. D. A. Da senzala ao cárcere: corpo e maternidade às margens da história. **Fragmentum**, Santa Maria, 2019. 135-244.
- BONFIM, R. D. F. D. **FESTA DO BONFIM. A MAIOR MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA POPULAR DA BAHIA.** Salvador: [s.n.], 2011.
- BORGES, J. **Encarceramento em massa.** 1ª. ed. São Paulo: Polén, v. I, 2019.
- BORGES, J. **Encarceramento em Massa.** 1ª. ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Presidência da República - Casa Civil**, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 07 Agosto 2020.

BURKE, P. **O QUE É HISTÓRIA CULTURAL?** 1. ed. Kindle: Zahar, v. 1, 2005.

BURKE, P. O CONCEITO DE ANACRONISMO DE PETRARCA A POUSSIN. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, 2013. 195-220.

CACCIAMALI, M. C.; HIRATA,. A Influência da Raça e do Gênero nas oportunidades de obtenção de renda – Uma análise da discriminação em mercados de trabalho distintos: Bahia e São Paulo. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, São Paulo, 2005. 767-795.

CARVALHO, J. M. D. **A FORMAÇÃO DAS ALMAS - O IMAGINÁRIO DA REPÚBLICA NO BRASIL**. 1ª. ed. [S.l.]: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, M. G. D. O sincretismo religioso no Candomblé. **Anais do Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG**, Goiás, v. I, n. 1, p. 1-18, 2019.

DELMAZO, C.; VALENTE, C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Coimbra, 2018.

DEVULSKY, A. **Colorismo**. 1ª. ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DEVULSKY, A. **COLORISMO - FEMINISMOS PLURAIS**. Kindle: Polen, v. 1, 2021.

DIAS, C. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, v. X, p. 24-36, 2012.

DIAS, C. A. G. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO LAZER. **Record**, Rio de Janeiro, 2018.

DIAS, C. A. G. **Esportes nos confins da civilização - Goiás e Mato Grosso, c. 1866-1936**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018a.

DIAS, J. F. “CHUTA QUE É MACUMBA”: O PERCURSO HISTÓRICO-LEGAL DA PERSEGUIÇÃO ÀS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, Rio de Janeiro, 2019. 39-62.

DINIZ, A. **Almanaque do Samba - A história do Samba. O que ler? O que ouvir? Onde curtir**. 3ª. ed. [S.l.]: Zahar, 2012.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. São Paulo: civilização brasileira, 1968.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 1ª. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERREIRA, A. **Lazer Operário - Um estudo de organização social das cidades**. Salvador: Livraria Progresso, 1959.

FONSECA, T. N. D. L. E. História da educação e história cultural. In: FONSECA, N. D. L. E.; VEIGA, G. **História e historiografia da educação no Brasil**. [S.l.]: Autêntica, v. 1, 2003.

- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GOFF, J. L. Prefácio. In: BLOCH, M. **Apologia da história ou ofício do historiador?** [S.l.]: Zahar, v. 1, 2002. p. 15-34.
- GOMES, Â. M. D. C.; FERREIRA, D. M. Primeira República: um balanço historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 244-280, 1989.
- GOMES, C. L. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: Implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. **ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER**, Balneário Camboriú, 1, 1 dez. 2000. 77-88.
- GOMES, C. L. **Lazer, trabalho e educação-relações históricas, questões contemporâneas**. 1ª. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- GOMES, C. L. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, p. 3-20, jan. 2014.
- GOMES, C. L. Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer. In: ISAYAMA, H. F.; MELO, V. A. D. **Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, 2020. p. 39-59.
- GOMES, C. L.; MELO, V. A. D. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**, Porto Alegre, 2003.
- GOMES, C. M.; REJOWSKI,. Lazer enquanto objeto de estudo científico - teses defendidas no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 8, p. 9-28, 2005. ISSN 1981-3171.
- GONZALES, L. RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA. **Revista Ciências Sociais Hoje**, 1984. 223-244.
- GUIMARÃES, E. A. M. O Senhor do Bom Fim passeia pela cidade. **CEAS**, 2021. Disponível em: <<http://ospiti.peacelink.it/zumbi/news/ceas/cc161.html>>.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens - O jogo como elemento da cultura**. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva S/A, 2007.
- ISAYAMA, H. F.; GOMES, C. L. **O Direito social ao lazer no Brasil**. 1ª. ed. Campinas: Autores Associados Ltda, v. 1, 2015.
- JESUS, C. M. D. **Quarto de despejo**. 1. ed. [S.l.]: [s.n.], 1960.
- JESUS, G. S. D. **AO SOM DOS ATABAQUES**: Costumes negros e as leis republicanas em Salvador (1890-1939). Salvador: Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) Departamento de Ciências Humanas. Faculdade da Bahia , 2011.
- JIM SHARPE. A História vista de baixo. In: BURKE, P. **A ESCRITA DA HISTÓRIA. NOVAS PERSPECTIVAS**. 7ª. ed. São Paulo: UNESP, 1992. p. 41.
- KILOMBA, G. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO - EPISÓDIOS DE RACISMO COTIDIANO**. 1ª. ed. São Paulo: COBOGO, 2019.

LAGO, L. A. C. D.; FRANCO, G. H. D. B. O Processo Econômico / A Economia da Primeira República, 1889-1930. In: SCHWARCZ, L. M. **O Processo Econômico / A Economia da Primeira República, 1889-1930**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, v. 1, 2012. p. 175,176.

LAMBERG, M. **O Brazil - Ilustrado com gravuras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Typographia Nunes, 1896.

LAPUENTE, R. S. A imprensa como fonte: apontamentos teóricometodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. **Revista de História - Bilros**, Fortaleza, jan - jun 2016. 11-29.

LECUONA, et al. LEVANTAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA SOBRE LAZER CADASTRADOS NA PLATAFORMA LATTES: UMA PERSPECTIVA ATUAL SOBRE O ESTADO DA ARTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Licere**, Belo Horizonte, dezembro 2017. 129–151.

LEITE, C. H. F. TEORIA, METODOLOGIA E POSSIBILIDADES: OS JORNAIS COMO FONTE E OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA. **Escrias**, 2015. 3-17.

LÊNIN, V. I. U.-. **O IMPERIALISMO ETAPA SUPERIOR DO CAPITALISMO**. 1ª. ed. Campinas: UNICAMP, 2011.

MARTIN, A. G.; PIAZZA, S. D. F.; MARTINS, M. INTOLERÂNCIA ÀS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO ÂMBITO NACIONAL: UM BREVE ESTUDO DE CASOS CONCRETOS E A EFETIVIDADE DA LIBERDADE RELIGIOSA. **REVISTA DIREITOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS (UNIFAFIBE)**, São Paulo, p. 28-66, jul-dez 2018.

MATTOSO, K. M. D. Q. **Bahia, século XIX: uma província no império**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. I, 1992.

MBEMBE, A. **Crítica a Razão Negra**. 1ª. ed. Lisboa - Portugal: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, 2016. 123-151.

MELO, V. A. D. Por que devemos estudar História da Educação Física e do Esporte? **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 56-64, 1997.

MELO, V. A. D. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Movimento**, Porto Alegre, 2001. 1-11.

MELO, V. A. D. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 5-26, jan-jun 2010. ISSN 45.

MELO, V. A. D. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 5-26, 2010. ISSN 0103-2186.

MELO, V. A. D. Sobre o Conceito de Lazer. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 23, p. 15-37, Setembro-Dezembro 2013.

MELO, V. A. D. Olhares irônicos: Machado de Assis e o esporte. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 23, p. 123-140, 2016.

MELO, V. A. D.; ALVES JÚNIOR, D. D. **Introdução ao Lazer**. 2ª. ed. Barueri, São Paulo: Manole Ltda, v. 1, 2003.

MENDES, É. D. N. P. A lavagem das escadarias de Nosso Senhor do Bonfim da Bahia: identidade e memória no final do Oitocentos. **Revista Brasileira de História das Religiões**, 2009. 2-10.

MENEZES, J. M. F. D. ABOLIÇÃO NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, 2009. 83-104.

MIRANDA, K. N. Mulher negra, trabalho e resistência:escravizadas, libertas e profissões no século XIX. **Epígrafe**, São Paulo, v. 7, p. 83-96, 2019.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1988.

MONTEIRO, J. F. Musica Brasilis, 2021. Disponível em: <<https://musicabrasilis.org.br/temas/lundu-origem-da-musica-popular-brasileira>>. Acesso em: 12 dezembro 2021.

MOREIRA, A. **Racismo Recreativo**. 1ª. ed. São Paulo: Pólen, 2019.

MORRISON, T. **A origem dos outros. Seis ensaios sobre Racismo e Literatura**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, K. Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro. **ILHA**, São Paulo, 2016. 107-120.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NAPOLITANO, M.; WASSERMAN,. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, p. 167-189., 2000.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2016.

NASCIMENTO, M. B. O conceito de Quilombo e Resistência Cultural Negra. **Afrodíaspóra: Revista do Mundo Negro**, São Paulo, v. 6 e 7, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, M. B. **Historiografia do Quilombo**. 1ª. ed. São Paulo: Editora: filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, I. V. S. D. ANDANÇAS DO POVO-DE-SANTO PELA CIDADE DE SALVADOR (1900-1950). II **ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA**, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, M. F. D. Cultura de consumo e indústria na São Paulo da belle époque (1890-1915). **História Econômica & História de Empresas**, 2014. 177-208.

PACHECO, A. C. L. **“BRANCA PARA CASAR, MULATA PARA F., NEGRA PARA TRABALHAR”**: ESCOLHAS AFETIVAS E SIGNIFICADOS DE SOLIDÃO ENTRE

MULHERES NEGRAS EM SALVADOR, BAHIA. TESE. ed. Campinas: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS., 2008.

PEIXOTO, E. M. D. M.; PEREIRA, D. F. R. O SEGUNDO CICLO DOS ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL (1968-1979). **VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**, Campinas, 2009.

PEIXOTO, E. M. D. M.; PEREIRA, D. F. R. Primeiro ciclo de los estudios del ocio en Brasil contexto histórico, temáticas y problemáticas. **Movimento**, Porto Alegre, abr/jun 2010. 267-288.

PEREIRA, L. A. D. M. Os Anjos da Meia-Noite: trabalhadores, lazer e direitos no Rio de Janeiro da Primeira República. **Revista Tempo**, 2013. 97-116.

POPINIGI, F. Trabalho e lazer no pequeno comércio (Rio de Janeiro, 1850-1911). In: ISAYAMA, H. ; GOMES, C. L. **O Direito social ao lazer no Brasil**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, v. 1, 2015. Cap. 7, p. 113-130.

RECLUS, J.-J. É. **Estados Unidos do Brasil. Geographia - Ethnographia e Estatística**. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 1, 1900.

REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, 1996. 14-39.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Editora Jandaíra - Kindle, 2019.

ROSSI, M. S. Circulação e mediação da obra de arte na Belle Époque paulistana. **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 83-119, Janeiro 1999.

SAMPAIO, D. R.; ALBUQUERQUE, W. R. D. **De que lado você samba?: Raça, política e ciência na Bahia do pós-abolição**. Campinas: UNICAMP, 2021.

SAMPAIO, M. G. V. A crise de 1873 na Província da Bahia: efeitos internacionais sobre a recessão doméstica. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, 2018. 54-78.

SANCHES, M. A. P. Sobre o chão de Salvador, Natal, p. 1-15, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364850432\\_ARQUIVO\\_MaAparecid aPSanchesANPUH2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364850432_ARQUIVO_MaAparecid aPSanchesANPUH2013.pdf)>. Acesso em: 26 2020 2020.

SANTANA, L. C. Itinerários Negros, Negros Itinerantes: trabalho, lazer e sociabilidade em Salvador, 1870 – 1887. **Repositorio Institucional da Universidade Federal da Bahia - UFBA**, Salvador, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11282>>. Acesso em: 26 Fevereiro 2020.

SANTANA, N. **A prostituição Feminina em Salvador (1900 - 1940)**. 1ª. ed. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Mestrado em História - UFBA., v. 1, 1996. 1 - 115 p.

SANTOS, F. D. C. **Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)**. Tese (doutorado em Estudos do Lazer): Universidade Federal de Minas

Gerais - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 2017.

SANTOS, F. G. D. **Economia e Cultura do Candomblé na Bahia: o comércio de objetos litúrgicos afro-brasileiros - 1850/1937.** [S.l.]: SciELO - Editus, 2013.

SANTOS, H. S. D. **“Pugnas Renhidas”:** Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924. Feira de Santana: [s.n.], 2012.

SANTOS, M. **Por uma nova Geografia: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 6ª. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. **O centro da cidade do Salvador.** 2ª. ed. São Paulo/Salvador: Edusp/Edufba, 2008.

SANTOS, M. A. D. S. Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890-1940). **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, 1990. 20-29.

SARMENTO, A. D. **Sertões D’Africa (Apontamentos de Viagem).** Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1880.

SCHWARCZ, L. M. **Quando acaba o século XX.** 1. ed. [S.l.]: Companhia das Letras, v. 1, 2020.

SERAFIM, J. G.; AZEREDO, L. D. A (des) criminalização da cultura negra nos Códigos de 1890 e 1940. **Amicus Curiae**, São Paulo, 2009. 1-17.

SILVA, A. D. M. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Empresa Litteraria Fluminense, v. I, 1890.

SILVA, A. J. M. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. **Repositorio Institucional da Universidade Federal da Bahia - UFBA**, Salvador, p. 251, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13614>>. Acesso em: 26 2020 2020.

SILVEIRA, M. D. D.; MEDEIROS DE, M. G. Escravidão, resistência e abolição. **Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**, 2019. 118-132.

SOARES, P. G. et al. LINHA DE PESQUISA “HISTÓRIA E MEMÓRIA DO LAZER” DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER DA UFMG: PRODUÇÃO E ANÁLISE. **Licere**, Belo Horizonte, 2020. 687–708.

SOUSA, R. P. M. D.; OLIVEIRA, M. J. F. D.; SOUSA, R. F. D. Reflexões Sobre a Digitalização de Documentos e Utilização de Documentos Digitais na Preservação da Memória Histórica. **Conference on Technology, Culture and Memory - CTCM. Strategies for preservation and information access**, Recife, 2012. 583-595.

SOUZA, N. S. **Tornar-se Negro ou As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.** 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, v. 4, 1990.

SPINOLA, N. D.; MARINHO, I. C. A. CENÁRIO DO TEATRO BAIANO. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**, Salvador, 2016. 834 – 859.

TAVARES, L. H. D. A Economia da Província da Bahia na metade do século XIX. **Univerntas**, jan/abr 1982. 31-40.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORCATO, C. E. M. O poder público e o jogo do bicho: o caso de Porto Alegre. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Fortaleza, p. 1-10, 2009.

TROTSKY, L. **A história da Revolução Russa**. 1ª. ed. Brasília: SEEP, v. I, 2017.

VARES, S. F. D. A dominação na República Velha: uma análise sobre os fundamentos políticos do sistema oligárquico e os impactos da Revolução de 1930. **História: Debates e Tendências**, jan./jun 2011.

VIEIRA, A. M. D. P. FONTES DIGITALIZADAS NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividades e Educação - SIRSSE**, Curitiba, 2011.

VISCARDI, C. **O teatro das oligarquias**: uma revisão da “política do café com leite”. 2ª. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, v. I, 2012.

ZAMITH, R. M. O Samba-de-roda baiano em tempo e espaço. **Revista Interfaces**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 53-66, 1995.

## LEIS E DECRETOS

BRASIL. **Lei nº Nº 2.040, de 28 de setembro de 1871**. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos. [S. I.], 1871. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim2040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm). Acesso em: 2 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº Nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Declara extinta a escravidão no Brasil. [S. I.], 1888. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm). Acesso em: 2 jul. 2021

BRASIL. **Lei nº Nº 3.270, de 28 de setembro de 1885**. Regula a extinção gradual do elemento servil. [S. I.], 1885. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM3270.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3270.htm). Acesso em: 2 jul. 2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **DECRETO nº Nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal, 11 out. 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.



## SITES

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil, Bahia, Salvador**: História de Salvador. Salvador, Bahia, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/historico>. Acesso em: 13 jul. 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do Censo Demográfico de 2010**: Tabela 1.6 - População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso em: 10 dez. 2021.

RECLUS, Jean-Jacques Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: Geographia, Ethnographia e Estatística. [S. l.], [200?]. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo19/elisee-reclus/imagens/parte-um.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2021.

RIOS, Adolfo Morales de los. **Planta da Cidade de São Salvador**: Capital do Estado Federado da Bahia, [200?]. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo19/morales-los-rios/mapa-cidade.htm>. Acesso em: 5 ago. 2021.

## PERIÓDICOS

### JORNAIS UTILIZADOS

#### Diário da Bahia

A LAVAGEM - Diário de Notícias. Salvador, n.5516, p.2, 27 mai. 1898.

DO BOMFIM. Diário da Bahia. Salvador, n.12, p.1., 16 jan. 1902.

ÀS PRESSAS. Diário da Bahia. Salvador, n.11, p.1., 15 jan. 1902.

ÀS PRESSAS. Diário da Bahia. Salvador, n.1, p.1., 16 jan. 1902.

ÀS PRESSAS. Diário da Bahia. Salvador, n.13, p.1., 17 jan. 1902.

POLICIAIS. Diário da Bahia. Salvador, n.68, p.1., 25 mar. 1902.

Diário da Bahia. Salvador, n.89, p.1, 22 de abr. 1903.

CANDOMBLÉ. Diário da Bahia. Salvador, n.89, p.1, 22 abr. 1903.

CONFLITO. Diário da Bahia. Salvador, n. 290, p. 1, 27 dez 1903.

Diário da Bahia. Salvador, n.183, p.1, 17 de ago. 1904.

Diário da Bahia, n. 185, p.1, 19 de ago. 1904.

PRISÕES. Diário da Bahia. Salvador, n.39, p.1, 18 de fev. 1905.

PRISÕES. Diário da Bahia. Salvador, n.28, p.1., 05 fev. 1905.

- PRISÕES. Diário da Bahia. Salvador, n.72, p.1, 30 de mar. 1905.
- FEITICEIRO. Diário da Bahia. Salvador, n. 100, p.1, 03 mai. 1905.
- Diário da Bahia. Salvador, n.124, p.1, 06 de jun. 1902.
- POLICIAIS. Salvador. Diário da Bahia, n. 15, p.1, 19 de jan. de 1906.
- O JOGO DO BICHO. Diário de Notícias. Salvador, n.1407, p.1, 20 dez. 1907.
- PRISÕES. Diário da Bahia. Salvador, n.29, p.1, 07 de fev. 1905.
- PRISÕES - Salvador. Diário da Bahia, n. 43, p.1, 23 de fev. de 1905.
- POLICIAIS. Salvador. Diário da Bahia, n. 18, p.1, 24 de jan. de 1902.
- PRISÕES - Salvador. Diário da Bahia, n. 45, p.1, 25 de fev. de 1905.
- Salvador, Diário da Bahia, n. 658, p. 2, 10 out. 1907.
- SAMBA E NAVALHADA. Diário de Notícias. Salvador, n. 1143, p.1, 28 jan 1907.
- BICHOS ETC. - Salvador. Diário da Bahia, n. 95, p.1, 28 de abr. de 1904.
- O JOGO DOS BICHOS. Diário de notícias. Salvador, n.1145, p.1, 30 jan. 1907.
- CIRCULAR - Salvador. Diário da Bahia, n. 209, p.1, 17 de set. de 1904.
- FESTA DO BOMFIM. Salvador. Diário da Bahia, n. 16, p.1, 22 de jan. de 1902.
- JOGO DOS BICHOS - Salvador. Diário da Bahia, n. 264, p.1, 22 de nov. de 1902.
- Salvador, Diário da Bahia, n. 658, p. 2, 10 out. 1907.
- PARA AS FESTAS DO BOMFIM. Salvador. Diário da Bahia, n. 17, p.2, 23 de jan. de 1902.
- A FESTA DO SENHOR DO BOMFIM. Salvador. Diário da Bahia, n. 18, p.1, 23 de jan. de 1901.
- A FESTA DO SENHOR DO BOMFIM. Diário da Bahia. Salvador, n.18, p.1, 23 jan. 1901.
- Às Pressas. Diário da Bahia, Salvador, p.2, jun. 1902.

### **Cidade de Salvador**

- JOGO DOS BICHOS. Cidade de Salvador. Salvador, n.387, p.1, 18 fev. 1898.
- JOGO DOS BICHOS. Salvador. Cidade de Salvador, n. 370, p.1, 24 de fev. de 1898.

### **Correio do Brazil: Orgão Democrata**

Correio do Brazil: Orgão Democrata, Salvador, n. 75, p.3, 19 nov. 1903.

Correio do Brazil: Orgão Democrata, Salvador, n. 76, p.2, 20 nov. 1903.

Correio do Brazil: Orgão Democrata, Salvador, n. 534, p.2, 26 jun. 1905.

ASSASSINATO. Correio do Brazil: Orgão Democrata. Salvador, n. 525, p. 2, 12 jun. 1905.

DIVERTIMENTOS PÚBLICOS. Correio do Brazil: Orgam Democrata. Salvador, n. 231, p.2, 07 jun. 1904.

### **Jornal de Notícias**

BECCO DAS TABOAS. Jornal de Notícias, Salvador, p.1 abr. 1892.

CANDOMBLÉS NO DISTRITO DA SÉ . Jornal de Notícias. Salvador, n. 7960, p.1, 06 dez 1906.

CANTANDO E RINDO. Jornal de Notícias. Salvador, n.8074, p.1., 22 jan. 1907.

JOGO PÚBLICO. Salvador. Jornal de Notícias, n. 8168, p.1, 18 de mai. de 1907.

LAVAGEM DO BONFIM. Jornal de Notícias. Salvador, n.3354, p.1., 14 jan. 1891.

LAVAGENS DE IGREJAS. Jornal de Notícias. Salvador, n.3351, p.2., 10 jan. 1891.

PARA AS FESTAS DO BOMFIM. Salvador. Jornal de Notícias, n. 8067, p.1, 14 de jan. de 1907.

POLÍCIA - CANDOMBLÉ E FEITIÇARIA. Jornal de Notícias. Salvador, n.8107, p.1, 04 mar. 1907.

POLÍCIA. CERCO A UM CANDOMBLÉ. Jornal de Notícias. Salvador, n.9124, p.1, 09 ago. 1910.

SENHOR DO BOMFIM. Jornal de Notícias. Salvador, n.8073, p.1., 21 jan. 1907.

AS FESTAS DO BOMFIM. Jornal de notícias. Salvador, n.7772, p.1, 17 jan. 1906.

O BICHO. Salvador. Jornal de Notícias, n. 5594, p.2, 01 de set. de 1898.

DISTRITO DE BROTAS. Salvador. Jornal de Notícias, n. 5407, p.2, 12 de jan. de 1898.

FESTA DO BOMFIM. Jornal de Notícias. Salvador, s/n, s/p, 02 jan. 1894.

CANTANDO E RINDO. Jornal de notícias. Salvador, n.7771, p.1, 16 jan. 1906.

BOMFIM. Jornal de notícias. Salvador, n.7769, p.1, 13 jan. 1906.

FESTA DO BOMFIM. Jornal de notícias. Salvador, n.7768, p.1, 12 jan. 1906.

JOGOS PROIBIDOS. Jornal de Notícias. Salvador, n.8061, p.1, 07 jan. 1907.

Jornal de Notícias. Salvador, n. 5662, p. 1, 23 nov. 1898.

Jornal de Notícias. Salvador, n. 5677, p. 1, 13 dez. 1898.

Jornal de Notícias. Salvador, n. 6083, p.2, 05 mai 1900.

Jornal de Notícias. Salvador, n.6083, p.2, 05 mai. 1900.

Jornal de Notícias. Salvador, n. 20, P.1, 22 mai. 1902.

### **Diário de Notícias**

O FIM DE UMA FESTA - TIROS, SANGUE E PRISÕES. Diário de Notícias. Salvador, n. 1365, p.1, 28 dez 1907.

CANDOMBLÉ ETC - A POLÍCIA DE NAZARÉ. Diário de Notícias. Salvador, n. 1149, p.1, 05 fev. 1907.

CASA DE JOGO. Diário de Notícias. Salvador, n.1208, p.1, 18 abr. 1907.

### **Gazeta do Povo**

Gazeta do Povo. Salvador, n. 161, p.2, 07 fev. 1906.

Gazeta do Povo. Salvador, 161, p.2, 02 jul. 1906.

COM a polícia. Gazeta do Povo, Salvador, n. 1418, p. 1, 16 mai. 1910.

DIÁRIO DAS RUAS. Gazeta do Povo. Salvador, n.126, p.2, 22 dez. 1905.

OS CANDOMBLÉS. Gazeta do Povo. Salvador, n. 1486, p.2, 08 ago 1910.

.

### **O tio do Diabo**

REVISTA DOS JORNAIS. O tio do Diabo, Salvador, p. 2, 26 mai. 1891..

### **Pequeno Jornal**

NO BOND. Pequeno Jornal, Salvador, n. 264, p. 2, 31 dez. 1890.

Pequeno Jornal. Salvador, n.117, p.2, 26 jun. 1890

Pequeno Jornal, Salvador, n. 563, p. 2, 29 jan. 1892.

**Revista do Brasil**

Revista do Brasil. Salvador, n. 17, p.19, 31 mar. 1909.

**PODCAST**

**PAPO DE LAZER.** Podcast. Disponível em:  
<https://open.spotify.com/show/0pmeZmZubZ2eFK68w2VNL9?si=cf339fd237db4781>.

Acesso em 2021 – 2022

**FILOSOFIA Pós-Colonial.** Direção: Daniel Cristian. Disponível em:  
<https://open.spotify.com/show/3uP5opnByjJQZDXK1qOoyc>. Acesso em 2021-2022.

**Tem Livro Bolando na Mesa.** Direção: Fernanda Fontoura.  
<https://open.spotify.com/show/3sNp2BQOJ2Y8kTSfo6k9ml>. Acesso em 2021-2022.